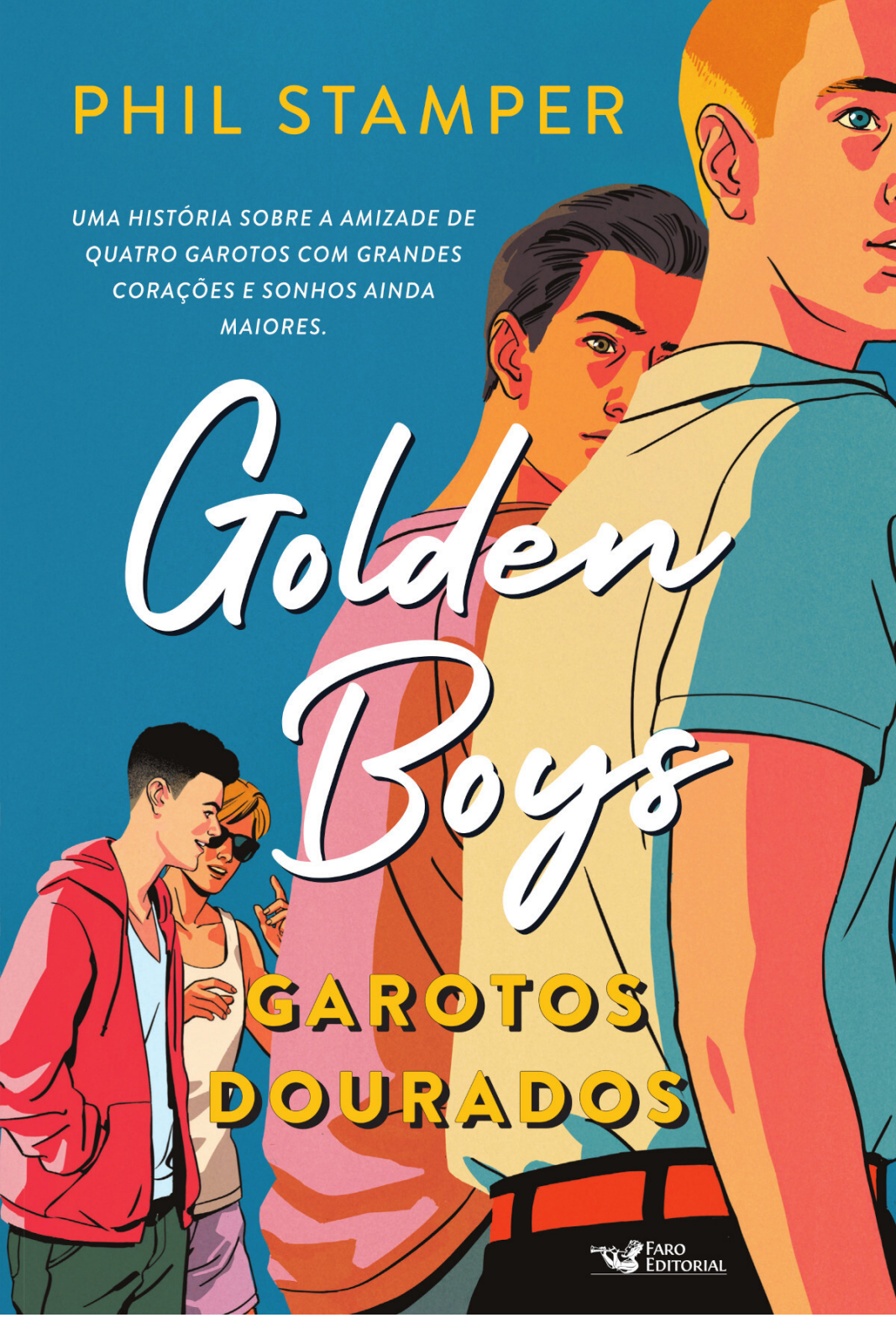




PHIL STAMPER

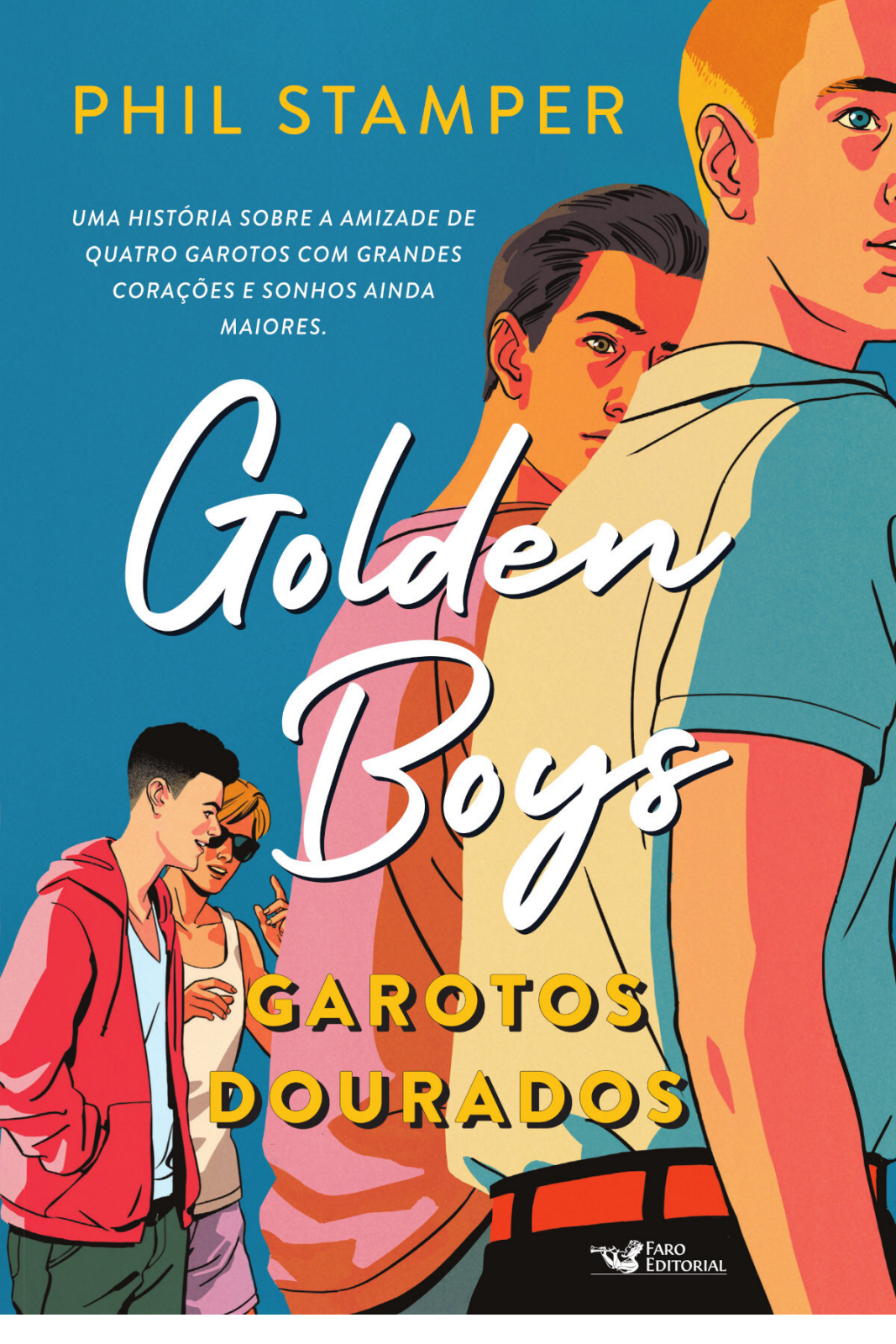
UMA HISTÓRIA SOBRE A AMIZADE DE
QUATRO GAROTOS COM GRANDES
CORAÇÕES E SONHOS AINDA
MAIORES.

Golden Boys

**GAROTOS
DOURADOS**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



PHIL STAMPER

UMA HISTÓRIA SOBRE A AMIZADE DE
QUATRO GAROTOS COM GRANDES
CORAÇÕES E SONHOS AINDA
MAIORES.

Golden Boys

**GAROTOS
DOURADOS**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

PHIL STAMPER

UMA HISTÓRIA SOBRE A AMIZADE DE
QUATRO GAROTOS COM GRANDES
CORAÇÕES E SONHOS AINDA
MAIORES.

Golden Boys

**GAROTOS
DOURADOS**



 FARO
EDITORIAL

Table of contents

1. Capa
2. Folha de rosto
3. Créditos
4. Capítulo 1: Gabriel
5. Capítulo 2: Sal
6. Capítulo 3: Reese
7. Capítulo 4: Heath
8. Capítulo 5: Sal
9. Capítulo 6: Gabriel
10. Capítulo 7: Reese
11. Capítulo 8: Heath
12. Capítulo 9: Sal
13. Capítulo 10: Gabriel
14. Capítulo 11: Reese
15. Capítulo 12: Heath
16. Capítulo 13: Sal
17. Capítulo 14: Reese
18. Capítulo 15: Sal
19. Capítulo 16: Heath
20. Capítulo 17: Reese
21. Capítulo 18: Sal
22. Capítulo 19: Heath
23. Capítulo 20: Gabriel
24. Capítulo 21: Heath
25. Capítulo 22: Gabriel
26. Capítulo 23: Reese
27. Capítulo 24: Sal
28. Capítulo 25: Reese
29. Capítulo 26: Sal
30. Capítulo 27: Heath
31. Capítulo 28: Reese
32. Capítulo 29: Gabriel
33. Capítulo 30: Sal
34. Capítulo 31: Reese
35. Capítulo 32: Heath
36. Capítulo 33: Gabriel
37. Capítulo 34: Sal
38. Capítulo 35: Heath
39. Capítulo 36: Sal
40. Capítulo 37: Gabriel

41. Capítulo 38: Reese
42. Capítulo 39: Gabriel
43. Capítulo 40: Heath
44. Capítulo 41: Sal
45. Capítulo 42: Reese
46. Capítulo 43: Sal
47. Capítulo 44: Heath
48. Capítulo 45: Gabriel
49. Capítulo 46: Heath
50. Capítulo 47: Gabriel
51. Capítulo 48: Gabriel
52. Capítulo 49: Sal
53. Capítulo 50: Heath
54. Capítulo 51: Reese
55. Capítulo 52: Reese
56. Capítulo 53: Sal
57. Capítulo 54: Gabriel
58. Capítulo 55: Heath
59. Capítulo 56: Sal
60. Capítulo 57: Reese
61. Epílogo: Sal

Guide

1. Cover

PHIL STAMPER

Tradução Sandra Martha Dolinsky

Golden Boys

**GAROTOS
DOURADOS**

 FARO
EDITORIAL

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **Pedro Almeida**

Coordenação editorial **Carla Sacrato**

Preparação **Ariadne Martins**

Revisão **Mário Coutinho** e **Bárbara Parente**

Adaptação de capa **Vanessa S. Marine**

Diagramação **Vanessa S. Marine**

Diagramação de e-book **Calil Mello Serviços Editoriais**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

JÉSSICA DE OLIVEIRA MOLINARI CRB-8/9852

Stamper, Phil

Golden boys : garotos dourados / Phil Stamper ; tradução de Sandra Martha Dolinski. — São Paulo : Faro Editorial, 2023.

256 p.

ISBN 978-65-5957-494-0

Título original: Golden Boys

1. Ficção norte-americana 2. Homossexualidade I. Título II. Dolinski, Sandra Martha

23-0476

CDD 813

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

I. FICÇÃO NORTE-AMERICANA



**FARO
EDITORIAL**

1ª edição brasileira: 2023

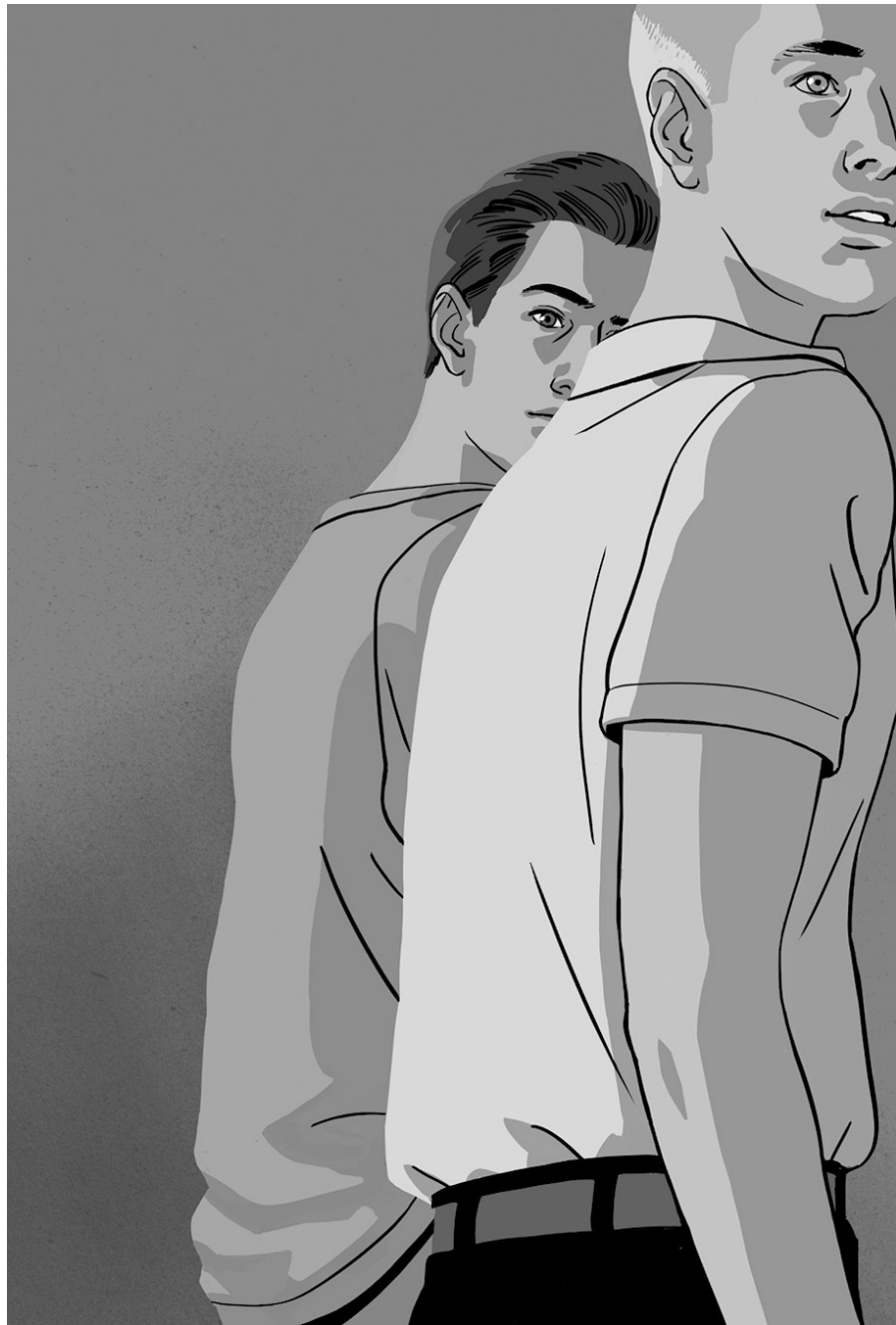
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL.

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br





Dormir do lado de fora da conchinha é uma tarefa árdua. Não me entenda mal, é gostoso ter Sal aninhado em mim. O calor que sai de seu corpo é como um calmante. Meu coração ecoa no peito, mas sinto minha frequência cardíaca diminuir.

Respirar fica um pouco difícil. Primeiro, seu cabelo louro meio despenteado fica entrando na minha boca. Segundo, é como se eu pudesse ver meu hálito quente subindo por seu pescoço — será que isso o incomoda? Meu hálito é fresco? E como Sal não se preocupa com tudo isso quando sou eu que estou do lado de dentro da conchinha?

Mentalmente, meu corpo está suspenso nesse estado leve e pacífico. Fisicamente, estou *suando*. Tiramos os cobertores, mas nem o ar-condicionado sempre ligado — sua mãe insiste nisso — consegue combater essa onda de calor. Meu braço esquerdo está totalmente dormente e não sei onde colocar o outro. Neste momento, está ao redor dele, subindo e descendo lentamente com sua respiração. Toda vez que me mexo, minha pele se afasta um pouco da dele. Normalmente, é quando eu desisto e me viro para o outro lado, mas se esta for a última vez...

Não consigo pensar nisso. Então, penso nele.

Ele parece confortável e seguro em meus braços, em sua cama, em sua casa. Sua confiança reafirma a propriedade dele sobre tudo que existe ao seu redor, e às vezes eu me sinto incluso nisso, apesar de, oficialmente, não termos um relacionamento.

O jeito como ele pressiona suavemente seus quadris nos meus e arqueia o pescoço para trás me lembra que ele está no controle da situação, mesmo estando na parte de dentro da conchinha.

Pouso meus lábios em seu pescoço e dou-lhe uma mordidinha de brincadeira. Ele ri e afasta a cabeça.

Às vezes é bom lembrá-lo que eu não sou uma das coisas que ele possui.

— E aí? — pergunta Sal, virando para encontrar meu olhar.

Sua testa toca a minha e esboço um sorriso. Minha respiração está mais longa, mais suave.

— Você está todo duro hoje.

Eu arqueio a sobrancelha, o que o leva a dizer:

— Não nesse sentido! Mas é sério: está preocupado com o verão? — pergunta.

— Estou preocupado com muitas coisas — admito, mas não é preciso ser vidente para descobrir qual é minha principal preocupação. — Não me entenda mal, estou animado para ser voluntário lá. Vai ficar ótimo no meu histórico

escolar, e vou ajudar a salvar árvores, o que é legal.

Sal me puxa e me dá um beijo.

— Está preocupado porque vai sentir muito minha falta?

— Até parece — digo, e dou risada. Por mais que eu adore isso que temos há anos, eu não o amo desse jeito.

— Poderemos aproveitar esse tempo separados. Terei a chance de encontrar um garoto que não considere os resumos da TV SENADO conversa-fiada.

— Ah, entendi. Você quer a parte boa.

Ele se aproxima de mim, e calafrios sobem pelas minhas costas e se instalam, inquietos, em meus ombros.

— Não me faça usar minha arma secreta.

— Pelo amor de Deus, não! — grito, dando um tapa nele e tentando não rir.

Mas ele se inclina em direção ao meu ouvido. Sua voz se transforma em um sussurro e sua respiração em meu ouvido provoca arrepios por todo meu corpo. Puxo o cobertor, apesar do calor.

— *Où se trouve la station de métro la plus proche?*

Meu coração derrete; odeio ser tão tonto. Ele está dizendo bobagens que aprendeu na aula de francês, eu sei. Mas fala tão diretamente, com tanta audácia, que eu quase me vejo apaixonado por ele de verdade.

— Deus, por que não fiz francês? — digo. — Que diabos você está dizendo?

— Coisas românticas — ele limpa a garganta. — *Je voudrais acheter un billet.*

Mesmo contra minha vontade, estremeço.

— Parece bem romântico — digo secamente.

— A Sra. Brashear sempre diz que meu sotaque é o melhor da classe. Reese odeia, mas talvez ele pegue o sotaque depois de morar lá neste verão. Alguns alunos talvez façam uma viagem a Paris ano que vem, no nível IV, por isso tenho que praticar. Não seria incrível?

— Uau! A vila de Gracemont, Ohio, tomando conta de Paris — faço uma pausa e continuo. — Estou com dó dos franceses.

Rimos. Mas quando o riso acaba, um silêncio inquietante o substitui. Sem pensar muito nisso, rolo para longe e olho o quarto de Sal. É tão arrumado que parece que ele não tem nada. Mas há indícios de sua personalidade por todo lado. Um *ring light* e o kit de maquiagem em um canto. Um porta-gravatas cheio de gravatas-borboleta cintilantes, a maioria ainda com a etiqueta de preço. Uma grande mesa com uma cadeira giratória e um notebook, adornada com medalhas acadêmicas, troféus e um trabalho de conclusão de curso. Ele mantém seus artigos presos em um quadro de cortiça como se fosse seu próprio pai orgulhoso.

— Estou empolgado para ir a DC neste verão — diz Sal. — Mas estou quase mais empolgado porque você vai para Boston; porque Reese vai para a escola de design em Paris. Caramba, até porque Heath vai a Daytona.

— Que bosta.

— Um jovem cavalheiro honrado nunca diz palavrões.

Simultaneamente, reviramos os olhos. Ele está citando sua mãe — ela já era um pé no saco, mas ficou insuportável quando recebeu a ligação falando do

estágio de verão de Sal com o senador Wright.

Ele se aproxima e me puxa, e uma onda de calma inunda meu corpo. Sal nunca quer ficar do lado de fora da conchinha, por isso curto cada momento.

— Estou falando sério sobre todos nós. Somos inseparáveis há anos, mas... há muita coisa que podemos fazer, sabe? Mamãe sempre me incentivou a fazer esse tipo de coisa, sempre arrumava tempo para me tirar daqui e me mostrar como é a vida fora de Gracemont. Até abriu essa porta específica para mim, me ajudando a conseguir esse estágio. Sei que posso continuar de onde ela parou e transformar isso em minha vida. — Uma escuridão preenche o silêncio. — Precisamos sair daqui.

— Para você é fácil — digo. — Você se sente à vontade nas cidades grandes, se encaixa em todos os lugares. Nada te assusta.

Não comento que ele também tem dinheiro para fazer essas coisas, enquanto meus pais estão gastando suas economias para me mandar para Boston.

— Mas, para mim, é difícil até pensar nisso. Queria ter sua confiança.

— Mesmo assim, você conseguiu, Gabe. Preciso ser confiante e corajoso para fazer esses planos, para se candidatar, contar a seus pais e se comprometer de verdade com essa paixão maluca de salvar as árvores. Você viu a oportunidade e disse sim. Isso é ser corajoso. Não deixe sua ansiedade ofuscar tudo que você já fez.

Suspiro, longa e lentamente, enquanto ele me abraça mais forte.

— Fico pensando em todas as pessoas que terei que impressionar, em todas as multidões que terei que encarar. Vou odiar Boston, eu sei disso. Sério, onde foi que eu me meti?!

Ele ri e murmura que vou me sair bem. Está me abraçando de um jeito bem casual. Seu corpo pegajoso está apertado contra o meu, e ele nem está fazendo nada, mas sua intensidade irradia. Sua energia, sua confiança, sua motivação... são viciantes.

Ele está sempre buscando mais: notas melhores, mais prêmios para sua mesa, mas, de alguma maneira, está tão contente comigo quanto eu estou com ele. Mas não posso deixar de pensar que nós dois merecemos mais que contentamento. Talvez passarmos o verão separados seja bom para ambos.

Ele me abraça e eu respiro nele. Ignoro essa parte de mim que não quer que ele me solte nunca mais.

Não sei por que, mas sinto algo estranho quando Gabriel e eu vamos nos despedir. Algo diferente da onda de calor. Uma onda de anseio, talvez? Remorsos? Medo? Mas sorrio e ignoro. Sentimentos assim só vão me atrapalhar, por isso, não posso me permitir pensar muito a respeito.

Já vamos ter que sair muito mais tarde do que havíamos planejado. Reese queria que a gente chegasse à sua festa de despedida mais cedo para ajudar a arrumar tudo, e se Gabe não for agora, não conseguiremos nos arrumar, comprar as coisas e chegar na hora. Mas algo o impede de ir.

— Do jeito que é a família de Reese — diz —, a festa de despedida vai durar a noite toda. Você tem coisas de família na quarta-feira, e eu na quinta.

— E na sexta, nós quatro estaremos juntos a noite toda — digo, pois entendo o que ele quer dizer.

— E partiremos no sábado.

— Partiremos no sábado — repito.

Ele está sem jeito, e aquela sensação toma meu peito de novo.

— O que significa o fim para nós, de certa forma, né? — diz ele.

— Nunca será o fim para nós. — Dou uma piscadinha. — Mas sim, não poderemos ficar juntos por um tempo.

Nossa amizade é, no mínimo, não convencional. Sempre conversamos sobre isso numa boa, apesar da ansiedade de Gabriel, que às vezes atrapalha e torna difícil para ele expressar seus pensamentos. Mas hoje é diferente. Ele nunca sentiu tanta dificuldade; nunca foi tão cauteloso.

Estendo a mão, mas ele se afasta no último segundo.

— Eu... não sei por que estou pensando tanto nisso — diz ele. — Três meses é muito tempo, acho. E finalmente teremos nossa primeira chance de sair com outras pessoas.

— E, de repente, você percebeu que me ama.

Nossos olhos se encontram, mas ele começa a rir primeiro.

Eu sei que o amo. Não é esse tipo de amor, mas é alguma coisa. É algo, mas tudo ao nosso redor está acontecendo muito depressa. Estou sempre muito ocupado, mamãe está sempre no meu pé, tudo é difícil.

Mas isso aqui não é. Na verdade, afundar em seus lábios é fácil.

— Vou sentir falta disso — admito com um sorriso gentil no rosto. — E se não pudermos ficar de novo porque nos apaixonamos de verdade por um cosmopolita, bom para nós, certo?

O silêncio que se segue à minha pergunta é carregado de emoção. Sabíamos que não era para sempre, mas não pensei que a data de vencimento chegaria tão

cedo.

— Certo — diz ele com voz calma, que não revela muita coisa. — E se acabou para nós, saiba que curti muito, Sal. Mesmo você sendo *péssimo* de cama.

Faço cara de ofendido e finjo que vou embora, mas Gabe pega meu braço e me gira em direção a ele.

— Brincadeira — diz ele. — Vou sentir falta de nós dois.

Com Gabe, eu sempre tenho que ser o forte, o confiante. Mas *gosto* dessa dinâmica. Gosto de me sentir no controle, assumir a liderança; se bem que agora não me sinto tão confiante.

Ele se vira para ir embora, mas para quando suspiro.

— Você disse alguma coisa?

Mordo o lábio.

— Não. Nada não.

Claro que é mentira. Estou tenso por causa da ida para DC, por nossa amizade, pelos outros. Pelo milésimo sermão da minha mãe sobre “estratégia universitária” ontem à noite. Estou com *medo*. Quero confessar isso e preciso que ele ouça. Mas não posso me apegar a essa dinâmica que temos, a essas ficadas de vez em quando durante anos. Preciso seguir em frente, e ele também, e este verão será o momento perfeito para isso.

Ele deve ter percebido minha hesitação, porque volta para a varanda e me abraça. Nos afastamos brevemente e colo meus lábios nos dele. Temos um milhão de regras para nossa relação, e a mais óbvia é nunca fazer isso em público. Mas aqui está ele, mordendo meu lábio e enroscando a língua na minha. E aqui estamos nós nos beijando, e beijando, e beijando.

Mas ainda estou com medo.

Golden Boys
Reese, Gabriel, Heath, Sal

Reese

Terra para Sal

Terra para Gabriel

Qual é o sentido de um chat em grupo se ninguém responde?

Heath

Eu respondo!!

Reese

Não responda dirigindo

Heath

Estamos parados no semáforo, e você por acaso está no banco do passageiro!!

Reese

Cale a boca e dirija.

Pessoal, quando terminarem de fazer o que estiverem fazendo...

S, você vai poder pegar o gelo? E G, vai trazer os biscoitos de seu pai, né?

Não se atrasem [emoji de raiva]

— Não acredito que estão fazendo... *isso* de novo.

Mandeí quatro mensagens seguidas, e sei que uma quinta seria demais, mas eles deveriam nos ajudar a organizar a festa. Solto um suspiro enquanto passo do grupo para “Encontrar meus amigos”, onde o círculo S e o círculo G estão praticamente um em cima do outro na casa de Sal. Faz sentido, já que devem estar literalmente um em cima do outro agora.

Aff!

— Isso ainda incomoda você, né? — diz Heath, no banco do motorista.

Quero responder que o que mais me incomoda é como ele dirige mal, ou o fato de que os amortecedores de sua caminhonete deveriam ter sido trocados há duas décadas. Isso geralmente o impede de ser enxerido. Mas não faço isso.

Porque isso não é exatamente verdade. Ir no banco da frente com Heath é assim, como andar de montanha-russa em Cedar Point — uma sensação de perigo em um espaço seguro e contido. Andamos sacudindo pelas ruas e eu vou tentando me recompor.

Estou aflito, sim, mas tenho uma boa razão para isso. Minha festa de despedida começa pontualmente às seis. Pedi a Gabriel e a Sal que chegassem antes para me ajudar a arrumar as mesas e cadeiras, colocar a decoração, instalar as churrasqueiras e tal.

Como em todas as festas.

Minhas mães passaram o dia inteiro na cozinha fazendo a comida da festa e esperam que arrumemos o restante da casa. Em tese, seria legal, porque organizar as coisas não levaria muito tempo em quatro pessoas... mas fica muito mais estressante quando duas estão atrasadas.

E estão atrasadas, como sempre, porque *obviamente* estão transando.

— Não é a primeira vez que temos que fazer tudo sozinhos — diz Heath, e abro um sorriso. — E provavelmente não será a última.

Resmungo.

— Se eles atrasarem mais de quinze minutos, desta vez *será sim* a última. Vou me certificar disso.

— Ah, claro! Somos amigos desde a pré-escola, mas hoje é o dia em que você toma uma posição.

Ele ri, e é uma risada sincera irritante. Heath sempre me enche o saco. Mas de todas as pessoas que me pressionam e criticam — desde minhas mães até meus professores de design gráfico e todos os outros —, ele é o único que faz isso de uma maneira que eu *sei* que é brincadeira.

— Eles sempre fazem isso — diz ele, com a voz um pouco mais séria. — Não

conseguem nem chegar a meus jogos antes do quinto tempo, e o quintal de Gabriel é literalmente colado no parque.

Ele solta uma risada seca, mas não parece particularmente triste. Talvez isso não o afete tanto quanto a mim; se bem que ele encontrou bem depressa um exemplo pessoal bem específico.

— Ninguém é de confiança — diz ele.

— Você é — respondo.

Instintivamente, procuro na cabeça alguma coisa para aliviar a sinceridade — um comentário espirituoso ou algo inteligente —, mas não encontro nada. Porque ele é de confiança. Simplesmente é. Às vezes, é como se ele fosse o único com quem posso contar de verdade.

— Você também — um sorriso cruza seu rosto e sinto um friozinho na barriga. — Última fila na arquibancada, caderno de desenho em uma mão, cachorro-quente na outra. Todo jogo.

— Isso é diferente. É que eu gosto de beisebol.

Ele ri.

— O que é uma contagem cheia?

— Três bolas, dois *strikes*. Não me teste. Se bem que você tem razão, só vou pela comida.

Ele se volta para mim brevemente, mas desvio o olhar. Nós dois sabemos que só vou por uma razão: ele. Ou talvez ele não saiba.

Passamos por uma lombada e o solavanco me faz voar do banco. Meu estômago revira.

— Desculpe — diz ele, e não sei se está se referindo ao fato de me encher o saco ou ao de eu ter batido a cabeça no teto de seu carro.

Respondo a ambos.

— Tudo bem.

Olho pela janela, e uma espécie de conforto me domina enquanto vejo campos e casas passando. A mesmice de tudo isso pode ser linda, mas perdeu o charme para mim. Meu coração precisa de algo que não encontro aqui: uma cena artística, uma cidade com uma história complexa. Parte de mim já está em Paris, mas faltam alguns dias para meu voo. Mas uma grande parte de mim ainda está aqui.

— Acho que finalmente decorei os nomes de toda sua família — Heath muda de assunto. — Dos quinze primos, inclusive aquelas com nomes idênticos. Elena, Isabella, Gabriella...

— Jura? — Olho para ele surpreso. — *Eu mesmo* não consigo me lembrar de todos.

— Gabriella é a que usa óculos. *Elena* parece ter onze anos, apesar de ter nossa idade. Quer que eu continue?

— Guarde o truque de mágica para a festa. — Dou risada, e nos acomodamos em um silêncio fácil.

Observo seu rosto por um instante, enquanto tomo um gole do cappuccino que compramos no posto de gasolina. A bebida doce combina com o sorriso

satisfeito em seu rosto.

— Não acredito que decorou o nome de todo mundo. Você só os vê uma ou duas vezes por ano!

Paramos em um semáforo e ele olha para mim gentilmente. Suas bochechas estão vermelhas, acho, e ele passa a mão pelos picos ondulados de seu novo corte de cabelo. Já li sinais inexistentes muitas vezes, e é difícil dizer o que é real e o que é invenção minha.

Mas isso parece algo. Ou melhor, parece que estamos perto de algo.

— Amo sua família — diz ele claramente, e baixa o olhar. — Eu não ganho grandes festas, não tenho 85 primos, e adoro o fato de que você poderia facilmente não entender o valor disso... mas entende. É evidente quanto você os ama. Até... qual é o nome dele? Aquele garoto que é meio escroto.

— Ryan?

— Ryan! — ele exclama ao mesmo tempo, depois ri. — Eu sabia, juro.

Ele olha para a frente e pisa no acelerador, e de repente estamos voando por estradas rurais de novo, com o vento revirando nossos cabelos.

— Enfim, eles são importantes para você, então são importantes para mim. Posso pelo menos decorar o nome deles, apesar de que os nomes italianos idênticos daquelas garotas tornam isso *impossível*.

Meu telefone vibra; Gabriel reage com o polegar para cima à minha mensagem mais recente. Útil. E, de repente, estou pensando em Sal e Gabriel de novo. Fico quieto, pensando no relacionamento fácil deles, apesar de não o chamarem de relacionamento. “Amigos com benefícios!”, anunciaram quando tínhamos treze anos. *Treze!* Naquela época, os “benefícios” eram uns beijos roubados quando eu e Heath saíamos da sala, mas só Deus sabe o que isso significa agora.

Como podem levar as coisas de um jeito tão descomplicado? Como conseguem fazer parecer tão fácil?

Mas olho para Heath e meus sentimentos complicados me atacam ao mesmo tempo. Eu *quero* esse amor fácil, mas...

— Dê um tempo a eles — diz Heath depois de dar uma olhada em seu celular e perceber minha súbita quietude. — Eles chegarão na hora; sabem que tudo isso é importante para você.

Por um segundo cheio de esperança, acho que vai colocar a mão em meu joelho, mas ele pega o câmbio e engata terceira.

Com benefícios ou não, não quero ser só amigo de Heath.

PB Allergy
Gabriel, Heath, Sal

Heath

Dei o nome de PB Allergy ao grupo porque Reese [uma marca de pasta de amendoim] não está nele

Hahaha, entenderam?

Gabriel

E aí, H?

Heath

Reese foi comprar mais coisas para a festa

Gabriel

E?

Heath

Digitando! Espere...

Sal

...

Heath

Então: Reese está preocupado com que vocês dois não cheguem a tempo. Vocês têm uma tendência a, digamos, chegar depois da hora marcada. Queria pedir para vocês não se atrasarem dessa vez. Ele está bem abalado porque todos nós vamos partir, e sei lá, passarmos algum tempo juntos antes que a família dele o leve embora para ter conversas embaraçosas é importante para ele...

Conseguem fazer isso?

Desculpem

Coloco o celular embaixo da coxa e fico batucando nervosamente no volante.

Isabella é *bela*.

Elena usa *óculos*. Não, Gabriella usa óculos, Elena parece ter onze anos.

Arianna canta, e Lucia tem sorte de ser a mais nova porque não precisa decorar todos esses nomes idênticos.

Adoro a família idiota de Reese, mas os primos mais velhos dele precisam parar de ter meninas. Ou poderiam escolher nomes que não parecessem todos iguais.

Falando nisso, acabei de revelar a ele meu recurso mnemônico secreto, mas sei que assim que chegarmos à casa dele e aquela van de meninas começar a descarregar, vou esquecer tudo.

Eu deveria ter feito cartõezinhos com os nomes.

De onde estou estacionado, tenho uma boa visão do centro comercial todo. Não há muita coisa além do supermercado, uma farmácia e um dentista. Confesso que não gosto muito desta área.

Não há um “centro charmoso” como se vê nas cidades rurais dos programas de tv; é só isso. Umas lojinhas e uns postos de gasolina para quem está de passagem. As lojas nunca mudam, os prédios estão no mesmo triste estado de abandono em que estavam quando eu era criança.

Fico imaginando se é por isso que gosto tanto das estradas rurais. As plantações crescem e mudam, as árvores passam de verde para vermelho e depois ficam nuas. Mas esta merda continua a mesma. Papai diz que talvez tenhamos que nos mudar para um apartamento descendo a rua se acabarmos vendendo a fazenda, e só de pensar nisso sinto vontade de vomitar.

Reese coloca umas sacolas na traseira da caminhonete e pula no banco do passageiro. Guardei meu celular, pois ele ficaria chateado se soubesse que eu estava mandando mensagens para o pessoal em um grupo sem ele. Assim que ele coloca o cinto, saio do estacionamento.

Quando voltamos à rua principal, olho para as sacolas na traseira da caminhonete e noto um saco de gelo saindo de uma delas.

— Mas Sal não ia levar o gelo? Digo a ele que não precisa? Isso economizaria tempo.

Reese sacode a cabeça e fica vermelho.

— Não, é só por garantia. Não sei por quanto tempo eles estarão... ocupados. Esse saco vai durar até que ele traga o resto.

— Talvez eles já estejam a caminho — suspiro levemente. — Eles me frustram às vezes, também, mas você precisa confiar um pouco mais neles, Reese.

Eles sabem que é importante para...

— E sua família? — ele diz, interrompendo-me.

Está se mexendo desconfortavelmente no banco do passageiro — coisa que ele faz de vez em quando, mas não consigo identificar a razão. Parece estar furioso com os rapazes. O que é justo. Mas é como se ele estivesse mais irritado com eles por estarem juntos, mesmo isso não sendo novidade.

— Com quem você vai ficar em Daytona?

Agarro o volante com mais força, piso na embreagem e coloco a quarta. As plantações passam voando por minha janela, e me dou conta de que a esta hora, semana que vem, estarei na praia. Na praia de *Daytona*.

— Ah, sim. Eu mesmo não as conheço bem; mamãe e ela tiveram uma briga feia quando eu era mais novo. Mas vou ficar com minha tia Jeanie e minha prima Diana, que tem mais ou menos nossa idade. Você já deve tê-la visto no meu Instagram, ela comenta em tudo que posto.

— Sua família é de Daytona? — pergunta ele debilmente.

Será que ele acha estranho eu não ter contado tudo isso até agora? Afinal, ele é meu amigo mais próximo. Mas não se compara; Reese tem uns cinquenta primos e sempre fazem reuniões familiares, têm tradições estruturadas, e eu sempre tive só meus pais.

E nem sei se ainda os tenho, depois de tudo que aconteceu.

— O que eu sei é que tia Jeanie saiu de Ohio e foi para Daytona quando era bem novinha. Ela tem um fliperama no calçadão que parece bem legal. Nós não conversamos muito, mas ela sempre faz questão de me ligar no meu aniversário, e sempre acaba reclamando da invasão de estudantes de férias no seu fliperama — rio e complemento: — Acho que vamos reclamar de colegas bêbados juntos este ano.

Pegamos outra lombada; estremeço quando o corpo leve de Reese é lançado do banco do passageiro. Ele nunca reclama, mas isso deve incomodá-lo. Mas é difícil arranjar dinheiro para trocar os amortecedores, especialmente porque a maior parte do que ganho no emprego de meio período gasto com comida.

— Vai ser divertido — diz ele por fim. — Sei que parece que seus pais vão mandá-lo para lá enquanto resolvem o divórcio, mas você vai se divertir. Afinal, é praia. Pelo menos, não vai ficar aqui.

— É verdade.

Não tive escolha sobre onde passar o verão, e os rapazes sabem disso. Mas não têm ideia de como o dinheiro está apertado para nós. Não sabem que vou trabalhar no calçadão, bem ao lado de Diana, servindo cerveja para universitários durante o verão todo, e guardando cada centavo para ajudar em casa.

Pode ser divertido, mas não são férias.

Paramos no semáforo e os freios soltam um guincho crescente. Eu me encolho ao ouvir, e começo a me preocupar em chegar à Flórida com a caminhonete nesse estado.

Rezo mentalmente para que Reese não toque nesse assunto, apontando nossas óbvias diferenças. Nossa amizade é muito boa, estável, mas onde estaremos

quando ele voltar de Paris e eu da *Flórida*?

Estamos quase dentro do horário. A maneira como terminei meu *encontro íntimo* com Gabe foi meio bizarra, e me deixou uma sensação desagradável. Nosso adeus durou apenas uns vinte minutos, mas tomei um banho e vesti uma de minhas muitas camisas brancas, tudo em tempo recorde. E logo estava no carro, indo buscá-lo no caminho para a escola.

Peço a Gabe para tirar o cooler gigante do porta-malas de meu carro enquanto vou destrancar as portas de nossa escola. Nas noites de verão, nunca há ninguém ali, e é sempre estranho ver os corredores tão vazios.

— Esse cooler é pesado demais — diz ele enquanto estamos entrando no saguão.

Pego uma alça e dividimos a carga, apesar de que em breve ficará muito mais pesado. A suave luz de emergência ilumina os corredores, o que não é nada comparado com as lâmpadas fluorescentes que normalmente vemos.

— Vantagens de sua mãe ser vice-diretora — diz Gabe.

— A *única* vantagem — retruco. — E eu diria que gelo grátis da máquina da cozinha não é lá uma vantagem.

— Mas ela pode pedir comida do cardápio da cozinha. Lembra, no fundamental II, que você tinha centenas de pizzas retangulares em seu freezer?

Meu estômago revira.

— Nem me lembre. Comi pizza o verão inteiro. Eu virava uma garrafa inteira de molho ranch por semana. Não foi meu melhor momento.

Gabe para de repente, e sou puxado para trás pela alça do cooler.

Os degraus de nosso refeitório-barra-auditório estão à nossa direita, mas evito olhar. Sinto a ansiedade crescendo em meu peito.

— Não podemos atrasar — digo, enxugando a testa com as costas da mão. — Vamos, os fundos da cozinha ficam por aqui.

O suor me pinica e sinto uma vontade imensa de desistir de tudo.

— Ou podemos entrar pela frente — diz ele friamente.

Ele pega o cooler de mim e vira a cabeça em direção ao refeitório. Sei que está me testando, por isso vou na frente. Cada passo que dou ecoa pelos corredores, ou talvez seja só meu cérebro em curto-circuito. Mas dá para sentir o cheiro do frango frito que serviram naquele dia.

Não há mesas no refeitório agora, o que faz sentido — por que as deixariam fora durante todo o verão se não haveria corpos para enchê-las? Digo a mim mesmo para não olhar, mas olho. Há um canto despretensioso, perto do palco, onde o conselho estudantil organiza todos os seus eventos, na hora do almoço: venda de ingressos para o baile de formatura, arrecadação de fundos etc.

Arrecadação de fundos, como a que fizemos no último dia de aula.

Sendo o tesoureiro, eu estava lá para receber doações. Reese estava ao meu lado, porque fora ele quem dera a ideia em uma das últimas reuniões — uma campanha de fim de ano para arrecadar fundos para o Trevor

Project, uma organização focada na prevenção do suicídio entre jovens LGBTQ. Não somos a escola mais progressista, mas houve apoio unânime do restante do conselho estudantil. Foi uma celebração antecipada do mês do orgulho, uma maneira de mostrar apoio aos estudantes *queer*, e todos acharam que nossa escola estava pronta para isso.

Mas não estávamos.

Uma lágrima rola por meu rosto, e só então percebo como meu corpo está rígido. Meus ombros estão tão tensos que doem, e fico ofegante. E suando. Gabe me abraça por trás, e estremeço.

— Está tudo bem. Ele se formou.

— Sim — digo. — Na formatura, ele atravessou o palco, adornado com cordas solenes, e ganhou abraços de todos os professores. E ninguém deu a mínima para o que ele me fez passar durante todos os anos. Ninguém se importou com o que ele disse aquele dia. Nem mesmo minha mãe.

Enchemos o cooler com gelo e saímos quase calados. Na saída, não olho de novo para o refeitório, não dedico outro pensamento *a ele*, e quando passamos pelas portas da escola, meu abdome enrijece e um sorriso surge em meu rosto.

Daqui a poucos dias vou dar o fora daqui. Estarei em DC, trabalhando no Capitólio, usando terno todos os dias, em algum lugar onde ninguém de minha cidade natal possa fazer *bullying* comigo.

iMessage
Gabriel, Heath

Gabriel

Estamos saindo da escola agora

Heath

10 minutos de atraso! Deve ser um recorde para vocês

Gabriel

Falando nisso... Sal ficou abalado no refeitório quando fomos buscar gelo. Sei que Reese vai ficar chateado por estarmos atrasados, mas seria bom você avisar

Heath

Merda, não havia pensado nisso... Reese estava lá também, ele vai entender

Porra

Agora R vai se sentir mal por ter pedido a S para ir lá

Gabriel

Mas ele teria que voltar um dia. Acho que foi melhor estando só nós dois

Heath

Verdade

Até daqui a pouco. A mãe de R está me fazendo pendurar banners porque eu sou alto [emojis revirando os olhos]

Gabriel

Você adora quando as pessoas tiram vantagem de sua altura, não minta [3 emojis revirando os olhos]

Certa vez, na aula de ciências do sexto ano, tivemos que fazer apresentações para *a escola inteira* durante uma assembleia do Dia da Terra. O auditório estava lotado de alunos, cada ano ocupava um quadrante de cadeiras, e dentro dos quadrantes havia grupos definidos de pessoas. Maapei todo o auditório — os meninos do coral em um grupo, todo o time de basquete feminino em outro. Eu podia ver os grupos se formando, conectando-se uns com os outros, enquanto o professor tentava fazer meu PowerPoint sobre árvores aparecer.

Em todos os filmes de adolescentes que eu tinha visto, havia panelinhas. Atletas, nerds, geeks de bandas — mas aqui não era assim. Nossa escola era muito pequena e bagunçada. Vi Sal todo elegante indo em direção a duas garotas do 4-H Club, de suspensórios e jeans, enquanto Reese, o artista, estava em um canto com Heath e o time de beisebol. Todo mundo parecia se encaixar em algum lugar, menos eu. Quando não estava em aula com Sal, Heath ou Reese, eu geralmente não falava. Talvez tenha sido a pressão de falar em público, mas foi aí que realmente me dei conta: não sei fazer amigos.

Minha apresentação não deu certo. Na verdade, o projetor não funcionou e os professores não sabiam o que fazer. E lá estava eu, sem um grupo de amigos reserva, sem a capacidade de *fazer* amigos, quando o professor sussurrou em meu ouvido:

— Você acha que consegue fazer a apresentação sem os slides? Você tem tudo impresso, talvez possa transmitir alguns fatos sem recursos visuais. Mas vai receber a nota cheia, claro.

A ansiedade cortou meu peito como uma faca, e de novo olhei para a multidão. O volume da conversa parecia ter aumentado. Nos corredores, eu podia simplesmente baixar a cabeça e ir até meu armário, e depois para a aula. Nos jogos de beisebol ou nas festas de aniversário, eu podia simplesmente grudar em Sal. Mas ali eu não tinha ninguém e nunca me sentira tão vulnerável em toda minha vida.

Vivi muitos momentos estranhos desde então, mas nada trouxe à tona essas lembranças como esta viagem que se aproxima. Não vou poder fazer amigos em Boston. Nem sei *como*. Minha ansiedade vem crescendo a semana toda, o mês todo. Com isso, mais o pequeno colapso que Sal acabou de ter, sinto um nó tão apertado no estômago que é como se estivesse sendo sugado de dentro para fora.

Quando chegamos à casa de Reese, Sal para o carro na grama. Ficamos sentados no carro por alguns minutos, mas acho que nenhum dos dois quer fazer nada. Nem agir nem dizer algo.

Por um lado, eu queria ter estado lá quando aquele cara foi para cima de

Reese e Sal, mas meu horário de almoço já havia acabado. Não sei o que eu teria feito. Provavelmente teria ficado olhando, incrédulo, e seguido Sal para fora do prédio.

Estendo a mão e pego a dele, e nossos dedos se entrelaçam. Isso nos afasta do passado, nos traz de volta a este momento. Ficar de mãos dadas vai contra nossas regras, tecnicamente; dá a sensação de que estamos entrando no território de não apenas amigos. Mas eu quero lhe dar apoio como não pude dar naquele dia.

— Não conte a eles que eu fiquei abalado — diz ele. — Finja que nada aconteceu.

Fico vermelho, pois já contei.

— Claro — digo, porque é isso que ele precisa ouvir para não se sentir humilhado.

Sáímos do carro assim que Heath sai pela porta da frente, com Reese logo atrás. Sal vem para o meu lado e ficamos encostados no carro enquanto eles se aproximam. Ele enlaça seu dedo mindinho no meu e eu sinto um calor, uma certeza de que estamos todos juntos de novo.

— Reese — diz Sal, forçando um tom alegre —, desculpe o atraso...

Reese o interrompe com um abraço. Não é um abraço efusivo, nem de braços abertos, mas é cheio de emoção. Reese enterra a cabeça no peito de Sal e segura o tecido da camisa dele com força demais. Olho para Heath, e ele assente, solidário.

Reese não pretende largá-lo tão cedo, de modo que abraço os dois juntos e encosto a testa na deles. Reese está feito uma brasa, pegando fogo, furioso e com os olhos marejados. Sal ainda parece pego de surpresa. Sua respiração é irregular, e meu coração dói por ele, pelo que ele e Reese passaram naquele dia. Como esperado, Heath se junta a nós e usa sua longa envergadura para nos puxar para si. Estamos todos meio desequilibrados, e nada confortáveis, mas a sensação é de segurança e certeza.

Sei que todos estarão aqui quando eu voltar. Sei que doze semanas não é nada. Por um lado, eu me pergunto o que vai mudar, como vou mudar. E então um pensamento mais sombrio surge em minha mente: e se eu for o único que não mudar?

Depois que nos separamos e vamos nos arrastando até a porta — Heath por último, porque insistiu em carregar o cooler com gelo sozinho —, sinto o calor tomar minhas bochechas. Não sou de demonstrar emoção. Eu *tenho* emoções, mas não entendo por que as pessoas sentem necessidade de mostrá-las o tempo todo. Como, por exemplo, quando Gabriel encheu nosso grupo do WhatsApp de mensagens por causa de quatro crises de ansiedade diferentes; ou Heath, que só precisa de um vídeo do tipo “amigos animais improváveis” do YouTube para chorar.

Mas Sal e eu geralmente não somos assim. Digo que é porque temos uma boa cabeça, mas provavelmente é por causa de eras de masculinidade tóxica. Quando aquele cara nos insultou, acho que nenhum de nós reagiu de verdade. Sal virou a mesa ao sair, mas isso foi mais uma questão de conveniência. Àquela altura, nada poderia tê-lo impedido de chegar à porta. Enquanto isso, eu fiquei paralisado, fervendo de raiva, repetindo as palavras daquele idiota em minha cabeça até que um dos amigos de beisebol de Heath interveio e acabou com aquilo.

Enquanto Gabriel e Heath voltam para encher os outros coolers, levo Sal para a cozinha e dou uma espiada em minhas mães. Mamãe está mexendo cuidadosamente algo em uma panela grande no fogão, enquanto mami está à mesa, enrolando umas centenas de almôndegas.

— Oi, meu amor. — Mami vira a cabeça, mergulhada até os pulsos na carne crua e cebola de suas almôndegas. — Sal! Obrigada pela ajuda. Vai ser uma loucura.

Mamãe ri.

— Você já sabe como é. Gabriel vem também?

— Ele está lá atrás com Heath. Falei a eles para começarem a arrumar os coolers e as mesas. Nós vamos cuidar da sala.

— Ótimo — diz mami. — Seus primos devem chegar logo, não demorem.

— Eles sempre atrasam — diz mamãe. — Como vão as coisas, Sal? Está tão animado para ir a DC quanto Reese está para ir a Paris?

— Está tudo bem — diz Sal. — Para falar a verdade, mal posso esperar para sair daqui.

Mami aponta uma colher para ele.

— Eu entendo. Eu senti o mesmo quando fui morar em Londres.

— É mesmo — diz Sal —, você estudou no exterior também. Já descobriram para onde vão viajar?

Minhas mães olham para mim e sinto minhas bochechas esquentarem.

— Elas irão a Paris no final do trimestre — digo a Sal —, e depois iremos

para Londres. Elas querem que eu escolha mais uma cidade para nossa grande viagem pela Europa, mas ainda não sei para onde quero ir.

— O tempo está passando — diz mami. — Andem, vão arrumar a sala. Quando terminar, diga a ele como Lisboa é agradável no verão. Ou Barcelona, ou...

— Nós dissemos que não o pressionáramos — diz mamãe, revirando os olhos. — Mas ouvi dizer que Praga é legal.

Empurro Sal para fora da cozinha.

— Desculpe. Elas nunca vão parar de falar nesse assunto.

— Aonde você quer ir? — pergunta Sal.

Dou de ombros.

— Não faço ideia. Mas vou acabar descobrindo, assim que elas pararem de me dar sugestões infinitas.

Quando chegamos à sala, Sal instintivamente começa a abrir uma das mesas dobráveis. A inveja surge de novo, só de vê-lo, e me amaldiçoo por estar tão ressentido com o que ele e Gabriel têm. Respiro fundo algumas vezes na esperança de que isso me acalme um pouco, porque sei que estou errado. O corpo é deles, a vida é deles, eles podem fazer o que os fizer felizes.

Mas como conseguem? *Como* podem ser tão confiantes?

— Você está bem? — pergunta Sal, quando percebe que claramente não estou. — Seu rosto está todo amassado. É sério, está tudo bem com o lance do refeitório. Ainda bem que fui. Podemos até ir antes do início das aulas só para ter certeza de que não há mais sensações ruins lá.

— Não, não é isso — digo, apesar de que deveria aceitar a proposta. — Solte essa mesa um segundo, quero saber sua opinião sobre uma coisa.

— Tudo bem — responde ele, e começa a me seguir escada acima.

— É que você não é de medir as palavras. Se achasse, digamos, que um presente especial de despedida que eu fiz para o grupo era ruim, você diria.

— Na verdade, sou um grande mentiroso quando se trata de presentes ruins — diz ele. — Minha mãe acabou de me dar uma caneta gravada. Diz literalmente: *estagiário do senador Wright*.

Damos os passos finais e abro a porta do meu quarto. Minhas paredes cinza-azuladas um tanto estereis me cumprimentam. Passei a última semana tirando as fotos que havia colado nelas — muitas fotos de nós quatro, além de algumas dos meus amigos do acampamento de verão, de logotipos e outras inspirações de design de que eu gostava. Vou levar tudo para Paris para o curso de design gráfico, assim, terei um pouco de casa comigo.

— *Estagiário do senador Wright* — repito. — Ridículo.

— Fingi que era a melhor coisa que já havia visto. Mas agora, serei honesto. Prometo.

Retiro de baixo da cama uma caixa de papelão. Sentamo-nos na cama e eu vou abrir... mas paro.

— Eu nunca fiz nada assim antes — tento disfarçar minha ansiedade com um tom severo. — Não se esqueça disso.

Outro suspiro e abro a caixa. Uma por uma, retiro as pulseiras de fio de cobre que escondi lá dentro. Cada pulseira é feita do mesmo fio grosso, mas adornada de maneira ligeiramente diferente.

— Uau! Você que fez?

— Está meio artesanal demais; nunca fiz bijuterias, mas achei que ficaram boas. É fio torcido com um fecho de metal. Amassei bem o cobre para ficar bem fino para fazer o pingente e pintei cada uma de uma cor.

— A minha é a verde? — pergunta ele.

— Claro. Tem uma gravação; desculpe se é uma ofensa para você depois de ganhar uma caneta chique.

— Você gravou uma *gravatinha-borboleta*? Que meigo!

— Acha mesmo?

— Sério, eu ia criticar qualquer coisa, de brincadeira, mas não pude. Você que fez mesmo? Com ferramentas?

Certo orgulho toma meu peito ao ouvir o elogio. Eu que fiz. Foge um pouco de minha arte normal, que consiste totalmente em ilustrações e desenhos. Trabalhar em algo que eu podia tocar fisicamente foi uma experiência nova.

— Sim — digo. — Temos muitas ferramentas em casa, além de um velho gravador que mamãe comprou para colocar meu nome em minha calculadora de TI. Foi divertido.

Ele pega outra pulseira.

— Vamos ver, a pulseira com o pingente vermelho deve ser de Gabe.

— Sim. O desenho é uma mudinha. Achei coerente porque ele é voluntário em uma ONG que cuida de árvores e gosta de jardinagem.

— E também é uma coisa nova — diz ele, passando o polegar pela gravura. — Tenho a sensação de que ele quer se reinventar neste verão.

Concordo.

— Você não?

— Eu estaria me achando muito se dissesse que não? — Ele ri. — Eu gosto de quem sou agora. Acho que DC vai me ajudar a ser *mais* eu mesmo, se é que isso faz sentido.

Ele abre um sorriso, e eu me pergunto como seria ser tão seguro de si. Não é de admirar que uma pessoa como Gabriel encontre conforto nele.

— As outras duas não têm gravação — diz ele, segurando duas pulseiras, uma com um pingente azul e outra com um amarelo-claro.

— Acho que ainda não sei quem sou, nem o que este verão vai significar para mim. E Heath — digo com um suspiro —, nada parece bom o suficiente para ele, sabe?

É muito complicado. Uma van de um branco indescritível acabou de dar à luz dezenas de crianças idênticas, como uma daquelas aranhas grávidas, e eu estou no pórtico, totalmente despreparado para esse teste — apesar de, literalmente, ter estudado.

— Você consegue! — diz Gabriel, com tom de riso na voz.

Aceno para o grupo; os primos mais velhos de Reese vêm nos abraçar. Quatro garotas de três a dezesseis anos os acompanham, segurando vários pratos descartáveis, jogos e todos os outros itens essenciais para uma grande festa em família.

— Gabriella, deixe que eu seguro isso — digo, pegando a grande tigela de salada de macarrão de suas mãos. — Esses óculos são novos?

Ela me olha de um jeito engraçado, e logo atrás dela, vejo um clone aparecer.

— Meu Deus, você é Isabella. Não sabia que você usava óculos também. Agora vocês duas são idênticas. Desculpe, Gabriella — balanço a cabeça. — Quer saber, vamos entrar.

Corro para dentro, devorado pelo constrangimento. Já é ruim todas as italianas terem a mesma cara, e agora todas têm que ser míopes também?

— Heath — diz Gabriel quando entramos na cozinha —, tudo bem. Talvez elas sejam gêmeas, não fique nervoso por causa disso.

— Você não entende — digo.

Quando Reese entra, passa a ser a estrela do show, e meu acidente constrangedor parece ter desaparecido da memória de todos. Mais parentes chegam, além de membros da igreja dele e outros amigos da família. A casa dele é enorme em comparação com a minha, mas com quarenta pessoas dentro, parece pequena. Algumas pessoas se espalham pelo quintal, outras na parte da frente.

Na maioria das vezes, fico no mesmo lugar a noite toda, conversando com a família dele. Lucia pula em meu colo, e faço questão de chamá-la pelo nome *correto*, pois uma criança de três anos seria muito menos indulgente.

Um grande grupo da família de Reese costuma brincar de um jogo que é obviamente destinado a grupos menores. As regras são simples: geralmente, *adivinha o que estou descrevendo, rápido!* ou *adivinha o que estou desenhando, rápido!*, mas temos que ficar repassando as instruções repetidamente.

Por fim, dividimos o grupo em equipes, mas Isabella fica entediada e sai da sala, e temos que contar de novo. A essa altura, ninguém sabe a que time pertence ou qual é o jogo, mas todos gritam respostas. Mesmo quando o cronômetro para. Mesmo depois de a tia de Reese gritar “Deus do céu, pare de dizer cavalo-marinho, não é um cavalo-marinho!”.

É puro caos.

É perfeito.

Eu não tenho isso. Não sei como não tenho inveja, mas não tenho. Diana e Jeanie podem ser legais, mas ter meia dúzia de parentes espalhados pelo país quando as únicas tradições que você tinha lhe são arrancadas não é legal.

E as lágrimas estão correndo por meu rosto. Felizmente, ninguém parece notar — sinceramente, ninguém pode notar nada no caos que está rolando. Tiro Lucia de meu colo, a coloco em meu lugar e saio da sala discretamente. Analiso minhas opções: Sal e Reese estão no quintal e não quero que me vejam assim. Os fumantes de charutos estão na frente e sempre me seguram com conversas sobre beisebol que não estou a fim de ter. O que não me deixa para onde ir, a não ser para cima.

Subo as escadas de dois em dois degraus e abro a porta do quarto de Reese. As paredes escuras me recebem, protegendo-me de tudo que está acontecendo lá embaixo. Ainda dá para ouvir todo mundo, mas de modo abafado. E consigo respirar.

Não quero ser uma pessoa invejosa. Ver a família dele, ouvi-os gritar “*não é um cavalo-marinho!*”, enche meu corpo de calor. Eu me sinto muito bem-vindo aqui, sei que facilmente me aceitariam como um deles. Mas eles não são meus parentes, não sou a família deles. Sou bem-vindo, mas sempre serei uma visita.

Sento-me no chão e me apoio na cama dele. Está perfeitamente arrumada, com o edredom perfeitamente no lugar. Tudo cheira distintamente a ele — a flores silvestres e couro. E, por alguma razão que não consigo identificar, sinto um cheiro metálico que me recorda o velho equipamento de solda que meu pai tem na garagem.

Pego o celular e, quando abro as mensagens, vejo uma inacabada que havia começado a esboçar. Ver os primos de Reese o abraçarem, dando-lhe os parabéns e dizendo que estão com inveja dele, fez eu me lembrar que tenho parentes, e que gosto deles. Mesmo sem os conhecer.

Oi, é Heath!! Como estão suas férias de primavera???? Estou indo para aí daqui a alguns dias, mal posso esperar! [emoji de maluco com a língua de fora]

— Tudo certo?

Olho para cima e vejo a cabeça de Gabriel surgindo no quarto. Faço um esforço para ficar em pé, mas ele coloca a mão em meu ombro e se senta ao meu lado.

— Não precisa tem vergonha de chorar, viu? — diz ele, rindo. — O que te deixou chateado dessa vez?

— Suponho que você não acreditaria se eu dissesse que foi só um vídeo de uma cabra e um cavalo fazendo amizade.

— Não, eu não acreditaria. — Ele revira os olhos. — Porque me lembro claramente de você chorando por causa disso semana passada no grupo.

Dou risada.

— Cale a boca! Só porque eu mandei emojis chorando não significa que eu estava literalmente chorando.

— Não, eu lembro, você mandou uns onze emojis chorando e disse “estou literalmente chorando, o que há de errado comigo?”.

Fico em silêncio por um tempo enquanto relembro. Eu chorei mesmo por causa disso, porra!

— Acho que estou pensando nisso de novo, então. Eles são *amigos*! — Percebo que não tem graça e suspiro. — Não pense mal de mim, o.k.? — Mas eu estava observando a família dele e isso me fez lembrar que as poucas tradições que eu tinha com meus pais desapareceram. Já é difícil ser filho único, sem primos por perto, mas quem vai dar uma festa para mim agora? — Como eu não sabia que meu último Natal com meus pais seria nosso *último* Natal juntos? Porra, Gabriel, é foda.

Ele apoia a cabeça em meu ombro e eu descanso a minha no ombro dele.

— Sei que meus pais não se davam bem, mas as manhãs de Natal sempre eram perfeitas, independentemente de quantos anos eu tivesse. Meu pai fazia biscoitos e cobertura, minha mãe e eu passávamos horas assando biscoitinhos em forma de árvore de Natal. Eu sabia que não teria muitos anos disso pela frente, com a faculdade e tudo, mas não pensei que seria o último, sabe? Por que não me avisaram?

— Lamento — diz ele —, posso imaginar sua dor.

Ficamos sentados ali um tempo, sem constrangimento por causa do silêncio — essa tranquilidade é algo que sempre posso ter com Gabriel. Reese tem uma energia frenética, e sempre acho que preciso preencher o silêncio, e Sal age como se não tivesse tempo a perder com uma pausa na conversa.

Depois de um tempo, Gabriel continua:

— Mas é legal a família de Reese ser tão acolhedora. Sei que não somos parte dela, mas às vezes parece. Acho até que já sei a diferença entre Lucia e Isabella.

— Lucia tem três anos.

— Eu lembro! Não confia em mim, hein? — Ele ri. — A propósito, Sal me disse que Reese gostou de você aprender todos os nomes deles.

Em minha mente, posso ver claramente Reese na escola de design em Paris. Posso ver Sal revolucionando DC. Posso ver Gabriel salvando os parques de Boston.

Olho meu celular, com a mensagem para Diana ainda na fila. Ainda não consigo me ver trabalhando no calçadão de Daytona, morando perto da praia com minha prima e minha tia. Mas vai acontecer, não posso mais evitar. Respiro fundo e clico em “enviar”.

É minha família, e é hora de conhecê-las.

Golden Boys
Reese, Gabriel, Heath, Sal

Reese

Quem tem coisas de família hoje?

Heath

Eu não hahaha mal tenho família

Dramático demais? Desculpe

Continue

Sal

Você não consegue escrever tudo que pensa em uma mensagem só, H? Enfim, jantar em família com a deputada Caudill esta noite. Grande noite. Querem me ajudar a escolher uma gravata-borboleta?

Heath

Difícil

A verde

gravata-borboleta verde

Sal

Quer saber? Se você passar o resto do dia digitando frases inteiras, vou usar a verde.

Heath

Senhor, sou perfeitamente capaz de escrever uma frase completa, por isso tirei 98 em inglês e você 94. Independentemente disso, aceitarei seu desafio, por respeito à deputada.

Sal

Grosso

Reese

Boa sorte!

Gabriel

Você vai se sair muito bem!

Heath

Desejo-lhe a melhor sorte absoluta com a deputada, Sal. Bom dia, *pip pip, cherrio* e outras coisas que pegam bem. *Ta ta!*

Procuro entre minha coleção de gravatas-borboletas pensando em quem quero ser hoje. Betty Caudill, a deputada democrata de nosso distrito, é uma velha amiga da família que deu meu nome ao senador Wright, amigo dela, que estava procurando adolescentes estagiários para um projeto especial durante o verão. Não sei exatamente qual é o projeto; adoraria pensar que é algum plano supersecreto, muito delicado para explicar por e-mail, mas é mais provável que ainda não tenham os detalhes finalizados. Tenho a sensação de que seremos cobaias nesse programa de estágio para estudantes, o que é emocionante, mas também meio preocupante.

No jantar, quero usar uma gravata-borboleta. *Realmente* vestir a peça, para provar a ela e a meus pais que eu sou a escolha certa. Mas também gosto de usar essas gravatas, o que os rapazes parecem nunca entender. Minha gaveta de gravatas está transbordando, o que é uma idiotice, considerando que nunca as uso na escola.

Tenho umas de linho que combinam com manga curta, que uso quando saio com os rapazes no verão. Tenho umas pretas de seda que só uso em casamentos ou funerais. Começo a me perguntar se haverá eventos *black tie* neste verão, mas duvido.

E tenho umas de estampas semiformais, às quais minhas mãos sempre se dirigem automaticamente. Mas minha mãe realmente não gosta delas. “Nós não temos barco”, sempre diz com ironia. Concorro, é um *look* formal e chamativo, mas, para mim, também é *fashion* e impactante. Quem sabe, talvez um dia eu tenha um barco; o lago Erie não é tão longe. Eu ficaria *bem* no barco. Sinto atração por verdes e azuis, mas também me dou bem com um cinza mais suave. Estou tentando descobrir qual deles faria meu ponto de vista ser aceito, sem ter que arranjar briga com minha mãe. Por fim, pego a gravata-borboleta de linho cinza, porque a ideia de usar uma camisa estampada chamativa debaixo do paletó me parece certa.

Eu me sinto totalmente pronto para DC. Faria bem ao Capitólio um pouco de sangue mais jovem, alguém com mais visão, com toda a turbulência política que vem destruindo aqueles corredores na última década. Imagino que não seja muito diferente de como Gabriel se sente quando está participando de manifestações ambientais — sei que posso fazer parte de uma mudança para melhor.

Este verão não será só uma oportunidade divertida; é algo necessário. O início de uma carreira.

— Tem certeza de que quer usar a cinza? — pergunta minha mãe, assomando a cabeça pela porta.

Suspiro. É uma daquelas sugestões que não são realmente sugestão, mas finjo que é.

— Acho que vou usar a camisa de estampa indiana, algo mais suave combina melhor.

— Ah. — Uma pausa. — Meio chamativo, não acha?

Chamativo. Algum palpite sobre o que essa palavra realmente significa?

— Por favor, mãe! — Odeio quando minha voz sai chorosa, mas estou desesperado. — Logo vou embora, não quero brigar. Esta ficará muito boa com o paletó. Por favor.

Eu me volto e a vejo apertar a maçaneta um pouco mais forte. Ela está dividida, e posso ouvir seu monólogo interior daqui — a camisa estampada é muito extravagante, não pode dar errado com algo simples, não quero que ele se destaque pelos motivos errados.

Ela não é homofóbica nem nada, mas tem uma imagem perfeita de mim na cabeça e sempre quer que eu me encaixe perfeitamente nela; que eu caiba em uma caixa que ela projetou e com a qual ela se sente confortável.

Mas já não fiz isso? Estou prestes a começar a trabalhar com um senador. Uso gravata por diversão. Não falo palavrões. Tenho uma lista de faculdades dos sonhos há anos. Eu me encaixo nessa caixa há tanto tempo que nem sei onde as ideias dela acabam e as minhas começam.

— Vou usar esta — digo.

As palavras são resolutas, mas meu tom não. Não gosto de desafiá-la, mas não vou ceder. É só uma camisa para um jantar de três pessoas.

Ela solta a maçaneta e um clique ecoa pelo quarto. Ela cede, e espero que seja um sinal de crescimento. Um sinal de algo.

— Tudo bem, tem razão. Betty vai gostar da camisa, tenho certeza.

— Vai mesmo — digo.

Começo o processo de me despir e me vestir e penso de novo na oportunidade de morar em DC, que é onde preciso estar. Preciso parar de buscar a aprovação de mamãe — há momentos em que mal consigo olhar para ela depois do que aconteceu mês passado, e sei que ela sabe disso.

Aplico uma leve camada de base e engrosso as sobrancelhas com um lápis próprio para isso. Enquanto cubro uma pequena espinha com corretivo e o escondo no resto da base, avalio se passo ou não uma ligeira camada de esmalte nas unhas, mas decido que já forcei o suficiente com mamãe hoje. Além disso, não tenho tempo para esperar que sequem.

Antes de descer, me olho no espelho uma última vez. O paletó veste confortavelmente sobre a camisa de estampa indiana — tudo verde e azul com um toque de rosa forte. Minha gravata-borboleta cinza completa o visual, como esperado. Jogo o cabelo para trás uma última vez, e os fios louros caem bem no lugar.

Polido, sério, com um toque de estilo.

A deputada Betty Caudill deve ter menos de um metro e meio de altura, mas comanda uma sala como se fosse a mulher mais alta do mundo. Está no segundo

ano de seu mandato e fez seu nome ao defender uma série de questões nos primeiros meses. A mídia conservadora a rotulou de inconveniente, mas isso logo desapareceu quando todos perceberam que ela estava realmente fazendo as coisas.

Seu início foi basicamente local. Nosso distrito havia sido vermelho durante anos — *gerrymandered*¹ até a morte —, mas ela trouxe uma nova voz, e foi de condado em condado para convencer as pessoas de que tinha a visão certa para Ohio. Mamãe ajudou na campanha dela, foi uma espécie de secretária de imprensa. As pessoas precisavam de alguém que as orientasse enquanto a covid devastava o distrito, então, enquanto o titular em exercício compartilhava fotos no Instagram dele comendo em restaurantes na Flórida, ela pôs a mão na massa.

— Sal, meu rapaz!

Quando desço as escadas, recebo um abraço apertado. Ela é basicamente da família, por isso, parece natural ser esmagado por seus braços. Ela se volta para minha mãe.

— Rachel, que bom vê-la. Trouxe um vinho; é local e não é dos melhores, mas tenho que apoiar os vinhedos de Ohio. Daqui a alguns anos o vinho não será tão doce, foi o que me disseram, e nosso distrito será o novo Napa Valley.

Ela faz uma pausa, e é como se sua fachada se desmanchasse.

— É bom mirar alto.

— Sal — diz mamãe —, pode arrumar a mesa?

Coloco toda a porcelana chinesa chique, taças de cristal, guardanapos de tecido e talheres. Aparentemente, todas as coisas que mamãe e papai colocaram na lista de casamento. Às vezes me pergunto se trazer isso à tona a deixa triste ou se ela gosta de lembrar esse tempo, quando folheava catálogos com papai e escolhiam o estilo exato de garfo que achavam que representava seu novo lar juntos.

É um trabalho monótono, mas sempre há certa satisfação em ver a mesa perfeita e pronta para receber visitas. Enquanto ponho a mesa, penso em Betty, quebrando sua personagem para fazer uma piada sobre o vinho de Ohio. Quando passou pela porta, pude ver desmoronarem os muros que ela construiu para o público. De certa forma, acho que todos nós fazemos isso. Tenho máscaras para meus professores, meus pais, meus amigos. Para todos, ao que parece, menos para Gabe. Quero ser mais eu mesmo quando me mudar para DC, mas será que é possível? Não terei que me apresentar de determinada maneira — menos extravagante, mais sério — lá também?

Sentamos à mesa de jantar, e mamãe traz uma salada em uma tigela de madeira rústica. Não combina com a porcelana chique, mas mamãe define suas próprias regras aqui sobre o que combina, o que é certo.

— Você sempre arruma uma mesa linda — diz Betty. — Há dias em que estou tão exausta que mal consigo abrir o recipiente de plástico da comida para viagem, quanto mais encontrar um prato.

— Obrigado, senhora — digo.

A guarda dela pode estar baixa, mas a minha, com certeza, não está.

— Ainda me chamando de senhora, hein? Mas respeito seu compromisso com

a bajulação. Com um rosto bonito desses e um pouco de polidez, você vai longe. Desde que não deixe ninguém tirar vantagem de você.

Arrepios percorrem minha espinha e dou uma mordidinha na alface. O gosto do tempero atinge meus lábios enquanto me pergunto o que exatamente ela quis dizer.

— Ah, não, não quero preocupá-lo. O programa para estudantes que o senador Wright criou é muito seletivo, muito bem-feito, acho. Normalmente, esperamos que os jovens tenham vinte, 21 anos antes de chamá-los para fazer estágio, e só escolhemos os graduados em ciência política. — Ela olha para mim. — E todos eles chegam com os olhos brilhantes e animados, bebem o verão inteiro, depois saem com quinhentos cartões de visita e nunca mais ouvimos falar deles. Não tem muito envolvimento, sabe?

— Eu estava pensando em estudar ciência política — digo, depois que mamãe me lança um olhar. — Talvez uma segunda especialização em história.

— Estou tentando convencê-lo a fazer a segunda especialização em comunicações — mamãe interrompe. — Relações públicas se aplicam amplamente a todos os campos, nunca se sabe quais oportunidades surgirão.

A deputada olha para nós dois.

— Não tenho saudades dos meus dezesseis anos — diz. — É bom pensar nisso tudo, claro, é necessário. Mas, para ser sincera, sabe o que eu quero ver no futuro da política? Alguém inteligente e educado, claro, mas que tenha paixões fora da política. Você tem que investir nesse campo, mas ele não pode ser tudo. Quero ver músicos ou dramaturgos, geólogos, biólogos, ambientalistas, garçonetes, quem quer que seja. Quero alguém que esteja totalmente inserido no mundo que deseja mudar.

Paro para pensar. Já tivemos conversas sobre carreira e vida antes, claro, mas ela nunca foi tão franca. Eu poderia estudar outra coisa e ainda fazer política? E então, surge uma ideia persistente: eu poderia decidir *não fazer* faculdade?

Mamãe abaixa o garfo; a frustração toma conta de sua expressão.

— Mas a política é a paixão dele; a única, pelo que sei. Ele sempre foi assim. Precisamos focar no que fará seu currículo se destacar; essa experiência de verão certamente vai ajudar.

Quero me opor à ideia de que a política é minha única paixão, mas não posso. Gosto de ler, mas leio biografias políticas ou históricas. Se não puder trabalhar na política, o que poderia fazer? O que eu gostaria de fazer? Não estou dizendo que preciso ser presidente dos Estados Unidos, mas entrar como gaiato me parece irresponsável.

— Gosto das aulas de francês — digo, mas não transmito muita segurança. — É interessante aprender novas línguas, novas culturas e tal.

— Ah, meu querido, vai dar tudo certo. Você é inteligente e obstinado, e se veste bem, e se eu ainda estiver no Congresso quando você terminar a faculdade, saiba que farei de tudo para abrir portas para você. Mas você é muito jovem, Sal, e quero que saiba que, embora história e política sejam importantes, neste mundo conseguir se conectar com as pessoas, ser uma pessoa autêntica, sempre significará

mais que tudo isso.

— Quando estávamos na faculdade — mamãe interrompe, aliviando o clima com um tom atrevido —, tínhamos alguns interesses.

— E falando nisso — diz Betty —, não está na hora de abrir um vinho?

A conversa fica mais leve depois disso. E os temas vão da faculdade aos garotos que namoraram, os erros que cometeram e como tudo parecia importante quando tinham a minha idade.

Minha mente continua vagando para Gabe. Daqui a alguns anos, será que vou considerá-lo um erro? Pensar em nosso relacionamento perfeitamente casual desmoronando em um verão me paralisa agora, mas, no futuro, terá sido só uma brincadeira entre nós?

Isso parece importante. Se ele é o único com quem posso estar com a guarda baixa e nós fracassarmos, quem sobrá? A quem eu recorrerá? Não quero que nosso relacionamento avance mais, e acho que ele também não, mas não estou pronto para seu fim.

— Você ia gostar de meu amigo, Gabe — digo. — Ele é superapaixonado por tudo. Conseguiu um estágio na Save the Trees Foundation, em Boston, e está pronto para ir e salvar o meio ambiente neste verão.

Olhando para cima, vejo o rosto da minha mãe congelar. Percebo que interrompi uma conversa sobre suas primeiras paixões para falar sobre um “amigo”. Vejo pânico em seu rosto sempre que ela tem medo de que as pessoas saibam mais sobre mim.

— Certamente parece uma pessoa que eu gostaria de conhecer! — diz Betty alegremente. — Eu sempre digo que temos as melhores pessoas do país neste distrito, e vejo isso toda vez que visito as escolas da região.

— Mas a sensação é bem diferente quando você *trabalha* na escola — diz mamãe, e cobre a boca.

Ambas começam a rir. Acho que o vinho está a fazendo relaxar um pouco, mas entendo por que ela disse isso. Meus colegas de classe fazem da vida dela um inferno, e até o mês passado, eu a teria apoiado.

— Gabriel é um bom menino. Na verdade, Sal se cercou de um grande grupo de garotos, estão todos entre os melhores alunos da classe.

— Muito impressionante.

Olho meu celular e vejo uma mensagem de Gabe: *Não posso mais fazer as malas. Tirei tudo das minhas paredes e continuo chorando. Sei que tenho que ir, e quero. Mas estou morrendo de medo.*

— Tudo bem, Sal? — pergunta a deputada em tom gentil.

— Nada de celulares à mesa.

Mamãe passa bem depressa de amiga de faculdade bêbada a mãe rígida.

— Relaxe, aposto que há muita coisa acontecendo na vida dele. Vai passar por uma grande mudança. Lembro quando fui fazer um acampamento de verão no ensino médio e não conseguia ficar longe dos meus amigos. Não consegui me concentrar em nada durante toda a semana antes de ir. Conheço bem essa expressão, meu rapaz.

Sorrio. Ela é perspicaz e compreensiva, e provavelmente foi assim que conseguiu seu emprego.

— É meu amigo, aquele que está tentando salvar o mundo. Ele está fazendo as malas e isso está o estressando.

— Coitadinho — diz a deputada, olhando para minha mãe.

— Claro — diz ela. — Bem, não sei se precisamos de sobremesa depois deste vinho, mas tenho uma pavlova no forno que ainda demora um pouco para ficar pronta. Sal, enquanto você lava a louça, poderia ligar para Gabriel. — Ela olha para a deputada. — Os amigos dele sempre o procuram para pedir conselhos e orientações; é muito legal.

Lentamente afasto minha cadeira e me levanto. Sinceramente, não é o caso, mas entendo por que ela pensa isso. Gabe e Heath demonstram suas emoções, mas eu guardo tudo.

Mamãe e a deputada vão para a sala de jantar para terminar a garrafa de vinho, enquanto eu coloco meus fones de ouvido e começo uma ligação com Gabe. A água morna corre por minhas mãos enquanto esfrego os pratos, mas nada fornece aquele calor perfeito de corpo inteiro como quando ele pega o telefone e diz, simplesmente:

— Oi, Sal.

¹ *Gerrymandering* é a divisão de um território em distritos políticos de modo que favoreça um grupo ou partido político. (N. T.)

— De verdade, onde foi que eu fui me meter? — pergunto a Sal pelo telefone, sabendo que não estou em meu melhor momento. — Espere aí, seu jantar acabou? Não pode ser. Nossa, sua mãe vai ficar brava se ouvir você falando comigo. Tudo bem, desligue, desligue...

— Gabe — diz ele, e sinto meus músculos do ombro relaxarem. — Está tudo bem, estou lavando a louça. Ela disse que podíamos conversar uns minutos antes da sobremesa. Elas estão meio bêbadas, falando de lembranças da faculdade. É como se eu estivesse falando com seu pai.

— Caramba — digo, e ele ri.

Meu pai fala sobre a faculdade como se houvesse se formado na Ohio State no ano passado. Ele precisa deixar isso para trás, mas nem eu nem mamãe temos coragem de dizer a ele para parar com isso.

Ouçõ um tilintar — tenho certeza de que é porcelana cara — e barulho de água. Ouvimos um pouco a respiração um do outro, e não sei por onde começar. Mesmo conversando com ele, sinto que preciso de sua orientação.

— Muito bem, vamos aprofundar a questão. O que está te assustando? Faça uma lista.

— O.k., uma lista — repito.

Sal não é a pessoa mais sentimental do mundo, e tenho certeza de que grande parte disso se deve a seu relacionamento com a mãe. É bom, eu sei; há muito amor naquela casa de duas pessoas, e ele tem o tipo de confiança que um garoto gay só consegue sendo criado cercado de apoio enfático e recursos aparentemente infinitos desde o início. Mas não é como se fossem as Gilmore Girls.

Mas a maneira como ele aborda suas emoções sempre me foi útil. Ele é prático e metódico, e adora listas. Heath e eu não somos as pessoas mais organizadas do mundo, ao passo que Reese e Sal dependem de listas e planos para sobreviver. Mas enquanto Reese leva o design artístico a seus diários, Sal é um pouco mais direto. Um calendário, listas, alertas no celular, post-its de todos os tamanhos e cores.

Entendo usar isso no dia a dia, mas usá-lo para seu bem-estar emocional, seus colapsos? Não faz sentido, mas não é um plano ruim. Portanto, listo:

— Vejamos... meus medos são: aeroportos, covid, bagagem extraviada, Boston, colegas de quarto, voluntariado, gente nova... e se não gostarem de mim?

— Seu chefe ou os outros estagiários?

— Todo mundo. Sou uma pessoa fácil de se gostar?

Ele hesita.

— Bem, eu gosto de você.

— Mas não gostava, no começo — digo.

— Isso é verdade. Mas isso foi, tipo, dez anos atrás. E você deu um chilique porque só tínhamos palitinhos de queijo na hora do lanche. Que fique registrado: vou odiar qualquer um que declare em voz alta que não gosta de queijo.

— Então, eu deveria esconder isso; é o que você está dizendo?

Ele ri.

— Não, só não deixe que vejam seus defeitos imediatamente.

Reviro os olhos, mas logo percebo que o que ele está dizendo é verdade. Foi assim que ele conseguiu encarar o ensino médio. Se bem que eu também seria bem cauteloso na escola em relação aos meus defeitos se minha mãe fosse a vice-diretora.

— É um conselho que dá para seguir — digo, apesar de ter defeitos grandes demais para encobrir.

Especialmente quando um grande defeito é, literalmente, uma doença mental. Sei que meu terapeuta ficaria chateado se eu chamasse minha ansiedade de defeito, mas certamente não é um ponto forte.

— Estou brincando, se é que não ficou claro — diz Sal rapidamente, e fico pensando se ele, por acaso, lê mentes. — Você é impecável.

— Ah, claro.

— Sério!

— De volta à minha lista...

Ele me interrompe.

— Esqueça a lista. O que seu terapeuta sempre diz quando você fica sobrecarregado com coisas da escola? “Concentre-se em uma coisa de cada vez, e você conseguirá.” Você sabe que todas essas coisas que está fazendo são muito especiais, né?

— Sei — admito. — Os parques de Boston são enormes, extensos e interconectados, e vai ser muito legal ajudar a arrecadar dinheiro para eles. Acho que posso fazer a diferença.

Ouçó um som do outro lado e sei que meu tempo está acabando.

— Mamãe está me chamando. Você vai ficar bem?

— Claro — digo. — Só precisava conversar. Obrigado, Sal.

— Imagine. Amo você.

Desligamos e, pela primeira vez, acredito nele. Talvez eu seja *impecável*.

iMessage
Reese, Heath

Heath

oooooooo

Reese

Você é muito chato por mensagem, sabia?

O corretor automático é para ajudar, H... por que o desativou???

Heath

you está de mau humor ou pensa sempre isso?

às vezes não sei

Reese

É o que penso sempre, lamento

Heath

Tudo bem, posso digitar normal, se quiser, só vai demorar muito mais.

Reese

Não, não faça isso por mim

Estou sendo esnobe como Sal... desculpe.

Heath

Se o incomoda, eu paro, sério.

Reese

Não, fui um idiota

Heath

Bem, não vou discordar.

Reese

oooo, e aí?

Heath

Agora está me zoando?

Reese

não!!! acabei de desligar o corretor automático

é puro caos

Heath

para mim é legal (emoji batendo palmas)

Reese

O.k., pus de volta, não consigo. Mas falando sério, digite como quiser. Não ligo, só gosto de receber mensagens suas.

Heath

Gosto de receber mensagens suas também.

Não que tivessem que ser perfeitas.

Seguro as quatro pulseiras na mão, tentando ignorar o fato de que duas delas ainda não estão gravadas. Foi muito fácil criar um emblema para Sal: a gravata-borboleta verde que tanto representa a forma como ele se apresenta ao mundo; quem ele quer ser e quem será neste verão. Confiante, chamativo, preciso.

O de Gabe faz total sentido. Uma árvore jovem, algo com muito potencial, mas ainda delicado. Ele não sabe bem quem quer ser, mas continua crescendo, na esperança de descobrir um dia.

Bato a ponta de trás do meu lápis na minha agenda. O lado esquerdo tem uma lista concisa de tarefas diárias. Organizada e direta, e não há nada mais satisfatório que riscar coisas da lista.

Não sei como sobreviveria sem a lista de tarefas diárias, mas o lado direito é igualmente necessário. Um diário clássico, com ilustrações meticulosas ao lado de citações com as quais me identifiquei naquele dia. De certa forma, é meu diário e também minha agenda, e em algum lugar entre esses dois lados da página está minha vida.

Afasto-me um pouco e olho uma ilustração do Louvre que estou tentando terminar antes do fim da semana, antes de virar essa página e pisar na França pela primeira vez. Acabo me distraíndo e começo a esboçar as pulseiras em outro canto. Do jeito que está, os quatro pontos que formam um quadrado se encaixam perfeitamente dentro da primeira gravura que desenhei, e me vejo nela.

Pego meu gravador e respiro fundo. A gravura azul me encara, e acho que acabo de me deparar com uma representação de mim mesmo que me parece certa. Um pedaço vazio do diário com *bullets* que formam um quadrado perfeito, pronto para ser preenchido.

Ligo o aparelho e gravo quatro pontos, formando um quadrado perfeito no centro do pingente. O quadrado está vazio e cheio de potencial, e isso me sinaliza que tenho muitos dias pela frente. A oportunidade artística do design emparelhado com a estrutura dos *bullets* tem um ajuste perfeito, e ignoro o impulso de colocar a pulseira imediatamente.

O cheiro metálico se dissipa no quarto, e fico com três pingentes gravados e um vazio. É quase uma ironia ver com que facilidade tantos me vieram à mente, mas o daquele a quem realmente quero impressionar, o que eu mais quero que seja significativo, continua vazio.

Então, faço uma lista.

O que o pingente de Heath precisa dizer:

1. Você tem interesses variados. Encontra tempo para esportes e um emprego de meio período, estuda mais que qualquer um de nós e sempre, sempre, arranja tempo para mim.
2. Você é o único de nós que está sendo forçado a viajar no verão, mas sei que seu verão será especial.
3. Mesmo que não seja, estaremos aqui quando você voltar. Todos nós. Especialmente eu.
4. Você é muito importante para mim.

Sublinho distraidamente o tópico número quatro. De novo e de novo e de novo.

É por isso que é impossível escolher. Vou dizer que o amo com isso. Talvez não com essas palavras exatas... ou talvez sim. Que mal há nisso, afinal? Se ele não sentir o mesmo, posso passar o verão superando, e começarei meu último ano como um cara novo em folha. É um plano impecável, na verdade.

Suspiro e olho para o teto.

Isso seria impossível.

“Estou fazendo as malas”, digito no grupo quando Gabriel faz o check-in para ver o que estamos fazendo.

Tento ser casual, e espero que eles deixem passar. Enquanto todos arrumam as malas para a viagem, eu encaixoto toda minha vida, visto que há a chance de papai conseguir vender a casa neste verão. Empilhei as últimas caixas no canto do meu quarto; fiquei com pouca coisa. Coloquei na mala roupas suficientes para trabalhar durante o verão — principalmente camisetas, camisas e shorts, e vários chinelos.

Já que vou morar na praia durante todo o verão, vou me adaptar. Semana que vem, estarei usando uma regata pintada e um colar de dentes de tubarão, e os óculos de sol na parte de trás da cabeça. Estou totalmente comprometido com essa nova vida.

Mas eu me pergunto se realmente preciso dizer adeus à antiga. Desmontei minha cama da IKEA, está toda empilhada em um canto; deixei só o colchão no chão para poder dormir esta noite e entrar no carro amanhã de manhã. E sei que é possível que esta casa não seja mais minha quando eu voltar, mas isso está muito além de minha compreensão agora.

Estou sozinho hoje, meus pais tiveram uma reunião com seus advogados do divórcio na cidade, então, fico andando pela casa uma última vez. O quarto de meus pais, o de hóspedes, e quando desço a escada, saio pela porta dos fundos e vou para nosso amplo quintal. Vejo vislumbres de meu passado. Mesmo que não nos mudemos, este lugar nunca mais será o mesmo.

Havia um balanço bem aqui, penso, quando vou até um trecho de grama morta. E aprendi a jogar beisebol aqui. Papai e eu ficávamos horas treinando meu swing ou aperfeiçoando minha bola curva. Quando ficava bem tarde, morcegos voavam ao nosso redor enquanto as estrelas pontilhavam o céu. Quando jogávamos a bola no momento certo, os morcegos a captavam com sua ecolocalização e a seguiam enquanto ela caía. Sempre achei isso legal.

Estou sentado sobre o porta-malas e penso em ir ao campo mais cedo, mas algo me mantém preso a este lugar. E se, quando eu voltar, alguém for o dono daqui? Papai e eu poderíamos estar morando em um daqueles apartamentos na rua principal, fingindo que está tudo bem. Seria bom, acho, mas não a mesma coisa. Especialmente sem mamãe lá.

Penso de novo na família de Reese e não consigo evitar a inveja.

Onde eu me encaixo? Onde está minha família? Talvez eu encontre o que procuro em Daytona.

Meu telefone vibra, e vejo que Gabriel já guardou nossos lugares de sempre no

campo de beisebol. Dou risada de pensar que Reese vai ficar chocado por Gabriel ter chegado lá primeiro. Nisso, Reese me manda uma mensagem: “Oi, estou pronto, pode vir me buscar quando quiser”.

Pensando bem, talvez quando eu voltar encontre minha família aqui esperando por mim.

Chego à casa de Gabe e, quando a porta se abre, pulo para trás, surpreso, quando Katie assoma a cabeça, e nós dois rimos. Não vejo a irmã dele desde que ela começou a faculdade, no outono; agora reparei nisso. Mas vejo vislumbres de sua vida nas redes sociais ou nos *stories* de Gabe.

— Oi, Sal! Como você está? — pergunta ela, com um tom doce, mas cauteloso. — Está preparado para ir a DC? Sei que é estressante.

— É — digo —, mas estou preparado. Acho que será bom sair um pouco daqui e ver como vai ser a vida depois que eu me formar.

Ela suspira e abre um sorriso.

— É. Você vai se divertir muito na faculdade. Já sabe aonde vai?

A pergunta me paralisa dessa vez e não sei como responder. As frases que uso para responder normalmente não parecem minhas, e isso é porque não são: fico apenas repetindo o que minha mãe diz.

É como se houvesse um sussurro dentro de mim que não consigo soltar, que vem crescendo desde que vi minha mãe apertar a mão daquele homofóbico na formatura.

— Não sei se quero fazer faculdade — digo. — Estou meio perdido.

Ela me lança um olhar interrogativo, e a dor da vulnerabilidade me atinge como um soco no estômago. Tento disfarçar.

— Não falei direito. É que ainda não sei o que quero fazer, mas espero que este verão esclareça isso. Não diga a Gabe que eu disse isso.

— Não, claro. Aposto que você sabe que eu não gostava da faculdade quando comecei. Fiquei deprimida porque a faculdade não era tudo que eu esperava, tudo que meu pai, obcecado, me disse para esperar dela. Fiquei mal durante um tempo, mas acabei encontrando minha turma. Não diga isso a meu pai — ela sussurra —, mas faculdade *não é* para todos. Uma amiga minha desistiu este ano e nunca esteve tão feliz. Cada um sabe de si.

Respiro um pouco mais fácil depois dessas palavras. Escolhi um momento terrível para dizer isso em voz alta pela primeira vez, mas pelo menos não foi para ninguém importante. Minha mãe teria um ataque cardíaco, até Gabe e os outros rapazes ficariam confusos. Ter controle sobre tudo é basicamente minha marca registrada; e por acaso eu poderia não fazer faculdade?

Deve ser só uma fase, um receio momentâneo de decidir sobre quatro anos de minha vida.

Ela limpa a garganta.

— Bem, Gabriel já saiu. Mamãe mandou praticamente todos os *snacks* da casa com ele.

— Ah, tudo bem. Achei que ele estaria aqui. Posso sair pela porta dos fundos?

Ela me deixa entrar e rapidamente atravesso a casa sem ser notado por seus pais. É evidente que não posso mais confiar em minha própria boca, por isso, é melhor seguir em frente antes de dizer a mais pessoas que não tenho meu futuro tão definido quanto todos pensam.

A casa de Gabe fica nos fundos do campo de beisebol de nossa escola. Há uma cerca, mas está sempre destrancada. Quando passo pelo portão, vejo que ele foi o primeiro a chegar. Estendeu um lençol sobre uma parte da areia e se apossou de um dos cantos.

O cheiro de grama recém-cortada e terra assalta meu nariz quando me aproximo; é um daqueles aromas perfeitos de Ohio de que talvez eu sinta falta quando estiver fora. Mas acho que há grama e terra em DC, portanto, talvez eu esteja sendo sentimental.

— Justo nós, que sempre atrasamos, chegamos primeiro — digo em tom de deboche.

Sento-me em frente a ele e inspeciono os salgadinhos — mix de castanhas, biscoitos com cobertura, pão pita e homus, e uma sacola que deve ter mais coisas dentro.

— Está com fome? Mamãe me deu comida suficiente para a escola inteira.

— Estou vendo — digo.

Ele está longe de mim, mas sinto vontade de diminuir a distância e beijá-lo.

Mas essa é uma espécie de tradição entre nós. Nós quatro fazemos isso. Cada um se senta em um dos quatro cantos do lençol. Começamos a fazer isso quando a covid passou por aqui e tínhamos que ficar a um metro e meio de distância quando saíamos. Assim, a gente tirava as máscaras e conversava pessoalmente, compartilhando lanchinhos, mas cada um em seu canto.

— Acho legal ainda fazermos isso — digo. — É como um piquenique, agora.

— Acho legal que todos nós tenhamos superado isso — responde ele. — Foi assustador. Ainda é, um pouco.

Solto uma risada seca.

— Tudo é assustador.

— Não para você — diz Gabe. — Meu Deus, como eu gostaria de ter um pouco de sua confiança agora! Como posso me sentir tão empolgado por algo e tão aterrorizado ao mesmo tempo?

— Até parece que você acha que não posso estar confiante e com medo ao mesmo tempo. Somos humanos, capazes de todos os tipos de emoções juntas. — Minhas palavras não estão saindo direito, mas eu as deixo ir. — O que quero dizer é que essas emoções não são opostas. Ter medo é *normal*. Não sei quantas vezes já disse isso.

Um silêncio constrangedor se impõe entre nós, e evito olhá-lo nos olhos, fingindo encontrar algo realmente cativante na sola dos meus sapatos. Ele não fala nada; é *claro* que ele não fala.

Está preso dentro de sua mente; e eu só preciso que ele, pelo menos uma vez, olhe para fora.

Mas ele não olha, então eu continuo.

— Não sei o que você quer que eu diga. Não posso incentivá-lo mais. Se eu continuar fazendo isso, você não vai dar conta quando estiver sozinho.

— Palavras duras — diz ele, e imediatamente sinto uma pontada de arrependimento.

— Desculpe — respiro fundo. — Fui injusto. Acho que estou com medo também e não sei o que fazer.

Ele olha atrás de mim, e imagino que Heath e Reese devem estar se aproximando. Construo muros ao meu redor de novo e sinto a confiança, ou algo parecido, tomar meu corpo. Puxo os ombros para trás e abro um sorriso. Eu tenho esse talento, *sempre* tive.

Este verão está me tirando do sério. Mas sei que me sentirei muito melhor quando estiver lá, bem-vestido e desfilando no Capitólio.

— Do que estão falando? — pergunta Heath, pousando sua grande mão em meu ombro e apertando de leve.

A *vibe* muda quando chegamos; acho que acabamos de interromper uma briga de casal. Enquanto Heath ameniza o clima com seu charme natural (ou feliz inconsciência), coloco a caixa de pulseiras no meio do lençol.

— Na verdade — diz Sal, olhando para a caixa —, eu estava dizendo a Gabe que Reese tem presentes para nós.

Meu rosto fica quente. O problema é que são só pulseiras, nada extravagante, nada especial. Conheço esses garotos há tempo suficiente para saber quando não gostam de algo que lhes dou, e tenho a nítida sensação de que ficaria arrasado se um deles não ficasse impressionado com a pulseira ou a gravação.

Ou melhor, um deles, especificamente.

Percebo que estão esperando que eu diga alguma coisa ou abra a caixa. Faço isso lentamente, e vejo as quatro pulseiras de cobre. O pingente de Heath me encara e a hesitação toma conta de mim.

Coloquei meus sentimentos não declarados nessas pulseiras e, agora, vou entregá-las a eles. Desse jeito, parece que estou mostrando como me sinto.

— Uau! O que é isso? — pergunta Heath.

— Eu fiz para nós. Desde que começamos a maratona *RuPaul's Drag Race* e *Project Runway*, fiquei com vontade de desenhar roupas ou joias, então, tive a ideia de fazer essas pulseiras de cobre.

Respiro lenta e profundamente, saboreando o último momento em que esse projeto é só meu. Então, como se arranca um band-aid, pego o meu. Heath e Gabriel instintivamente se arrastam para ver o que é.

— Que demais, Reese! — Heath diz, pegando uma, e vejo um lampejo de alegria e admiração iluminar seu rosto. — Como você pintou isso? Esse azul é muito legal.

— Caramba — diz Gabriel —, parece da Etsy. O que lhe deu para querer fazer pulseiras?

— Tentei pensar em algo que todos nós pudéssemos usar, que combinasse praticamente com qualquer roupa, fosse na praia ou no Capitólio. Algo que eu pudesse personalizar também. Fiz uma para cada um, cada uma de uma cor diferente e com uma gravação diferente.

Coloco a minha no pulso e o pingente azul vira, de modo que os quatro pontos me encaram. Isso me provoca certa melancolia; vejo os pontos embaçados e minha cabeça gira.

— Tenho uma ideia — digo. — Lembram quando jogamos verdade ou desafio em nossa primeira festa do pijama, séculos atrás? E como ninguém quis arriscar, acabou virando um monte de confissões?

Heath bufa.

— No final da noite, estávamos todos listando nossos maiores medos. Foi assim que descobrimos que Sal tinha medo de ketchup.

— Eu não tenho medo de ketchup! — Sal cruza os braços enquanto todos rimos. — *Não mais.*

Olho para cada um deles recordando a lista de medos: tornados, fogo, aranhas, mas não lembro qual medo pertencia a qual pessoa.

— Vamos fazer isso agora? — pergunto. — Vamos tirar do peito todos os nossos medos sobre este verão.

— Como você acabou de colocar sua pulseira — comenta Sal, apontando para mim —, a palavra é sua. O que está preocupando sua cabeça?

Imediatamente, penso que o voo internacional de amanhã será avassalador, mas uma parte de mim está animada e pronta para isso. O que vai acontecer depois é o que me estressa mais.

— Foi tudo muito rápido — digo. — Meu orientador de design gráfico comentou sobre o curso, mami imediatamente se apaixonou por ele, e quando me dei conta, estava preenchendo um formulário, fui aceito e as passagens estavam compradas. — Faço uma pausa e tento não olhar nos olhos de ninguém. — Não posso reclamar de ir para a França, eu sei disso; estou animado. Mas quando estava tentando listar minhas metas para o verão em meu diário, não consegui pensar em nada. Amo design gráfico, mas preciso ir à França para isso? Comparado com minha maneira de ser na escola, estar sem metas é novidade para mim.

Heath ri.

— Nem toda experiência tem que ter uma lista de objetivos, sabia?

— Ou talvez você possa escolher algo amplo — diz Gabriel. — Tipo, sei lá, “Meu objetivo é me divertir”.

— Uia, ou comer muitos doces franceses — acrescenta Heath.

A conversa fica suspensa um pouco, e é quando travo os olhos nos de Sal. Quando o tema é esse, normalmente estamos no mesmo comprimento de onda. De certa forma... eu planejo meus dias ao máximo, mas não sei como será meu futuro. Sal tem metas exatas para os próximos dez anos de sua vida, mas não sabe o que está fazendo no dia a dia.

— Eu acho que sua meta deveria ser passar o verão tentando descobrir seus objetivos — diz ele, por fim. — Sim, parece tão clichê passar um verão na Europa para *se encontrar*, mas é o que você está fazendo, não é? Os clichês têm sua razão de ser.

— Meu diário cheio de planos, sonhos e projetos já é bastante rico — digo. — Acha mesmo que eu deveria escrever “encontrar-me”?

Sal se arrasta até mim e tira meu diário da minha bolsa.

— Absolutamente. Mostre seu preciosismo, deixe-nos enjoados com seu idealismo.

Os outros riem, mas admito para mim mesmo que não é exatamente um mau conselho. Abro a página “Metas de verão”, que afora algumas ilustrações nas

laterais, está completamente vazia.

Faço algumas anotações e fecho o diário com uma sensação de conclusão. Meu único objetivo nessa viagem será descobrir meus objetivos.

— Se há uma coisa que Paris tem em excesso é inspiração, não é? Eu vou descobrir. Obrigado, rapazes.

Olho para Heath e ele me dá um leve sorriso. Na verdade, tenho mais um medo que não digo: estarei a mais de sete mil quilômetros de Daytona Beach. E isso dói.

Mas afasto esse pensamento e tiro uma pulseira qualquer da caixa.

— Muito bem, vamos ver quem é o próximo.

Quando ele puxa a pulseira, eu estreito os olhos, procurando o verde familiar. Não gosto de compartilhar meus sentimentos nesta pseudossessão de terapia de grupo, mas gosto de saber que não sou o único que está apreensivo com a mudança.

Reese acha que não tem um objetivo. Eu não me identifico com isso, pelo contrário. Minha preocupação é ter objetivos demais para um curto período em DC. Meu cérebro entra em ação, tentando encontrar o melhor “medo” para revelar aqui.

Mas quando vejo um flash de vermelho no pingente, suspiro. Gabe parece saber que é para ele mesmo sem Reese dizer nada, e quando vejo um sorriso surgir em seu rosto, fico aliviado.

Heath se inclina para ver a gravação.

— Um galho?

— Uma muda — responde Gabe, rindo.

Reese interrompe.

— Então, em cada um gravei algo pessoal. Não tentem achar nada muito profundo, é apenas algo que me lembra cada um.

Dou-lhe um olhar penetrante, porque *sei* que há muito significado em cada pulseira. Talvez ele tenha conseguido encontrar a imagem perfeita para Heath, afinal.

— Nossa, parece uma terapia — diz Gabe, por fim, antes de citar os medos que eu conheço graças a nossas conversas desta semana.

Uma cidade grande, aviões lotados, uma descrição pouco clara do trabalho etc. Mas seu tom muda ligeiramente. Fica mais suave, mais vulnerável, tanto que me sinto atraído pela força das palavras dele.

— Vou sentir falta de vocês. Temos nosso grupo, e podemos nos falar pelo FaceTime, mas não será a mesma coisa. E vou sentir falta disso aqui — diz, apontando para o nosso piquenique. — Este é nosso último verão e estaremos a milhares de quilômetros de distância um do outro.

Esse é um medo novo. E acho que todos nós o estamos sentindo agora.

— É isso — diz ele.

Eu sei que há mais preocupação no cérebro dele, mas deixamos para lá. Nesse intervalo, mexo no celular, só o tempo suficiente para mandar um emoji de coração para Gabe. Reese limpa a garganta, e vejo que ele pegou a pulseira seguinte: a minha.

— Esta é sua, Sal.

Reese a joga para mim e eu a coloco imediatamente. Fica ainda mais

espetacular à luz do sol.

— O que é que mais o assusta?

— Posso escolher “ousar”? — pergunto, mas ele revira os olhos.

Posso dizer a eles que não sei se quero fazer faculdade? Se eu não fizer, então, para que diabos tudo isso? Notas quase perfeitas, noites sem dormir, horas e horas gastas em projetos e estudos, anotações e redações. Foi tudo para entrar em uma boa faculdade, não foi?

— Sal? — pergunta Gabe, mas eu ainda não sei o que dizer.

Todos os meus medos ensaiados somem de minha cabeça.

Decido que não posso falar sobre isso com eles. E se for só uma fase esquisita e meu cérebro estiver confuso? E se eles não me levarem a sério e eu acabar mudando de ideia, provando que eles estavam certos?

Presidente do conselho estudantil, sociedade de honra ao mérito, conselheiro de colegas. Há muitas coisas que podemos fazer para nos destacar em nossa pequena escola. E se eles ficarem ressentidos por eu ocupar tantos cargos e tirar oportunidades deles?

Limpo a garganta:

— Acho que tenho medo de causar uma má impressão.

— Não quero desmerecer seu medo — diz Heath —, mas tem certeza de que é isso? Você sempre causa uma boa primeira impressão. É seu talento.

Eleinge ajeitar uma gravata-borboleta para enfatizar suas palavras.

Gabe estreita os olhos.

— Concordo, há algo mais aí.

— Você está... virando republicano? — brinca Reese, e eu olho para ele.

Rio, quebrando a tensão.

— Não! Posso dizer com segurança que não inverti meus valores nas últimas 24 horas.

— Mas algo aconteceu, não é?

Gabe me olha duro quando diz isso, e tenho que me esforçar para não desviar o olhar. Não sei o que meu rosto está demonstrando.

Tudo? Provavelmente.

Mas não estou pronto.

— Não aconteceu nada — reviro os olhos, dramático, disfarçando a estranha tensão que vibra por todo meu corpo.

Quero falar livremente sobre meus medos e as pressões que estou sofrendo, mas também quero guardar tudo só para mim e resolver eu mesmo.

— Vou rapidinho no banheiro — digo. — Alguém precisa de alguma coisa de dentro?

— Vou levar algumas coisas para dentro — diz Gabe. — Depois de ouvir os medos mais profundos e sombrios de Heath, vamos embora.

No caminho, sinto os olhos de Gabe em mim. Mas ele não pergunta nada, e isso me faz me sentir melhor. Pousa a mão em meu ombro quando chegamos à entrada de seu quintal.

— Está tudo bem, de verdade — digo. — Vou fazer esse estágio em DC, assim

como você vai fazer seu voluntariado em Boston. Vai ser um bom verão, eu sei disso.

— Vai, sim — diz ele.

Ainda não sei direito o que está acontecendo em minha cabeça, mas sei de uma coisa: não preciso da ajuda deles.

Os dois entraram, mas ainda estamos sentados um de frente para o outro. É longe demais para nós, e quero me aproximar. Se isso parece distante, como vamos aguentar ficar em continentes diferentes?

Reese joga a pulseira em minha direção, e quando ela cai na grama perto de mim, abandono meus pensamentos.

— Finalmente! — digo, com uma pontinha de riso na voz. — Toda vez que você pegava uma, eu torcia para que fosse a minha.

— Está tão ansioso assim para confessar suas preocupações?

— Ah, não! Não quero que vocês se preocupem comigo.

Observo o pingente de cobre pintado de amarelo. Há uma chama gravada nele. Não, é mais que uma chama; está acesa na parte inferior e há troncos bloqueando a subida do fogo.

— Quer saber algo que me preocupa? — pergunta Reese. — Que não contei aos outros? Há um significado mais profundo em todos esses pingentes. Achei estranho dizer isso aos outros, mas, por mais bobas que sejam essas pulseiras, significam muito para mim.

Eu a coloco em volta de meu pulso e o brilho do fogo reflete em mim. Sei que deve significar muito, mas fico imaginando que mensagem ele está querendo me passar.

— Gostei do duplo sentido — digo. — A arvorezinha de Gabriel porque ele vai salvar e plantar árvores neste verão, mas também porque ele é uma muda ainda. A gravata-borboleta de Sal porque ele adora, mas também pela perfeição com que ele tenta se apresentar ao mundo, a ponto de não pode contar para *nós* o que o está incomodando, com medo de cair em nosso conceito. Seus pontinhos, esses *bullets*, porque você adora planejar sua vida com esses diários; mas, neste verão, esses pontos não estão preenchidos.

— Merda — diz ele —, você captou tudo isso?

— Eu revisei quase todos os ensaios de inglês que você já escreveu — digo, rindo. — Você procura complexidade em tudo. Tentei ser mais analítico, mas tudo o que você diz e faz sempre tem mais camadas, múltiplos significados. De modo que estou meio perplexo com este.

Reese fica vermelho.

— Não é a figura que você teria escolhido?

— Não; sinceramente, pensei que seria só uma caminhonete, capturando meu amor por aquela porcaria, mas também dando a sensação de movimento, de ir a algum lugar. Mas isso aqui é uma fogueira.

— Isso. Você é o único que sabe fazer uma fogueira de verdade. Eu queria

mostrar que sua fogueira sempre nos unirá. Tenho a sensação de que acha que todos nós estamos seguindo em frente sem você, mas isso não é verdade. Você é o fogo de nosso grupo. Você nos mantém juntos.

Meu coração se aquece diante de suas palavras, tanto que me levanto e dou alguns passos para lhe dar um abraço apertado. O alto de sua cabeça está logo abaixo de meu queixo, e percebo como seria fácil dar um beijo na sua testa.

— E também tem um significado especial para mim, pessoalmente — diz ele. — Você mandou aquela fogueira depois que aquele babaca fez aquilo comigo e com Sal. Nenhum de nós queria sair do quarto, mas você mandou aquela foto da pilha gigante de lenha no grupo e disse...

— Vamos pôr fogo nessa merda toda — digo, dou risada e o aperto menos.

Ele olha para mim, embora ainda estejamos levemente enredados em um abraço.

— Quando vejo você, vejo fogo — diz ele. — Não uma vela bruxuleante, mas esta enorme, quente, linda...

Ele para e se afasta de mim ligeiramente. Como se houvesse falado demais.

Já li esses sinais antes, mas acho que ele não sabe como o fogo pode ser destrutivo se não for contido. Se está pedindo algo — coisa que não creio —, ele não sabe o risco que corre.

Sim, meu fogo talvez seja o que une nosso grupo, mas eu poderia facilmente ser aquele que os atrasa. Além disso, todas as fogueiras se apagam, um dia.

— Heath, é sua vez — diz Sal quando ele e Gabriel finalmente voltam. — E depois disso, vamos combinar de não surtar mais hoje. É o nosso último dia, e temos que aproveitar ao máximo. Não vou deixar vocês estragarem nosso último jantar e filme no drive-in.

Ele sorri, mostrando que está brincando. Mas eu sei que não está.

Colocamos nossas mantas na mochila e vamos para a caminhonete de Heath, esperando pacientemente que ele fale.

— Estou meio entorpecido — diz ele.

Nuvens passam sobre o sol, lançando uma sombra sobre a calçada de Gabriel.

— Não parece real. Essa coisa de “divórcio em andamento” dos meus pais, meu pai tentando vender a casa... estou tentando ser positivo, mas... e se ele realmente vender? Nunca mais vou pôr os pés no meu quintal. E além disso, como minha mãe vai se mudar para o Novo México com aquele cara semana que vem, eu me preocupo por meu pai ter que fazer tudo sozinho.

Todos os problemas de Heath parecem tão adultos!

Passa uma brisa particularmente forte, e eu estremeço. Será que Paris tem um clima mais consistente que Ohio? Uma onda de calor na segunda e na terça, e temperaturas caindo para dez graus na sexta.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Pare de se preocupar comigo e com todos nós! Estamos focando em você agora — reviro os olhos e jogo minha mochila na traseira da caminhonete.

— Mas não quero ser o foco.

Ele diz isso baixinho, o que me corta o coração. Fica mastigando um dos cordões de seu moletom da Universidade Vanderbilt. Fecha a porta traseira e nós quatro entramos na caminhonete.

— É só um verão — diz ele. — O ano que vem será diferente para mim, claro, mas seremos veteranos, vai ser legal. E até estou meio animado para sair daqui, um pouco.

Heath tira seu moletom, e eu finjo não ver sua barriga nua e os tufos de pelos claros no peito quando sua camiseta sobe. Ele me entrega o blusão; quero recusar, mas com meu short curto e regata não estou preparado para essa queda repentina de temperatura.

Quando o passo pela cabeça, o cheiro dele enche minhas narinas e seu calor irradia em mim. Puxo o capuz e olho para ele. Heath está sorrindo; meu peito vibra de emoção, acho que vou explodir.

Eu preciso parar de comparar o que temos (seja lá o que for) com o que Gabriel e Sal têm (seja lá o que for). Sim, eu gostaria de sentir seu braço em volta

de mim, mas estou cercado por ele agora. E é tudo que eu posso querer.

— Obrigado — digo.

Mas torço para que ele veja o duplo sentido, a camada oculta que diz: *Amo você.*

Já é tarde quando Heath nos deixa na casa de Gabe. Apesar de minhas exigências de só nos divertirmos durante nosso último *tour-de-Gracemont*, tudo foi meio estranho.

É difícil capturar a emoção deste momento. Todos nós partimos amanhã, e acho que aceitamos isso. Tenho o incômodo pensamento de que algo assim não deveria ser tão importante, mas é.

Passar a vida em Gracemont é uma bênção e uma maldição. Todo mundo quer o melhor para si, mas sempre fica óbvio que ninguém sabe o que é “melhor”. No ensino fundamental, o pessoal vive dizendo que quer ser médico e astronauta, e enquanto cresce, vai ouvindo tanto que não é possível que começa a acreditar.

E realmente, é verdade. Mamãe sempre ganhou bem e aplicou dinheiro, mas os pais de Heath muitas vezes correram o risco de perder a casa por causa de uma conta de hospital ou outra emergência qualquer. Não temos orientação vocacional na Gracemont High, e a oradora do ano passado não conseguiu nem entrar na lista de espera da Duke.

Heath só pensa na Vanderbilt há anos. Reese pode até se candidatar a uma faculdade da Ivy League, só para ver o que dizem. Gabriel parece que vai fazer faculdade pública. E eu? Não sei. Trabalhei muito para desafiar minhas circunstâncias, mas sou o mais privilegiado do grupo. Tenho contatos, eu diria, que ninguém mais tem. E mesmo assim, não sei se é suficiente.

Quero entrar na política, mas me parece muito injusto que eu precise gastar cem mil dólares e perder quatro anos da minha vida para ter uma chance.

Estou encostado em meu carro e os outros rapazes formam um semicírculo ao meu redor.

— Então, é isso, não é? — digo.

Gabe suspira.

— Parece um último episódio.

— De final de temporada — corrige Reese.

— Nós vamos voltar — diz Heath, com determinação na voz.

Gabe e eu damos abraços nos outros rapazes e, de repente, estamos todos envolvidos em um abraço grupal. É um adeus pesado, mas sinto esperança; e talvez os outros sintam também. Não há lágrimas quando nos separamos, mas fico impressionado com uma clara ausência de calor quando Heath e Reese sobem na caminhonete e vão embora lentamente.

Somos só eu e Gabe, e percebo que esse adeus vai ser muito mais difícil. Queria entrar e passar a noite com ele, mas nós dois partimos tão cedo amanhã que com certeza seríamos pegos.

Penso que isso é bom para nós, porque preciso *realmente* pensar assim agora.

— Pegue um ônibus e vá me visitar — diz Gabe. — Dê-me um mês e prometo que vou conhecer Boston inteira. Vamos fazer um tour pela cidade, e você pode ficar comigo quando quiser.

Sorrio.

— Estamos indo mesmo — digo.

Até que me sinto fortalecido, e espero que essa energia dure pelos próximos três meses.

— Eu vou salvar o mundo, depois você pode liderá-lo.

— Tudo em um estágio de verão — respondo. — Parece factível.

Ele ri e se aproxima. Coloco a mão em seu quadril quando ele cola em mim, levemente, só o suficiente para meu corpo e o dele se tornarem um.

Eu o beijo. Lentamente, a princípio, depois com intensidade cada vez maior. Não é uma pegação apressada; é direcionada. É com essa intenção que chega um momento em que me pergunto se um dia serei capaz de parar.

Gabe afasta os lábios, e os meus queimam de roçar em sua barba. Ele encaixa a cabeça em um ponto particularmente sensível entre meu pescoço e ombro.

— Não acredito que tenho que me despedir de você — diz.

— Só por três meses — digo. — Estaremos juntos de novo antes que você perceba.

Ele me olha nos olhos um, dois, três segundos, e então sacode a cabeça levemente.

— Algo me diz que nada mais será igual depois que houvermos visto o mundo. Depois de termos tido uma amostrinha do que vem depois da formatura.

Não respondo.

Não posso, porque, de alguma forma, concordo.

Golden Boys
Reese, Gabriel, Heath, Sal

Reese

Pousei.

Há 185 mensagens, não vou rolar para cima de jeito nenhum para ver o que todos vocês disseram. O voo foi longo demais, e um bebê chorou umas seis horas seguidas. Mas dane-se. Sobrevivi e sou oficialmente francês!

Estou esperando o ônibus que vem nos buscar no aeroporto. É tudo estranho... todas as placas estão em francês e quase ninguém no aeroporto fala inglês; faz sentido, mas tipo... definitivamente, não estou mais em Gracemont.

Como está todo mundo?

Sal

O voo foi rápido e tranquilo. Cheguei ao apartamento hoje cedo e andei por aí à tarde. R, a maioria das mensagens são selfies minhas em todos os monumentos daqui; é melhor você ver.

Gabriel

Boston é demais

Sal

Já desfiz as malas, tudo parece legítimo. Estou em um apartamento, com um colega de quarto! Que é cinco anos mais velho que eu e também está achando esquisito!

Gabriel

Estou escondido em meu dormitório

Sal

A orientação começa em alguns dias. Estou meio nervoso, mas aqui é demais. Sei lá, estou animado, galera

Gabriel

Amantes de árvores por todos os lados

Reese

Bem, meu ônibus chegou. Só poderei conversar quando tiver wi-fi, mas é supertarde aqui, só vou descobrir isso amanhã. Saudades de vocês.

Sal

Heath deixou mensagem há pouco, ainda tem chão pela frente

Reese

Entendi.

Gabriel

Saudades de vocês também

FaceTime logo?

Reese

Vou abrir um google doc para colocarmos nossas agendas nele

Sal

Que surpresa...

Heath

Hahahahaha

Recebo notificações assim que envio a mensagem: Gabriel e Reese brigando comigo por digitar enquanto dirijo. Coloco um emoji de positivo nas mensagens preocupadas deles, mas as ignoro. Parece que eles não entendem que nesta última hora o trânsito está totalmente parado. Mas pelo menos eles se preocupam.

Em grande parte, foi uma viagem sem intercorrências, mas estou *acabado*. A estrada de Gracemont a Daytona é quase uma linha reta, de alto a baixo do país. Até Ohio, quase morri de tédio. Em West Virginia, Virginia e as Carolinas, havia algumas estradas sinuosas e colinas, o que foi um pouco mais interessante.

A viagem pelos Apalaches foi uma experiência especial. Eu achava que em Gracemont éramos todos camponeses, mas então, vi pessoas e cabanas nas colinas, com seus próprios cemitérios no quintal de casa e pensei... é, talvez não sejamos assim.

Parece que passei horas na Flórida. Depois de Jacksonville, é um tiro só pela costa até Daytona Beach. Voei pela estrada por um tempo, mas, de repente, congestionamento. Trânsito parado no sol tão quente que provoca umas ondas na calçada e no capô da minha caminhonete. Lojas à beira-mar pontilham a rua, além de uns postos de combustível decadentes, lojas de autopeças, tabacarias, lojas de bebidas e *fast-food*.

Basicamente, é uma Ohio mais quente.

O sol está queimando, tanto que meu braço arde toda vez que o apoio para fora da janela. Minha caminhonete fez maravilhas nesta viagem (a principal maravilha é que não desmoronou na beira da estrada), mas noto que está começando a sofrer. Fico olhando para o medidor de temperatura, que tem subido constantemente na última hora; o termômetro entrou oficialmente no vermelho. Cacete!

Isso já aconteceu algumas vezes em Ohio, quando a umidade e o sol se juntavam para judiar de minha caminhonete. Quando isso acontecia, eu geralmente desviava das estradas rurais cheias de fazendas e pegava as mais arborizadas, e deixava a sombra fazer seu trabalho. Mas não vejo uma árvore desde a Geórgia, portanto, não tenho esse luxo aqui.

Deus, preciso de uma caminhonete nova, que não me faça quase ter um ataque cardíaco toda hora.

Sinto um frio na barriga só de pensar em quebrar aqui, tão perto de meu destino. Tento não pensar nisso, mas está me incomodando, especialmente agora que a luz do motor acabou de acender.

Estou em uma estrada de mão dupla, com muito trânsito, mas me lembro: não estou preso aqui. Sempre há uma solução, sempre há uma saída. Limpo a

cabeca e fico de olho para achar um lugar para encostar para que a caminhonete possa esfriar. Faltam poucos quilômetros até a casa de tia Jeanie, mas o Google Maps diz que essa curta viagem levará trinta minutos e, com base nos barulhos que a caminhonete está fazendo, não tenho esse tempo.

Vejo uma loja de artigos de praia com vagas de estacionamento sob um puxadinho esquisito e suspiro de alívio. *É melhor que nada*, penso, enquanto atravesso o trânsito para sair da estrada e pegar a vaga com mais sombra. Desligo o carro depressa, a temperatura do motor está muito alta. E abro o capô, na esperança de que isso ajude a esfriar mais rápido.

Pego o celular e deixo uma mensagem de áudio gritando “preciso de uma caminhonete nova!”, seguida de outra que diz “Estou bem, só desabafando. Tive que encostar porque a caminhonete precisava desabafar também. Está muito quente aqui. Sinto falta de vocês”.

Saindo do carro, noto a intensidade do ar salgado que atinge minhas narinas, além da sensação bem real de estar de férias. Só fomos à praia algumas vezes — Virginia Beach ou Myrtle Beach, nunca tão ao Sul —, mas mamãe adora praia. Aparentemente, a irmã dela também, tanto que mora aqui. Fico pensando se elas costumavam vir quando Jeanie era criança, e por isso ela escolheu esta vida, em vez da que tinham em Ohio.

Não sei se poderia perguntar, mas como minha família parece cada vez mais distante, espero ter coragem, um dia.

Entro na loja e pego meu celular, dando tempo a meus olhos para se adaptarem à falta de sol. As trêmulas luzes fluorescentes não têm nada a ver com a claridade de fora, e tenho que pestanejar com força até conseguir ver a tela inicial. Meu primeiro desejo é ligar para Reese, mas ele está em um ônibus em algum lugar da França agora, e os outros rapazes parecem estar ocupados também; então, ligo para Diana.

Minha prima atende ao primeiro toque.

— Oi! Já chegou?

— Não, estou a um quilômetro e meio, mais ou menos, mas o trânsito está uma loucura e minha caminhonete estava superaquecendo, por isso parei na sombra.

Sinto vergonha momentânea de minha pobre caminhonete, mas Diana não parece ser muito crítica. Olho em volta.

— Encontrei uma loja cafona e estou meio obcecado.

Ela ri.

— Sim, estão por todo lado. Você só precisa comprar o essencial.

— Ironicamente, esqueci de trazer protetor solar.

— Eu estava me referindo a regatas estampadas e viseiras da moda, mas, com certeza, protetor solar também é legal.

Vou até a prateleira de regatas e sou assaltado pelas cores, pela vibração. Shorts de surf com palmeiras ou tubarões cobrem uma parede, e na parede oposta, os menores biquínis rosa neon do mundo. Muitos *souvenirs*; os de sempre: ímãs, copos de shot e cartões-postais, mas também várias miniaturas de barcos, alguns

em garrafas e outros grandes demais para caber nelas. As etiquetas de preço têm zeros demais para mim.

Fico imaginando o que os rapazes pensariam disso, mas logo lembro que estão muito longe e minha prima Diana não, e a estou ignorando ao telefone.

— Tem coisas boas? — pergunta ela.

— Você precisa ver — digo.

Chamo-a no FaceTime e ela atende depressa. Aparece na tela, de cabelo louro descolorido, acenando para mim. Um calor toma conta de mim sempre que me lembro de que essa garota é minha prima. Minha *família*.

Eu tenho família, recordo, mesmo que não seja como a de Reese. Mesmo que seja pequena.

— Preciso de sua opinião — digo. — Acha que eu deveria comprar essa regata com os dois golfinhos transando?

Ouçó uma gargalhada saindo do celular.

— Eu literalmente quase cuspi o que estava bebendo. É perfeita.

— Ou... talvez a das palmeiras? É um pouco mais elegante, acho. Para jantares, talvez?

— Sim, porque há muita classe aqui.

O sujeito do caixa vem atrás de mim e dou um pulo, crente de que ele vai me dar uma bronca por eu zoar sua coleção no meio da loja. Mas vejo que ele não é o dono. Tem mais ou menos minha idade, mas baixo a guarda ainda mais quando vejo seu sorriso.

— Precisa de ajuda? — pergunta com uma voz cantante, e sinto meu corpo inteiro corar, se é que isso é possível.

— Não, estava só olhando as camisetas. Bela coleção.

Ele ri.

— Saiba que a camiseta com os golfinhos... transando é uma das que mais vendem. Mas não sei se faz seu tipo. Está de férias?

— Não — digo, e é quando Diana entra na conversa:

— Ei! Ainda estou aqui!

— Desculpe, desculpe — digo, e volto para o celular. — Ligo quando estiver chegando.

Ela agita os braços.

— Espere, reconheci a voz do cara. Em qual loja você está?

Volto meu celular para o vendedor, que estreita os olhos para ver Diana na tela.

— É... a Dan's Beach Shop — digo.

— Nossa, você está bem perto de casa — diz Diana. — Oi, Cole, ele é meu primo Heath, vai passar o verão comigo. Está vindo de Ohio.

Ela estica o "Ohio" para fazer parecer importante, e eu quase caio na risada.

— Oi, D! Que mundo pequeno, hein? — diz Cole, e olha para mim.

— Oi, Heath.

— O fliperama da mamãe fica, tipo, duas lojas abaixo, perto da praia — prossegue Diana. — Vou de bicicleta até aí agora mesmo. Cole, fique de olho

nele e não deixe meu querido primo do interior tomar nenhuma decisão ruim.

— Está me dizendo que não posso comprar a regata de golfinhos? — sussurro, todo sério.

Diana responde imediatamente.

— Jamais!

Encerro a ligação com Diana e acompanho Cole até o caixa para pagar minha (não obscena) regata estampada. Sinto minha confiança começar a aumentar enquanto o sigo, porque talvez eu não seja superpróximo de minha prima, nem desse cara, nem desta cidade... mas o cheiro de protetor solar e de sal no ar torna este lugar meio mágico.

Ou estou sofrendo uma insolação.

Não sei o que eu esperava de um dormitório, mas este parece mais uma cela de prisão. As paredes de concreto são pintadas de branco, as mesas e as camas são nuas. Acho que devo ter sorte por eles nos colocarem em quartos individuais. Sei que não vai ser o caso quando eu finalmente entrar na faculdade. Abro uma das gavetas da cômoda e um velho cheiro de mofo atinge meu rosto. A luz fluorescente começa a piscar.

São apenas três meses, penso.

Três meses... neste calor.

A Boston Save the Trees conseguiu fazer parceria com uma universidade local para nos alojar nesses dormitórios, o que é legal, em tese; mas, com base em todos os folhetos que o Suffolk County Junior College colocou em minhas mãos quando cheguei, tenho a sensação de que isso bem depressa vai se transformar em uma daquelas apresentações.

Mas a faculdade está nos recebendo bem: arranjaram toalhas, lençóis que servem nas camas de solteiro extralonga dos quartos, e até organizaram um evento de boas-vindas no saguão para esta noite. Minhas mãos começam a suar enquanto penso na logística da noite: escrever meu nome em um crachá, conhecer gente nova... Lembro a época em que fiz aquela apresentação no auditório, quando todos os meus amigos se misturaram sem problemas em outros grupos, enquanto eu estava no palco sozinho.

Eu deveria fazer amigos.

Ou poderia ligar para Sal.

Conecto o wi-fi de merda e envio uma solicitação de FaceTime para Sal, que logo a rejeita. Aperto os punhos, mas não me permito pensar muito sobre minha frustração. Afinal, ele tem sua própria vida — deve estar escalando o Monumento Lincoln ou tentando falar com alguém da Casa Branca, ou... sei lá o que se faz em DC.

Ele me manda uma mensagem: “No metrô. Chama depois?”.

A frustração diminui, e respondo à mensagem com um polegar para cima. Ele não está fazendo nada de errado, é só minha ansiedade me fazendo agir como egoísta. Ficar longe dele vai ser mais difícil do que eu pensava.

Mas ainda não sei o que fazer sobre o evento de boas-vindas desta noite. Afinal, não é obrigatório. Finjo que estou conversando com minha terapeuta, discutindo os prós e contras de ir. Prós: eu poderia conhecer gente nova. Provavelmente não seria horrível. Contras: conhecer gente nova é desgastante. Já estou cansado da viagem até aqui. Poderia ser horrível.

Será que minha terapeuta me pediria para ir, dizendo que eu preciso enfrentar

minha ansiedade? Ou diria que tudo bem eu me dar um tempo? Tenho o hábito de fazer isso, de me convencer de que estou fazendo algo por motivos de autocuidado, mas na verdade estou só evitando responsabilidades. Não sei se é o que estou fazendo agora, e não posso ter certeza. É por isso que costumo pedir a Sal uma segunda opinião.

Estou com medo? É normal ter medo? É como se eu não conhecesse meu próprio cérebro.

Decido que realmente não consigo lidar com essa pergunta, então pego o celular e faço um FaceTime com minha irmã.

— Gabi! — ela grita daquele jeito fofo que quase me faz desligar na cara dela. — Você está em um dormitório de faculdade! Como é?

— Sinceramente, nada bom. — Eu me sento na cama, que range. — É quente e estranho.

— Eu entendo. Eu *odiava* meu dormitório, e não só porque tinha a pior colega de quarto do mundo. É que era desconfortável. Parecia uma caixa, e tinha que ter chave para ir ao banheiro. Você usa chinelos no chuveiro? Nada é normal, tudo é estranho.

Suspiro.

— Você se acostumou?

— Claro! Acho que a decoração ajudou. Você pegou algumas coisas de seu quarto, né? Decore o quarto imediatamente, para você se sentir mais em casa. Está muito sem graça. Coloque os lençóis na cama, esvazie as caixas. Você vai se sentir melhor, garanto.

Sento-me na cama de costas para a parede, assim, ela não fica apontando coisas que preciso fazer em meu quarto.

— Vou fazer isso — digo. — Além disso, vai ter... uma coisa esta noite, e eu realmente não quero ir.

— Uma coisa? Tipo, uma coisa *social*? — noto a ansiedade em sua voz.

— Sim. No saguão. Vai ser muito constrangedor.

Ela suspira.

— Esse é exatamente o tipo de coisa que você tem que encarar. Juro, foi a única coisa que me tirou da depressão no primeiro semestre. Por favor, prometa que você vai.

— Estou muito cansado — digo.

— Você me chamou para eu te animar ou só para reclamar?

Eu hesito.

— Ambos.

— Não tenho saco para chorões — ela diz, e eu reviro os olhos. — Vá nessa festa.

— Não é uma *festa*, é um evento de boas-vindas constrangedor preparado pelo programa de estágio e pela faculdade.

— É uma recepção, então — diz ela, rindo. — Sério, não se torture. Não é nada muito formal, mas tem razão, talvez seja constrangedor e chato. Mas você não vai saber se não for. Sugiro que você estabeleça umas regras: aguento pelo

menos dez minutos e converse com pelo menos uma pessoa que não seja seu chefe. Programe o cronômetro e, quando tocar, finja que está recebendo uma ligação e vá embora se não estiver se divertindo.

Não sei o que dizer. Estou muito resistente a isso, mas acho que não tenho uma boa razão. Aguentar uma festa inteira parece horrível, mas eu poderia aguentar dez minutos.

— Faz sentido. Bem, diga a mamãe e papai que estou bem. Vou desfazer as malas — digo. — Obrigado pela conversa motivadora e desculpe por ficar choramingando.

— Você pode me agradecer...

— Indo à festa — termino sua frase. — É, já entendi.

— Você vai se sair muito bem — diz ela. — Na verdade, estou até com inveja; mamãe e papai estão me fazendo lembrar por que fui morar na faculdade.

Eu lhe dou minhas condolências e encerramos a ligação. A agenda que a faculdade me deu no check-in está no canto da mesa, zombando de mim. Oito da noite, evento social, opcional.

Opcional.

Afinal, vou ver todos eles amanhã.

Enquanto desfaço as malas, olho para a pulseira que está no meu pulso e a mudinha me encara. A ficha cai com tanta força que quase gemo: acho que é hora de deixar para trás essa sensação incômoda de que não pertencço a este lugar e aprender a crescer.

Não pertença a este lugar. Não sou como Diana. Ela tem uma pele bronzeada e cabelos louros ondulados, está com uma regata simples e short feito de uma calça jeans cortada. Seu cabelo não tem comprimento suficiente para fazer um rabo de cavalo, mas ela deve fazer algo com ele, porque está com um elástico de cabelo, ou algo assim, no pulso.

O som do mar quebrando na praia chega aos meus ouvidos, mas ainda não coloquei os pés na areia. Estamos no canteiro central do calçadão, sentados em cima do muro, conversando e esperando Cole encerrar seu expediente para que possa vir até aqui.

— Tem certeza de que tia Jeanie não vai se importar por eu não ter ido direto para sua casa? — pergunto.

— Não, ela estava cochilando quando eu saí. — Ela dá de ombros. — Ela dorme muito tarde, por isso sempre tenta dormir um pouquinho antes de ir ao fliperama.

A tarde está relativamente calma, diferente do que eu esperava. Há muitas pessoas bebendo e comendo no pátio do calçadão, mas não parece a mesma coisa que o fliperama de Jeanie.

Diana termina sua fatia de pizza e joga a borda para um bando de gaivotas que começaram a se reunir ao nosso redor.

— Pode parecer estranho — diz —, mas é legal ter um primo da minha idade. Alguns amigos sempre trazem seus irmãos ou primos, e é louco pensar que tenho parentes na mesma fase da vida que eu.

— E nos conhecemos só agora.

Ela ri, pega o elástico fino que tem no pulso e a gira algumas vezes.

— Verdade. Vamos ter que compensar isso neste verão.

Para ser justo, nós nos “conhecemos” nas mídias sociais anos atrás. Ela encontrou meu Instagram e me enviou uma solicitação e, desde então, temos uma amizade superficial e curtimos as selfies um do outro.

— Você não tem mais parentes aqui? — pergunto. — Parece que todo mundo que eu conheço tem família enorme, tipo um caminhão de primos, e eu tenho só...

Quase digo *meus pais*, mas não sei se realmente os tenho. Terei meu pai. E acho que vou visitar minha mãe de vez em quando. Isso vai ser legal.

— Eu não tenho mais ninguém — diz ela. — Só amigos, mas nada parecido com sua turma. Ah, os pais de Cole acabaram de se divorciar, você poderia falar com ele sobre isso. Ele ficou mal um tempo, mas acho que já se acostumou.

— Tudo bem — dou risada. — E tem razão, eu tenho os melhores amigos.

Não posso evitar a sensação de que tudo vai mudar depois deste verão. Depois que cada um provar um pouquinho do que poderá ter no futuro.

— Sente falta deles? Você parece meio triste.

— É, acho que é isso. Ou, não sei — suspiro e brinco com minha pulseira por alguns segundos. — Eles estão fazendo coisas incríveis pelo mundo, e eu estou...

— Preso aqui com a gente?

Sua expressão é marota, e ela dá uma risada, por isso sei que está brincando; ou pelo menos aceita a dinâmica.

— De certo modo... Não, é incrível estar aqui! Mas nós somos os melhores da classe, e eles são supercompetitivos, querem sempre se superar. Eu só quero aproveitar ao máximo meu verão e, ano que vem, espero entrar na Vanderbilt. Não tenho um plano B.

— Não conheço seus amigos, só pelas postagens no Instagram, por isso, posso estar falando bobagem. Mas não acho que eles sejam pessoas muito normais. Sou uma aluna mediana, não esqueça, mas não acho que você *tem* que fazer toda essa merda extra e privilegiada para entrar na faculdade.

— Eles não são privilegiados... — começo, mas ela interrompe:

— Um não foi estudar na *França*?

Solto uma gargalhada.

— O.k., tudo bem.

— Não estou dizendo que não fizeram por merecer e tal, mas esse não é o tipo de capricho que eu poderia pagar, entende?

— Entendo perfeitamente.

Cole manda uma mensagem para Diana dizendo que está saindo do trabalho e vai para casa, e depois vai nos encontrar no fliperama. Então, ela pula da mureta e gesticula para eu acompanhá-la pela praia.

Tiro as meias e os sapatos e enterro os pés na areia *extremamente quente*. Grito de dor, o que faz Diana se contorcer de tanto rir.

— Você vai se acostumar — diz —, mas vamos descer até a água e caminhar por ali.

Vou dando pulinho até a água e dou um grande suspiro de alívio quando chego à areia molhada. A espuma do mar corre sobre meus pés e os esfria. Começamos a caminhar pela praia, desviando dos banhistas.

— Como você vai pagar Vanderbilt? — ela pergunta, e sua franqueza me pega de surpresa.

Eu *nunca* falo de dinheiro, e meus amigos não perguntam essas coisas. Talvez porque dinheiro não é uma preocupação para nenhum deles.

— Com bolsa de estudo, talvez. Vanderbilt é forte no beisebol, e eles dão algumas bolsas para atletas. Sou um dos melhores lançadores do estado; pelo menos, é o que meu treinador diz.

— Uau, que demais! — Ela faz uma pausa. — Estou tentando pensar em algum talento que tenho para não passar vergonha nessa conversa, mas não acho nenhum. Merda!

— Tem que haver *alguma coisa* — digo.

— Não. — Ela gira sua pulseira de novo. — Sou perfeitamente comum.

— Bem, se eu entrar, daremos um jeito. Papai diz que tem um bom crédito e assinaria um empréstimo comigo. Não sei o que penso sobre ficar endividado, mas vou me preocupar com isso mais tarde.

— Você deveria falar com minha mãe sobre empréstimos. Ela disse que comprar aquele fliperama foi a coisa mais imbecil que já fez, mas está pagando devagar. Ela tinha uma reserva muito boa, mas veio a pandemia e, você sabe.

Estremeço ao pensar como a covid atingiu a Flórida. Quando todo seu dinheiro está aplicado no ramo de turismo e ele entra em colapso total, o que lhe resta?

— Fico feliz por vocês terem saído dessa. Muita gente não conseguiu, — Suspiro. — Durante a pandemia, meu pai foi demitido e foi muito ruim por um tempo. A família de Gabriel também passou por certas dificuldades, mas os outros não entendiam como era difícil para nós. Eu tinha catorze anos quando tudo começou, mas sabia que podíamos perder tudo de uma hora para outra.

— Outro privilégio — diz Diana.

— Mas todos foram solidários, pelo menos. Gabriel liderou um movimento para arrecadar fundos para pessoas de nossa comunidade que foram demitidas, e Sal encontrou literalmente todos os programas de ajuda do governo a que meu pai tinha direito. Foi estranho, mas deu certo.

A caminhada pela praia não é longa, mas já estou começando a me sentir uma pessoa diferente. Sinto um grande alívio por, depois de ficar sentado dentro do carro quinze horas, curvado, segurando o volante com força, implorando para aquela caminhonete de merda não quebrar, chegar a este mundo totalmente diferente. Um mundo onde meus medos parecem menores.

Não é nada parecido com Ohio, e talvez seja disso que eu precise neste verão. As ondas batem na praia, o sol bate em mim, o barulho dos banhistas me recarrega. E quando nos aproximamos do fliperama de Jeanie, vejo Cole, sem camisa, estendendo toalhas na praia. Diana corre para lá, eu a sigo e ele nos cumprimenta com um sorriso.

— Trouxe coisas para comer? — grita Diana. — Juro, você é a pessoa mais preparada do mundo. É por isso que te amo.

Essas palavras me animam e, pela primeira vez, eu me pergunto se eles são mais que amigos apenas. Uma sensação de decepção me incomoda, seguida por outra igual quando percebo que não deveria estar pensando em nada disso agora.

Ele olha para mim enquanto Diana rasga um saco de batatas fritas.

— Ela está sempre faminta. Desde o início de nossa amizade, percebi que se eu sempre tivesse algo para comer, ela seria mais agradável.

Amizade, repito em minha mente. Anotado.

— Infelizmente, não posso negar — diz Diana com a boca cheia. — Se eu estiver de mau humor, vá comprar um cachorro-quente no calçadão. Ou um donuts, especificamente de xarope de bordo e de morango.

— Espero que separadamente — digo.

— Sim, mas eu comeria tudo junto. De verdade, qualquer coisa para comer. É

mágica.

Nós nos acomodamos sobre as toalhas e passamos os próximos minutos nos cobrindo com protetor solar. Vejo Diana deslizando as mãos pelas costas dele e sinto um pouquinho de inveja.

Cole é uma simpatia, e muito gato. Tem pele bronzada, corpo esguio, cabelo castanho desgrenhado e olhos escuros. À primeira vista, não dá para saber onde o marrom de sua íris começa e suas pupilas terminam, o que lhe dá uma aparência doce, mas meio caricatural. Isso, somado às covinhas e à leve barba por fazer pontilhando seu queixo, e já quero me perder nele.

E então, percebo que estou encarando e paro.

Ele passa a mão com protetor pelo braço e diz:

— Jeanie mandou oi. Deixei a bagagem de Heath no caminho para casa.

— Ah, não precisava! — digo.

Quando abandonei minha caminhonete no estacionamento, coloquei minha mala no porta-malas dele, porque percebemos que deixá-la na caçamba não seria uma decisão inteligente. Mas fico aliviado por saber que tudo está esperando por mim na casa de Jeanie.

— Não foi nada — responde ele. — Quero garantir que você goste daqui. Às vezes, Daytona tem uma má reputação.

— Por uma boa razão — Diana diz baixinho.

— Mas é nossa casa.

Diana não responde, mas eu a vejo balançando a cabeça levemente.

— É muito diferente aqui. No bom sentido — digo.

— Fale sobre Ohio — diz Cole. — Sou fascinado por outros lugares. Só saí do estado uma vez, acho.

— Eu também gosto de saber de outros lugares fora de Ohio. Minha família não gosta de viajar, mas fomos às praias do Norte quando eu era mais novo. Bem, Ohio tem...

Por um momento, eu meio que esqueço como é Ohio. É tão normal que parece impossível descrevê-lo para alguém.

— Milho — completo.

Logo percebo que é uma maneira horrível de começar a descrição de um estado inteiro, mas já estou comprometido com a rota do milho e, merda, eles estão me olhando, então disparo:

— Digo, há plantações, muitos campos de milho e soja. Há fazendas por todo lado onde moramos. Minha casa fica dentro de uma fazenda, mas o proprietário anterior vendeu todas as terras agrícolas ao redor. Não tem nada de especial, acho. Temos um cata-vento grande no quintal e uma estrela em casa.

— Uma estrela? — repete ele.

Diana interrompe.

— É uma coisa country, eu vi nos *stories* dele no Instagram. Todas as casas têm umas estrelas grandes, algumas têm bandeiras no quintal. É *fascinante*.

— Algumas pessoas pintam a bandeira na porta do celeiro — admito.

— Bem patriótico — diz ele, rindo.

Balanço a cabeça.

— Estou descrevendo Gracemont de um jeito horrível. É muito pequena. Nossa escola tem poucas centenas de pessoas, e todo mundo sabe da vida de todo mundo. É bom fugir disso um pouco, mas já sinto falta de meus amigos.

— Antes que perceba, você terá voltado — diz Diana.

Talvez seja imaginação minha, mas noto certa decepção no olhar de Cole. Digo a mim mesmo para parar com isso.

Respondo baixinho:

— Nem sei o que haverá lá quando eu voltar.

São 20h05, e posso ouvir a música subindo pelo corredor. Não ouvi muita gente sair dos quartos, então dedico mais alguns minutos a checar minha aparência. Há uma pia e um espelho minúsculos neste dormitório microscópico; estou muito bem para quem não dorme bem há dias e está agora lutando contra um ataque de pânico. Ajeito minha camiseta, que foi um presente de zoação dos rapazes no último Natal — é branca, com a silhueta de uma árvore, com a palavra “Hugger” mesclada nas folhas. Mas é meio estilosa, e eu *gosto* de abraçar árvores, por isso gosto dela.

Espero que as pessoas também gostem, mas não quero alimentar muitas esperanças. Cumprirei a promessa que fiz à minha irmã: ajustei o cronômetro para dez minutos e vou falar com uma pessoa. Depois, vou dormir.

Ouçõ uma porta se fechar no corredor e sei que pelo menos uma pessoa foi ao evento. Dou um segundo — sinto um medo estranho que me diz para não cruzar com outra pessoa no corredor, para não sermos forçados a manter uma conversa constrangedora.

Quando já não ouço mais nada, abro a porta. Uma brisa passa por mim quando o ar quente é puxado de minha janela aberta para o corredor. Respiro fundo e tento acalmar meu estômago e a pressão no peito. Vai dar tudo certo. Tenho que encarar.

No corredor, checo três vezes se estou com as chaves, celular e carteira, e fecho a porta. Sinto-me exposto aqui fora, sabendo que qualquer um pode abrir uma porta a qualquer momento; mas sei que só preciso sair andando.

Sigo a música. Não a reconheço, mas parece bem recente, e tenho certeza de que quem está cuidando do som colocou uma *playlist* do Spotify para criar o clima. Aparentemente, o clima deve ser acelerado, pop, com uma batida constante. Acham que vamos dançar isso? Eu quase dou risada só de pensar.

Chegando ao saguão, vejo que organizaram um evento bastante decente nas poucas horas que se passaram desde que atravessei esses corredores pela primeira vez. Incrível o que algumas flâmulas bem posicionadas são capazes de fazer. Olhando em volta, vejo mesas com refrigerantes, mesas de bar espalhadas por todo lado e alguns garçons passando com aperitivos.

Olho para a multidão e uma espécie de medo me domina quando vejo alguém muito mais bem-vestido que eu. Parece um pouco mais velho que eu, mas talvez seja só porque está vestindo uma calça preta e uma camisa branca. Sinto vontade de sair e vestir roupas mais bonitas, mas quando observo os outros participantes, a tensão em meus ombros começa a diminuir. Uma pessoa está com uma saia curta e uma camiseta provocativa, e outra de blusa de moletom de zíper e shorts.

Ligo meu cronômetro. Dez minutos, uma conversa. Totalmente factível.

Ando de um jeito sinuoso; para quem olha, deve parecer casual, como se eu estivesse explorando o terreno ou indo pegar um refrigerante. Mas o que estou fazendo é mais estratégico. Coloco uma mesa redonda entre mim e duas pessoas que me encaram por cima do copo de refrigerante, deslizo casualmente atrás de alguém cujas costas estão perto demais de mim, faço um caminho que me permite evitar conversas, mas sem parecer mal-educado. É exatamente em lugares assim que minha ansiedade é menor: onde posso estar presente, mas também desaparecer.

Chego à mesa de recepção, onde uma linda garota, mais velha que eu, com uma camiseta do Boston Save the Trees, está checando os nomes e entregando os crachás. Quando chego, ela pega um e me entrega.

— Ah, obrigado — digo. — Foi você quem me entrevistou, não foi?

— Sim, sou a Ali! E você é o estagiário de Ohio, certo? Espero que tenha feito uma boa viagem. Estou ansiosa para trabalhar com vocês neste verão.

Ela me entrega um crachá e uma caneta.

— Escreva seu nome e pronome aqui, e vá conhecer o pessoal. Garanto que são todos muito legais. Doze estagiários e mais uns cinco colegas meus. É uma reunião superpequena, nada muito programado, só para vocês se divertirem hoje!

Não tenho certeza sobre muitas coisas, mas, obviamente, sei meu nome. Porém, quando encosto a caneta no crachá, hesito. Vim aqui para redefinir Gabriel, para ser uma pessoa nova, ou pelo menos uma versão melhorada de mim mesmo.

— Cuidado — diz ela, percebendo minha hesitação —, você só tem uma chance de se definir aqui. Se escolher um apelido, tem que se comprometer com ele. Um amigo meu decidiu usar o nome do meio, Keith, em um verão, e ficou conhecido assim para sempre. E Keith é um nome tão feio!

Dou risada e agradeço pelo alerta.

Mas é mais que um apelido. Quando penso em quem quero ser aqui, penso em Sal. Penso na pessoa que ele vê em mim, e não é Gabriel. Eu sou o Gabe para ele, e acho que é isso que preciso ser.

Escrevo “Gabe” no crachá. E meu pronome é “ele”.

Olho para a multidão. Já que a conversa com Ali não conta, tenho uns oito minutos para conversar com alguém antes de poder oficialmente ir embora.

Meu coração bate forte, tanto que se eu olhar para baixo, tenho certeza de que verei minha camiseta subindo e descendo ao ritmo dele. Desvio do sujeito tagarela que está vestido bem demais para a ocasião, mas ele nem liga, pois está profundamente envolvido em uma conversa sobre hidroponia com um cara bonito que parece não ter ideia do que é isso, com base em sua expressão vazia.

Vou ziguezagueando pelas mesas, sabendo que sou capaz de continuar fazendo isso durante os dez minutos. Não quero fazer isso, mas não sei como puxar conversa. E se ninguém quiser me conhecer? E se eu entrar em uma conversa muito legal e depois ficar esquisita? E se...

A voz de minha terapeuta me lembra que me culpar por estar assustado não

ajuda em nada, e que preciso mudar o foco desses “E se”:

E se não for a pior coisa do mundo?

E se a conversa for muito boa?

E se eu fizer um amigo novo?

— Oi!

Uma garota baixinha, negra, me intercepta. Ela tem um olhar sutil, quase tímido, que não combina com o fato de ter pulado em minha frente.

— Tiffany.

— Oi, sou Gabe — respondo.

Meu cérebro já deu tilt, e eu praticamente não conversei com ninguém. Ela dá uma risadinha esquisita e me chama para uma mesa onde está outro estagiário. Há um guardanapo no meio com umas dez torradinhas com abacate.

— Sei que é meio estranho — diz o outro, em vez de se apresentar —, mas só tem um aperitivo vegano aqui, o que é ridículo, porque metade de nós parece ser vegana. Afinal, todos nós viemos para salvar as benditas árvores, não é? Juro que sou uma boa pessoa, mas não quando estou faminto, por isso, por favor, não me julgue um acumulador de torradas com abacate. Quer uma?

Felizmente, não precisamos de apresentação, porque temos crachás, e o dele diz “Art, elu”.

Dou risada.

— Não, são todas suas. Vou pegar uma de carne quando passarem, pode comer todas as de abacate. Espero que não se importe de eu comer carne na sua frente.

— Sinceramente, você poderia abater um boi na minha frente, desde que eu tenha minhas torradas. Viva e deixe viver, sabe? — Elu faz uma pausa. — Bem, acho que exagerei.

— Nossa, que bela imagem mental! — Tiffany revira os olhos. — Acho que não precisa, mas eu ia dizer: “Art, este é o Gabe; Gabe, este é Art”.

Trocamos um aperto de mãos.

— De onde vocês são? — pergunto. — Sou de Gracemont, uma cidade pequena de Ohio. É tecnicamente uma vila. Em Ohio, o lugar precisa ter cinco mil cidadãos para ser chamado de cidade. Temos uns dois mil habitantes. Estou falando demais? Sou novo em Boston e estou impressionado.

— Nossa, eu também! — Tiffany coloca a mão sobre a minha por um breve segundo e dá um suspiro de alívio. — Sou de uma cidade pequena de Maryland, essa coisa toda aqui é estressante.

— Ah, então você me entende. Boston é *muita coisa*, não é?

Ela avalia minha pergunta por um segundo e concorda.

— Mas é muito legal, você tem que admitir.

— Não é tão ruim — diz Art. — Eu sou daqui mesmo, que bom que não odiaram o lugar.

— Não, só estou com medo. — Tiffany ri. — Tudo bem dizer isso?

Vou relaxando na conversa com eles; respiro mais tranquilo sabendo que há pessoas legais aqui (mesmo que acumulem torradas), e há mais alguém de cidade

pequena que também não parece muito à vontade. Se bem que ela entrou em meu caminho para puxar conversa, o que é muito além do que eu sou capaz de fazer.

— Chegaram há muito tempo? — pergunto.

— Tiffany e eu fomos os primeiros a chegar — explica Art. — Fizemos o check-in ao mesmo tempo e conversamos um pouco enquanto desfazíamos as malas, cada um no seu dormitório. Você acabou de chegar à cidade?

— Ah, não. Cheguei faz um tempo, mas não saí do quarto.

— Entendo — diz Tiffany, e acho que ela entende mesmo. — É tudo estranho aqui. Tipo, não tenho ideia do que vamos fazer. Presumo que coisas chatas; arquivar papéis, talvez. Acha que atuaremos nos parques?

— Se é para ficar longe dos meus pais o verão inteiro, fico feliz em arquivar papéis — diz Art.

Concordo, solidário, mas ele tenta explicar:

— Deus, não é assim. É que eles estão muito irritantes agora, por causa de faculdade e tal. Mas são muito atenciosos, juro.

Outra funcionária, cujo crachá diz “Laura, ela”, vem até nossa mesa e deixa uns cadernos e pastas, e informa que não precisamos ler nada ainda; são só informações para a orientação de amanhã.

Continuamos conversando, mas a pilha de informações está atraindo parte de nossa atenção. Art está olhando para alguma coisa atrás de mim. Quero virar para ver o que está acontecendo. Mas ele se levanta depressa, e Tiffany e eu o vemos ir até outra mesa onde estão dois caras: um vestido bem demais, ansioso demais e *ainda* falando sobre hidroponia, pelo jeito; e outro que parecia incomodado antes, e agora está completamente perturbado.

Art cumprimenta os dois, mas encara o assustado. Gesticula para ele com um olhar preocupado. Os dois da mesa apertam as mãos em despedida e o tagarela vai até outro grupo de pessoas desavisadas; e o quieto (que está visivelmente menos perturbado agora) se junta a nós.

— Por que me chamaram? — pergunta ele, o que faz Art rir.

— Desculpe se fui longe demais — diz Art —, mas passei uns quinze minutos observando você desesperado naquela conversa e achei que talvez precisasse de uma desculpa para escapar.

O rapaz — “Matt, ele”, de acordo com seu crachá — se larga na cadeira, aliviado. Sorri para cada um de nós, e seu sorriso é... uma graça.

— Tentei sair daquela conversa seis vezes — diz Matt. — Eu contei.

— Eu também — responde Art.

— Ele é uma graça, mas apaixonado demais por tudo isso. Achei que eu fosse desses que abraçam árvores e tal, mas eu teria posto fogo em uma árvore para me livrar dele.

Tiffany aponta para minha camiseta do Tree Hugger, o que faz Matt rir.

— Então você entende como eu estava desesperado. Bem, olá, sou Matt, obrigado, vocês são meus novos melhores amigos. Art, eu te devo uma.

— Anotado — diz Art, sorrindo.

Para retribuir, Matt se oferece para buscar refrigerantes para nós. Quando volta, bebemos e vamos nos conhecendo mais um pouco, e a tensão em torno dos mistérios do pacote de boas-vindas começa a diminuir.

— E você, Gabe? Sua camiseta é muito estilosa, e de marca. Onde mora?

Meu celular começa a apitar e, por um estranho momento, torço para que seja Sal me ligando. Mas não é; é meu alarme de dez minutos. Estou liberado. Posso ir embora agora, tendo cumprido minhas obrigações do dia.

— Desculpem — digo enquanto desligo o alarme e dedico toda minha atenção aos meus novos amigos. — Sou de Ohio.

Golden Boys
Reese, Gabriel, Heath, Sal

Heath

Alôôô!!!

alguém aí?

saudades de vocês!

Sal

Saudades de você também!

Heath

oi!

como está DC até agora?

as fotos estão ótimas

... alô?

papo bom...

Esteticamente, Paris é a perfeição. Os edifícios de pedra são todos primorosamente esculpidos e há cafés encantadores nas pequenas vielas angulares que compõem esta parte da cidade. Estou tentando não parecer tão turista. Vou morar aqui dois meses e sinto uma necessidade de ficar imediatamente à vontade neste novo ambiente. Mas acho impossível, porque há coisas demais para uma pessoa se maravilhar: uma catedral histórica descendo a rua, a frente de uma loja com manequins elegantes na vitrine, ou inclusive o francês bonitinho em frente a um café fumando casualmente, lendo o jornal e bebericando um café gelado.

Mas logisticamente, Paris é um pesadelo. Não é culpa da cidade, devo esclarecer. Mas o curso de francês III não me preparou para uma experiência imersiva *tão imersiva*. Tenho um celular descartável para fazer chamadas, mas não consegui colocar pacote de dados, o que significa que só posso conversar com os rapazes pelo computador ou quando uso wi-fi no iPhone que trouxe. E o mais difícil é que não posso pôr o Google Maps no celular para saber aonde ir.

Mas em manhãs como esta, é tranquilizador andar pelas ruas sem rumo, seguindo o cheiro do pão que acabou de sair do forno. É libertador não estar conectado, apesar de estar começando a sentir falta de todos eles.

Falta *dele*, acho.

É cedo, mas a cidade está começando a esquentar, figurativa e literalmente. Encontro um café de esquina situado em frente a uma rotatória, mas escondido em uma rua silenciosa, minúscula e de mão única. Vou até o balcão e peço um croissant e um expresso em um francês perfeito (acho), mas o atendente percebe meu sotaque americano e responde em inglês:

— Trezentos e cinquenta e quatro.

Pego vários euros e os entrego, tentando não me irritar muito.

Levo meu croissant e meu café expresso para uma mesa do lado de fora e observo os transeuntes enquanto tiro a mochila das costas. Pego a programação completa e o pacote de boas-vindas que recebi ontem, naquela viagem de ônibus extremamente confusa para o dormitório. Gemo pensando no estado em que o deixei — eu praticamente joguei a mochila no chão e caí na cama desarrumada. Ainda não desfiz as malas, mas talvez tenha tempo para fazer alguma coisa depois das primeiras aulas de hoje.

Olho a programação do curso e vejo os nomes das aulas: composição tipográfica, modelagem computacional, fundamentos do design, aula prática de design gráfico. Fico pensando se houve um momento em que essas aulas me atraíram. Adoro ilustração e design como arte, mas quanto mais isso se transforma em uma carreira prática, menos tenho certeza de que quero segui-la.

Este é, de longe, o curso mais prático, mas só será prático se um dia eu quiser trabalhar com design gráfico.

Folheio os panfletos das outras aulas e percebo que muitas também não me atraem. Não estou inspirado, o que é um pensamento ridículo, considerando que estou em *Paris*, que é, sem dúvida, um dos lugares mais inspiradores do mundo em termos de arte e design.

Do outro lado da rua, em uma boutique, vejo um manequim sendo vestido. Em frente à loja, uma mulher parou para olhar, ajustando o próprio vestido, que é muito mais conservador em comparação com a roupa extravagante que está sendo colocada no manequim. Ela acena para a pessoa que está dentro e, quando vai embora, vejo o resultado final na vitrine. É diferente de tudo que já vi antes — um *look* ousado, no qual a parte de cima, de alcinhas, vermelha e brilhante, vai se enfunando até virar uma saia tão grande que encosta no vidro. É impraticável, penso, mas tem caráter. Mesmo no manequim, dá a sensação de movimento; moto-perpétuo.

Sem pensar muito, pego meu diário e desenho o vestido no canto do planejamento desta semana. Em meu esboço, está sendo usado por uma mulher sem rosto, com o cabelo voando para trás e o vestido a envolvendo, como um movimento vivo.

Olho para minha pulseira e vejo os quatro pontos do pingente. Uma caixa vazia ainda esperando para ser preenchida. Percebo que minha mão descansou sobre outro curso, um que eu não havia pensado quando folheara o catálogo.

As aulas desse outro curso me provocam uma inspiração inesperada, a sensação de que eu estava sentindo falta: fotografia e design de moda; temas na história da moda; estúdio de design de moda; a indústria da moda.

Consigo me imaginar aprendendo a desenhar vestidos e sobre como funciona o mundo da moda, e uma sensação incômoda invade minha mente.

Ainda dá tempo de trocar? O que minhas mães vão pensar? Como estão do outro lado do mundo, não vão dizer nada. A inspiração toma todo meu corpo pela primeira vez desde que criei as pulseiras, e é tão forte que não posso ignorá-la. Bebo o resto de meu expresso e quase engasgo de tão amargo. Talvez seja minha imaginação, mas uma onda de energia me invade e sei o que tenho que fazer:

Vou pedir transferência para design de moda.

A Riley Design é a extensão parisiense da famosa escola de design americana. Quando meu orientador falou dessa ideia pela primeira vez, mamãe questionou por que eu sairia do país para aprender algo que poderia aprender em casa com a mesma facilidade. Eu não tinha uma boa resposta para isso, mas mami se apaixonou pelo curso e insistiu para que eu me candidatasse.

As duas queriam que eu aprendesse algo novo, arriscasse e tornasse esta viagem memorável... e talvez isso seja o certo.

As instalações em si são bem despretensiosas; apenas três andares de um edifício bastante grande no centro de Paris. Quando cheguei, usei minha carteirinha de estudante para fazer login no wi-fi e mandei um e-mail para a

escola com a solicitação de transferência. Tudo isso me trouxe a este momento, aqui, diante da porta da sala da professora Watts.

— Entre, Reese — chama ela.

Entro e me sento em uma cadeira lindamente projetada, mas impraticável e meio desconfortável.

— Muito prazer em conhecê-lo pessoalmente. Estamos muito entusiasmados por tê-lo neste curso. Chegou bem aqui?

Seu sotaque é totalmente americano, o que é um conforto, mas também me faz perceber que frequentar uma escola americana na França meio que nega a experiência imersiva que eu estava planejando. Mas, independentemente disso, é bom conversar em inglês, não em meu francês sofrido.

— Vamos falar sobre essa potencial transferência. Está meio em cima da hora, mas agradeço que tenha vindo falar comigo antes de as aulas começarem. Muitos alunos depois de algumas semanas acham que não se encaixam nas aulas, mas, a essa altura, o curso está quase na metade. Você vai descobrir que, independentemente do que estude aqui, os cursos são bem acelerados. Por isso, quero ter certeza de que você sabe o que esperar.

— Tudo bem — digo.

Estou começando a me sentir imaturo para essa mudança, e me pergunto se ela me vê como mais um americano inconstante que não consegue se decidir.

Bem, esse sou eu.

Ela vira o computador para mim, e nele está o portfólio que acompanha minha inscrição. Não é muita coisa, só umas ilustrações e panfletos promocionais que fiz para o conselho estudantil.

— Esses panfletos são fantásticos; muito melhores do que eu poderia esperar de um aluno do ensino médio, mas acho que você precisa desenvolver a composição tipográfica se for trabalhar com design gráfico. Você é jovem, claro, e poderia estudar isso na faculdade, mas acho que agora é um ótimo momento para entender como as palavras se encaixam em seu design.

Minhas bochechas esquentam. Estou acostumado a críticas, mas é difícil não levar para o lado pessoal. Para mim, estão ótimos. E saber que me deixaram entrar apesar de imediatamente ver defeitos em meu trabalho me faz querer fugir. Mas acho que é por isso que estou aqui.

— Em termos espaciais, tudo é perfeito, o que mostra que você tem um ótimo olho para proporções, estética geral e ponto de vista, e isso, na verdade, sugere que se sairia bem em moda, se estiver realmente interessado.

— Isso faz sentido para mim — digo.

— Essas ilustrações também são excelentes. Você é particularmente bom com paisagens: nuvens, em capturar todas as cores do pôr do sol, coisas dessa natureza. Este campo de trigo passa uma sensação de movimento, o que me mostra que você não desenha apenas o que vê, mas também o que sente. No entanto, não há muitas figuras em seu trabalho, de modo que não vejo nada que indique seu interesse por moda. Tem alguma coisa que possa me mostrar?

Lentamente, retiro minha pulseira de cobre e percebo que é a primeira vez

que a tiro desde que entreguei as outras.

— Eu que fiz, esta e mais três, uma para cada amigo meu, cada uma com um detalhe diferente gravado. Não é grande coisa, mas gostei muito da ideia de moldar o metal para fazer uma pulseira discreta que combina com tudo.

— Por que escolheu o cobre? — pergunta ela.

Estremeço.

— Gosto da cor... é fácil de manipular e não é caro. Por quê? É ruim?

— A pulseira é bem legal — diz ela, rindo. — É que sempre tenho curiosidade sobre os motivos que levam os artistas a escolher determinados materiais. Não era um teste.

— Ah, também fiz um esboço esta manhã de um vestido que vi na vitrine de uma boutique. Mas não é grande coisa, só um esboço a lápis que fiz em dez minutos. — Passo meu diário sobre a mesa para ela. — Ignore todas as outras coisas.

Ela volta às outras ilustrações, aos vislumbres dos meus dias, meus sonhos, que acompanham minhas semanas.

— Isto é o que eu estava procurando — diz, por fim. — Ah, que graça! Você desenha seus amigos aqui?

— Às vezes.

— Correndo o risco de parecer condescendente, é uma graça. Adorei este com fogo, o jeito como você brincou com luz e sombras aqui. O rosto deste rapaz está *brilhando*! Como eu disse, não é muito parecido com o que fazemos na moda, mas você é observador e tem um olho bom para cores e sombras, silhuetas e princípios básicos.

Ela vai voltando as páginas e sinto minhas bochechas corando. Não deixo nem meus amigos verem meu diário!

— Estas estão ótimas — diz, por fim. — Todos os dias você usa o design para contar uma história, e é isso que precisa fazer em qualquer um desses cursos. Mas, voltando ao primeiro desenho que você me mostrou, não gostei daquele vestido. Não é culpa sua, só acho impraticável para estar em uma boutique. Talvez ele funcione para a passarela ou fotos, mas nenhuma mulher vai comprar isso para usar no dia a dia. Mas, independentemente disso, adorei seu desenho.

Sorrio e sinto vontade de contar tudo a Heath imediatamente, especialmente que ela adorou o desenho que fiz dele. Mas praguejo em pensamento pelos quilômetros que nos separam.

— Enfim, acho que não posso transferi-lo integralmente para o curso de moda.

— Ah — digo, sentindo meu coração murchar. — Tudo bem, então.

— Acredito que um curso híbrido seria melhor para você. Gostaria que fizesse composição tipográfica e fundamentos do design gráfico. Acho que você ainda não sabe exatamente o que quer fazer, mas, vendo seus trabalhos, essas aulas seriam bem proveitosas. O curso de história da moda também seria bom, e sei que temos uma vaga sobrando. E quero que você tenha experiência prática, por isso, vou colocá-lo na aula de estúdio de design de moda também. Você terá duas

aulas consecutivas pela manhã, depois terá um intervalo de seis horas, seguido pelas aulas de design. Mas história da moda começa daqui a cinco minutos. É um andar abaixo, no final do corredor. Acha que consegue?

Ela escreve algo em um papel timbrado e me entrega.

— Entregue isto ao professor MacLachlan. Vou te mandar hoje sua nova grade horária. Bem-vindo à Riley Design, Reese.

Subo a escada rolante para sair da estação de metrô Capitol South e começo a tremer antes mesmo de pôr o pé na rua. O sol espreita por entre as nuvens e o ar é sufocante, mas aqui estou eu, tremendo. Ao descer da escada rolante pego o celular, mesmo sabendo aonde estou indo. Testei o percurso ontem, fui de onde estou morando até o Capitólio. De lá, atravessei o National Mall, o trecho de parque que vai do Capitólio, passando pelo Monumento a Washington, até o Lincoln Memorial.

Meu novo fundo de tela me encara. Tirei centenas de fotos ontem — não é exagero —, mas minha favorita acabou sendo essa. Entre o Monumento a Washington e o Memorial de Lincoln fica o Memorial da Segunda Guerra Mundial, que é impressionante. É uma grande fonte cercada por uma trilha, com cinquenta pilares ao redor, que formam sombras que parecem raios de bicicleta.

Cada pilar representa um estado ou território que lutou na guerra; andei até encontrar o pilar escrito “Ohio”. Tirei uma selfie e fiz dela o fundo de tela do celular. Estou longe de casa, e assim consigo manter um pedaço dela comigo durante toda a viagem. Estou aqui para ajudar os habitantes de Ohio e trabalhar para uma das pessoas que os representa no Senado.

Talvez seja por isso que estou tremendo. É uma grande oportunidade, e sei que tenho que fazer as coisas direito.

Checo a aparência na câmera do celular e ajeito depressa a gravata-borboleta e aliso o cabelo — a umidade não vai ser minha amiga nesta viagem. Sigo até a entrada do Capitólio e espero meu contato vir me buscar.

É tudo real. Está acontecendo.

Trinta minutos depois, estou sentado em uma sala de conferências com um grande grupo de estagiários, tentando processar todas as coisas legais que acabaram de acontecer. Meghan — que cuida da agenda do senador Wright — me acompanhou até aqui e, assim que saímos da área de segurança, as coisas começaram a parecer oficiais. Bustos de americanos importantes pelos corredores, bandeiras fincadas em todos os cantos. Os escritórios de todos os senadores ficam *bem aqui*, e eu passei por eles totalmente deslumbrado.

A orientação, ou sei lá como chama, é bem rápida. Uma parlamentar nos dá as boas-vindas, deseja a todos um verão maravilhoso e vai embora antes que tenhamos a chance de processar o que acabou de acontecer.

Os outros estagiários parecem fazer parte de um programa maior, provavelmente o da faculdade de que a deputada comentou no jantar. Não conheci ninguém, porque nunca sobra tempo e tudo é meio caótico. Quando estamos saindo, Meghan aparece e chama a mim e mais duas pessoas.

Acho que nosso tempo aqui acabou.

— O que acharam? — pergunta Meghan. — Queríamos que vocês vissem um pouco do que os espera. Além do mais, estamos sobrecarregados esta manhã e não sabíamos mais onde colocá-los. Ouvi dizer que a parlamentar Pelosi ia passar por aqui. Passou?

Mal consigo acompanhar seu ritmo, o que me provoca admiração, visto que ela está de salto alto.

O rapaz ao meu lado responde primeiro.

— Passou sim, foi ótimo!

— Estava meio apressada — diz a garota atrás de nós, e logo acrescenta: — Mas foi maravilhoso ela achar um tempinho em sua agenda.

— Eu não gostaria de cuidar da agenda dela — diz Meghan, e solta uma risada profunda. — Estou atolada. Todos nós estamos, como verão.

Não quero parecer ingrato, mas o ambiente não é dos mais acolhedores. Porém isso parece importante, então me esforço para parecer despreocupado com seu tom contundente e um programa totalmente desorganizado. Tenho a sensação de que já somos um fardo para ela, e talvez para todos eles, por isso, não vou piorar as coisas.

Somos levados ao escritório do senador Wright, onde Meghan anuncia sua chegada beijando as pontas dos dedos e batendo na lateral do batente da porta.

— O que é isso? — pergunta o rapaz em voz baixa.

— Deve ser um ritual secreto, e eles estão ocupados demais para nos explicar — responde a garota.

Dou risada, mas não digo nada.

O espaço é apertado, e sinto um leve pavor tomar conta do grupo quando todos percebem que vão ter que colocar mais três corpos nessa sala durante o verão.

— Em breve, quando Wright estiver na cidade, traremos bagels e vocês poderão conhecer mais todo mundo; mas, por enquanto — ela aponta para a esquerda e começa a indicar as pessoas, no sentido horário —, Jenna, assistente de gabinete; Marcus, defensor constituinte; Pasquale, chefe de gabinete; assistente de imprensa, assistente legislativo e outros naquela sala que provavelmente vocês nunca vão conhecer, pois nunca estão no escritório.

Não sabemos o que fazer; Meghan faz uma pausa e nos leva à sala ao lado. De um lado há uma baia (presumivelmente de Meghan) decorada com lembranças da universidade e, do outro, uma mesa redonda espremida em um espaço muito apertado. Além de duas cadeiras, um computador e dois telefones.

— Merda, vou pegar outra cadeira. Acho que Cyrus não está aqui hoje, então...

Ela sai da sala, e por um momento tenho certeza absoluta de que Gabriel enlouqueceria em um lugar como este. Ele fica facilmente sobrecarregado em situações normais, imagine com algo tão frenético como isso aqui. Quase rio só de pensar.

Ela volta com uma cadeira e diz, em um tom que se aplicaria melhor a

criancinhas:

— Vou ficar aqui na minha mesa pelos próximos trinta minutos. Tenho que remarcar seis reuniões, e isso atrapalhou um pouco minha manhã. — Ela faz uma pausa. — Mas vão se conhecendo um pouco, já que vão trabalhar juntos nos próximos meses. Temos café na sala da frente e um bebedouro lá fora também. O almoço é por nossa conta hoje, vamos servir sanduíches. Mais informações em breve, prometo.

Ela se vira, coloca os fones de ouvido e começa a digitar números em seu celular. Eu me volto para os outros, meio atordoado, e me sento.

— Acho que vou pegar um café para nós — diz o rapaz. — Alguma preferência?

— Eu odeio café — diz a garota —, mas acho que vou precisar para acompanhar o ritmo dessas pessoas.

Começamos a rir, mas bem baixinho para não incomodar Meghan. Concorde, e em poucos minutos cada um de nós está com uma xícara fumegante de café na mão. É com leite e o cheiro é doce, então, eu e a garota bebemos.

Está gostoso.

— Sou Sal — digo. — Se bem que parece que somos velhos amigos de guerra depois do caos que acabamos de enfrentar nas últimas duas horas.

— Josh. Eu sabia que aqui era muito movimentado... não sei que mais poderia ter esperado.

— April. É tudo maluco pra caralho — ela sorri. — Adorei.

Passamos os minutos seguintes falando sobre de que parte de Ohio somos. April é de Mechanicsburg, um povoado pequeno fora de Columbus; e Josh é de Zanesville, uma cidade conhecida principalmente por ter sido capital de Ohio por uns dois anos. Sou o único do norte, mas duvido que haja muita diferença entre a cidade de cada um. Ohio é um estado grande, mas suas cidades são bem características.

Instantaneamente, porém, a conversa desvia para faculdades. April vai direto para a George Washington, porque quer estar em DC o mais rápido possível. Josh está meio hesitante de se mudar, por isso está de olho em algumas universidades locais que têm bons cursos. Eles se voltam para mim.

— Ainda não sei, acho — suspiro. — Por um lado, eu queria já estar trabalhando aqui, nessa correria e caos, 24 horas por dia, sete dias por semana. Mas acho que não dá para fazer isso sem fazer faculdade.

O silêncio é total, de modo que concluo que o que estou dizendo não faz sentido para eles. Dou de ombros.

O telefone toca, e nós três recuamos instintivamente. No terceiro toque, começo a olhar em volta, me perguntando de quem é a função de atender a essa ligação. Olho para Meghan, que está ao telefone, e ela faz um gesto indicando que um de nós atenda.

Olho para meus colegas estagiários; nenhum deles parece interessado em atender. Então, engulo o medo e atendo.

— A-alô? Gabinete do senador Wright. Sal falando.

— Ah, ótimo! Meghan já pôs você para trabalhar. É Jenna!

Ela faz uma pausa, e tento lembrar os nomes que acabei de conhecer, mas não consigo recordar o que ela faz. Algo com eleitores, talvez? Ela continua:

— Estamos nos afogando em ligações porque Wright deve votar sobre aquele projeto de saúde amanhã. Pode ajudar e atender às ligações dos eleitores?

— Ah, com certeza. O que devo fazer?

— Deixe que falem, e faça uma lista dos que apoiam ou não o projeto. Bem fácil. Estou transferindo um agora, muito obrigada!

Mal desligo, quando o telefone começa a tocar de novo. Vejo a luzinha vermelha piscando para mim, e pego depressa na mochila um caderno e a caneta gravada que mamãe me deu.

Respiro fundo e aperto o botão.

— Olá, meu nome é Lauren Miller e estou ligando do CEP 45345. Quero pedir ao senador Wright que vote NÃO para o projeto 7253 da Câmara.

Anoto o CEP e escrevo “NÃO” ao lado. A mulher está lendo um roteiro que pegou na internet, suponho, porque conheço muito bem o ritmo e a estrutura. Percebo que já estive no lugar dela, que liguei inclusive para este mesmo escritório. Não sei como proceder; geralmente, quando sou eu que ligo, simplesmente desligo quando acabo de falar, mas quero tentar me conectar com essa eleitora, proporcionar-lhe uma experiência que raramente tenho ao ligar para meus representantes.

— Obrigado por se manifestar — digo. — Tenha certeza de que sua opinião será repassada ao senador. Quer que eu transmita a ele mais alguma coisa?

Faz-se uma pausa, e então:

— Vai mesmo passar a mensagem ao senador?

— Farei todo o possível, pelo menos. Estamos recebendo muitas ligações sobre a votação, mas se quiser que eu diga algo específico, vou me certificar de que você seja ouvida por alguém acima de mim neste escritório.

— Bem, obrigada. Acho que quero que ele saiba que esse é um problema muito sério para minha comunidade. Trabalho em uma clínica de reabilitação física e todos os dias vejo pacientes abandonando o tratamento porque o seguro não cobre, e esse projeto de lei não ajudaria. E ainda tem o potencial de prejudicar seriamente o trabalho que fazemos com esses pacientes. — Ela faz uma pausa. — Câncer de mama é genético, minha mãe teve quando era mais jovem e se curou. Mas quando estava desempregada, não conseguia seguro porque as seguradoras consideravam uma doença preexistente. Esse projeto de lei não contempla doenças existentes, e não quero ver outras pessoas passando pelo mesmo que minha mãe passou.

— Entendi — digo. — Vou repassar sua mensagem, e sinto muito por sua mãe.

Ouçoo uma risada do outro lado.

— Obrigada. É a primeira vez que ligo para meus representantes. Teria feito isso muito antes se soubesse que alguém como você me atenderia.

Encerro a chamada e sinto o rubor tomar conta de meu rosto.

— Sobre o que era? — pergunta Meghan, virando a cadeira para mim e olhando minhas anotações.

Dou de ombros.

— Tenho uma mensagem para o senador.

Quando entro no estúdio de moda, me sinto incrivelmente despreparado. Odeio essa sensação que me desestabiliza e me constrange. Há tecidos em uma parede, máquinas de costura ao longo de outra e esboços colados em uma terceira. Olho atentamente para o quadro de esboços (principalmente para ficar de costas para as máquinas de costura, que estão me zoando por eu não saber nada).

— Adoro este — diz um sujeito, e demoro um pouco para perceber que ele está falando comigo.

Ele tem um sotaque britânico, e eu coro imediatamente ao sentir sua proximidade enquanto nós dois estamos observando uma peça.

— Do que gosta nela? — pergunto.

Morro de medo de fazer papel de idiota, então penso: em caso de dúvida, faça uma pergunta. Ele observa o esboço a lápis; os olhos da modelo me atravessam. Conforme meu olhar vai descendo, percebo como o esboço é detalhado.

— É assimétrico, e isso é sempre um *plus* para mim. Adoro as proporções também, a cintura marcada faz com que o restante do vestido caia direto do quadril. E dá para ver que o forro é um pouco mais pesado. Dá movimento, mas tipo um movimento definido. É controlado e preciso, e se encaixa perfeitamente com a composição angular.

— Bem observado — diz a professora Watts atrás de nós. — Philip, Reese, vejo que vocês dois já se conheceram. Este foi um dos meus favoritos do curso do verão passado. Conseguimos produzi-lo para o desfile de verão e funcionou muito bem na passarela.

Ergo as sobrancelhas, pois não sabia que ela era professora da minha classe, além de líder do curso todo.

— Foi um aluno que fez? — pergunto, e me sinto oprimido de novo. — É muito bom.

— Todos vocês poderão fazer algo semelhante quando concluírem meu curso. E se tiverem sorte, um de vocês poderá até ter o trabalho exibido em nosso desfile de moda de outono.

Engulo em seco. Não entendo nada disso e não quero admitir a Philip que minha única referência de moda e design nos últimos anos é *Project Runway* e *RuPaul's Drag Race*.

Os alunos tomam seus lugares. Eu me sento ao lado de Philip, que parece ser legal e inteligente.

— Prazer em conhecê-lo, companheiro — diz ele. — É meio intimidador, não é?

— Nunca usei uma máquina de costura — admito. — Estou me cagando.

Ele ri.

— Duvido que muitos aqui já tenham usado. Eu sei mexer, mas só porque fazia colchas com minha avó. Não sei costurar roupas nem nada. Mas teremos um curso intensivo neste verão.

— Estou pronto para isso — digo, apesar de ser mentira.

— É — responde ele —, eu também.

A professora Watts começa explicando sobre todos os projetos dos quais teremos que participar.

— Por se tratar de um curso intensivo, o primeiro projeto começa hoje. Vocês devem ter visto os esboços na parede quando entraram. São exemplos do mesmo projeto final que vocês farão; e saibam que todos os alunos que criaram esses modelos chegaram aqui com um conhecimento bastante limitado de design de moda, e todos conseguiram produzir *looks* bem elegantes até o fim do verão. Como um teste básico, para eu saber em que nível vocês estão, quero que desenhem uma peça moderna dos anos 1970 que tenha alguma ligação com o signo de vocês. Não precisa ser perfeito, nem precisa ser *bom*. Só desenhem para que possamos levantar críticas e confeccioná-lo no final da semana. Acho que a primeira semana de aula de história da moda contempla essa década, por isso, não vão ficar totalmente perdidos; mas sugiro que pesquisem mais em casa.

A aula continua; ela nos mostra algumas estampas modernas e a moda dos anos 1970. É minha última aula do dia, mas nenhuma começou com tanto conteúdo. Estou sendo bombardeado por informações. Finalmente, ela respira fundo e diz para deixarmos os lápis de lado.

— E pelo resto do dia, vamos treinar habilidades básicas na máquina de costura. Só temos uma máquina por mesa, portanto, vocês terão que dividir com a pessoa ao lado.

A professora distribui moldes, tecidos estampados e tesouras para tecido enquanto pegamos as máquinas de costura. Uma por mesa significa que meu novo amigo Philip e eu vamos dividir a mesma máquina.

— Parece que vamos fazer um... — paro, confuso. — Vamos fazer um portabatom de pano?

— Bem prático — diz Philip, rindo. — E é um chaveiro também. Que sorte!

— Sempre perco meu protetor labial, por isso, não posso zoar.

Converso casualmente com Philip enquanto corto meu tecido bege de bolinhas. Alinho todas as camadas de pano bem devagar, metodicamente, porque não quero ser o primeiro a usar a máquina.

— Quer ir primeiro? — pergunta Philip, e eu gemo.

— Não sei o que fazer — digo, já constrangido.

— Tudo bem, eu ensino.

Alinho dois pedaços de tecido e coloco o laço do chaveiro entre eles, segundo as instruções, e coloco o tecido embaixo da agulha.

— Eu passo a linha assim: pego o carretel e passo a linha por aqui. Há uma guia que deveria ajudar a enfiar a linha na agulha, mas nunca me ajudou.

Ele enfia a ponta da linha na boca para molhá-la e depois a passa entre os

dedos.

— Perfeito — diz, e me mostra como consegue enfiar a linha na agulha com muito mais facilidade. — Agora é só colocar aqui, e vamos testar em um pedaço de tecido. É só torcer devagar e ele vai começar... puxe o tecido suavemente para que não fique todo embolado. — Ele faz uma pausa. — Isso, assim. Espere, acho que a tensão do fio está apertada demais para esse tecido, assim a linha vai arrebentar.

Vou fazendo os movimentos, meio perturbado pelo pouco que sei. Mas estou apaixonado pelos conhecimentos de costura dele. Para mim, via de regra, qualquer pessoa que tenha uma habilidade que eu não tenho é instantaneamente atraente — fico arrepiado toda vez que vejo Heath fazer um strike no beisebol.

Philip me ajuda a usar o molde, e até que começo a entender como funciona. Mais ou menos. Não perfeitamente, mas já é alguma coisa, e não consigo imaginar como seria se eu não tivesse ajuda. A professora está andando por aí ajudando os outros; parece que está dando aula particular de costura, hoje.

Enquanto Philip começa a costurar sua peça, pego meu diário para esboçar o porta-batom, como uma lembrança do que aconteceu hoje.

— Esse vestido — diz Philip, ao vislumbrar o desenho que fiz esta manhã — foi você que projetou?

Dou risada.

— Não, vi em uma loja. Estava em um manequim, aí fiquei imaginando como ficaria em alguém andando na rua. Então, desenhei.

— Você é habilidoso — diz ele. — Meus desenhos são mais como sentimentos ou impressões. Não faço os detalhes muito bem.

— Se eu puder ajudá-lo de alguma maneira, será um prazer. Eu te devo uma por esse curso intensivo de costura que você acabou de me dar.

Ele conclui os últimos pontos de sua peça e corta a linha que sobrou. Coloca a dele ao lado da minha, e parecem quase idênticas. A minha ficou mais irregular, mas nada mal para um completo amador.

— Toma. — Ele pega o chaveiro que acabei de fazer e me oferece o dele em troca. — Parece que vamos nos ajudar muito neste verão.

Eu pego o chaveiro e sinto minhas bochechas queimando. Distraidamente, brinco com o pingente da minha pulseira.

— É, parece que sim.

A professora nos pede para mostrar nossos chaveiros. São muitos sucessos e fracassos pela sala, mas a energia é bem alta. Como todo mundo, estou esperançoso, pelo menos. Vejo potencial aqui.

Quando nos levantamos para sair, Philip se volta para mim.

— Quer jantar depois da aula? Não tenho amigos aqui e odeio comer sozinho, sabe? E já estou meio sobrecarregado. Se eu voltar para o dormitório, vou começar a trabalhar até a morte nesse projeto, e queria respirar primeiro.

— Legal — digo. — Fui a um café bonitinho hoje de manhã que abre no jantar, fica mais ou menos na metade do caminho entre aqui e os dormitórios. E posso até te mostrar o vestido que desenhei de manhã.

Ele concorda.

— Vá na frente.

É hora do almoço, e ainda não recebemos o treinamento que nos prometeram. Mas estamos ajudando com as ligações. Um *monte* de ligações. Eu tenho uma pilha de respostas dos eleitores, mas não está totalmente claro o que devemos fazer com ela. O bufê trouxe uma bandeja de sanduíches não muito tempo atrás, mas ninguém tocou nela. Não há ninguém por aqui; Meghan saiu há algumas horas sem dizer nada, e outros entraram e saíram a manhã toda.

— Não acredito que aquele homem me chamou de vadia — diz April. — Eu escutei o discurso inteiro dele sobre a teoria da conspiração, por *sete minutos*, e quando disse que vou transmitir o recado, sou xingada de vadia.

Josh suspira.

— Lamento, April.

Não se passou muito tempo, mas já desligaram na cara de todos nós e nos criticaram; mas ninguém foi tão grosso comigo. Não há muito que uma pessoa possa dizer sobre você pela voz ao telefone, mas fico me perguntando: será que se a voz de April fosse mais profunda, o sujeito não teria explodido? E se eu houvesse atendido, e ele ouvisse o tom mais alto de minha voz, ou como eu puxo o “s” um pouco mais que os outros... o que ele teria dito?

Talvez nada. Mas tenho uma sensação desagradável, que me remete a minha casa, quando eu escolhia uma roupa com minha mãe observando, preocupada com que mensagem transmitiria. Por um lado, quero me transformar, mudar, mas me controlo. Não posso fazer isso.

— Se ele ligar de novo — digo —, passe para mim.

— Ah, *espero* que ligue de novo — responde April. — Acabei de pensar em algumas respostas aos comentários dele sobre a teoria da conspiração.

Levam-nos para pegar uns sanduíches e nos pedem para voltar ao nosso cantinho por alguns minutos enquanto alguém cuida de alguma coisa. Não reconheço nomes nem rostos ainda, e daria qualquer coisa para receber uma apresentação de verdade. Mas, aparentemente, não é assim que eles fazem as coisas aqui.

— Dia agitado — comenta Meghan, para ninguém em particular, quando volta.

Está com um sanduíche na mão e vai direto para o computador. Um aplicativo de agenda ocupa sua tela e a vejo fazendo anotações. Ela abre um e-mail e se volta com um largo sorriso no rosto.

— Ah, ótimo. O chefe de gabinete conversou com o senador sobre o que fazer com vocês, acho que finalmente temos um plano. O senador Wright passará algumas semanas em Ohio, de modo que, infelizmente, vai demorar um pouco

mais para vocês o conhecerem.

— Mas achei que ele tinha uma votação amanhã — digo.

— Boa memória! Ele vem para a votação e para uma rápida aparição na CNN esta noite, e volta a Ohio amanhã. Acabei de reservar os voos dele. — Ela faz uma pausa. — Você é o estagiário que conhece a deputada Caudill, certo?

— Sim, ela é amiga da minha mãe.

— Ah, faz sentido. — Ela volta para seu e-mail. — Ele estará na região dela, por isso me pediu para me certificar de que você seja bem atendido.

Fico tenso, esperando que isso não pareça privilégio demais.

— Enfim, April e Josh, parece que vocês já estão acostumados a receber ligações de eleitores; vamos pedir que continuem ajudando com isso.

Todos nós somos péssimos com os telefonemas, por isso, sei que o argumento dela não é exatamente verdade. Sinto os olhares dos outros dois queimando em mim, mas não ousa me virar. Meghan olha para mim.

— E você vai me ajudar a manter o caos em ordem. Cuidar da agenda é, na verdade, um trabalho para cinquenta pessoas. Não reclamo; bem, não reclamo em voz alta, mas preciso de ajuda, sobretudo quando literalmente preciso estar em dois lugares ao mesmo tempo, entende?

— Entendo — digo debilmente. — O que for necessário.

Respeito Meghan, mas não quero trabalhar com ela. *Para* ela.

Sinto um amargor no estômago ao me conscientizar de que acabei de ganhar preferência sobre April e Josh simplesmente por uma parlamentar ser amiga da minha família. O trabalho que vou fazer não é melhor que o deles, mas, desse jeito, parece. E aqui, a aparência importa.

— Então — diz Meghan, enquanto me entrega uns papéis dentro de um envelope pardo —, vocês dois podem ir falar com Jenna, que vai lhes explicar como lidar com os telefones, checar as secretárias eletrônicas de manhã e tudo mais. E Sal, lembra como faz para voltar à entrada?

— Acho que sim.

— Maravilha. Duas coisas: primeiro, preciso que você vá buscar Leona Smith lá embaixo; é uma veterana de Lima, dê as boas-vindas a ela no Capitólio. Basta trazê-la aqui, Jenna lhe dará um ingresso para que ela participe da votação de amanhã, e Marcus terá uma reunião particular com ela em nome do senador Wright.

— Entendi — digo, já sentindo a pressão crescer dentro de mim.

— No caminho, passe pelo escritório do senador Greenwood e entregue isso a Helena. O nome dela está aí. O escritório dele fica no final do corredor à direita, você vai passar por ele.

Concordo, mas nem sei direito onde estou.

— Vou encontrar.

— Ótimo, obrigada! Já terei outras tarefas para você quando voltar. Vai ser tão bom ter você aqui neste verão.

Eu me volto para sair já com o rosto corado só de pensar em fazer isso o verão todo. Quero ajudar, e talvez essa seja a maneira. Uma lágrima escorre pelo meu

rosto enquanto as emoções lutam dentro de mim — já irritei April e Josh, Meghan está me enchendo de tarefas com instruções vagas, e, pior de tudo, algo me diz que esse “projeto especial” talvez não passe de uma mentira.

FaceTime
Reese, Heath

- R:** Oi! Estou vendo você. Os outros ainda não responderam à chamada, acho que estão atrasados. Que surpresa!
- H:** Tudo bem para mim; você e eu podemos conversar um pouco. Reese, que saudades da sua cara! Como é a escola de design?
- R:** Está indo bem até agora. É bem estressante, mas, não me interprete mal, é meio legal. É como se todos tivéssemos sido jogados no fundo do poço. Ah, eu fiz uma coisa, olhe!
- H:** Um chaveiro? Ah, e é um porta-batom. Legal. Você costurou?
- R:** Sim! Bem, na verdade, este era de Philip. Ele me ensinou a costurar, e eu estou o ajudando com umas coisas de design; estou tentando ensiná-lo a desenhar com uma caneta de ilustração digital, coisas assim. Aí ele sugeriu que trocássemos os chaveiros. Mas o meu é igual.
- H:** Não acredito que você já está criando coisas! Que bom que está fazendo amigos também. Então, é com ele que você tem saído esta semana?

Sal, Gabriel

- G:** Sal, temos que entrar no FaceTime. Reese não para de chamar. Você sabe como ele fica quando atrasamos.
- S:** Esta semana acabou comigo, Gabe. Acho que trabalhei umas 35 horas. É caótico demais, mas não quero reclamar com os outros.
- G:** Só quer reclamar comigo?
- S:** Na verdade, sim.
- G:** Que fofo, mas de um jeito estranho. Mas são muitas horas; achei que você só podia fazer, tipo, vinte horas.
- S:** Ninguém sabe o que acontece lá. É uma loucura. Fazia tempo que não ficava tão estressado. Mas é muito legal estar no Capitólio todos os dias. Acho que estou irritando os outros estagiários, mas já consegui fazer muitas coisas legais. Estou exausto.
- G:** Você não pode se matar por esse estágio, querido. Tem muito tempo para trabalhar período integral no futuro. Você precisa, sei lá, estabelecer limites, antes que fuja do controle.
- S:** Não posso fazer isso, preciso que o estágio corra bem.
- G:** Meu Deus, acabei de receber outro pedido. Podemos conversar com o grupo?
- S:** Tudo bem, vamos passar pra lá.

Diana e eu chegamos ao fliperama de tia Jeanie para meu treinamento por volta do meio-dia, e fico impressionado com o silêncio dessa parte do calçadão. Sim, é uma segunda-feira aleatória no meio do verão, e a maioria dos baladeiros mais indisciplinados de Daytona Beach provavelmente está dormindo, de ressaca. Mesmo assim, é estranho.

Meu primeiro encontro com Jeanie foi curto, mas legal. O segundo foi quase inexistente. Diana e Jeanie quase não se veem; os únicos momentos em que se encontram devem ser durante os turnos em que trabalham juntas. Essa dinâmica familiar está a anos-luz de distância das que conheço, mas não deixa de ser especial.

E quero fazer parte disso.

— Seu primeiro turno é sexta-feira; temos tempo de sobra para te explicar tudo — diz Diana, abaixando-se para passar pelo portão meio abaixado do fliperama, agora fechado. — Está nervoso?

— Deveria estar? — pergunto enquanto a sigo pelo espaço escuro. — Tenho certeza de que vou pegar o jeito. Já fiz alguns bicos, sei lidar com as pessoas.

— Pessoas bêbadas?

Dou risada.

— Quando mamãe e papai iam à igreja, eu tinha que tomar conta de todas as crianças durante o culto. Crianças são basicamente pequenos humanos bêbados, não é?

Ela ri.

— Bêbados normais e bêbados de Daytona são muito diferentes, você vai ver.

Meus olhos lentamente se adaptam à luz — ou à falta dela — do local. Há um grande balcão à minha frente, e atrás dele, batatas fritas e uma fritadeira. Há centenas de copos plásticos gigantes empilhados atrás do balcão, e realmente me impressiona a quantidade de cerveja que se deve consumir neste lugar todos os dias.

— Jeanie deve estar lá atrás cuidando da contabilidade. Os barris chegam por volta dessa hora, por isso, vamos fazer um tour rápido.

Ela me conduz pelo espaço, apontando algumas das atrações mais populares.

— Duas mesas de air hockey; as pessoas esperam horas para jogar. Já tomaram tanto banho de cerveja que é um milagre que ainda funcionem. Mas vão ficando mais grudentas conforme a noite avança, por isso, às vezes temos que limpá-las no meio do turno. Aqui, temos os jogos de tiro: tiro em zumbis, em veados, em alienígenas, todos populares com certo... grupo de gente. Eles geralmente usam chapéus vermelhos, e é tudo que vou te dizer a respeito. Há uma fileira de

skeeballs nos fundos; esses jogos trazem uma tonelada de dinheiro. É um dólar e cinquenta por rodada, e os caras fazem fila para provar sua superioridade esportiva a noite toda.

Rio, porque, definitivamente, conheço o tipo. Alguns caras do meu time de beisebol se divertiriam muito aqui, inclusive eu. Tento pensar o que meus amigos prefeririam: Reese dominaria a arte do skeeball, ao passo que Gabe e Sal passariam o dia todo competindo na mesa de air hockey.

— Heath! — tia Jeanie chama dos fundos e corre para me abraçar. E faz o mesmo com Diana.

— Não ouvi vocês entrarem. Queria te mostrar tudo.

Ela nos leva até a caixa registradora e pega uma pilha de moedas.

— Só abrimos às sete às segundas-feiras, temos um pouco de tempo livre. Skeeball? Vou fazer umas salsichas empanadas para nós.

Coro.

— Ah, não posso aceitar.

— Não se preocupe, a maior parte do dinheiro volta para mim. Pode acreditar, é um prazer.

— Na verdade — diz Diana —, Jeanie é mestre no skeeball. Eu frito as salsichas, assim Heath pode aprender com a melhor.

Depois de um momento de hesitação, Jeanie concorda e me leva para os fundos.

— Não pude te dar atenção — diz ela. — Como você deve ter visto, eu trabalho a noite toda e durmo durante o dia, por isso não tenho sido uma boa anfitriã.

— Ah, tudo bem — digo, colocando as moedas para começar minha rodada de skeeball. — Foi muito legal você me deixar ficar aqui. Diana está me mostrando a vida na praia.

Ela lança sua primeira bola, acertando o buraco de cem pontos no canto.

— Acho que não sei como ser uma boa tia. Eu... você sabe, nunca tive oportunidade. E isso, parcialmente, é culpa minha.

— Da minha mãe também — digo sem rodeios. — Nós sempre falávamos de vir aqui, mas minha mãe acabava nos levando para Cedar Point ou algo assim e fingia que era a mesma coisa.

— Nós não nos damos muito bem. Ela sempre odiou minha impulsividade, o fato de eu nunca me acomodar. Eu pensei bastante em voltar, mas estava muito endividada por causa deste fliperama. E também, depois de morar na praia tanto tempo, é difícil me imaginar em Ohio de novo.

— Tenho certeza disso — digo enquanto lanço uma bola e faço trinta pontos.

Diana chega com uma travessa de salsichas empanadas e pega fichas para começar o terceiro jogo de skeeball.

— Vou te ensinar a fazer — diz Jeanie —, e a servir a cerveja perfeita. Mas, se um agente sanitário perguntar, você jamais fez isso.

Rimos, e logo ouvimos uma batida alta nos fundos.

— É a entrega dos congelados. Tenho que assinar.

— Jeanie está se esforçando muito para ser uma tia legal — diz Diana.

Fico impressionado de ver como essa família é incomum. Mas posso sentir o amor entre elas, e não é isso que importa?

— Por que você chama sua mãe de Jeanie? — pergunto.

Ela dá de ombros.

— Combina mais que “mamãe”, acho. Ela sempre me criou bastante independente, e quando comecei a trabalhar aqui, tinha que chamá-la de Jeanie, e meio que acostumei.

— Acha que ela vai se importar se eu chamá-la de *tia* Jeanie?

Diana sorri.

— Acho que ela vai gostar.

Eu tenho uma família. Não como a de Reese, Sal ou Gabriel, mas é minha. E enquanto curto o bem-estar que isso me causa, recebo uma mensagem do meu pai que quebra o momento e me faz perceber que nada será como antes.

“Boas notícias, garoto: recebemos uma oferta pela casa!”

Todos do curso começamos a cair na rotina diária. Eu gosto de rotina, então para mim é ótimo. No intervalo de seis horas que tenho, geralmente fico em uma das áreas de lazer da escola, mas sei que posso voltar para meu dormitório, sentar-me em um café ou explorar a cidade. Vi a Torre Eiffel de passagem, mas talvez vá dar uma de turista no fim de semana.

Estou começando a pegar o jeito de costurar, ou seja, não quebro mais a máquina só de tocar nela. E estou indo muito bem nas aulas de design gráfico. Isso não é nenhuma surpresa; já a moda não flui naturalmente para mim. E uma parte de mim já quer desistir, o que parece muito imaturo, mas talvez eu não esteja preparado para essa área.

Estou sentado na cadeira mais confortável que a sala tem disponível, de pernas cruzadas sobre outra cadeira, estudando meu projeto para o primeiro workshop da manhã. Acho que está tudo certo, se bem que o tema é meio maluco: um design moderno dos anos 1970 relacionado com meu signo. Parece uma proposta ruim do *Project Runway*.

O que criei foi um vestido bem simples. A parte de cima de alcinhas, amarradas nas costas com um laço. É azul-marinho, e a parte de baixo cai direto até o chão, com um cinto fino na cintura. Não sabia como incluir o elemento do zodíaco, então, fiz o vestido com a estampa do símbolo de touro.

Acho que ficou bom, mas será que é o suficiente?

— Esse é seu projeto? — pergunta Philip.

Uma pergunta retórica. Estamos falando sobre isso a semana toda, mas nunca me senti à vontade para deixá-lo ver.

— Lindo o desenho.

— Sim — digo, e depressa guardo a folha na pasta, escondendo meu constrangimento.

Entramos em fila na sala de aula; vou dando uma olhada em outras peças. Todas parecem mais polidas, mais criativas e muito mais corretas que a minha. Watts entra e vamos direto para as apresentações.

— Para que seja justo, os nomes serão escolhidos aleatoriamente. Cada um, à sua vez, vai apresentar seu design e falar sobre as escolhas que fez e como se inspirou nas instruções. Quem não estiver apresentando, vai fazendo a crítica. Distribuí post-its para todos. Anotem comentários construtivos sobre os designs, depois vamos recolhê-los e conversar sobre os pontos fortes e fracos de cada peça. Tudo bem?

Concordamos, e ela vai até uma mesa e se senta. Clica em algumas coisas no computador.

— Muito bem, Philip é o primeiro.

Ele fica vermelho imediatamente e respira profundamente algumas vezes enquanto procura seu papel.

— É melhor ser o primeiro que ser o último, acho — diz. — Pelo menos já acaba. Me deseje sorte.

Sorrio para ele.

— Você não precisa de sorte, vai se sair muito bem.

E se sai mesmo. Ele não tem a melhor habilidade artística, mas tem muito bom estilo. A modelo que desenhou está usando um vestido curto laranja-queimado, com uma bolsa combinando.

— Bem, à primeira vista, é um vestido moderno bem simples. Escolhi essa cor porque combina com uma paleta de cores retrô padrão, mas também me lembra o fogo. E sagitário é um signo de fogo. Decidi quebrar o laranja com blocos de cores, e essa grossa faixa branca na frente se transforma em uma flecha, que também representa sagitário.

Ele continua a apresentação, detalhando pequenos toques que eu não havia notado antes, mostrando seu conhecimento da moda do início dos anos 1970. É muito difícil ser um sabichão e não parecer que está se gabando, mas ele faz isso de um jeito humilde que me faz morrer de inveja.

Todos aplaudem quando ele termina.

— Muito bem, Philip — diz a professora, e começa a citar aspectos que adorou no design.

— Eu usaria esse vestido — diz ela, rindo —, se você fizer um do meu tamanho.

Todos rimos. Anoto meu feedback no post-it. Escrevo tudo de que gostei, mas não consigo encontrar nada negativo para dizer. Escrevo: “adorei!” e desenho um coraçõzinho no canto. E aí fico com receio de que isso seja intimidade demais. Mas não posso apagar, então, quando os outros começam a passar seus post-its para ele, coloco o meu por baixo.

— Foi ótimo — digo.

Ele está suando, mas com um sorriso enorme no rosto. Não posso deixar de sorrir também.

— Obrigado. Foi divertido. Apavorante, mas divertido.

Outros são chamados e recebem feedbacks mistos, mas a maioria positivo. Outro taurino desenhou um vestido curtinho e elegante na padronagem *pied-de-poule* e com uma gola enorme, mas transformou os ombros em chifres para atender à proposta, aparentemente em cima da hora. Um pisciano seguiu uma rota mais segura e criou um maiô retrô fofo, mas meio sem graça.

— Reese — diz a professora —, você é o próximo.

Pego minha apresentação e de novo me sinto despreparado. Não estou acostumado a isso; ser um aluno nota 10 durante a vida toda significa que só sinto conforto quando domino completamente algum assunto. Mas a moda vai demandar mais tempo para eu dominá-la.

— Muito bem. — Entro no modo apresentação. — Vi que blusinhas

amarradas atrás do pescoço eram bem populares nos anos 1970, então, fiz este vestido simples com estampa diagonal de chifres de touro. De longe, é uma estampa visualmente atraente, mas, de perto, dá para ver os chifres.

Vou explicando detalhes menores, o movimento da barra do vestido e tal. Depois, abrimos para o feedback e me encolho.

A garota de peixes olha para suas anotações e depois para mim.

— Oi... sim, é um vestido bonito, mas não me parece muito moderno. Você poderia ter feito uma blusinha com calça de cintura alta.

— Ah, teria sido muito melhor — intervém outro aluno. — E poderia ter colocado a estampa só em cima, acho que há touros demais me encarando.

— Exatamente — diz a garota de peixes com voz de conhecedora. — A estampa é muito óbvia, eu teria escolhido algo mais sutil.

— Obrigada pelo feedback, Noelle — diz a professora. — Só quero lembrar a todos que quando fazemos críticas, é sempre bom ter sugestões para dar. É muito fácil destacar problemas sem explicar como podem ser corrigidos. Acho que todos acabamos encontrando maneiras de usar feedbacks que funcionem para nós, mas o que faz sentido para um pode não fazer para o artista.

Enquanto isso, quero que o chão me engula. Mas Noelle, também conhecida como a garota de peixes, se cala um pouco para deixar que os outros façam comentários. Não recebo muitas críticas positivas, mas Philip elogia o uso que faço das cores, e fico grato.

Mantenho a cabeça baixa enquanto os outros terminam suas apresentações, e pego minha mochila assim que somos dispensados. Vou sair, mas Philip me impede.

— Um pessoal vai sair hoje à noite para comemorar a conclusão da primeira semana. Está a fim?

Ele parece tão cheio de esperanças, e uma parte de mim quer dizer sim. Afinal, já jantamos juntos três vezes esta semana, e a nova amizade com ele realmente me atrai. Mas agora eu me sinto incompetente perto dele.

E não quero ficar perto de Noelle, mesmo que seus comentários sejam justificados.

— Acho que vou para a cama cedo hoje — digo por fim, e vejo a decepção no rosto dele. — Na próxima, talvez.

— Tudo bem. Eu acompanho você. Tenho que me trocar mesmo.

A caminhada de volta é tranquila e curta, e nos despedimos diante de meu quarto. Ele me dá um abraço rápido, o primeiro entre nós.

— Não ligue para o que aconteceu lá. Acho que quando as pessoas começam a criticar negativamente algo, só focam nisso. Leia os post-its que você recebeu, tenho certeza de que também recebeu ótimas críticas. Pelo menos de mim.

— Obrigado — digo, e finalmente encerramos o abraço. — Vou ler.

Quando entro, jogo os post-its no lixo e me sento na cama, implorando para que as lágrimas não venham. Vejo o grupo lotado de mensagens de Heath, principalmente selfies dele se preparando para seu primeiro turno no fliperama. Está mais bronzado, e dá para ver que está realmente curtindo Daytona.

Ele também me mandou uma mensagem no privado perguntando como foi a apresentação. Mas... não posso reclamar com ele sobre isso. Quero responder, porém nem sei o que dizer. Ponho uma temporada antiga de *Drag Race* e começo a anotar coisas sobre cada *look*, cada desafio lançado. Penso em perguntar às minhas mães se podem comprar uma máquina de costura barata em algum lugar, para que eu possa praticar enquanto estiver aqui.

Estou me sentindo derrotado, mas não posso deixar que isso me derrube.

Meus dias são assim: acordo às cinco e meia da manhã e corro para o banheiro masculino para tomar banho antes que alguém do meu andar acorde, depois volto e tiro uma soneca até as sete ou oito. É uma caminhada de quinze minutos até a sede da Save the Trees, e costumo ir com a Tiffany. Art e Matt geralmente acordam cedo para pegar cafés gelados para todos nós, o que Tiffany e eu agradecemos, porque logo descobrimos que a Keurig² de lá está sempre sem cápsulas de café.

Teoricamente, começamos a trabalhar às nove, mas é muito difícil considerar isso um trabalho, pois tudo que fizemos até agora foi aprender sobre o programa. Muito.

— Bem-vindos ao *último* dia de orientação e treinamento!

Ali parece estar em sua terceira xícara de café. Todos os outros que participam dos treinamentos se comportam como humanos normais às nove da manhã — um vigilante da natureza grogue, um analista de políticas meio zonzinho de sono —, mas Ali, especialista em angariação de fundos da ONG, está cheia de energia.

Ali está preparando seus slides para o último dia de treinamento; Tiffany se inclina para mim e sussurra:

— Não sei quanto mais posso aprender. Não é meio estranho que ainda não tenham dito o que vamos fazer quando o treinamento acabar?

— Andei tentando ver trechos das apresentações do pessoal. Com base no que o vigilante da natureza disse, parece que vamos ajudar a plantar árvores de vez em quando.

— Não, acho que não — diz ela. — Ele disse que a maior parte do plantio é feita no início da primavera.

Somos interrompidos por batidas de palmas altas no estrado — é Ali, pedindo nossa atenção. Mesmo nessa experiência que parece tão adulta, isso me lembra a escola e me faz sentir que estão me tratando como criança. Meu humor azeda.

— Agora, vamos formar duplas. Vocês trabalharão em duplas pelo restante do estágio, procurem se conhecer melhor. Vamos dividi-los de acordo com as mesas em que estão sentados.

Ela vai passando pelas fileiras; Tiffany e eu formamos uma dupla, Art e Matt outra. Não sei o que isso implicará e, via de regra, odeio trabalhar em grupo, mas estou feliz por ser parceiro da Tiffany. Nós nos damos muito bem, ela é incrivelmente normal e nada desagradável, e nós dois nos identificamos por sermos muito ansiosos. Art e Matt formam uma boa dupla também, pois se tornaram amigos desde que Art salvou Matt da conversa mais longa e dolorosa de todos os tempos, no primeiro evento.

— Agora, nosso último palestrante da semana vai orientá-los sobre o primeiro mês desta experiência de voluntariado. Prestem muita atenção, pois vão usar todas as informações que receberam esta semana.

Sinto um leve nó no estômago e certa expectativa pelo que está por vir. Aprendemos muita coisa, mas não sabemos exatamente como aplicar nada. Sabemos quanto oxigênio a empresa trouxe para Boston por meio de seus programas; que desenvolveram maneiras de reduzir as ilhas de calor, causadas pelo reflexo do sol no concreto e no asfalto, provocando uma espécie de efeito estufa. Sabemos que as contribuições de grandes e pequenos doadores são aplicadas diretamente nesse processo. Também aprendemos detalhadamente como plantar e transplantar uma árvore.

Mas não sabemos o que vamos fazer.

O palestrante se levanta e abre um sorriso igual ao de Ali — grande, cheio de energia, totalmente imune à hora do dia.

— Olá a todos, sou Casey e gerencio o programa de voluntariado da ONG. Ali foca mais nos bastidores do trabalho, e eu fico mais na frente e no meio de campo, com as pessoas de Boston, que é o melhor lugar para se estar. — Ele se volta para Ali com um sorriso. — Sem ofensas.

Rimos; ele começa a falar mais sobre a história do programa, de voluntários anteriores que passaram de programas comunitários locais a funções mais corporativas dentro do direito ambiental. Sinto-me um pouco melhor sabendo que isso poderia abrir portas para mim, mas estamos todos inquietos. *O que vamos fazer?*

Por fim, ele explica:

— Neste verão, pelo menos neste primeiro mês, todos vocês serão nossos defensores nas ruas. O trabalho de vocês é muito importante para nossa missão, pois divulga nossa organização e atrai doações em massa, de uma maneira que jamais conseguiríamos por outros meios.

Ele sorri, e é um sorriso genuíno, mas também tenho a sensação de que está se esforçando demais para ser acolhedor, como se estivéssemos todos prestes a sair correndo porta afora.

— Vocês vão trabalhar em duplas e ficarão em quarteirões movimentados de Boston. Vão usar a camiseta da Boston Save The Trees Foundation, e só o que terão que fazer é atrair a atenção das pessoas, conversar com elas sobre a organização e ver se gostariam de fazer uma doação. É supersimples, mas muito eficaz.

— Ah, não, caralho — diz Tiffany, baixinho.

Ela olha para mim e sinto a cor se esvaír de meu rosto enquanto processo o que ouvi. Não querer falar com as pessoas em um ambiente seguro em um evento de networking era uma coisa, mas parar pessoas ocupadas na rua para pedir doações? Não há literalmente nenhuma chance de eu fazer isso. Nenhuma.

Art levanta a mão e, quando é chamado, diz:

— Passei a semana toda tentando descobrir o que vamos fazer, e todos se esquivaram da pergunta, e acho que estou começando a entender o motivo. —

Elu revira os olhos. — É só um feedback para o futuro; estou sentindo que fui enganado para participar de algo de que jamais participaria espontaneamente.

— Entendo — diz Ali em seu tom animado —, mas quero ter certeza de que saibam que nós nunca quisemos enganá-los. Fazemos os treinamentos nessa ordem por uma razão. Vamos preparar vocês dando todas as informações de que precisam, e distribuiremos um livreto com respostas que poderão usar, truques para atrair a atenção de alguém que não queira falar, e coisas assim. É uma experiência totalmente normal e sem estresse, mas sempre achamos melhor facilitar o processo de nossos voluntários, entende?

— Então, *tiveram sim* a intenção de nos enganar — diz Tiffany, meio alto demais para um sussurro.

— Acho que todos vão se sentir muito melhor quando distribuirmos os livretos — diz Ali depois de bater palmas três vezes, indicando que a conversa acabou.

As duas horas seguintes são cansativas. Minha ansiedade aumentou tanto que eu meio que me odeio por ter sido tão positivo na terapia por videochamada ontem. Definitivamente, ela vai ouvir um monte semana que vem, mas, até lá, eu já terei passado por tudo isso.

O livreto está cheio de informações, mas parece um guia sobre como violar o espaço alheio. Estou me referindo a maneiras de parar uma pessoa e enrolá-la com conversa de um jeito que ela não possa escapar. Agora, conheço oito maneiras de responder a alguém que não quer falar comigo.

Se alguém disser que está muito ocupado, explique que levará apenas um segundo e comece a falar, torcendo para que a pessoa não vá embora.

Se alguém disser que está sem a carteira, explique que precisamos só de uma assinatura e um compromisso e comece a falar, torcendo para que a pessoa não vá embora.

Se alguém simplesmente disser não, apele para o lado bondoso da pessoa e lembre que a mudança climática vai matar todos nós um dia. A seguir, solte a ladainha e torça para que ela não vá embora.

— É muita coisa, eu sei, mas falta uma última para deixar vocês saírem mais cedo neste lindo dia de verão. Vou precisar de alguns voluntários para começar a trabalhar no baile de gala de verão, que será ao ar livre, daqui a mais ou menos um mês. Trabalhamos com muitos doadores de alto nível e precisamos de alguém confiável, que trabalhe bem em equipe. Se fizerem seu melhor, poderão assumir um novo projeto no final deste verão, que ficará ótimo no currículo de vocês.

Temos o resto do dia de folga e, sem decidir nada, Tiffany, Art, Matt e eu vamos andando até o café para relaxar.

— Que merda, hein? — Tiffany enterra o rosto nas mãos. — Eu odeio essas pessoas que fazem campanha na rua pedindo doações. São tão chatas, e não *param de falar*! Nunca pensei que teria que fazer isso.

— Eu realmente não sei o que elas são — admito —, mas parece horrível.

Art limpa a garganta e damos atenção a eles.

— Vejam, não é uma maravilha. Acho que é um fato conhecido que todo

mundo odeia esse tipo de gente. Mas acho que já conversei com eles o suficiente para saber o que funciona e o que não funciona.

— Você *fala* com essas pessoas? — pergunta Tiffany, o que faz Matt rir.

— Sim, e geralmente são pessoas normais, como nós, que são tratadas como merda, mas precisam de um salário. Muitas realmente querem ajudar a causa, e algumas só gostam de conversar com as pessoas, conhece o tipo?

— Como Allen — diz Matt, referindo-se ao cara que o encurralou no primeiro evento.

— Exatamente — diz Art. — Esse garoto vai *pra frente*, e acho que nós também podemos.

— Não seria bom simularmos alguns cenários? — pergunta Matt, e Tiffany e eu gememos.

— Ainda não processei tudo isso — digo. — Não sei como fazer, e estou me sentindo mal. Não acho que treinar vai ajudar.

Matt olha para o balcão de doces.

— E se eu comprar um *cookie* gigante para cada um?

— Nossa conta já está muito alta com todos aqueles cafés gelados — responde Tiffany.

— Esses são por minha conta — diz ele, e vai até o balcão.

No caminho de volta para meu dormitório, mando uma mensagem para Sal: *merda merda merda merda. Você não vai acreditar no que eu tenho que fazer pelo Save the Trees. Posso ligar à noite?*

Espero uma resposta, mesmo sabendo que sempre leva séculos para isso acontecer agora. Ele está trabalhando dez horas por dia, o que é ilegal para um estagiário, mas não reclama. Não fala sobre isso conosco. Na verdade, ele *não fala mais conosco*.

Ele responde: *Ocupado à noite, desculpe. Também fazendo coisas de merda para o senador.*

Afasto o celular. Não sei bem o que esperava dele, mas acho que estou realmente sozinho aqui. Vou tentar ligar para Heath à noite, já que Reese está igualmente inacessível. E talvez possamos reclamar juntos de nossos amigos que de repente estão ocupados demais para nós.

2 Máquina para produção de bebidas quentes.

Meghan anda *rápido*. Sei que todo mundo aqui é apressado, e talvez seja coisa da cidade, mas mal consigo acompanhá-la enquanto ela voa pelos corredores fazendo barulho com seus saltos altos. Nós dois estamos vestidos mais arrumados que o normal hoje — ela com um vestido preto curto e maquiagem pesada, eu com meu paletó cinza-carvão e gravata-borboleta verde-esmeralda.

Meus pés doem. Não estou acostumado a usar sapatos sociais vários dias por semana, e meu smart watch diz que caminhei uma média de oito quilômetros por dia — e isso só andando para cima e para baixo pelos corredores do Capitólio. Meu trabalho parece importante: guio eleitores em visitas ao Capitólio, asseguro que o chefe de gabinete chegue às suas reuniões a tempo e, geralmente, enquanto estou andando, ligo para companhias aéreas para mudar os voos do senador em um segundo iPhone profissional que o Capitólio aluga.

Faz só uma semana, e já sei a data de nascimento e o número do passaporte dele de cor.

Mas tenho um problema. Bem, dois: Josh e April.

Eles *odeiam* seu trabalho. Tudo o que fazem é atender ao telefone e ouvir gritos o dia todo, e mesmo saindo do trabalho às cinco, parece que passaram a maior parte do dia em agonia. Em certos momentos, quero trocar de lugar com eles, falar com os eleitores, tentar descobrir o que os motiva e encontrar a raiz do problema; talvez seja assim que eles começaram também. Mas agora é só uma saudação curta, um registro rápido sobre o tema da ligação e uma despedida apressada. Estou começando a sentir o ressentimento deles toda vez que entro na sala, e o pior é que não os culpo.

— O carro está nos esperando — diz Meghan. — Chegaremos ao Decatur House um pouco mais cedo, mas tudo bem. Gosto de conhecer o terreno antes que o senador chegue. Está animado para conhecê-lo?

— Sim, estou — digo. — Queria que os outros pudessem conhecê-lo também.

— Os outros estagiários? Vão conhecer, um dia. Você sabe como é.

Assinto com a cabeça, principalmente porque acho que é o que devo fazer. Não sei como as coisas acontecem aqui, mas, pelo que posso dizer, o senador não fica muito tempo no escritório, e os outros estagiários não ficam muito tempo fora do escritório.

Saímos do carro em frente ao Lafayette Park, e mais à frente posso ver a Casa Branca. Há turistas e manifestantes do lado externo da grade, e isso me impacta de uma maneira diferente. Estou andando pela Casa Branca não como turista, como fiz no primeiro dia aqui. Estou andando como alguém que mora aqui,

mesmo que temporariamente. Como alguém que *trabalha* aqui. Eu poderia me acostumar a isso.

Meghan e eu colocamos nossos óculos de sol e ela me leva em direção ao Decatur House, que é um prédio histórico de tijolos um tanto despretenso na esquina do parque que fica em frente à Casa Branca. Ela anda com confiança e eu a imito, tentando me encaixar, mas também experimentando essa nova vida em DC. Eu poderia ser ela daqui a alguns anos. Mesmo tendo se passado só uma semana, vejo isso. E andei tão atrapalhado que quase esqueci por que hesitei.

E então, eu me lembro de Gabriel. Dos rapazes. Não conversei no grupo esta semana.

Entramos no prédio, enfim, e isso apaga da minha mente todos os arrependimentos. É um edifício histórico tão bonito que sei que o que estou fazendo é importante e um privilégio, e meus amigos terão que entender.

— Nossa... muito legal — digo, desejando poder descrever meus sentimentos de uma forma um pouco mais madura.

— Nunca me canso de olhar — responde Meghan. — Não me entenda mal, é que eu fico realmente esgotada, e toda vez que fico sobrecarregada no trabalho tento aproveitar essas experiências.

Somos uns dos primeiros a chegar; Meghan conversa um instante com o gerente do evento, confirmando horários e assentos e se a refeição sem glúten do senador foi providenciada.

— Está tudo certo — diz o gerente do evento com sua voz calma e confiante. — Vamos até colocar um pãozinho sem glúten no lugar dele.

— Você é o melhor! — Meghan lhe dá um breve abraço de lado e me chama para prosseguir. — Posso ver o gráfico de assentos?

— Imaginei que você fosse querer ver — diz ele enquanto tira um papel dobrado do bolso da camisa. — Não deve haver nenhum problema, já conheço as preferências de lugar do senador Wright, mas me avise se tiver alguma dúvida.

— Você começa a conhecer *muito* bem o pessoal de eventos neste trabalho — diz Meghan, rindo, depois que ele sai.

Passamos por um velho piano de cauda, e ela me leva até uma porta que dá para uma área externa coberta por uma tenda.

— Desculpe, da próxima vez eu lhe apresento. Bem, o chefe está na mesa um. Você e eu ficaremos na parte de trás com outros funcionários do Congresso.

— Que evento é este, mesmo? — pergunto, com certo constrangimento. — Sei que você me falou, mas todos os eventos estão começando a acontecer juntos.

— Você deveria ter recebido o convite; é um almoço para os senadores do... — ela faz uma pausa para pensar — subcomitê de Habitação, Trânsito e Desenvolvimento Comunitário, além de algumas organizações políticas sem fins lucrativos daqui. A intenção é que seja um diálogo aberto entre o subcomitê e os lobistas desses grupos.

— Entendi — digo, mesmo sem saber o que isso significa. Vou descobrir.

— É por isso que os lugares são tão importantes; queremos que os lobistas certos estejam na mesa do senador. Wright não é o senador que provoca mais

divisões, mas há uns ovos podres por aí e ele tem um temperamento meio explosivo. Você vai ver.

Passamos a meia hora seguinte falando sobre o programa e conversando com outras pessoas responsáveis pelas agendas no Capitólio que começaram a chegar. No início da semana, a atitude sensata e focada de Meghan me pareceu meio fria, mas vejo calor humano nela agora. No entanto, os outros estagiários acham que ela é uma espécie de demônio.

Meghan é *muito ocupada*. Não tem tempo para ser muito acolhedora. Ela não pediu que largassem três novos estagiários adolescentes em seu escritório, mas está me levando a sério, o que é tudo que posso pedir. Enquanto andamos por aí, ela faz do networking uma arte. Fica com um olho no celular do trabalho e o outro nas pessoas que conhece, que quer conhecer ou que acha que precisam *me* conhecer.

— Vamos buscar o senador — diz ela. — Preparado?

Já estou meio chocado, mas faço sim com a cabeça e a sigo até o senador Wright. Chegamos ao meio-fio da avenida Lafayette no instante em que o carro preto para. Meghan corre para alcançá-lo, e o barulho de seus saltos nos paralelepípedos ecoa.

O senador e Pasquale, chefe de gabinete, descem do carro e analisam o terreno. O senador desamassa o terno com as mãos, apesar de estar perfeito, mesmo depois do voo e do percurso de carro. Meghan aperta sua mão e os três caminham em minha direção.

— Este é o nosso novo estagiário, Sal, o jovem amigo da deputada Caudill.

— Sim, Sal! — O senador Wright estende a mão e eu a seguro, apertando-a com firmeza e olhando-o nos olhos.

Não acredito! Estou conhecendo um dos meus ídolos políticos! Eu sabia que isso aconteceria, até esperava que acontecesse no primeiro dia. Mas vê-lo aqui, com toda sua notoriedade, é impressionante.

Uma pequena voz interior me diz que é quem eu quero ser, um dia. Mas é algo impossivelmente distante.

— Prazer em conhecê-lo, senador Wright. Obrigado pela grande oportunidade de trabalhar aqui.

— Meg está te tratando bem? — pergunta ele, em tom de brincadeira.

Ela me olha com olhos arregalados, e percebo que, assim como eu estou tentando impressionar Meghan, ela também está tentando impressionar o chefe.

— Ela me manteve ocupado — digo, e depressa acrescento —, e já me apresentou a cidade toda. Está sendo ótimo.

Ela parece satisfeita com a resposta, e o senador também. Meghan sugere que tiremos uma foto minha com ele para mandar para Betty Caudill. Poso constrangido ao lado do senador, que é bem maior que eu.

— Ótimo — diz ela.

Quando ela me mostra a foto, não consigo deixar de pensar que parece dia de levar o filho ao trabalho.

Enquanto nos dirigimos ao almoço, o senador diz:

— Se Sal concordar, mande Ari postar nas redes sociais e falar sobre o programa de estágio para estudantes do ensino médio. Isso vai deixar Betty muito feliz.

— Ari é o assistente de imprensa — diz Meghan. — Acho que você ainda não o conheceu, mas deve tê-lo visto pelo escritório.

— Por mim, tudo bem.

O senador e seu chefe de gabinete se sentam à mesa principal e começam a conversar com os lobistas. Sem a menor cerimônia, Wright come seu pão sem glúten. Meghan e eu nos sentamos no fundo; ela solta um grande suspiro e me dá um sorriso cansado.

Horas depois, ainda tonto pela excitação do almoço, flutuo pelos corredores do Capitólio. Ainda não sei que futuro desejo, mas algo aqui parece certo. Será que um dia poderei trabalhar no Capitólio? Poderia ser senador, um dia? Meus passos ficam mais confiantes quando entro no escritório e aceno para Jenna, que sorri e acena também.

Estou começando a me encaixar aqui, pelo menos. Faz só uma semana, mas realmente sinto que será algo especial.

Ao virar para entrar na sala onde estão os estagiários e a mesa de Meghan, ouço April e Josh conversando animadamente, e por um segundo me pergunto por qual motivo seria. Um telefonema, provavelmente, visto que eles têm que lidar com algumas das pessoas mais furiosas e gritonas do estado.

— Ele é um baba-ovo! — April está dizendo no instante em que entro na sala.

Quando Josh me vê, empalidece. April percebe que entrei e vejo uma reação frenética igual nela, que rapidamente vira o celular para baixo. Antes de virá-lo, vejo que estava no Instagram, olhando a foto que acabei de tirar com o senador.

Estavam falando de mim.

FaceTime
Gabriel, Heath

- G:** Oi, Heath. Como vão as coisas? Você... já está bronzeadado. Como isso é possível?
- H:** Sim, Diana e eu aproveitamos a praia todos os dias. O tempo está ótimo.
- G:** Parece o paraíso.
- H:** Hahaha, não exagere. Mas é uma boa mudança de ritmo. Ainda parece que estou de férias, mas começo a trabalhar daqui a meia hora. Talvez comece a parecer algo mais sério depois do meu turno.
- G:** Faz sentido. Boston nunca deixará de me assustar. Nada aqui me faz sentir em casa. Estou fazendo amigos e me divertindo, mas é difícil. E sinto falta de vocês.
- H:** O mesmo aqui. Acho que é o tempo mais longo que passamos sem nos falar.
- G:** Sal só entra para mostrar selfies. Viu que ele conheceu o senador?
- H:** Claro que ia conhecer, né? Mas pelo menos sabemos que ele está vivo. Reese desapareceu. Eu entendo, eu entendo. Faz sentido, ele está a um continente inteiro de distância. Mas não pode estar *tão* ocupado, sabe? Só queria saber se ele está bem.
- G:** É. Parece que Sal é viciado em trabalho e Reese está nos ignorando.
- H:** Vai melhorar.
- G:** Você está bem? Parece triste.
- H:** Papai disse que receberam uma oferta pela casa.
- G:** Merda. Lamento, Heath.
- H:** Tudo bem. Eu sabia que isso ia acontecer, mas acho que tinha esperança de que talvez não vendesse, ou que eu pudesse economizar dinheiro e ajudar a pagar a hipoteca quando voltasse. Não sei, acho que estava me agarrando a falsas esperanças.
- G:** Pelo menos você tem muitas boas lembranças de lá.
- H:** Tenho mesmo. E vou criar um monte de novas memórias no apartamento ou onde quer que acabemos. Estou me sentindo um lixo agora.
- G:** Vou tentar marcar um horário para conversarmos todos juntos. O fato de metade do nosso grupo ter sumido não deve estar ajudando.
- H:** Sim, boa ideia. Tenho que me trocar para trabalhar. Espero que esteja se acostumando aí.
- G:** Eu... bem, algumas coisas são boas, outras não. Mas vai se trocar, depois nos falamos. Amo você.
- H:** Você consegue! Salve essas árvores, amo você também.

Finalmente, *finalmente*, consigo ver um pouco de Paris. Ando tão preocupado com a escola que passo mais tempo escondido no meu dormitório, trabalhando em projetos, do que fora.

Mami sempre fala que as partes memoráveis do tempo em que estudei em Londres são os lugares que visitei, as vezes que comi e bebi nos pubs da cidade, e não tanto o aprendizado do curso. Mas eu ainda estou pensando nas aulas de costura.

Sim, as outras aulas estão indo bem. A professora Watts sempre tem coisas gentis a dizer e sugestões de como melhorar. Mas nada pode me provocar uma crise tão rápido quanto a crítica dos meus colegas de classe.

Dizem que me falta visão. Dizem que parece design de produção em massa. Estou totalmente sem inspiração e alguma coisa não está dando certo.

— Acalme-se, companheiro. — Philip cutuca meu braço. — Esta é a capital da moda de Paris, que é a capital mundial da moda. Conhece o bairro Le Marais?

— Nem um pouco — admito.

— Aqui você está no paraíso. Arte, comida, moda, tem de tudo.

Devemos parecer um grupo de turistas — todos nós, vinte estudantes de design de moda, andando em fila indiana ou dupla pelos arcos de pedra que ladeiam as lojas. Ando sem pressa, e uma loja vintage chama minha atenção. Depois do primeiro grande projeto, estava esperando ver vestidos modernos, *looks* polidos dos anos 1960 ou 1970, mas me dou conta de que “vintage” pode significar algo de qualquer década. Aqui há de tudo: jaquetas de couro antigas, suspensórios jeans, agasalhos coloridos dos anos 1990...

Fico imaginando o que meus colegas pensariam de uma dessas peças. Simples demais? Chamativa demais?

— Estamos ficando para trás — diz Philip, e sai andando depressa para alcançá-los.

— Acha que estou tentando focar muito em produção em massa, e não em alta-costura? — pergunto. — Noelle sempre diz que meus *looks* não ficariam bem na passarela.

— Não quero ser maldoso em relação a ela nem a ninguém, mas não esqueça que ela tem dezessete anos e não consegue costurar um pedaço de tecido sem ter um ataque nervoso. Ela faz boas críticas, às vezes, não me entenda mal, mas chega um ponto em que você tem que seguir seu instinto.

— Pra você é fácil — sussuro.

— Eu ouvi! — ele ri. — Eu também recebo críticas ruins. Lembra quando apresentei aquele *look* amarelo e marrom e Adam disse que parecia uma ida ao

banheiro? Acha que foi um bom comentário? Tipo, em que mundo isso seria útil?

— Então, por que a professora Watts não intercede?

Ele dá de ombros.

— Quando estivermos no mundo real, receberemos comentários muito piores que isso. Talvez faça parte do processo.

A professora nos leva a uma boutique de três andares. No primeiro andar, encontramos alguns dos mais belos trabalhos feitos de madeira que já vi — mesas e cadeiras de jantar, estantes rústicas cheias de vasos e livros. Por toda a casa estão espalhadas prateleiras cheias de roupas de grife, vestidos casuais encantadores e bolsas de couro finas, além de jaquetas e suéteres com desconto na parte de trás.

— Tenho até medo de ver quanto custam esses móveis — digo.

— Não há etiquetas de preço nesta loja — diz Noelle atrás de mim. — Isso deve significar que é um pouco mais alto do que qualquer um de nós pode pagar.

Dou risada, embora ouvir os comentários dela sobre qualquer coisa me deixe desconfortável.

— Mas é tudo maravilhoso — diz Philip.

Somos levados à sala dos fundos, e a loja tão organizada imediatamente se transforma em um caos de pedaços de madeira, moldes de roupas, manequins e vestidos inacabados.

— Sou Talia — diz a dona da boutique. — Bem-vindos à minha loja. Vocês são alunos da Riley Design, não é? É uma escola muito querida para mim. Já estive no lugar de vocês há não muito tempo e depois voltei e fiz a faculdade lá. Fiz uma parceria com um designer de móveis que conheci lá e, dez anos depois, aqui estamos.

Muitos se surpreendem com a revelação de que estamos em uma boutique de propriedade de uma ex-aluna do mesmo curso que estamos fazendo. Sim, ela teve que continuar estudando depois do ensino médio, e tudo isso parece incrivelmente distante. Mas é possível.

Penso nos vestidos da loja. Graciosos, bonitos e totalmente meu estilo, mas, decididamente, não ficariam bem na passarela. O que Noelle ou meus colegas de classe teriam dito sobre esses designs naquela época, ou sobre os modelos de agora?

Ela nos mostra suas instalações e as peças começam a se encaixar. Já me vejo estudando em uma escola de design em Nova York, aprimorando minha visão e abrindo minha loja um dia.

Uma faísca acende uma chama dentro de mim e... é algo novo, é... inspiração.

As noites de sexta-feira eram sagradas para nós quatro. Às vezes eu tinha um jogo de beisebol fora, claro, ou um de nós ficava doente, mas afora uma breve chamada pelo FaceTime, não estamos conseguindo manter a tradição. Esta sexta-feira não é exceção.

Gabriel — ou Gabe, como ele diz agora — parece estar se adaptando bem, mas tenho a sensação de que ele passa mais tempo conversando com Sal no privado que confiando em todos nós, o que é muito diferente de como as coisas eram antes. Reese está cinco horas adiantado, então está na cama quando a maioria está livre para falar no grupo. E Sal quase evaporou completamente. Não era o mais falante do grupo, mas participava bastante.

Não estou sozinho aqui, felizmente, mas às vezes dá uma sensação de solidão não ter esse grupo constante ao meu lado. Acho que já me acostumei aqui. Depois de um pouco de treinamento, estou pegando o jeito das coisas no fliperama. Sei fritar salsichas com perfeição, sei servir cerveja (embora, teoricamente, não deva servir, por isso, tenho que manter essa habilidade em segredo enquanto não estamos com a casa lotada), e também sei limpar a zona toda. E é muita zona.

E também estou ficando bem melhor no skeeball.

Meu primeiro turno de verdade é hoje à noite, e estou bem animado.

Jeanie me paga 75 dólares por um turno de seis horas, tudo por baixo dos panos. É um bom salário, comparado ao que costumo receber em Ohio, e vou poder guardar um pouco. Talvez até conserte meu carro, para que Reese não corra o risco de voar pela janela toda vez que pegamos uma lombada.

Isto é, se ele ainda quiser andar comigo depois de sua grande viagem a Paris.

— Você está muito sério — diz Diana, jogando uma garrafa de água para mim.

Abro-a e penso em virar a garrafa inteira em cima de mim, mas acho que posso pular no mar se esquentar muito mais.

Por mais estranha que seja esta viagem, uma coisa é certa: quando eu voltar a Ohio, vou sentir muita falta de ir à praia todos os dias.

— Desculpe, Di. — Balanço a cabeça para afastar os pensamentos.

— Ainda está sentindo falta de seus amigos? — pergunta ela, e há um quê de tristeza em sua voz.

— Um pouco. Eu sabia que eles estariam ocupados demais para conversar, mas não sei. É difícil. Tenho medo de que nos afastemos. Faz apenas uma semana e nem conseguimos conversar direito. Como será até o fim do verão? Ou na faculdade?

Ela dá de ombros e gira sua pulseira devagar.

— Todo mundo se separa um dia, mas vocês, duvido. Tudo voltará ao normal quando você voltar, só que todos vão morrer de inveja de seu bronzado.

— Hahaha, verdade — digo. — Reese não pega cor, ele queima instantaneamente. Ele foi ver um jogo meu uma vez e esqueceu de passar protetor solar, e ficou vermelho durante semanas.

— Correu o risco de ter câncer de pele só para ver você jogar — diz ela com certo sarcasmo. — Isso é que é amigo.

— Ele não estava em perigo. — Reviro os olhos. — Mas, só para constar, ele é um bom amigo.

Sinto um pouco de ciúme quando penso na nova vida dele e no garoto que o ensinou a costurar, se senta ao lado dele todos os dias e vai com ele aos cafés de Paris. Mas afasto esse pensamento. Reese precisa de alguém agora. Eu só queria que esse alguém fosse eu.

Ela pega o celular e volta para o Instagram. Entra em meu perfil e vai passando as fotos.

— Qual é ele?

A foto que ela está olhando é uma das minhas favoritas. É do início da primavera.

— O de óculos — digo. — Amo essa foto. Íamos a uma festa nessa noite, mas começamos a assistir a uma temporada antiga de *RuPaul's Drag Race*, e ficamos tão entretidos que ficamos acordados até as quatro da manhã e assistimos à temporada inteira. Ficamos todos amontoados no sofá na sala de Reese. Nunca me senti tão perto deles, literal e metaforicamente, por isso tirei essa foto de todos no sofá.

— Parece um encontro de casais para mim — diz ela. — Esses dois estão sempre juntinhos, não é?

Dou risada.

— Sim, eles são bem *próximos*. O que faz que eu fique mais com Reese. Mas ele realmente me entende. Tipo, quando estou com ele, tenho aquela sensação de estar com meu melhor amigo.

— Acho que preciso me esforçar mais se quiser ter a honra de ser sua melhor amiga — diz ela, rindo. — Ou automaticamente ganho a melhor classificação porque sou da família? Mesmo sangue, essas coisas...

— Viu, é por isso que eu não escolho favoritos. Todo mundo fica com ciúmes.

— Sabe, acho que você também é o favorito dele. Ele está sempre tão feliz ao seu lado, não é?

Ela amplia a foto para mostrar apenas nós dois, e o braço de Reese está casualmente em meu pescoço, seu rosto encostado no meu, e seu sorriso é tão sincero e vulnerável... Ele raramente o mostra a alguém, mas, Deus, quando mostra...

Sinto uma coisa, uma leveza que me preenche inteiro e me faz lembrar da nossa despedida antes da viagem. Eu só queria que ele ficasse em minha

caminhonete, queria que nós dois ficássemos naquele momento para sempre. E eu sabia que ele queria isso também, mas quem sabe o que mais ele quer?

— Ele parece feliz — finalmente digo. — Comigo.

— Odeio isso — diz Tiffany, embaixo do sol comigo. — Odeio isso, odeio, odeio... Olá, senhor! Você tem um segundo para falar sobre os lindos parques de Boston?

— Oi — digo a uma mulher que está vindo em minha direção. — Os parques de Boston precisam de sua ajuda! Tem um segundo para...

Ela passa reto.

Tiffany suspira e apoia a cabeça no meu ombro. Essa semana foi um inferno, mas pelo menos tenho uma parceira. Estou fazendo isso há semanas e, na maioria dos dias, tenho sorte se consigo que alguém ouça metade do meu discurso.

— Esse pesadelo simplesmente não vai acabar — digo.

Tiffany concorda.

— Eu nunca odiei tanto uma experiência como odeio esta. Essas pessoas nos *odeiam*.

— Tenho a impressão de que a Save the Trees está começando a nos odiar também. Conseguimos zero dinheiro até agora. Talvez devêssemos ir ver Matt e Art um dia. Eles arrecadaram muito mais.

Sentamos em um banco, em frente a uma agência de câmbio. Essa esquina ficou sob nossa responsabilidade. Na verdade, é o terceiro local que nos atribuem; começamos em áreas de tráfego intenso, mas, à medida que os outros foram começando a ser bem-sucedidos e nós a entrar em pânico, fomos empurrados para áreas um pouco menos conhecidas da cidade. Ainda há uma tonelada de pessoas aqui, mas é claro que este não é o melhor lugar. Não recebemos doações, mas o pior é que nem conseguimos que alguém se inscrevesse na lista de e-mails.

Somos péssimos nisso.

— Vamos fazer nossa hora de almoço — diz ela.

Trabalhamos umas quatro horas por dia e temos que alternar nossos intervalos para que sempre fique uma pessoa para pegar os transeuntes desavisados que mal podem esperar para nos entregar todos os seus cartões de crédito. Ela tem razão, não vamos perder nada.

Decidimos pegar uma salada em um restaurante de rede — um escândalo para nós, considerando nossa escassa remuneração. Estamos voltando para nosso banco, nossa agência, nossa esquina, quando Tiffany me para.

— Estamos a três quarteirões de Matt e Art. — Ela sorri. — Quer espionar?

Dou risada.

— Eu faria qualquer coisa para não ter que sentar de novo naquela triste laje de concreto que chamamos de banco.

Respiro um pouco melhor quando abandonamos nossa rua amaldiçoada, e

sinto meu humor melhorar quando começamos a conversar sobre a vida que cada um tem na cidade onde mora. Tiffany está fascinada com meu grupo de amigos tão próximos, especialmente porque disputamos a posição de melhor da classe, mas somos melhores amigos mesmo assim. E ela me conta de seus verões normais no meio do Atlântico, comendo caranguejos com a família em uma casa de praia, e que faria qualquer coisa para estar lá agora.

— Essa coisa de voluntário não é o que eu esperava — admito. — Mas, pelo menos, estou feliz por fazer amigos aqui. Amo meus amigos de Ohio, são minha família, mas temos só mais um ano juntos, e a faculdade vai mudar tudo.

— É — diz ela —, é o que meu irmão diz. Ele é veterano em Howard, acho que perdeu contato com todos os seus amigos do ensino médio. Nada além de curtidas ou comentários ocasionais nas redes sociais agora.

— Tinha receio de fazer amigos sem eles — admito —, mas está sendo bom para mim.

— Então, graças a Deus eu pulei na sua frente naquela primeira festa.

Seguimos para o Quincy Market, uma gigantesca praça de alimentação com lojas que fica no centro da cidade. A certa altura, vemos Matt conversando animadamente sobre a ONG com um turista. Eles riem e sorriem, e sinto meus lábios se curvarem com os deles.

— Como ele consegue ser o humano mais charmoso do mundo? — pergunto, o que faz Tiffany bufar. — Que foi? Ele é mesmo.

— Até que ele é charmoso. Mas esse olhar não me atrai assim. Você só está entusiasmado porque ele consegue conversar com estranhos.

— Não pode ser os dois?

— Não, porque só vamos ficar mais dois meses aqui.

Meu cérebro assimila suas palavras. É uma coisa boba, mas é importante eu estar encantado com alguém que não seja Sal. Mesmo que seja só entusiasmo por suas habilidades sociais, é a primeira vez para mim.

Matt continua falando enquanto o homem pega o tablet, preenche suas informações e passa o cartão de crédito. Conversam um pouco mais; é cativante o jeito como ele fala, a leveza e gentileza com que aborda a pessoa. Ele é tão feliz! Invejo essa alegria, e sei que não sou assim, em parte, por causa de minha ansiedade; mas deve haver uma maneira de fazer isso, apesar de que só de pensar em voltar para aquela esquina me dá vontade de morrer.

Antes que eu perceba, ele nos vê.

— Oi, pessoal, e aí? Foi melhor hoje?

Tiffany ri com escárnio e diz:

— Adoro seu otimismo, mas não. Nem de longe. Estamos indo para o oitavo dia consecutivo de zero dinheiro.

— Que pena — diz. — É difícil mesmo. Não acredito que vamos ter que fazer isso o verão todo. Mas... eu trouxe uma coisa para vocês. É bobagem, mas pode ajudar.

Ele tira a mochila das costas e enxuga a testa com o braço.

— Peguei na recepção do dormitório hoje de manhã, mas vocês já haviam

saído, aí eu ia passar na hora do almoço para entregar — diz ele, tirando duas camisetas da mochila.

Ele entrega uma para mim e outra para Tiffany. Abro a minha e vejo que é uma camiseta bem simples: cinza-clara com “DESCULPE” escrito em letras gigantes cor-de-rosa.

— Que porra é essa? — pergunta Tiffany, rindo.

— Como vocês estão com dificuldade para fazer as pessoas darem atenção, tentei pensar em algo engraçado que, sei lá, talvez pudessem usar para puxar conversa. Vocês são muito bons em zombar de si mesmos.

— Deveríamos começar a puxar conversa já pedindo desculpas pela falta de jeito — digo.

— Exatamente — diz ele. — Espero que não se incomodem, me pareceu uma boa ideia. Perguntei a Ali o tamanho de vocês, pois sabia que ela havia comprado as camisetas da Save The Trees para todo mundo.

— Muito atencioso de sua parte — diz Tiffany com sinceridade, mas quando meu olhar encontra o dela, ela sorri.

Art chega; elu ri quando nos vê segurando as camisetas.

— Sei que temos que usar as camisetas oficiais da Save The Trees, mas espero que experimentem — diz. — Pode ajudar para baixar a guarda das pessoas e surpreendê-las com as informações sobre as árvores com que ninguém nunca soube que precisava se preocupar.

Matt passa o braço pelos ombros de Art.

— Você deveria se ouvir falar. Art, você transforma tudo em arte.

Art e eu reviramos os olhos.

— Obrigado pela camiseta — digo. — Tiffany e eu íamos espionar vocês um pouco para pegar umas dicas.

— Fiquem o tempo que quiserem — diz Matt, e sorri para mim.

Sinto um rubor intenso subir por meu rosto e olho para o chão.

Não sei bem que sentimento está se formando dentro de mim, mas de uma coisa sei. Não é só pela habilidade social dele.

Entrar no edifício do Capitólio sempre é uma emoção para mim.

São 6h45 da manhã. Bebo meu café depois de outra passagem tranquila pelos detectores de metal que ficam na entrada. Em tese, o trabalho só começa às nove, mas Meghan chega às oito, e ela costuma encher minha caixa de tarefas assim que chega.

Eu acordo cedo, tipo *supercedo*, e sempre tento fazer algo que me dê aquela emoção de estar em DC para começar o dia. Uns dias, tomo meu café gelado enquanto passeio pelo National Mall. Outras vezes, como hoje, fico vagando pelos corredores do Capitólio. Cada corredor tem um novo busto, ou um novo quadro que nunca vi antes. Uma placa, ou um detalhe decorativo que não tinha notado antes.

Sem dúvida, pretendo voltar para cá um dia, mas quero aproveitar cada momento do que estou vivendo agora.

— Oi, Pasquale — digo, entrando no escritório.

Ele abre um sorriso rápido.

— Começando o dia cedo?

Dou de ombros.

— Tenho quase certeza de que sou estagiário do senador mais ocupado daqui.

Ele ri.

— Bem, acho ótimo que você chegue cedo. Quando os outros dois chegarem, pode entregar essas instruções a eles? Wright vai anunciar sua posição em relação a um projeto de lei sobre o perdão da dívida de empréstimo estudantil, e precisamos que quem for atender aos telefonemas esteja preparado para isso.

— Entendi — digo, levando as instruções para o escritório de Meghan.

Entro no computador de Meghan usando meu novo endereço de e-mail — ainda sorrio de orgulho toda vez que digito meu e-mail “.gov” — e vejo as mensagens que ela me mandou depois que eu saí, ontem à noite. Ela geralmente trabalha até tarde, mas só tenho e-mails até as onze da noite dessa vez, o que é incomum.

Clico no primeiro e-mail.

Sal

Acabou de surgir uma emergência familiar. Você pode me cobrir hoje? É um dia bem tranquilo, dois tours rápidos com uns lobistas antes de se encontrarem com Pasquale. Eu te encaminho qualquer outra coisa que surja. Graças a Deus você está aqui para ajudar!!!

Obrigada,
Meghan

Eu me endireito na cadeira e começo a trabalhar. Vinte e-mails depois, tenho

uma lista pronta de perguntas para Meghan e estou começando a ficar com fome. Ao sair da sala, encontro April à porta.

Estranho.

— Oi — digo. — Deixei umas instruções pra vocês ali na mesa. Wright tem uma nova posição a respeito do perdão da dívida de empréstimos estudantis, e eles pediram para vocês estarem preparados para as reações.

— Hmm — responde ela —, ele é a favor ou contra?

— Contra, acho.

Ela passa apressada por mim.

— Imagino. A faculdade custava uns quinze dólares quando ele se formou. Por que iria se importar com os outros?

Eu a sigo de volta até o escritório e me sento à mesa. Ainda estou meio irritado com April pelo que ela disse sobre mim, mas quero me dar bem com meus colegas.

— Às vezes, a faculdade me parece uma farsa — admito.

Ela me olha por cima do papel que está segurando.

— É definitivamente uma farsa, mas uma farsa necessária. Olha a mesa da Meghan, está coberta de coisas da universidade que ela frequentou.

— O pai de meu amigo é igual. Ele fala tanto sobre a faculdade de Ohio que parece que acabou de se formar.

Ela ri, mas não me dá mais corda. Levanto-me de novo para ir tomar café da manhã, depois faço um resumo do dia do senador e aviso April que Meghan estará fora nos próximos dias.

Ela não olha para mim, mas confirma com a cabeça.

— Certinho, chefe.

O dia parece não ter fim. Estou em minha quarta xícara de café, e estou começando a ficar meio agitado. Mas já fiz muita coisa.

— Sal, acho que vamos indo — diz Josh. — Você vem? Já passa das cinco.

— É, até Pasquale foi embora — acrescenta April. — E ele ganha muito mais que nós.

— Ele ainda está trabalhando — clico no aplicativo de calendário e na agenda de Pasquale. — Ele tem uma reunião com o chefe de gabinete do senador Halwell no Showtime Lounge.

Josh ri e pausa a mão em meu ombro.

— Isso é um bar, Sal. Ele pode até chamar de reunião, mas é *happy hour*. Um bar faria bem para você também.

— Descobrimos um restaurante mexicano em Adams Morgan que não pede identidade; vamos tentar beber umas margaritas. Quer ir?

Sei que o networking é uma parte muito importante da carreira em DC, mas hesito em abandonar todo o trabalho ainda não concluído.

— Não posso. Ainda estou tentando atualizar o voo de Wright de amanhã, e Meghan acabou de me encaminhar mais seis e-mails — suspiro. — Da próxima vez, prometo.

April e Josh se entreolham; odeio sentir que serei o tema da conversa deles no

happy hour, mas eles não entendem. Não entendem que eu *tenho* que fazer dar certo. Meghan precisa de mim. O senador precisa de mim.

E eu preciso disso.

— E este é seu quarto.

Papai termina o tour virtual por nosso apartamento novo abrindo a porta de um quarto de tamanho decente e surpreendentemente iluminado. Olho para o espaço vazio — só paredes brancas e carpete bege — e tento me imaginar ali. Onde vai ficar minha cama? E minha mesa? Vou manter os troféus de beisebol na cômoda ou é melhor mudar de lugar?

Acho que papai vai decidir isso, e posso mudar tudo quando eu voltar.

— É legal — digo.

Todo esse tempo, nós dois tentamos manter o ânimo, mas o que eu quero mesmo é dizer que tudo isso é um saco. Não quero me mudar.

— Ótimo — diz ele. — Achei que você ia gostar. Esse quarto parece ter muita luz, o que é bom.

— Parece maior que o seu — digo.

Ele faz uma pausa.

— É um pouco. Achei que você gostaria mais deste. Eu não preciso de muito espaço, e você tem seus amigos... faz mais sentido você ter um quarto grande.

Tento não pensar no fato de que ele pode, um dia, precisar de mais espaço, porque senão eu teria que aceitar o fato de que ele pode namorar de novo um dia. Mas, por mais tentador que seja, não é justo que eu aceite.

— Não quero o quarto grande, pai. Não preciso de espaço, nem de luz, nem de nada. Ficarei bem em qualquer lugar, você sabe disso.

— Eu sei — diz ele —, mas eu me sinto mal. Primeiro, deixamos você apreensivo enquanto resolvíamos o divórcio; depois, fizemos você passar o verão fora. Acho certo te dar o melhor quarto.

— Eu quero o quarto menor. Por favor. Eu me sentiria mal pegando o maior. Tenho oito bilhões de atividades extracurriculares e nunca estou em casa. Além do quê...

— Ficarei sozinho no ninho vazio em breve?

Dou risada.

— Eu não ia dizer com essas palavras, mas é. Sério, pegue o quarto grande.

Ele concorda, depois de certa hesitação, e sinto um alívio quando encerramos a ligação. Diana, que está sentada ao meu lado, me cutuca com o cotovelo.

— Bela atitude de sua parte — diz. — Aqui temos três quartos, mas você não sabe o que eu faria por um quarto maior. Se bem que nenhuma das duas fica em casa...

— Ele quis ser legal — digo, dando de ombros. — É a primeira vez que um deles admite que está me fazendo passar por um inferno, tenho que dar certo

crédito a ele por isso. Mas depois que eu voltar, ficarei só por um ano, mais ou menos.

— Até entrar em Vanderbilt?

— Essa é a ideia.

— Não sei, talvez eu não seja tão pura e gentil quanto você, mas sempre que Jeanie se sente mal por trabalhar demais ou me fazer pegar turnos extras, eu tiro proveito da culpa. Isso me rendeu muitos donuts ao longo dos anos — diz ela. — Bem, hora da praia. Vou correr até o fliperama para atormentar Jeanie um pouco antes do turno dela, mas você pode ir direto para nosso lugar. Cole deve estar lá.

Antes de nos separarmos, aceno para Jeanie e me sinto estranhamente grato pelo que tenho. Talvez eu nunca tenha uma família enorme, talvez nunca mais possa entrar na casa onde cresci, mas gosto do que tenho. E espero poder manter.

Caminho pela praia e localizo Cole imediatamente. As coisas estão boas. Estão estranhas com Reese, e Sal parece estar em outro universo, mas estou ficando um pouco mais próximo de Gabriel e conhecendo Cole melhor também.

— Oi, Heath — diz ele. — Diana deu o cano?

Dou risada.

— Não, ela está falando com Jeanie.

— Entendi. Parece que finalmente teremos um tempo a sós.

Coro enquanto estendo minha toalha de praia. Tiro a regata e, por um momento, acho que vejo os olhos de Cole escaneando meu corpo. Mas ele para, e fico imaginando o que exatamente aconteceu durante aquele olhar.

Ele coloca os óculos escuros de volta e mexe dentro da bolsa, e eu me deito e fecho os olhos um pouco. Sinto certa estranheza, mas não sei dizer por quê. Acho que as pessoas nunca me olham assim. Pelo menos não os rapazes.

Há algo cativante em Cole, mas tenho conseguido ignorá-lo. Até agora. Ele tira uma garrafa de água semicongelada da bolsa e toma um gole. Escorre um pouco por seu peito, e me pego observando a água deslizar até sua barriga. Ele tira a garrafa da boca e meu olhar se fixa em seus lábios. E agora, eu me sinto um esquisitão.

Nunca beijei ninguém, mas sinto uma atração aqui.

— Cheguei com presentes — diz Diana ao chegar.

Ela se senta entre nós, e dou um suspiro de alívio quando ela joga um Gatorade em mim e deixa uma bandeja de papel com três salsichas empanadas à nossa frente.

— Depois dessa viagem, nunca mais vou poder comer uma dessas — mergulho a ponta na mostarda e dou uma mordida. — É mentira. São uma delícia, meu Deus!

Nem dois minutos depois, já devoramos tudo. Que loucura essa ser minha vida agora!

— Isso é que é vida — digo. — Sinto falta de Ohio e dos meus outros amigos, mas isso aqui é perfeito.

— Isso porque você ainda nem foi a uma das nossas festas na praia — diz Cole. — Essas sim são perfeitas.

— Ele tem razão — acrescenta Diana. — Temos um amigo que tem uma prainha particular. Vamos lá à noite, acendemos uma fogueira e bebemos um pouco. Você ia adorar. É meio parecido com aquelas festas rurais que vocês fazem às vezes.

— O quê? — pergunto.

Ela tenta, mas não consegue lembrar a palavra.

— Uma festa com fogueira que tem uns negócios que explodem.

— Ah! *Fogos de artifício*.

Olho para a pulseira, para o pingente com a fogueira, e sinto um vazio por dentro ao pensar em quanto tempo faz que não falo com Reese. O máximo que conseguimos atualmente é o breve momento em que estou saindo do trabalho, às duas da manhã, e ele está acordando lá em Paris, e podemos trocar mensagens. Sobre os projetos dele, sobre suas aulas de costura. Sobre como essas aulas intensivas estão o afetando...

Pelo menos, temos essa pequena tradição de trocar mensagens de texto entre fusos horários, e eu gosto disso.

Olho para Cole e penso como seria fácil ficar com ele neste verão. Há momentos em que a atração é óbvia. Se eu perguntasse se poderia beijá-lo, sei que sua resposta seria sim.

O que tenho com Reese é menos óbvio. Tão menos óbvio que nem posso ter certeza de que existe. Mas é real e seguro, e é o que eu quero.

Mas, enfim, Reese não está aqui. E Cole está.

Meu corpo não está preparado para trabalhar dez horas por dia.

Estou tremendo inteiro, não sei se por causa da cafeína ou da falta de sono; meus pés estão sempre doloridos e minha mente está tão esgotada que andei cometendo pequenos erros. Só que os pequenos erros estão ficando maiores: primeiro, um erro de digitação em um e-mail, depois, esqueci de checar as refeições sem glúten do senador no último evento, e hoje cedo tive uma conversa de dez minutos com um eleitor sobre o apoio de Wright ao Green New Deal, sendo que, oficialmente, ele não o apoia.

Os comentários de April e Josh andam mais incisivos ultimamente, e me dói o fato de ela me chamar sarcasticamente de “chefe”.

Queria chamá-los para uma longa conversa e explicar tudo, mas não tive energia para isso, porque estou tão esgotado e atarefado que mal consigo encontrar tempo para comer; a menos que esteja em um evento e Meghan me force a fazer uma pausa. Pelo menos ela gosta de mim. Começou a me trazer café gelado todos os dias de manhã. Sei que estou causando uma ótima impressão.

Eu dou conta. Mesmo que não pareça, eu *sei* que dou conta.

Só tenho mais nove semanas, e quero saber que deixei uma marca quando eu passar por esses corredores pela última vez.

Há dias em que entro no Capitólio cheio de orgulho e confiança. Mas em outros, mal consigo me convencer a sair da cama.

Estou totalmente perdido em devaneios, olhando para a parede, quando April pousa levemente a mão na minha. Olho para ela e puxo a mão.

— Nossa, desculpe. Ultimamente ando meio distraído.

Ela sorri.

— Bem, é sexta-feira, 16h30. Acho que isso é esperado.

— E aí? — pergunto, desesperado para desviar o rumo da conversa.

— Josh e eu vamos dar uma olhada naquele bistrô novo da 14ª depois do trabalho — diz ela, olhando de um jeito meio estranho para Josh. — Quer ir conosco? Ou... precisa ficar até tarde de novo?

— Não preciso ficar até tarde.

Estou meio mal por causa do jeito que andam as coisas ultimamente, e me arrependo de ter recusado o último convite deles. Por isso, não posso dizer não.

— Claro, boa ideia. Obrigado pelo convite.

— Imagine — diz Josh, um tanto cauteloso.

Depois do trabalho, nós três nos esprememos em um vagão de metrô cheio e passamos para a Linha Amarela para cobrir os poucos quarteirões até o restaurante. Esta área de DC é nova para mim, e instantaneamente a sinto muito

mais edificante, de certa forma. É um bairro movimentado, um misto entre cidade pequena e cidade grande. Ver a multidão me dá ânimo e sinto a nuvem negra se dissipar.

— Obrigado por me tirar dali — digo. — Até sinto meu coração desacelerar.

April ri.

— Sim! Nosso mundo é um pouco menos intenso. Mais ou menos como deveria ser, sabe?

Josh a cutuca com o cotovelo; é como se eles estivessem falando em um idioma que eu desconheço. É a linguagem da amizade, em que você não tem que dizer as palavras, só um leve cutucão e certo olhar já transmitem totalmente a mensagem. Por uma fração de segundo, fico triste. Triste por não falar com os rapazes há tanto tempo. Triste por ter perdido a chance de fazer amizade com esses dois.

Mas acho que isso vai mudar esta noite, pelo menos um pouco.

Sentamos no pátio, à vista dos transeuntes. Quando abro o cardápio, quase caio da cadeira com os preços; se bem que não gastei meu salário em nada até agora — ando muito ocupado —, e por isso posso pagar. Mas mesmo assim, nossa! São *preços para adultos*.

— Onde você está hospedado, Sal? — pergunta Josh.

— Em Foggy Bottom — digo. — A filha da amiga de faculdade de minha mãe, que é bem mais velha que eu, subloca o apartamento no verão, e elas acertaram com ela. É um apartamento pequeno, de dois quartos, mas resolve. É meio estranho dividir um apartamento com alguém que é ainda mais velha que Meghan, mas fica cada um na sua.

— Esse é o colega ideal — diz April, rindo. — Calado, maduro, que cuida da própria vida.

Conversamos casualmente enquanto bebemos e fazemos o pedido.

Assim que o garçom vai embora, April bate os punhos na mesa.

— Muito bem, temos que conversar — diz.

Seu tom me assusta; não há raiva nele, mas sim urgência. E sinto um pouco do estresse das últimas semanas voltar.

— April e eu andamos conversando — Josh começa —, e estamos meio preocupados com você.

— Admito que fiquei com uma inveja insana quando você começou a trabalhar com Meghan. Fiquei furiosa, pronta para ligar para o gabinete do senador e reclamar.

— Se você fizesse isso, só eu atenderia aos telefonemas, e você sabe que adoro desligar na cara dos eleitores — brinca Josh.

— Cale a boca — diz April, revirando os olhos.

— Nós dois estávamos muito putos com você — admite Josh —, e com Meghan, e com todo o escritório. Não esperávamos empregos glamorosos, afinal, somos estagiários e adolescentes, mas você ficou com as coisas legais, enquanto nós ficamos ouvindo estranhos gritando conosco sem parar.

— Eu estaria mentindo se dissesse que não sabia disso — digo. —

Desculpem, eu me sinto privilegiado. Minha mãe ajudou Betty Caudill na campanha, e ela sabia que eu queria entrar na política, e por isso me arranjou o estágio. Mas eu não queria privilégios.

— Então, essa é a questão: você não conseguiu privilégios — diz April —, e foi isso que nos deixou mais calmos para pensar. Vimos você se acabar nas últimas semanas, e é muito difícil ficar bravo com alguém que está dando o sangue, sabe?

O constrangimento me dá dor de barriga.

— Achei que estava disfarçando melhor.

— Meghan acha que você está dando conta — diz Josh. — Todo mundo acha, sério. Você está indo muito melhor que eu, e eu sei como chego cansado todas as noites e só trabalho seis horas por dia. Você já está no escritório antes de eu chegar, e ainda está lá depois que eu saio. Quando finalmente tem a chance de se sentar à mesa, você fica alheio. Até que Meghan volta e você presta atenção.

— O que eles estão fazendo não é legal, Sal — diz April, mexendo-se desconfortavelmente na cadeira. — Houve um problema enorme com estagiários em DC anos atrás. Quando recebemos a oferta, disseram que íamos trabalhar vinte horas por semana. Todos assinaram isso, e você está trabalhando, o que, quarenta horas por semana?

— Cinquenta — digo baixinho. — Bem, tive que chegar um pouco mais tarde hoje, então, 48.

— Temos que falar com eles sobre isso — diz Josh, e April concorda.

— Mas eu preciso dessa experiência. — Seguro forte meu copo de água. — É uma boa experiência. Talvez eu nunca mais tenha outra chance como essa.

— Você terá muitas chances — diz April. — Além disso, não estamos propondo uma greve, só alertá-los de que precisam seguir a lei.

Ainda me agarro à ideia de que talvez, *talvez*, eu possa voltar para cá logo após o ensino médio; de que eu não tenha que perder quatro anos de vida para chegar aonde quero. Talvez seja impossível, mas tenho que tentar.

Eu fiz tudo seguindo a cartilha de minha mãe. Minha maneira de me vestir, de falar, de agir... Mas minha mãe não me defendeu durante a última semana de aula, e isso me deu perspectiva: não quero sucesso acadêmico, não quero mais estudar. Quero fazer a diferença.

— Vocês podem falar com eles, mas eu não vou — digo com firmeza, apesar de minhas entranhas gelatinosas. — Não quero pisar na bola, pessoal.

Eles parecem confusos com minha resposta, mas antes que tentem argumentar, meu bolso vibra. Sinto um calafrio. Puxo o celular e vejo uma mensagem de Meghan.

— Merda — grito, e me assusto com minha explosão. — É Meghan. Wright perdeu o primeiro voo, ela e Pasquale estão presos no aeroporto esperando por ele, e ela precisa de alguém para receber o bufê no escritório antes da votação desta noite.

— Não responda — implora April.

— Acabou o expediente — diz Josh. — Você trabalhou 48 horas esta semana,

não deve mais nada a eles, Sal.

Eles estão certos. Eu sei que estão certos. Mas...

Digito uma resposta para Meghan e me vejo tomado de culpa quando a envio. Olho para os dois pares de olhos suplicantes e balanço a cabeça.

— Estão mandando um carro me buscar — digo. — Tenho que ir.

Hoje é o dia.

Hoje é o dia em que conseguirei a primeira doação.

Tentei todas as técnicas do guia. Algumas me fizeram estremecer, como quando parei uma mulher e disse: “Diga o nome de um estado que comece com T!”. (Aparentemente, fazer uma pergunta fácil e inesperada faz as pessoas pararem para responder. E quando respondem, sentem-se mais obrigadas a continuar conversando.)

Essa mulher, no entanto, respondeu com “*Tenho* mais o que fazer!” e continuou andando. Coisa que, pensando bem, foi uma jogada de mestre.

Estou cansado de me sentir inútil. Estou cansado de me sentir ansioso. Mas, principalmente, estou cansado de me sentir um fracasso. Hoje, estou vestindo a camiseta que Matt comprou para mim, com DESCULPE escrito em grandes letras. Decidi não seguir mais o guia. Fazer as pessoas se sentirem constrangidas e desconfortáveis me deixa constrangido, e é por isso que não consigo destacar nenhum dos pontos que preparei.

Aqui, parado no meio da calçada movimentada durante a hora do almoço, fico de olho em meu potencial alvo. Mas antes que eu possa fazer contato visual com alguém, as pessoas desviam de mim. Meu iPad denuncia que vou pedir dinheiro. Não culpo as pessoas, mas estou ficando louco.

Minha terapeuta disse que vai ficar mais fácil. Sal disse para eu não me preocupar com o que os outros pensam. Mas nenhum conselho facilitou nada.

Jogo a cabeça para trás e respiro fundo.

— *Alguém* quer falar comigo sobre os parques de Boston? — grito, e imediatamente sinto o constrangimento tomar todo meu corpo exausto e queimado de sol.

E então, ouço um fraco “Claro”.

Uma empresária está parada diante de mim. Está de terninho cinza-claro, e é uma pessoa que eu nunca teria pensado em abordar — quanto mais bem-vestidas as pessoas estão, mais pressa geralmente têm. Também tendem a ser mal-educadas, mas, justiça seja feita, elas têm que lidar com pessoas como eu todos os dias sabe Deus por quanto tempo. Por isso, não as culpo.

— Sério? — pergunto.

Ela ri.

— Tenho um minuto e adoro os parques de Boston. Faça seu discurso.

— Nossa, claro. Faço parte da Boston Save the Trees e estamos arrecadando fundos para melhorar a segurança, acessibilidade e sustentabilidade de nossos parques — desvio do roteiro. — Vou ser sincero: não sou daqui, mas isso, na

verdade, me fez amar ainda mais os parques. Consegue imaginar como seria a cidade se não houvesse os parques comunitários a cada poucos quarteirões?

— Nem imagino — responde ela. — Passo meu horário de almoço no parque a duas quadras daqui, sempre que posso. É a única coisa que mantém minha sanidade.

— Eu não fazia ideia de quanto dinheiro era necessário para manter esses parques funcionando. Esses espaços não apareceram do nada, sabe? Acho que, às vezes, as pessoas acham que os parques sempre estiveram e sempre estarão aí, mas o dinheiro dos contribuintes não dá para tanto. Os programas da ONG pagam pelo plantio de novas árvores em parques como aquele que você frequenta todos os dias.

Fico aguardando o momento que ela vai me deter, dizer um “obrigada” abrupto e ir embora, mas ela não faz nada disso. Volto ao roteiro e falo sobre os diferentes níveis de doação e quais são os objetivos desse programa de verão.

— Se estiver disposta, eu posso... processar sua doação agora mesmo. Sei que é meio estranho, mas é totalmente seguro e leva uns trinta segundos. É só colocar seu e-mail aqui e passar seu cartão de crédito.

Estremeço, porque mesmo nas raras ocasiões em que alguém me deixa chegar tão longe, esse é o momento em que me decepção. É preciso *muita* persuasão para conseguir que alguém entregue seu cartão de crédito.

Mas ela pega a carteira na bolsa.

— Você disse que o nível mais alto patrocina dez árvores e dá acesso a alguns webinários da ONG?

Confirmo.

— E você ganha um adesivo para notebook com nosso logotipo.

— Ah, agora sim você me convenceu — diz ela, rindo.

Ela me entrega seu cartão de crédito e eu o passo depressa, e depois a deixo preencher suas informações.

— Imagino como é difícil ficar aqui com esse calor, mas sua causa é boa. Sei que nem todo mundo entende, mas algumas pessoas sim. Vou tentar mandar alguns colegas meus mais filantropos para cá.

— Nossa, muito obrigado!

Mal consigo pronunciar as palavras.

Enquanto ela se afasta, olho para a tela de confirmação no iPad. Cem dólares acabaram de ir direto para a organização e, por um momento, tudo parece valer a pena. Uma lágrima escorre pelo meu rosto. Sinto-me muito bobo por ficar tão emocionado por causa de cem dólares, mas, afinal, eu quis participar dessa experiência voluntária para poder fazer a diferença.

E fiz.

Depois das aulas e de jantar, entro direto no modo costura. Não preciso ser especialista nessa aula, mas toda vez que a professora Watts nos passa um projeto, noto que a turma se divide em dois grupos: peritos, como Philip, e inúteis.

E eu posso ser muitas coisas, mas não sou inútil!

— Está usando uma agulha para jeans? — pergunta Philip.

Ele me ajuda tanto toda vez que faço uma dessas besteiras que começou a vir direto para o meu quarto depois das aulas. Este projeto é simples: estou transformando uma calça jeans em um short. Mas a linha está arrebrandando.

— Acho que é a tensão — digo, mas Philip sacode a cabeça.

— Você sempre acha que é a tensão. Precisa de uma agulha mais grossa para jeans, e uma linha mais forte. Acho que a linha está boa, mas vou pegar uma agulha melhor no meu kit.

Comparado a isso, estou detonando nas outras aulas. História da moda é fascinante, mas consiste basicamente em decorar nomes de designers, *looks* e tendências. Se há algo que eu sei fazer é decorar. Fichas são minha linguagem do amor.

Minhas aulas de design gráfico também estão indo muito bem. Nosso principal projeto em composição tipográfica é fazer uma coleção gráfica para uma empresa que quer anunciar uma venda especial. Estou aprendendo a trabalhar mais com texto e entendendo coisas que deveria ter feito diferente em meus projetos escolares.

Mas a costura... não é natural para mim. E odeio não ser bom em alguma coisa.

Penso em minha avó, que estava sempre consertando roupas quando eu era criança. Lembro que ela tinha uns sessenta anos de prática. Vou chegar lá, um dia.

Philip volta com uma agulha. Abro um sorriso constrangido, e noto que ele está segurando uma pasta também. Ele suspira.

— Você poderia, talvez, dar uma olhada em meu projeto? — pergunta. — Você tem um olho melhor para design que eu. Estou gostando do que fiz até agora, mas está faltando alguma coisa.

— Claro, eu te devo isso — digo rindo, para aliviar a tensão.

Ele é perito em costura, mas acho que todo mundo se sente vulnerável em relação a alguma coisa.

Quando ele me mostra o desenho, a primeira coisa que noto é que é outro vestido totalmente desenhado a lápis. Mas quando olho melhor, vejo pequenos detalhes que se destacam. É um vestido justo com gola grossa. O corpo parece ser

feito de um tecido grosso, sem movimento. Na cintura, ele colocou um cinto fino, e no cabelo da modelo desenhou um coque bem firme.

— Que chique! — digo. — Qual a cor?

— Estou pensando em preto ou cinza-carvão.

— Bem escuro — digo. — Seus outros designs eram mais leves. Qual foi sua inspiração?

— Estudamos todos os momentos da história da moda, mas eu me identifiquei com a Balenciaga dos anos 1950. Acho que este vai ficar bem elegante, atraente, com um toque retrô. — Ele franze as sobrancelhas. — Mas não sei se é suficiente.

— É legal. Se você gosta, vai fundo. Afinal, as notas que tiramos aqui não vão entrar em nosso histórico escolar.

— Pois eu digo o mesmo para você — diz ele, rindo, enquanto termino de trocar a agulha. — Para mim, tudo bem não tirar nota alta, mas quero que este design seja candidato às passarelas neste outono, sabe?

— Entendo — digo. — Não sei por que você vem me pedir conselhos. A turma parece *odiar* meus *looks*.

— Seus *looks* são bons. As pessoas adoram ouvir a própria voz, sabe? Lembra quando Nico disse que aquele vestido verde que eu fiz era estilo perna de sapo?

Penso nisso e digo:

— Ele não estava errado.

— Ei! — Philip reclama, e eu dou risada.

— Tem razão — digo por fim. — Estou tentando manter o queixo erguido depois daquela nossa conversa sobre a “crítica criativa” de nossos colegas. É difícil separar o que vale a pena levar em conta e o que não. É tanto feedback, e nunca sei se discordo porque estou na defensiva ou se realmente não corresponde à minha visão. Enfim, não sei julgar minhas próprias criações, mas pelo menos sei julgar minha costura. É muito ruim.

Termino de costurar uma perna do short, corto a linha e o sacudo, olhando a bainha.

— Isso aí não tem nada de ruim. Você se saiu bem, meu anjo — diz Philip, animado.

— Obrigado pela ajuda. Acho que nem sempre posso culpar a tensão quando as coisas não dão certo.

— Essas máquinas são temperamentais, não se preocupe muito com isso. Minha avó e eu fizemos um avental jeans para meu pai quando eu era mais novo, e lembro que tivemos o mesmo problema. Nem ela sabia o que fazer, mas lemos um manual antigo, enorme e empoeirado até descobrir. — Ele ri para si mesmo. — Ela ficava se perguntando por que tinha tantas agulhas diferentes; acontece que ela nunca havia trocado a que veio com a máquina.

— Vocês ainda são próximos? — pergunto.

— De certa forma — diz ele. — Penso nela todos os dias.

Sinto a tristeza em sua voz e entendo o que ele não diz. Por reflexo, pouso a mão nas costas dele. Ele olha para mim e sorri.

— Ela é minha inspiração para este design — diz. — Ela não se ligava em moda de jeito nenhum, pelo menos quando a conheci. Mas quando esvaziamos a casa dela, encontramos vários vestidos velhos dos anos 1960, de quando ela era adolescente. Esse era um lado dela que eu nunca havia visto. Acho que eu quis desenhar algo que ela teria usado.

— Que bonito isso — digo. — E entendo por que você gostaria de vê-lo na passarela. Mas eu achei o design bom. Poderia pôr uns acessórios, talvez uma luva branca e um broche na gola. Tem muita cara de alta-costura dos anos 1950.

— Achei que poderia ficar *over* — diz ele —, mas acho que você tem razão.

— Então, vá em frente! Se achar que ficou muito retrô, pode brincar com o tecido ou as cores e dizer que é uma referência à época.

— Posso mudar as cores; uma luva escura com um vestido claro.

— Como uma rainha do inverno.

— Exatamente. Bem, vou pensar nisso. Obrigado, Reese.

Ele guarda o desenho de volta na pasta e fica sentado enquanto eu termino a outra perna do short.

— E sua inspiração, qual é? — pergunta, por fim.

Penso em Heath imediatamente e sinto certa vergonha por não ter lhe contado quase nada desta viagem. Sinto falta de conversar com ele, de andar em sua caminhonete, sinto falta de passar tanto tempo ao lado dele que às vezes parecia que éramos dois lados da mesma moeda.

— Não é nada tão sentimental quanto o que você está fazendo para sua avó — digo. — Minha inspiração é meu melhor amigo. Na verdade, ele é mais que isso. Mais ou menos. Bem, eu queria que fosse — suspiro. — Queria, tipo, mostrar o design a ele e, milagrosamente, fazê-lo entender que estou apaixonado por ele. Mas... não sei como capturar a essência dele e colocá-la em um design.

Ele suspira.

— É, eu entendo.

Olho para o pingente da minha pulseira e me lembro do dele. Cobre e amarelo, brilhante, vivo, em chamas. É a única coisa que combina seu calor com minha paixão ardente por ele.

Decido: minha inspiração para o projeto final é o fogo.

iMessage
Reese, Sal

Sal

Oi, Reese. Posso falar com você sobre um assunto?

Reese

Acordou cedo. Claro, o que é?

Sal

Sim, estou a caminho do aeroporto para buscar o senador; o trânsito está horrível.

É difícil falar sobre isso... o estágio está indo tão bem que estou em dúvida sobre a faculdade. Não quero fazer faculdade. Andei fazendo o trabalho de quatro pessoas nesse escritório no último mês, e não sei como o curso superior poderia me tornar mais qualificado.

Vou falar com minha chefe sobre isso em algum momento, só para ver o que ela diz. Ela é meio obcecada pela faculdade que fez, mas acho que vai entender.

Reese

Puxa... mas você sempre quis ir para a faculdade.

Sal

Minha *mãe* sempre quis isso. Sabe minha lista de faculdades, de especializações, os passeios pelos campi que já fiz? Pois acordei um dia e percebi que não havia escolhido nada daquilo. Eram palavras de minha mãe. Sugestões de minha mãe que eu sempre aceito sem questionar.

Reese

Isso é verdade. Vocês dois têm exatamente os mesmos argumentos. Mas eu achava que vocês concordavam.

Sal

Por um tempo, sim.

Até que não mais.

Reese

Não vou julgá-lo, e tenho a impressão de que você não me daria ouvidos, de qualquer maneira. Acho que você vai arrasar aonde quer que vá, faça o que fizer. E depois do que sua mãe fez no último dia de aula...

Só não quero estar por perto quando você contar a ela que não quer fazer faculdade.

Sal

Eu acho que pode dar certo, de verdade. Não sei se eu poderia atender aos

requisitos de educação que vejo nos anúncios de emprego. Talvez devesse começar no governo local.

Reese

Tenho certeza de que o prefeito de Gracemont está sempre precisando de ajuda.

Sal

Aff! Com esse idiota não.

Reese

Uma observação: não é estranho conversar por mensagem sem as teclas maníacas de Heath ou a média de duas palavras por mensagem de Gabriel?

Sal

É inquietante, para ser honesto...

Reese

kkkkk

Sal

(três emojis de cara de maluco)

Reese

Assim é melhor

Sal

Estamos em Dulles agora. Obrigado por falar sobre isso comigo. Saudades!

Reese

(emoji de cara de maluco)

— O que acha?

Mando uma foto de minha roupa para Heath, que responde depressa com um “Fofo!”.

Também disse isso para minhas três últimas opções. Agradeço a positividade, mas preciso de *ajuda*. A culpa não é dele; normalmente eu recorreria a Sal ou Reese antes dele, mas agora só um dos meus melhores amigos está respondendo às minhas mensagens, e tenho que aceitar isso.

O guarda-roupa de Heath varia de camisetas a camisetas de manga comprida, mas, não sei como, ele ainda é eleito o mais fashion por nossos veteranos só porque tem braços grandes. Enquanto isso, estou experimentando minha quinta camisa estampada porque quero estar bonito esta noite.

Pego o celular e ligo para ele.

— Heath, amo você, mas estou enlouquecendo, preciso que você escolha um.

— São todos bons!

— Não podem ser todos igualmente bons! Qual é o melhor?

Ele suspira.

— Gabriel, meu amor, calma. Por que está pirando por causa de uma camisa?

— Não é a camisa, é quem vai ver a camisa. — Aperto os dentes enquanto termino de abotoar meu último *look*, que não é nada especial. — Quero parecer casual, mas um pouco melhor que o normal. Vou jantar com meus novos amigos, mas dois deles não podem ir. Então, será meio que...

— Um encontro? Meu Deus, você deveria ter dito desde o começo!

Coro.

— Não é um encontro. Mas eu não ligaria se parecesse ser, por um tempo. Matt é muito fofo. Foi ele quem comprou aquelas camisetas para mim e a Tiffany.

— As camisetas são uma graça também — diz ele. — Mas, enfim, se você quer parecer *cool* mas interessante, use a de arvorezinhas. Você não disse que ele gostou daquela camiseta que tem escrito Tree Hugger? Essa outra é tipo uma versão elevada dela.

— Elevada?

— Com licença, eu conheço as palavras *da moda* — diz ele, rindo. — E se quer saber, ela realça seus olhos.

Coro, mas paro para pensar.

— Você nem sabe a cor dos meus olhos, não é?

— Castanho azul-esverdeado. Algo parecido. — Ele faz uma pausa. — Bem, meu turno vai começar. Boa sorte, use a de árvores e comente com ele que você

beija bem. Byeeeeeeeee!

Heath desliga. Quero ficar bravo com ele, mas até que me ajudou. Achei que as arvoretinhas seriam demais, considerando que estamos todos meio cansados do evangelismo arborícola, mas Heath tem razão.

Uma coisa boa de tudo isso é que é bem legal me aproximar mais de Heath. Ele sempre foi uma força calmante, adoro andar com ele, mas entre Sal tomando minha atenção e Reese reivindicando a dele, nunca conversamos só nós dois.

Não falar com Reese é uma merda. Não falar com Sal é uma tortura.

— Mas não posso pensar nisso agora — digo para minha imagem no espelho, que está muito bonita, aliás.

Encontro Matt no saguão e me vejo perdido em seu sorriso. Ele tem um tipo de sorriso que guarda só para mim, parece; arregala um pouco os olhos e dá um sorrisinho torto. Se ele fosse um escroto, não faria diferença, porque é muito gato.

— Sempre com camisetas fofas — diz. — Preciso ter mais roupas com árvores, sabia? Senti que sabia muito a seu respeito por aquela camiseta que você estava usando quando nos conhecemos, e agora sinto o mesmo.

— Você também está legal — digo.

Ele dá de ombros.

— Tentei escolher uma camiseta bonita, mas, na verdade, não andei lavando roupa, então é o que tem para hoje. — Ele faz uma careta engraçada. — Acho que eu não precisava falar sobre minha roupa suja. Pronto para comer?

Nós quatro vamos ao mesmo restaurante algumas vezes por semana. É perto, barato e a comida é muito boa. Por isso, ficou implícito que iríamos lá mesmo se fôssemos só nós dois. Mas quando chegamos ao restaurante, ele hesita.

— Pergunta: você vai pedir a parmegiana de frango de novo, como todas as outras vezes, certo?

Dou risada.

— Lamento, mas sou uma criatura de hábitos. Por quê? Quer dividir mais alguma coisa?

— Ufa! Não, não. É que eu... espere um segundo, tenho uma surpresa.

Ele entra no restaurante, e eu fico meio sem jeito do lado de fora. Devo entrar também? Vai demorar? Vejo um banco perto da entrada e sento, deixando minha mente vagar. É estranho, e geralmente não gosto de surpresas, mas... estou curioso, para dizer o mínimo.

Minutos depois, ele volta com uma bandeja com dois copos grandes de plástico e uma sacola cheia de potes.

— Vamos levar isso? — pergunto.

— Eu deveria ter perguntado primeiro, mas fiz nosso pedido por telefone para retirada. — Ele indica o outro lado da rua. — Eu ando naquele parque todos os dias para ir ao Quincy Market, e há lugares ótimos para fazer piquenique. E este é, sem dúvida, o dia mais fresquinho do verão todo. Achei que você ia gostar.

Sinto um rubor tomar conta de todo meu corpo e, por algum motivo idiota, Sal me vem à cabeça. Penso que me sinto muito à vontade com ele, mas ele nunca faria algo assim. (E eu nunca pensaria em fazer isso por ele, aliás.)

— Silêncio nunca é bom — diz ele, quase para si mesmo. — Merda, desculpe. Podemos entrar e comer na mesa.

— Ah, não — digo depressa. — Este silêncio é bom, juro. Foi muito... legal você pensar nisso. Deixa eu levar alguma coisa.

— Ufa — ele suspira. — Não, hoje eu levo.

Ele carrega tudo — a mochila, as bebidas, a comida — até o parque do outro lado da rua, e eu o sigo com os braços cruzados desejando ser mais útil. É um tipo de cavalheirismo estranho ao qual não estou acostumado.

Escolhemos um lugar meio ensombrado ao sol poente. Tiro a toalha da mochila dele e a abro sobre a grama. Ele coloca a comida na toalha e me passa uns talheres de plástico.

— Trouxe abobrinha frita de entrada, em homenagem a Art. Se bem que teria sido nossa única chance de pedir uma entrada não vegana.

— Mas é tradição — digo, e coloco uma na boca. — E vem com molho ranch, que é legal.

— Vocês do Centro-Oeste são tão previsíveis — ele ri. — Digo isso com todo o respeito. Acho que nunca falei, mas a maior parte da família de meu pai é de fora. Moram no norte de Indiana. Mas nos visitamos muito. Eu tenho uns sessenta primos.

— Não acredito! É estranho, mas antes dessa viagem, eu diria que o Centro-Oeste era incrivelmente longe; mas agora que estamos em Boston, parece vizinho.

Começamos a comer os pratos principais, o que é meio hilário, porque estou tentando cortar um peito de frango com uma facinha de plástico, enquanto Matt não consegue encontrar um lugar plano para deixar sua coca diet, então ela fica caindo.

— Fale sobre seus amigos — diz Matt. — Em minha escola não há muita gente que saiu do armário, por isso, para mim, é difícil imaginar que alguém tenha vários amigos gays. Do que você gosta neles? E o que odeia secretamente? Quem namora? Quem fica com quem?

Eu coro.

— Bem, hmm, ninguém fica com ninguém.

— Ah, tá — diz ele incisivamente. — Sério.

— Nenhum de nós já namorou, mas é complicado, acho. — Enfio um pouco de macarrão na boca e desvio o olhar, dando-me tempo para decidir que a honestidade deve ser a melhor resposta. — Já fiquei com Sal, meu amigo que está em DC, mas já acabou. Era uma coisa estritamente entre amigos. Mas acho que os outros não fizeram nada. Se fizeram, foram superdiscretos.

— Estou sendo invasivo — diz ele. — Desculpe, é que fico fascinado.

— Eu entendo. Mas não quero que você pense que vivemos num paraíso liberal. Somos praticamente os únicos adolescentes gays assumidos da escola, e meio que nos encontramos desde o começo. Ainda bem. Seria muito mais difícil encarar qualquer coisa sem eles.

— Não, não, não pensei isso. É que eu tenho dificuldades para fazer amigos gays. E aí, vejo pessoas como você e Art falando sobre grandes amigos... e quero

isso, sabe?

Ele está evitando me olhar nos olhos; está com a atenção voltada para a comida.

— Eu também deveria ter pensado melhor antes de pedir, impulsivamente, o bife especial.

Ele está serrando furiosamente o bife, que mal cede à faca de plástico. Suspira e resolve pegar o bife com a mão.

— Sei que Art é um vegano bem tolerante, mas ele ficaria louco de ver isso — digo, enquanto Matt dá uma mordida no bife que está segurando.

Ele dá de ombros.

— Enfim — digo, em um tom mais sério —, sei que ter os rapazes tão perto de mim é muito especial, e eu não trocaria o que tenho com eles por nada; mas acho que isso acaba me segurando, às vezes. Não sei fazer amigos sozinho. Não sei escolher uma camiseta sem avaliar quatro opções. Eles não andam muito acessíveis ultimamente, e tem sido muito solitário.

— Eu acho que ficou ótimo assim. Estou feliz por sermos amigos, agora; sei que não me comparo a eles, e nem quero. Especialmente estando sentado, aqui, comendo um bife como se fosse uma espiga de milho. Mas se você se sentir sozinho, fale comigo. Mande uma mensagem para eu aprovar suas roupas. Passe lá em meu quarto, o que você quiser.

Sorrio.

— Obrigado, Matt.

Acabamos de comer quando o sol está quase se pondo atrás das árvores. O parque fecha ao pôr do sol e temos que ir logo, mas sinto vontade de ficar. Gosto de Matt; não como substituto de meus amigos, nem como um remédio para a falta que sinto deles. Mas gosto mesmo dele, e do restante de nossa pequena equipe de voluntários.

— O parque fecha ao pôr do sol. Odeio dizer isso, mas temos que ir — diz ele.

Começamos a recolher nosso lixo. Dobro a toalha e a guardo na mochila dele. Sinto um leve sorriso em meu rosto enquanto penso que esta noite está sendo muito especial.

Voltamos a pé, e tenho a impressão de que ele está andando mais devagar de propósito. Como se quisesse aproveitar até o último momento desse “talvez encontro”. Pelo caminho, ele fala sobre um *reality* a que está assistindo. Está falando mais rápido, e percebo certo nervosismo em seu tom de voz. *Será que o estou deixando nervoso?*, penso. Sal sempre foi tão seguro, tão confiante perto de mim, que ver esse tipo de vulnerabilidade faz meu coração se apertar.

Toda vez que nossos olhos se encontram, ele cora e desvia o olhar.

— Comecei a assistir porque disseram que seria uma competição de floristas, e adoro flores. Mas quando os floristas chegam, percebem que a proposta é mais projetar enormes instalações florais, tipo, quase coisa de arquitetura. É como se nenhum deles soubesse o que teria que fazer. Deixei passando de fundo outro dia, é viciante. Só faltam alguns episódios.

— Parece interessante — digo por fim.

Eu me sinto ousado. E com medo. E parece certo, por isso, acrescento:

— Ainda é meio cedo. Quer assistir a alguns episódios comigo?

— Em meu quarto? — pergunta ele, e vejo um sorriso surgir em seu rosto. —

Sim, claro! Ando tentando juntar coragem para convidá-lo esse tempo todo.

Legal! Se você achar que tudo bem...

Dou risada.

— Fui eu que sugeri. Tudo bem para mim.

Quando voltamos, ficamos sentados um ao lado do outro na cama dele, enquanto ele explica animadamente todos os pôsteres e ilustrações que revestem suas paredes. Ele coloca o programa, e mal nos tocamos. Devagar, vou levando minha mão à dele... e entrelaço levemente nossos dedos.

Sinto uma calma, e não posso nem esconder meu sorriso. Estamos aqui, de mãos suadas dadas, no dormitório quente dele assistindo a um *reality show* terrível. E pela primeira vez, sinto que isso é suficiente.

Mais que suficiente.

Tia Jeanie é rápida como um relâmpago, e está bem claro que ela é a mestra de todo esse fliperama. Já fiz alguns bicos e conheço o tipo. Como o gerente de restaurante que sabe que a mesa nove precisa exatamente de dois pacotes de açúcar embaixo de uma perna para não balançar, em quais cadeiras acomodar os clientes, quais rangem e tal. Ou o caixa da mercearia que conhece cada código de mercadoria de cor e sabe a diferença entre cebola-amarela, cebola-branca e vidalia.

Jeanie sabe tudo. Como consertar o congestionamento de fichas na máquina de basquete, como servir a cerveja perfeita, como reconhecer uma identidade falsa de praticamente qualquer estado. Essas coisas você aprende depois de anos de prática. Mais ou menos como eu treinei meus arremessos umas dez mil vezes com papai antes de aperfeiçoá-los. É esse tipo de conhecimento que eu realmente valorizo.

Mas não é algo que eu possa acompanhar.

Não queimo mais as salsichas. Consigo carregar os barris dos fundos para dentro, mas quando está muito movimentado, eu me sinto inútil.

— Atrás de você — diz Diana, carregando dois copos gigantes cheios de cerveja.

Ela troca a cerveja por dinheiro em um piscar de olhos, e quase imediatamente pega o próximo pedido.

Despejo outra rodada de salsichas empanadas na bandeja para escorrer e coloco outro lote.

— Atrás de você — agora é Jeanie.

Ela está com cinco copos de cerveja cheios nos braços. Carrega tudo para o balcão sem bandeja, sem derramar uma gota. *Essas pessoas não podem ser humanas!*

A música está alta, como sempre. As pessoas são barulhentas, como sempre. E eu me sinto meio sobrecarregado hoje. Não me incomodo de ajudar, mas muitas vezes sinto que estou atrapalhando, como se Jeanie e Diana tivessem que perder mais tempo corrigindo meus erros ou me ensinando a fazer algo do que se fizessem elas mesmas.

— Como estamos, Heath? — pergunta tia Jeanie.

— Tudo bem — digo, com uma expressão animada. — Só queimei um lote hoje, já é um progresso.

— Você está indo bem. O movimento já está começando a diminuir um pouco. Vá para casa mais cedo; você tem trabalhado até mais tarde que o combinado nos últimos dias, fico com a consciência pesada. Sei que não estou pagando muito. Diana adora sua companhia, mas ela e eu damos conta de tudo

até fechar.

— Tem certeza? Não tem problema, sério. E você está me pagando demais, eu deveria estar pagando aluguel...

— Já falamos sobre isso — diz ela, fingindo decepção. — Você é da família, sempre terá um lugar para ficar em casa.

Dou risada, mas sinto meu rosto corar à menção da palavra “família”.

— Certeza de que não há mais nada que eu possa fazer? Precisa trocar algum barril?

— Pegue mais um de cerveja e pronto, acabou seu turno.

— Não é justo! — grita Diana ao se aproximar com mais duas cervejas. — Vou processar você! As leis sobre exploração de trabalho infantil são rígidas aqui na Flórida.

— Nenhuma lei é rígida aqui na Flórida — retruca Jeanie.

Tento esconder um sorriso enquanto pego o barril e o arrasto até as torneiras. Aceno para elas quando saio e vou direto para a praia. Não é a maneira mais rápida de voltar, mas é um pouco mais tranquila. Exceto uma vez que Di e eu pegamos um casal transando na praia.

Pego o celular e vejo que são quase duas da manhã. Falta uma hora para fechar. Coloco os fones de ouvido e ligo para Reese, esperando que não caia na caixa postal como nas últimas tentativas.

Ouçó uma voz grogue.

— Heath?

— Oi, Reese. Acordei você?

— Claro, são sete da manhã. Perdi suas últimas ligações, mas não pus no mudo dessa vez para acordar. Já saiu do trabalho?

Sorrio por saber que há alguém que está disposto a acordar às sete da manhã por mim.

— Sim — digo. — Jeanie me liberou mais cedo, estou voltando agora. Estou com saudades.

Uma onda de vergonha toma meu corpo quando percebo exatamente o que acabei de deixar escapar. Claro, é verdade, mas eu não precisava dizer a ele.

— Também estou com saudades. Faz muito tempo. Acho que também não tenho participado da conversa no grupo.

— Você *nunca* participa, mas pelo menos tem a desculpa do wi-fi. Não sei qual é a de Sal. Gabriel teve que pedir conselhos sobre roupas para *mim*, acredita? Sei que sou a última escolha dele, mas me senti honrado. Desculpe, acho que estou falando demais. Como você está? Seus projetos estão indo melhor?

Ele geme.

— Sim, um pouco. Acho que estou me acostumando com todo esse negócio de crítica de grupo. Estou trabalhando no projeto final agora. A única instrução é pegar algo que nos inspira e transformá-lo em uma peça de roupa.

— E o que inspira você? — pergunto, e me deparo com o silêncio.

— Ainda não sei direito. Tenho algumas ideias, mas não decidi. Mas Philip tem me dado aulas de costura, o que está me salvando.

— Ah, que ótimo! Costurar é uma parte importante da aula, não é?

— Tanto quanto os designs que fazemos — diz ele. — Foi muito útil aprender como costurar cada tecido, qual ponto funciona com qual; agora sei quais são os diferentes pontos, linhas e tudo que influencia o produto final.

Um lado incomum de mim ganha vida enquanto ele fala, quando menciona Philip. Sei que não está acontecendo nada, e mesmo que estivesse... que bom para eles. Afinal, não posso competir com ninguém fritando salsichas aqui enquanto ele estuda na França. Mas sinto o ciúme crescendo dentro de mim, e penso em falar com ele sobre Cole, só para ver o que vai dizer.

Mas não está acontecendo nada entre nós, e é injusto envolvê-lo nisso.

— Que horas você tem que levantar? — pergunto, porque não quero que a conversa termine.

— Já levantei — diz ele, rindo. — Mas preciso entrar no chuveiro daqui a uma hora mais ou menos. Tenho tentado tomar um expresso e comer um croissant em um café aqui perto todos os dias, para levar para casa toda a experiência francesa.

— Isso é maravilhosamente clichê — rio. — Ainda bem que você tem uma rotina. Quer dormir mais um pouco? Acabei de chegar, posso deixar você descansar, se quiser.

— Não — diz ele. — Sinto falta de falar com você, de andar com você. Sei que tenho sido inconstante ultimamente, mas estou no sufoco aqui. Estou morrendo de saudades de casa. A ponto de estar sentindo falta até da sua caminhonete.

— Acho impossível, mas vou falar para ela que você está pensando nela. Acho que finalmente economizei o suficiente para trocar os amortecedores para você. Quando você voltar, não será tão ruim.

— Nunca foi ruim — ele mente, e agradeço a consideração. — Podemos continuar conversando? A menos que você queira ir para a cama.

— Nunca — digo. — Vale a pena perder horas de sono por você, Reese.

Se alguém me perguntasse onde eu estaria seis semanas depois do início do estágio, não sei se imaginaria que seria ajudando a gerir um evento *black tie* no W Hotel. Estou com minha gravata-borboleta preta de seda, e me sinto muito bem.

Após esse evento, o senador Wright vai passar a semana fora de DC. É a semana que antecede o Dia da Independência, e o Senado está oficialmente fechado. O que significa que, assim que terminar este meu último dia de trabalho de quinze horas, finalmente poderei dormir.

Mas não estou menos estressado, porque assumi este evento *sozinho*. Meghan está no Decatur House, em um coquetel VIP para senadores veteranos, o vice-presidente e outros democratas de alto nível. Wright deve sair desse evento a qualquer instante para vir para cá, e eu tenho que ter certeza de que está tudo pronto para ele.

— Com licença — digo, fazendo um sinal a um funcionário do bufê que tem uma prancheta na mão. — Pode confirmar a refeição sem glúten para o senador Wright, mesa dois?

Ele passa algumas páginas na prancheta.

— Não vejo nenhuma refeição sem glúten aqui.

— E pode acrescentar uma? — pergunto, já sentindo o pânico em minha voz. Já pisei na bola uma vez, não posso deixar isso acontecer de novo.

Ele hesita.

— Não sei. Você precisa falar com a gerente do evento, a Brittany; não podemos fazer nenhuma mudança sem a autorização dela.

— Sabe onde ela está?

— Tenho certeza de que está ali atrás em algum lugar. — Ele começa a se afastar. — Desculpe, mas temos que terminar de arrumar as mesas antes que as portas se abram.

Ele se afasta e eu fico andando pelo salão procurando Brittany, que só vi uma vez. Ela tem o hábito de desaparecer durante os eventos, segundo Meghan. Mando uma mensagem para ela.

Brittany desapareceu, socorro!, digito, e acrescento quatro emojis de sirene para enfatizar.

Ela responde imediatamente:

— Cozinha. Portão de carga e descarga. Fumante.

Corro de volta para a cozinha, apesar de não saber se tenho permissão de entrar, e me dirijo à porta de aço. Brittany está sentada em um banco, fumando, com alguns funcionários do bufê, aparentemente sem saber que o evento começa em dois minutos.

— Brittany! — digo. — Oi; trabalho com o senador Wright. Ele precisa de uma refeição sem glúten. Liguei para confirmar isso ontem, mas os fornecedores não têm nenhum registro. Pode me ajudar?

— Ah, sim! Meghan vem? Faz tempo que não a vejo.

— Sim, mais tarde — digo, tentando não ser muito grosso. Mas não posso pisar na bola de novo. — Pode providenciar uma refeição sem glúten para o senador? Ele deve chegar em quinze minutos.

Ela olha o relógio.

— Nossa, as portas vão abrir daqui a pouco. Sim, vou preparar uma refeição para ele, desculpe pela confusão.

— Tudo bem, obrigado — digo, e ia voltando para o evento, quando ela me chama.

— A propósito, tivemos que mudar o gráfico de assentos. Wright está na mesa três agora.

— Ah, tudo bem — digo. — Preciso confirmar com Meghan, vou ligar para ela.

Enquanto Brittany e eu atravessamos a cozinha e voltamos para o evento, mando uma mensagem para Meghan e ligo para ela duas vezes, mas as ligações vão direto para a caixa postal. Brittany me entrega o gráfico de assentos, e os nomes dos lobistas se confundem em minha mente.

— É basicamente o mesmo grupo que Meghan aprovou semana passada, eu não me preocuparia com isso.

Suspiro.

— O.k., tudo bem. Contanto que você consiga a refeição sem glúten.

Os convidados começam a chegar enquanto volto para o evento, e acabo envolvido com a maravilha de tudo. Vestidos elegantes com colares de pérolas, smokings e relógios de ouro. Uma música suave de piano invade o salão enquanto os convidados pegam taças de cristal com espumante.

Já que o senador vai se atrasar, aproveito o tempo para andar por aí. A arquitetura de DC tem um ar antigo e imponente; não consigo imaginar que exista algo parecido no mundo. Eu me sinto muito em casa aqui, não só em eventos como este, mas quando estou andando pelas ruas diagonais, passando por embaixadas e edifícios do governo, andando de metrô, ou pelos corredores do Capitólio.

De soslaio, vejo Meghan e Pasquale entrando correndo. Corro para eles.

— Meghan — digo —, eu tinha uma pergunta sobre...

— Meu celular morreu — diz ela, me interrompendo. — Preciso achar um lugar para carregar. Leve Pasquale e Wright à mesa deles.

Meghan me deixa na presença do senador e seu chefe de gabinete. O calor sobe por minhas bochechas e me sinto meio despreparado.

— Tudo bem, por aqui. — Jogo os ombros para trás e os levo à mesa. — Como foi seu outro evento?

— Ah, foi bom. Necessário — diz o senador. — Mas já estou pronto para ir embora e ver minha família. Foi um longo mês.

— Verdade — digo, principalmente para mim mesmo.

Contornamos as várias mesas redondas do salão. Aponto para uma mais longe.

— A mesa três fica ali. Sua refeição sem glúten está sendo providenciada, não haverá problemas quanto a isso.

Pasquale me lança um olhar surpreso enquanto Wright vai se dirigindo à sua mesa. Ele aperta a mão de um lobista e dão início a uma conversa rápida e visivelmente tensa. Wright se volta e nos dispensa, olhando com olhos arregalados para Pasquale.

— Porra, quem aprovou essa mudança? — pergunta Pasquale, levando-me para o fundo da sala. — Ele não deveria ficar nesse lugar.

— A responsável pela organização disse que precisava mudar algumas pessoas da mesa dois para a três. Algum problema?

— Aquele lobista com quem o senador Wright está falando é o problema. Da última vez que estiveram juntos em uma sala, Wright acabou saindo no meio do evento. Você não leu sobre tudo isso no *The Hill*? Meu Deus, isso é péssimo.

— Meghan! — chama Pasquale.

Ela se volta surpresa, com um olhar de medo.

— Seu estagiário colocou Wright com Cal Hewitt. Dê um jeito nisso.

Ele volta para a mesa para intermediar a conversa, acho.

— Ah, não! — diz Meghan. — Isso não é nada bom. Há muitos jornalistas aqui. Precisamos de Brittany.

Ela me leva de volta ao portão de carga e descarga, onde Brittany está de novo fazendo um intervalo para fumar.

— Brit — diz Meghan —, você sabe que Wright e Hewitt não podem ficar na mesma mesa.

— O garoto disse que estava tudo bem — responde ela, apontando para mim. — É tarde demais, já estão todos em seus lugares.

Brittany passa por nós. Sinto a raiva de Meghan fervendo.

— Posso fazer alguma coisa? — pergunto.

— Pode começar a rezar para que não percamos o emprego. Eu sabia que não deveria ter deixado isso na sua mão.

Eu me espanto, e ela faz um sinal para eu me afastar.

— Não importa, vou dar um jeito.

— Fodi alguma coisa com o senador — digo na mensagem para Gabe.

Não sei a quem mais recorrer. Depois de ficar andando pelo estacionamento, finalmente encontrei coragem para voltar ao evento. Bem nos fundos, há um bar com alguns estagiários universitários. A programação — discursos, entrega de prêmios etc. — começou no salão principal do evento.

Tomo um gole de água e sinto a exaustão me dominando. Uma lágrima rola por meu rosto, depois outra, e mal consigo segurar o resto.

— Duas cubas-libres com Coca *diet*, por favor — diz Meghan, sentando-se no banco ao meu lado.

Assim que as bebidas são servidas, ela passa uma para mim.

— Que confusão!

— Desculpe — digo.

Ela suspira.

— Pasquale está furioso.

— E o senador? — pergunto.

— Wright deve estar puto também, mas não pode demonstrar. Está se saindo muito bem com Hewitt. Não sei se Hewitt está sendo menos escroto dessa vez, ou se Wright está cansado demais para brigar. — Ela dá de ombros. — Seja como for, essas coisas acontecem.

— É mesmo? — Tomo um gole da bebida. — E é sempre tão ruim? Você devia ter visto a expressão nos olhos do senador. E o tom de voz de Pasquale, caramba! Até você parecia querer me matar. Tudo que eu queria fazer era causar uma boa impressão, mas pisei na bola.

— Todos nós erramos — diz ela. — Eu não deveria ter deixado você participar desse evento, e acho que não te passei todas as informações sobre esse drama. Brittany também é totalmente inútil e faz esse tipo de mudança o tempo todo.

Bebemos em silêncio por um tempo, eu com a esperança de sentir algum alívio. Mas ainda me sinto um fracasso.

— Você causou uma boa impressão, Sal. Pasquale é meio assustador às vezes, mas ele será a primeira pessoa a redigir uma recomendação sua para a faculdade, garanto.

— Posso ser honesto com você? — digo, e minha exaustão finalmente me domina. — Ando pensando, não sei se ainda quero fazer faculdade.

Ela ri, mas sua expressão muda quando vê que estou falando sério.

— Sério? Então, por que está fazendo esse estágio? Você não quer trabalhar no Capitólio um dia?

— Sim, mas achei que poderia pular a faculdade.

— Sal, *nenhum* escritório aqui o contrataria sem um diploma universitário. Além disso, a faculdade é muito divertida. Sinceramente, eu entendo por que algumas pessoas dizem que foi a melhor época da vida delas.

— Mas parece uma perda de tempo. Apreendi muito sobre seu trabalho em pouco mais de um mês, e foi pondo a mão na massa. Ficar quatro anos fazendo aulas de ciência política não vai me deixar mais preparado, sabe?

— Não discordo, isso aqui é um aprendizado. Você aprende fazendo. Mas o sistema não funciona desse jeito. — Ela suspira. — Veja, se você jogar bem suas cartas, terá uma recomendação de Betty Caudill e do senador Wright. Mas isso só pode levá-lo até certo ponto.

Uma parte de mim se pergunta se devo desistir e fazer faculdade, porque é isso que devo fazer. Mas tenho dezesseis anos, representaria um quarto de toda minha vida que eu poderia usar melhor.

— Eu poderia trabalhar no governo local, não é?

— Claro, mas não é a mesma coisa que aqui. Eu fiz estágio no escritório de Wright durante o primeiro mandato dele e isso quase me fez desistir da política

para sempre. E isso porque eu só ficava atendendo a telefonemas e tratando com eleitores.

— Como April e Josh estão fazendo? — pergunto, e ela me olha.

— Em primeiro lugar, eles estão sendo pagos, e eu não era. Em segundo lugar, eles fazem isso em DC, no Capitólio. O escritório na casa dele não é tão glamoroso. — Ela olha para cima, como se estivesse avaliando como dizer algo. — Acho que o negócio é o seguinte: você se dá muito bem neste ambiente. Poucas pessoas conseguem, e eu acho isso especial.

Ela me dá um sorriso gentil e levemente condescendente, e eu sinto todo o peso das últimas semanas cair sobre mim. Fico tão sem energia de repente que quase desmaio no balcão.

— Não estou me dando bem — digo. — E odeio isso. Mas mantenho a cabeça baixa e sigo em frente, porque é uma experiência muito boa para meu currículo. Estou fazendo isso pela carta de recomendação, porque pensei que se eu fosse muito bom, poderia simplesmente, sei lá, pular essa coisa toda de faculdade. Mas se você está dizendo que não há chance, então tem razão: o que estou fazendo aqui? Por que estou trabalhando cinquenta horas por semana?

— Você não está trabalhando cinquenta horas por semana — diz ela, de um jeito meio inseguro, como se não tivesse certeza de estar dizendo a verdade.

— Eu controlo. Começou por orgulho; trabalhei 35 horas na primeira semana e fiquei tipo, “Uau, isso é praticamente um emprego de período integral, sem dúvida eu poderia voltar e fazer a mesma coisa de verdade”. Mas foi aumentando a cada semana. Trabalhei 52 horas naquela semana em que você ficou presa no aeroporto.

Ela me olha surpresa, e eu prossigo:

— Josh e April estão trabalhando trinta horas, e começaram a perceber que Jenna está fazendo um horário de almoço mais longo, enquanto eles atendem aos telefonemas todos os dias. Temos um documento assinado que diz que nosso compromisso é de vinte horas por semana. Eles queriam que fôssemos todos falar com vocês e dizer que isso não estava certo, mas eu não quis. Esse foi mais um erro meu.

Meghan fica só me olhando, como se sinceramente não acreditasse que isso seja possível.

— Eu... puta merda, sinto muito. Pasquale nunca me falou sobre o limite de vinte horas, e eu presumi que vocês estavam vestindo a camisa. Não sei por que não perguntei. E acredite, não queria segurar você até tão tarde. Você tem tudo tão controlado o tempo todo que eu não percebi que estava causando esse estresse.

— Ontem à noite, adormeci no trem e fui parar em Franconia-Springfield — digo. — E tudo por nada. Acha que essa experiência será relevante quando eu sair da faculdade, daqui a cinco anos?

— Talvez... talvez seja melhor você tirar o resto da semana de folga. E depois vemos como fica. Meu Deus, se Betty Caudill soubesse disso, ficaria louca. Vou mandar um e-mail para os outros e mandar cortar as horas extras. Vamos dar um

jeito.

E assim parece que meu estágio acabou. Cinquenta horas por semana, dou tudo de mim, e de uma hora para outra, acabou. Mesmo se eu voltar, não será a mesma coisa. E quem se importa?

Perdi um tempo precioso neste verão, e para quê?

Quando saio, pego o celular e ligo para Gabe. Ele saberá o que devo fazer.

O dia de hoje, como todos os outros da semana passada, começou com um telefonema de Heath. É bom estar próximo dele de novo, e estou começando a contar com os incentivos matinais dele para aguentar a jornada. Especialmente em dias de crítica.

Estamos chegando perto das quatro últimas semanas do curso, e começamos a fazer consultas semanais individuais com a professora Watts sobre o desenvolvimento do trabalho.

— Parece muito *Jogos vorazes* — diz ela. — Já viu o segundo filme?

Digo que sim.

— Mas sem o fogo mágico.

— Hahaha. Mas é o que estou vendo aqui. O movimento, o gradiente do preto ao vermelho-fogo. Gostei, mas falta um pouco de praticidade. Em que tecido está pensando? Como seria tingido?

Faço uma pausa, avaliando isso.

— Linho, talvez. Não teria movimento, mas seria fácil de tingir.

— Ou algodão batista. Seria transparente, e aí você precisaria de algo um pouco mais pesado para o corpo; poderia resolver isso com adornos. Mas parece meio...

— Chamativo?

Ela ri.

— Parece o que as meninas usam no show de *drag* lá onde eu nasci. Não que isso seja ruim. Há um mercado para isso, mas é que nunca tivemos uma *drag queen* em nossas passarelas.

— Eu não estava pensando em ir para o lado *drag*, mas acho que muito do que sei sobre moda vem das *drag queens* que sigo no Instagram.

— Acho que, seja lá qual for sua escolha, você tem que se comprometer. Pense no tecido. Semana que vem, quero que você traga umas amostras de tecido para esse *look*. Você está se encontrando, melhorou muito até agora. Mas, como já disse, para este projeto, pense também na praticidade, no custo e na produção.

— Entendi — digo.

— Eu só tenho verba para produzir uma peça para o desfile. E já dei nota melhor a projetos que acabaram não ganhando porque não eram viáveis para a passarela. Atenha-se à proposta — ela baixa a voz —, e não desista.

Sorrio e apenas repito:

— Entendi.

Saio da sala dela notando que me sinto mais confiante que da última vez que estive aqui. Vim fazer esse curso sem direção e sem ideia do que estava fazendo.

Mas fui descobrindo no caminho. Agradeço, em parte, a Philip, que, aliás, está me esperando no saguão.

— E aí? Como foi?

— Foi bom. Bem, ela disse que parece que foi feito para uma *drag queen* e não é nada prático, mas é um começo.

Ele ri.

— Isso é um elogio.

— Ah, com certeza. Mas acho que essa escola não está pronta para um primeiro desfile de *drags*.

Guardo meus desenhos e ele se levanta.

— Café? — digo.

— Estava pensando... é cedo, e você não tem sido um bom turista. Quer corrigir isso?

Eu me afasto, sentindo uma hesitação me dominar.

— Eu ia visitar o Louvre e outras coisas quando minhas mães viessem. E ando tão ocupado...

— Mas não está ocupado agora.

— Parece que não.

— Então, vamos. Guarde o Louvre para suas mães, há muitos outros museus para ver. Podemos ir à Torre Eiffel, se quiser. Por favor!

— Claro — sorrio. — Preciso de fotos novas para o Instagram. Não estou provocando muita inveja em meus amigos. Meu amigo que está em DC fica mandando fotos dele com o senador, ou dele em todos os monumentos. É um saco, preciso superá-lo.

Philip ri.

— Combinado, então. Vamos deixar todos os seus amigos com inveja.

Enquanto caminhamos pelas ruas inclinadas da cidade, vejo Paris ir ganhando vida. Essa área não é como nosso bairro, que é tranquilo e cheio de lojinhas e restaurantes. Aqui é barulhento, movimentado, cosmopolita.

Pela primeira vez, reconheço que estou em uma cidade grande. Eu me sinto como Gabriel deve ter se sentido no começo, sempre falando no grupo sobre o pânico em relação a Boston. É impressionante. É demais. E estou adorando.

— Que sorte nós temos, não? — pergunta Philip, um tanto retoricamente. — Estudar moda em Paris... eu voltaria para fazer a faculdade aqui.

— Incrível. Acho que passaremos uma semana aqui ano que vem, no curso de francês IV, mas será uma viagem com a classe. Estou de olho em algumas faculdades de design gráfico nos Estados Unidos, acho que não conseguiria ficar longe de minha família por tanto tempo, sabe?

Enquanto descemos a Champs-Élysées, instintivamente desaceleramos para olhar as vitrines das lojas ofensivamente caras. Penso no pessoal da aula que quer fazer um design assim. *Looks* profissionais, tecidos caros, e quase dou risada quando imagino meu vestidinho de fogo aqui.

— Essa não é minha vibe — diz Philip —, mas gosto de ver esses *looks*. Não

sei se isso faz sentido.

— Claro que faz. É como eu em museus de arte moderna; nem sempre entendo, mas sinto alguma coisa. Eu sou mais impressionista.

— Jura? Já esteve no Museu de Orsay? É “o” museu impressionista. Tem a maior coleção do mundo. Quer ir lá depois?

Concordo, e adentramos mais a cidade. Nossa primeira parada é na Torre Eiffel. O sol está quente; juntamo-nos aos outros turistas que serpeiam ao redor dessa obra-prima.

— Quer que eu tire umas fotos suas? — pergunta ele, e balanço a cabeça.

— Têm que ser selfies, porque quero zoar Sal, que fica mandando as dele no grupo.

Pego meu celular e foco a torre ao fundo. Tiro algumas fotos — algumas com o modo retrato ativado, o que desfoca a torre, mas deixa minha pele muito bonita.

— Vamos tirar uma de nós dois — digo. — Somos parceiros de costura, e isso significa que estamos unidos para a vida toda.

Ele ri e se aproxima. Passa um braço em volta de mim e se aproxima mais, e eu tiro a foto. Quando a abro, vejo que estamos felizes e me sinto instantaneamente grato por ter feito pelo menos um amigo aqui.

— Sei que é meio cafona, mas se importa se eu desenhar um pouco? — Pego meu diário. — Só um esboço, rapidinho.

— Claro! Vamos arranjar um lugar para ficar um pouco, e aí você me conta mais sobre seus amigos.

A página do diário desta semana está cheia de esboços de acessórios, pois esse foi o tema da aula mais recente de história da moda. Cintos, pulseiras e brincos cobrem a página, mas encontro espaço para fazer um esboço rápido da torre.

Enquanto caminhamos, consigo me conectar ao wi-fi de algum lugar, então ponho a foto e uma mensagem no grupo. Philip me apressa, e começamos a longa caminhada em direção ao museu impressionista, parando de vez em quando para apreciar as lindas vistas ensolaradas do Siena.

— Seu grupo sabe sobre mim? Ou seus amigos acham que magicamente você aprendeu a costurar?

Dou-lhe uma cotovelada.

— Heath sabe de você, mas não falei muito com os outros sobre isso. Mas mostrei o short jeans que eu fiz.

— Heath é... o cara do fogo? Você disse que somos só amigos, né? Não quero apagar esse fogo acidentalmente. Essa coisa toda deixou minha namorada muito preocupada, para ser sincero.

— Heath não é assim — digo. — E lamento. Quer que eu explique a ela que sou péssimo em costura? Ajudaria?

— Não é isso. É que ela foi criada com muita rigidez, tem uma mente meio fechada. — Ele joga a cabeça para trás. — Nunca achou ruim namorar um cara pansexual, mas, sei lá, acho que esse curso de moda está a deixando paranoica. Ela não entende direito, acho.

— É foda. Para algumas pessoas é difícil. Nós tivemos muita sorte em minha cidade, mas houve um incidente perto do fim do ano letivo. Espero que ela seja só meio insegura e acabe superando.

— Que tipo de incidente? — ele pergunta.

— Ah, você sabe... ofensas, ameaças, críticas às minhas escolhas sobre a maneira de me vestir. Coisas assim.

Ele inclina a cabeça.

— É por isso que você toma o feedback de todos como pessoal?

— O quê? Não, não faço isso.

Paro um pouco, pensando em minha hesitação instintiva toda vez que Noelle ou Adam fazem um comentário negativo sobre meu trabalho. Ninguém faz *bullying*, mas Philip tem razão: meu cérebro ainda interpreta a crítica como um ataque.

— Sabe, nunca pensei nisso.

— Você não pode deixar que pessoas assim ganhem, sabia?

— De jeito nenhum. E nem acho que ele ganhou. Graças, em parte, aos constantes incentivos que você e Heath me dão, estou sendo mais sensato em relação às críticas ultimamente.

Philip para de andar e eu me volto para ele.

— Você é um bom companheiro — diz ele. — É bom *finalmente* ter um amigo gay. Sei que isso deixa Emily meio preocupada, mas ela tenta, e é uma boa pessoa. Mas ela também tem que saber que eu preciso de amigos assim, que me entendem.

— Ela vai chegar lá.

Enquanto andamos pelas ruas de Paris, começo a valorizar mais essa nova amizade que fiz. Sempre achei que era unilateral, que eu dependia da ajuda dele toda vez que a linha arrebentava, mas não sabia que havia tudo isso por trás de nossa amizade. E espero que possamos mantê-la quando eu voltar.

Mensagem de voz

Sal, Gabriel

S: Você perdeu minhas últimas ligações. Sei que está ocupado, não precisa me ligar de volta. Parece que você está arrasando nessa arrecadação de dinheiro e salvando o mundo, hein? Meu estágio... bem, talvez um dia eu possa falar com você pessoalmente sobre o que está acontecendo. É difícil explicar, e quero falar de umas coisas sobre meu futuro... Quer saber, vamos falar sobre isso mais tarde. É complicado. Amo você, Gabe.

G: Sal! Em primeiro lugar, amo você também. Como é bom ouvir sua voz! Acabei de receber sua mensagem e o alerta de todas as ligações. Que bom que você está bem. Desculpe, ando meio ausente ultimamente. Tenho muita coisa para contar para você também. Queria que você estivesse aqui!

Começaram os fogos de artifício. Eu mais os ouço que vejo, mas toda vez que o ônibus vira na direção certa, vejo as explosões e ouço os chiados, uma vez que estou sentado à janela. Feliz Dia da Independência, DC.

E adeus.

Ainda estou mal por ter confrontado Meghan sozinho, pois April e Josh queriam fazer uma reclamação formal. Talvez eu nunca saiba por que eles mentiram por mim, ou por que continuaram trabalhando trinta horas por semana, mas devo muito a eles por me fazerem chegar a uma conclusão óbvia: que eu estava trabalhando demais sem motivo nenhum, por decisão própria.

Não culpo Meghan. Não culpo o senador. Eles são ocupados e dispersos demais, não acho que perceberam quanto estavam nos sobrecarregando. Meghan ficou pálida quando falei que nosso contrato era de vinte horas semanais. Fico imaginando se todos os escritórios têm esse tipo de falha de comunicação. Mas me lembro da energia frenética no Capitólio. Deve ser tudo assim.

Mas posso dar adeus a isso, agora. Deram o restante da semana de folga para mim, April e Josh, enquanto se reestruturam. Mas não sei se volto. Nem sei se eles ainda querem que eu volte, mas se quiserem, não sei se quero voltar.

É por isso que estou de malas feitas e sentado em um ônibus.

Gabriel

— Eu não teria comprado aquelas camisetas para vocês se soubesse que nos alcançariam — diz Matt, brincando.

Tiffany, Art, Matt e eu estamos sentados sobre uma toalha no parque, esperando os fogos de artifício começarem. Quatro de Julho é especial em Ohio, e sinto saudade de estar com meus amigos, fazer piquenique, enquanto vagalumes pontilham o céu que vai escurecendo.

Aqui, nós quatro, inesperadamente, recebemos o maior número de doações para o Boston Save the Trees durante o mês de junho. Eu e Tiffany passamos Matt e Art um pouco, mas decidimos considerar empate, porque a família dela veio a Boston de surpresa semana passada e fez uma doação espontânea que nos colocou acima deles.

Mas golpes de sorte à parte, nós nos saímos muito bem.

— Precisa ver nosso querido Gabe agora — diz Tiffany. — Ele literalmente pula na frente das pessoas para falar sobre árvores, e acho que é tão esquisito que as pessoas o deixam falar. Para mim, isso é roubo de doações.

— É, parabéns para Gabe — diz Art, revirando os olhos e pegando uma colher de homus. — Quando começam os fogos de artifício?

Fogos de artifício menores ficam pipocando a noite toda, e isso me lembra um pouco minha casa, onde posso virar em qualquer direção e ver o show de alguém (possivelmente ilegal) surgindo sobre as árvores. Se eu estivesse em cima de um telhado agora, aposto que poderia ver dezenas e dezenas deles, por toda a cidade.

Matt se aconchega um pouco em mim. Não comentamos muito com o grupo o que está rolando entre nós, que até agora não passou de assistir à Netflix no dormitório dele de mãos dadas, mais ou menos encostadinhos, e em momentos mais ousados ele descansa a cabeça em meu ombro e ficamos assim por horas.

Agora que estamos no escuro, ele pega minha mão e eu aperto a dele com força.

O que aconteceu foi lento e doce, e pertence a um mundo completamente diferente do que eu tive com Sal. Não havia nada de lento em meu relacionamento com Sal, mas nunca fomos dominados por esses sentimentos reais. Tudo é diferente com Matt, e eu o deixei definir o ritmo, em parte porque ele nunca namorou ninguém, mas também porque estou com medo de estragar tudo ao tratá-lo como Sal, indo longe demais e seguro demais.

Estouraram os primeiros fogos de artifício oficiais, e todo mundo fica fascinado aqui no estacionamento. Eu me volto para Matt e vejo os flashes de luz refletindo em seu rosto. Ele se inclina para mim, mantendo os olhos nos meus o tempo todo. Eu me adianto e nossos lábios se encontram, enquanto a multidão aplaude e os fogos estouram... só para nós.

Sal

Gabriel não respondeu às minhas mensagens a noite toda, mas, pelo menos, consegui falar com ele por umas mensagens de voz desencontradas esta semana. Até liguei para lhe contar sobre meu colapso, mas não teria conseguido falar. Não conseguiria pronunciar palavras que mostrassem o fracasso que sou.

Agora sei que não sou um fracasso, mas eu não estava bem. Trabalhava cinquenta horas por semana, pensando na ilusão de que não teria que perder quatro anos e gastar cem mil com a faculdade... e agora, nada. Não tenho trabalho, não tenho ninguém com quem conversar e nada a fazer além de remoer os erros que cometi neste verão. E quando não estava bem, comprei essa passagem, para poder fugir de DC. Já estou meio arrependido.

Talvez eu acabe fazendo faculdade, não sei. Enquanto Heath estava ocupado trabalhando e Gabriel fazendo as coisas dele, pude conversar mais com Reese sobre isso. É, a faculdade é uma farsa, mas às vezes é necessária.

Hoje de manhã, Reese lançou a ideia de eu concorrer a um cargo quando terminar o ensino médio, e isso, claro, pôs minha cabeça para funcionar. E como nossa cidade é pequena, acho que poderia concorrer a algo mais importante que presidente do conselho estudantil.

Ou será só um sonho?

Pelo menos, é bom sonhar de novo, penso, enquanto me acomodo em meu lugar nesse ônibus vazio. Estou com um moletom velho da Cornell como travesseiro; adormeço, calmo pela primeira vez desde que cheguei a DC.

Matt beija bem. Não que eu tenha tido muitas experiências para comparar, mas pelo menos sei que ele não beija mal, e isso é fundamental. Se bem que, com esse cabelo ligeiramente despenteado e essa expressão ansiosa, ele poderia ter mordido meu rosto que eu teria gostado.

— Não sei se vocês viram, mas teve um show de fogos — diz Art, o que faz Tiffany rir.

Ela se levanta e começa a arrumar a mochila.

— Tentaram assistir pelo reflexo dos olhos um do outro, como um eclipse? Não deu para entender.

— Há algo que queiram nos contar? — pergunta Art, incisivo.

Fico vermelho e não ousa olhar para Matt, que está tendo um ataque de risadinhas nervosas.

Tiffany sacode a cabeça dramaticamente.

— Não acredito que você está dormindo com o concorrente! Nós dois deveríamos ser uma equipe!

— Aceitaremos o silêncio de vocês como um pedido de desculpas por termos que testemunhar os dois se pegando — diz Art.

— Eu entendo, pessoal, ai, meu Deus.

Matt não consegue parar de rir.

Sáímos, e eles, obviamente, não param de zoar. Fica claro que eles aprovam, pelo menos pelas gracinhas que fazem. Matt pega minha mão, e quando olho em seus olhos, sorrimos. É bom demais estar entre amigos sem precisar nos esconder, ou mentir, ou imaginar se as pessoas estão nos julgando.

— Eu sabia que deveria ter feito dupla com o galã de Houston — diz Tiffany. — Se alguém merece um pouco de pegação, sou eu.

— Não acredito que vamos ter que segurar vela pelo resto do verão — diz Art.

Eles continuam zoando, e a certa altura, paramos até de fingir que estamos nos incomodando. Seis semanas depois, estou andando pela cidade de mãos dadas com um garoto bonito, cercado por amigos debochados. Não sei por que estava preocupado com essa experiência; é tudo que sempre quis.

Sete horas dentro de um ônibus com uma parada só não é a maneira ideal de viajar, para mim. Mas foi barato, e comprei impulsivamente, então, tudo bem. Sinto uma sensação familiar quando desço do ônibus. Pego minha mala e a puxo pela calçada. Está escuro, mas não silencioso. Aparentemente, houve shows de fogos de artifício ou celebrações, porque está incrivelmente movimentado aqui hoje.

Pego o celular e estremeço quando penso que sou uma decepção por ter abandonado DC; que vou ter que admitir que não fui feito para isso. Mas agora que estou longe, sinto uma espécie de alívio no peito e sei que tomei a decisão certa. Ainda não comprei a passagem de volta, mas assim que eu clarear a cabeça,

talvez tente de novo um estágio. Ou talvez fique aqui.

Gabriel

Enfim, nós nos despedimos de Art e Tiffany em frente ao dormitório. Eles finalmente abandonaram o assunto; Tiffany me dá um abraço apertado antes de ir, e tenho a sensação de que ela aprova.

Matt e eu conversamos noite adentro, observando bêbados cambaleando e ouvindo estrondos residuais de fogos de artifício na noite. As noites de julho sempre me lembravam os verões com meus amigos, filmes em drive-ins e fogueiras, mas sei que agora só vão me fazer lembrar de Matt. De nossas mãos úmidas grudadas, de seus lábios nos meus.

Ele descansa a cabeça em meu ombro e observamos as pessoas passarem. Acho que avistei um rosto familiar. Já aconteceu antes de eu ver o rosto dele entre a multidão, e toda vez que isso acontece, meu coração se aperta de um jeito terrível. Mas, dessa vez, à medida que se aproxima, vai ficando mais claro.

É Sal. Ele está *aqui*, em Boston.

E o passado cai com tudo sobre mim.

O turno desta noite foi *brutal*. Sabíamos que seria assim; o pessoal de Daytona já é selvagem por natureza, e nos feriados nacionais, todos ficam fora de controle. Mas Jeanie é durona, e mostrou isso jogando três pessoas para fora do fliperama antes de chegar meia-noite.

A única coisa que me fez aguentar foram minhas mensagens com Reese. É uma dinâmica muito esquisita; ele acorda cedo para se preparar para um dia de costura, e eu estou carregando barris no meio de toda essa fúria sem fim. A comunicação, em grande parte, se resume a emojis e mensagens curtas, porque não tenho tempo para muito mais. Mas já é alguma coisa.

Nunca vi gente tão bêbada. Quase nunca bebo. Eu e meus amigos íamos a festas, e já conseguimos levar umas cervejas escondidas para a fogueira, mas eu nunca fui como esse povo daqui.

Talvez isso mude hoje. Diana e eu chegamos à festa da praia depois de todo mundo; não tivemos muita escolha. Muito movimento no fliperama, e até Diana sabia que não devia tentar sair.

Vou bater na porta e Diana ri.

— Eles estão lá atrás, ninguém vai ouvir.

Toda confiante, ela abre a porta de uma mansão bizarra e, com exceção de um casal se beijando no sofá, está vazio aqui.

— Está nervoso? — pergunta ela, tranquila.

— Um pouco. Normalmente, não fico nervoso ao conhecer gente nova, mas algo me diz que vamos ter que beber rápido para interagir com esse pessoal.

Há uma caixa de latas de cerveja em cima de uma mesa ao lado de um cooler, como se alguém tivesse começado a enchê-lo, mas se distraiu e foi embora.

— Morna, do jeito que eu gosto — brinca Diana, e pega uma lata.

Ela me joga a cerveja e pega suas chaves.

— Vamos lá atrás; fazemos um *shotgun* e, depois, podemos encher o cooler e levar para lá. Você será um herói.

Saímos pelos fundos e dou uma olhada na praia. Há uns vinte adolescentes espalhados em todas as direções, e uma turma em volta de uma pequena fogueira na areia. Não é uma superfogueira, mas já é alguma coisa. Olho para ela e penso em minha casa, por um segundo. Apesar de que mais nada é como antes.

Eu nunca fiz um *shotgun*, mas Diana me mostra como fazer: enfiar a chave na lateral da lata, pôr a boca no buraco e abrir a cerveja por cima, normal. A cerveja sai muito mais rápido, e é só beber. Derramo um pouco na camisa, mas consigo terminar bem rápido. Sinto meu estômago quente, fico meio enjoado, e espero a zonzeira começar.

— Pronto. Agora, vamos encher o cooler que alguém abandonou.

Quando voltamos, vejo a cozinha cheia de areia e percebo que chegamos atrasados demais à festa. Diana disse que costumam durar até a manhã seguinte, mas depois do turno no fliperama, não sei se quero ficar acordado a noite toda.

— Achei que havia visto vocês — diz Cole, entrando na cozinha.

Seus olhos estão meio vidrados, mas em comparação com o casal que acabou de cair do sofá no meio dos amassos, ele parece mais controlado.

A zonzeira começa e produz uma sensação diferente de calor. Cole me dá um abraço e um beijo rápido no rosto, e quase pego fogo.

— A festa está boa? — pergunto, e vou até o freezer pegar mais gelo para o cooler. Não encontro nada, mas acho que o pessoal está grogue demais para se importar.

— Melhor agora que você chegou. Fiquei conversando com Ashlee, mas aí ela encontrou Bryce enquanto ele reabastecia as cervejas e... — Ele indica o casal se beijando no tapete felpudo. — Você entendeu.

Diana enfia a mão na geladeira e pega uma garrafa de vinho. Aparentemente, ela fica feliz por achar esse vinho, e voltamos. Pegamos uma toalha perto do fogo e nem nos preocupamos em interagir com os outros grupos, que mal sabem que estamos aqui.

Mando no grupo uma foto de Diana e eu bebendo e recebo imediatamente um polegar para cima de Reese.

Reese

Há uma grande distância entre as três e as oito da manhã, especialmente quando é feriado nos Estados Unidos e a vida segue normal por aqui. Não estou muito bem hoje; acho que é uma combinação de saudade de casa e cansaço, e cancelo meus planos de passar pelo café.

Está chovendo, e embora Paris seja bonita em qualquer clima, estou com muita saudade de casa. Minhas mães fizeram uma festa em família no feriado, como sempre, e quase todos os meus primos me mandaram fotos e disseram que sentiram minha falta. Ariana acabou de tirar o aparelho, parece outra pessoa. Pela foto que Isabella me mandou, posso jurar que Lucia cresceu desde minha festa de despedida.

E isso foi há apenas seis semanas.

A ideia de Philip de fazer graduação na França é tentadora, mas irreal para mim. Nada como uma grande viagem para a pessoa perceber que é mais caseira. Quero o bife à milanesa do Melody's Diner, quero dar um grande abraço em Heath depois de ele fazer uma jogada perfeita.

E quero *estar* com Heath.

Ele manda uma foto no grupo; está tomando uma cerveja com a prima, o que me faz rir. Quando bebemos, o que não é muito frequente, ele é sempre a babá. Fica sempre de olho para que a gente beba água e fique hidratado. Se eu passasse mal de tanto beber, sei que ele ficaria sentado no banheiro comigo, acariciando minhas costas e me distraíndo com piadas ou histórias.

Eu deveria ter contado a ele o que sentia antes de viajar; sei disso agora. Mas o que temos agora é especial. Pavimentamos uma amizade com mensagens tarde da noite e telefonemas de manhã cedo. Eu mando uma foto enquanto ele está no trabalho, e ele responde com uma mensagem de voz para me acordar de manhã.

Não é perfeito, mas é nosso.

Heath

— Agora estou sentindo — digo, depois da terceira caneca de vinho de caixa.

Diana torce sua pulseira algumas vezes, e percebo que nunca lhe perguntei nada sobre isso. É um tique nervoso? É só tédio?

— Por que essa pulseira? — pergunto. — É como a que Reese fez para mim?

— Esta é, literalmente, um monte de linha amarrada em meu pulso, e a sua é uma obra-prima feita à mão com fio de cobre — ela ri. — Portanto, não é a mesma coisa.

— Você fica mexendo muito nela, geralmente quando está ansiosa. Quase machuca seu pulso quando há muito movimento no fliperama.

— É um lembrete, acho. Eu fui — ela baixa a voz, dramática — uma criança má.

Eu dou risada do dramatismo; ela prossegue:

— Não é nada tão profundo. Eu fumava. Roubava de Jeanie antes de ela encerrar o expediente e dava um jeito de arranjar depois. Cheguei a fumar um maço por dia; foi muito ruim. Acho que só queria ser rebelde, mas realmente me vi precisando de um cigarro toda vez que estava estressada ou ansiosa. Depois que parei, encontrei essa corda por aí e fiz a pulseira. Toda vez que tenho vontade de fumar eu a torço, ou giro, e me concentro nisso até a vontade passar. Está dando certo há seis meses. — Ela suspira. — Fica bem mais difícil quando bebo.

— Já se passaram seis meses e você ainda sente vontade?

— O tempo todo. É horrível. Eu voltaria a fumar agora, neste exato momento. Mas Jeanie... mamãe conseguiu parar. E ficou tão brava quando me pegou fumando! Não brigamos muito, mas daquela vez foi péssimo. Então, é um lembrete. Algo para focar que não seja o vício em nicotina.

— Que bom — digo. — Não sabia que você estava enfrentando essa barra.

— Fui uma “criança má” por um tempo, mas acabei achando meio clichê. Na verdade, eu só quero me formar, arranjar um bom emprego, talvez assumir a administração do fliperama, um dia.

Eu dou risada; ela me olha estranho.

— Desculpe — digo —, só estou bêbado. Imaginei você sendo dona do fliperama, mas na minha cabeça, você trocou o nome para DIANA'S ARCADE, tipo, em letras maiúsculas. Achei bobo, sei lá. Mas você faria um ótimo trabalho.

Ela ri.

— Obrigada. Veremos.

Diana e eu ficamos conversando por uma hora, enquanto Cole fica entrando e saindo para pôr mais lenha no fogo. Ainda faltam algumas horas para o sol nascer, e a temperatura está caindo; um frescor úmido perfeito.

Mando mensagens para Reese porque sinto falta dele e quero lhe dizer isso. Mas, depois de algumas mensagens, eu me forço a parar antes de acabar falando com ele no FaceTime, bêbado. Até eu sei quando estou sendo desagradável.

Vejo Cole sozinho, mais perto do fogo. Sinto alguma coisa no ar, então deixo meu celular na cadeira e vou até ele.

— E aí, Cole? — digo. — Está cuidando do fogo?

— Mais ou menos. Todo mundo surta quando o fogo apaga, mas ninguém se dá ao trabalho de pegar um pedaço de madeira. — Ele dá de ombros. — Eu gosto de ser útil.

— Legal de sua parte — digo.

— Mal posso esperar pelo nascer do sol — diz.

É um comentário aleatório, mas deixo fluir.

— É muito bonito, por isso sempre tento me controlar para não ficar bêbado demais para poder curtir.

Dou risada.

— Eu já deveria ter pisado no freio, então. Estava tentando alcançar os outros, mas acho que passaram por cima de mim. Toda vez que viro a cabeça para olhar para você, o mundo leva um segundo para acompanhar. Isso faz sentido?

— O vinho sobe rápido. É por isso que eu fico só na cerveja — ele soluça. — Se bem que tem suas desvantagens.

Olhamos para o fogo juntos, e me sinto meio hipnotizado pelas chamas crepitando. Cole se mexe, quase imperceptivelmente, e sinto nossos braços nus se tocando levemente. Saboreio essa proximidade. Volto meu rosto para ele, e ele apenas sorri para o fogo.

Há um fogo em mim, uma panela que está chegando ao ponto de fervura. Ver as fotos de Reese com Philip despertou algo fraco e mesquinho em mim, e odeio isso.

— Fogueira na praia é sempre romântico, não é? É bom estar perto de alguém que entende isso.

Cole se volta para mim, e sei que o calor que sinto no rosto não tem nada a ver com o fogo que queima à minha frente.

— Posso abrir o jogo? Você é muito gato, incrivelmente doce, e quero muito te beijar agora.

Olho para os lábios de Cole e lentamente entrelaço meus dedos nos dele. Sua franqueza me choca e me traz totalmente para o presente, e o ciúme que eu estava sentindo parece silenciar. Uma brisa fresca passa por nós; eu me aproximo mais dele.

Sou sempre muito cauteloso, nunca vou atrás do que quero.

Mas, dessa vez, acho que posso.

Reese

É bom ver Heath solto, mas é difícil entender completamente suas divagações etílicas porque o idiota desativou a correção automática de novo. *Se há um momento em que o corretor automático é necessário, é agora, penso.*

Mas achei estranha a última mensagem dele: “Espero q vc e philip estejam felizes”.

Comecei a digitar uma resposta para esclarecer isso, explicar que Philip é prestativo, e que não é o que ele está pensando; mas não posso ignorar o tom da mensagem. É como se ele estivesse com inveja. Mas Heath *não* sente inveja. Nem quando alguém tira nota melhor que ele na prova, nem quando eu contei que ia passar o verão na França e ele respondeu contando que seus pais iam mandá-lo para Daytona. Nunca.

A não ser que seja ciúme... e isso significaria... que ele sente algo por mim.

É um tiro no escuro. Ou talvez não. Mas antes que possa me convencer disso, eu o chamo no FaceTime, na esperança de entender melhor conversando cara a cara.

O rosto de Diana enche a tela.

— Reese! — grita ela, meio bêbada. — Como você está? Não acredito que finalmente estou te conhecendo. Heath não parou de falar de você e seus amigos o verão inteiro.

Dou uma risadinha nervosa e falo um pouco com ela sobre meu verão em Paris e sobre o que eles estão fazendo. Fico esperando Heath aparecer, e ela deve notar minha distração, porque finalmente diz:

— Meu Deus, você quer falar com Heath! Vou encontrá-lo, ele vai ficar muito feliz.

Ela volta para a câmera frontal e faz uma panorâmica da multidão.

Parece uma festa infernal, gente barulhenta e uma fogueira. Ela anda ao redor chamando Heath e, por um breve momento, encontro a silhueta dele ao lado do fogo. Claro que ele tinha que estar perto do fogo...

— Heath, FaceTime para você! — grita Diana, mas ele não se vira.

Ela se aproxima, e o celular treme a cada passo, mas quando ele aparece, vejo que não está sozinho. Está beijando outro garoto.

E vejo meu pior pesadelo se desenrolar diante dos meus olhos.

Há um tipo especial de inferno em que você cai quando alguém com quem você está começando a ficar conhece alguém com quem você ficou. Quando levei Sal para meu quarto, Matt ficou esperando do lado de fora. Não consegui arrancar muita informação de Sal, além de que estava passando por um momento difícil; mas eu não conseguia me concentrar direito porque ficava pensando o tempo todo *que Matt sabe que Sal já me viu nu muitas vezes*. Engraçado como nosso cérebro funciona. E com engraçado, quero dizer horrível.

Agora, depois dos quinze minutos mais estranhos da minha vida, Matt me dá um longo abraço em frente ao quarto dele. Sinto um desespero silente na maneira como ele se agarra a mim, e quero prometer a ele que o que Sal e eu tivemos é passado. Mas sinto o passado se agarrando a mim como a condensação em um copo de água. Ele está em todos os lugares ao meu redor; ele é meu alívio e minha proteção.

— Ele vai ficar bem? — pergunta Matt. — Parecia bem estressado.

— O estágio dele não estava indo muito bem, acho que ele precisava dar um tempo. Eu já havia dito que poderia vir me visitar quando quisesse, e acho que ele aproveitou a oportunidade. Mas, por favor, não se preocupe.

Há insegurança em seus olhos, mas sinto sua tensão diminuir quando lhe dou um último abraço.

Saio sem lhe dar a chance de me dar um beijo de boa-noite, e me pergunto se ele vai tentar achar algum significado nisso. E se *eu* deveria ver um significado nisso. Quando abro a porta, Sal está sentado em minha cama, encostado na parede, envergonhado.

— Desculpe, eu deveria ter avisado que vinha. — Ele balança a cabeça. — Eu deveria saber que algo estava acontecendo, depois do jeito como você falou sobre aquele cara no início, e por não atender às minhas ligações ultimamente. Desculpe por chegar assim.

Ele faz isso, às vezes. Desculpa-se demais na tentativa de se proteger de críticas. E eu entendo por que está fazendo isso agora; não está acostumado a se sentir tão inseguro. Mas *não vou* deixar que ele jogue isso nas minhas costas.

— Deixe-me interrompê-lo — digo, e me sento ao lado dele na cama.

Tiro os sapatos e encosto na parede perpendicular. Ficamos olhando para a frente, não um para o outro. Prossigo:

— *Você* ignorou minhas ligações durante semanas. Sei que estava ocupado, mas você e Reese estão totalmente ausentes do grupo ultimamente. Reese pelo menos tem a desculpa do fuso horário.

— Estava trabalhando cinquenta horas por semana. Aparentemente, todos lá

são péssimos em comunicação, e eu estava fazendo um monte de coisas que não deveria fazer. Tudo me parecia errado, mas continuei dizendo sim a tudo, pensando que isso me levaria mais longe.

Olho para ele, e minha expressão deve ser uma mistura de descrença e choque.

— Cinquenta horas? Sério?

— Tentei não reclamar. Afinal, nós já tivemos semanas de cinquenta horas, se contarmos todas as atividades extras que fazemos para a escola. Mas foi muito mais difícil. Acho que tive um colapso.

Ele diz essa última parte baixinho, como se tivesse vergonha de admitir; como se não estivesse dizendo isso para o verdadeiro Rei dos Colapsos. Quase dou risada.

— Você poderia ter falado conosco, sabia? Sei que é difícil, mas você pode se mostrar *vulnerável* pra gente, somos seus melhores amigos. Conheço você melhor que ninguém, acho, mas nem eu entendo isso. Deixe-me entrar, *conte as coisas*. Assim não está sendo legal.

Ele enterra os dedos dos pés frios sob minha coxa.

— Tudo bem. Posso lhe dizer uma coisa?

Sal

— Não quero fazer faculdade — digo.

Gabe me avalia com aquele olhar sutil, até que a confusão toma conta de seu rosto.

— Entendi... e quando você chegou a essa conclusão? É só por causa do estágio?

— Não, não é isso — digo, e suspiro. — Ando pensando muito nisso ultimamente, mesmo antes de ir para DC. Até comentei sobre isso com Katie, no último dia, antes de encontrar vocês no campo de beisebol. Até o início desta semana, ela era a única pessoa para quem eu havia contado.

— A única pessoa a quem você contou que não quer fazer faculdade foi minha irmã? Você vivia pesquisando faculdades, pensando para onde queria ir, qual tem os melhores cursos de ciência política, e falava comigo sobre isso quase todos os dias, desde a pré-escola! O que foi que mudou? Não entendo.

— Não me julgue — digo, enquanto vou para o lado dele e descanso a cabeça em seu ombro.

Gabe estremece, então eu me afasto, mas ele passa o braço por meu ombro e me puxa de novo.

— Ultimamente, tenho achado que a faculdade é uma grande farsa que só atrasa nossos sonhos por quatro anos. Até Katie está gostando da faculdade *não* porque está se preparando para uma carreira, e sim porque fez amigos. Seu pai só fala como a faculdade era divertida. A formação dele não tem nada a ver com a área em que trabalha.

— Mas acho que o trabalho dele exigia um diploma — diz Gabe, suavemente. — Mas não discordo. Eu queria ter mais alguns anos para descobrir exatamente o que quero fazer, mas também acho que preciso de ambientes assim

para fazer amigos. Mas meu pai me mataria se eu não fizesse faculdade. Até se eu entrasse na de Michigan ele se sentiria menos traído.

— Hahaha, seu pai? — debocho. — Minha mãe começou a tentar me convencer a procurar o orientador para falar sobre preparação para a faculdade no sétimo ano.

— É verdade — diz Gabe, rindo. — Ela vai surtar. Mas não é nenhum drama. Nem todo mundo tem que fazer faculdade.

— Ela está me preparando para isso há muito tempo, e demorei muito para perceber que o que eu pensava *não havia saído da minha cabeça*. Minha necessidade de fazer uma boa faculdade, talvez até a carreira que escolhi... é tudo dela. Fico ouvindo vozes discordantes na cabeça e tentando descobrir qual é minha e qual é dela; se a que fica me direcionando para uma carreira política ou a que me diz para fazer uma “boa faculdade” e tirar notas perfeitas e ser colocado em um pedestal.

— Não é um plano elaborado para se vingar pelo que ela fez... ou melhor, não fez quando aquele cara fez aquilo na escola, né?

Dou de ombros.

— Aquilo me ajudou a perceber algumas coisas sobre meus sonhos e planos, mas não quero castigá-la por isso tentando abandonar nossos planos de fazer faculdade.

— Entendi — diz Gabe, pensativo. — Espere aí! Isso significa que você não vai ser nosso orador ano que vem?

Eu dou uma cotovelada de leve na barriga dele.

— Não conte com isso ainda.

Minha cabeça está zoadá, sinto a ansiedade subir toda vez que volto a pensar em DC. Tive que fugir, sair fisicamente da cidade, só para clarear a cabeça e me forçar a não tentar voltar ao trabalho. Deixei pendências lá, mas, pela primeira vez, eu me permito viver este momento, e esses pensamentos acabam ficando em segundo plano.

— Mas, de verdade, desculpe por estragar sua noite — digo por fim, abandonando seu abraço e olhando em seus olhos. — É tão bom te ver, Gabe! Ei, por que Matt chamou você de Gabe? As pessoas o chamam assim aqui?

Ele ri e desvia o olhar.

— Eu queria me reinventar, como você havia dito. Estava à mesa no primeiro dia, preenchendo meu crachá e pensando em quem queria ser. E essa pessoa era... a pessoa *que você* vê em mim.

— Aquele Matt é seu namorado? — pergunto timidamente.

Não quero estragar nada que ele tenha, mas sua proximidade, seu cheiro, me dá tanto conforto que não posso deixar de perguntar.

Gabe engole em seco e balança a cabeça.

— Não, ele...

Subo a mão por suas costas, levemente acariciando seu pescoço, até que sua nuca se encaixa nela. Ouço sua respiração, sinto meu coração bater forte. Eu me inclino sobre ele e o empurro até fazê-lo deitar. Nossos lábios se juntam, e é como

antes.

E por um momento, com sua língua na minha e meu corpo em cima do dele, tudo volta ao normal de novo.

iMessage
Diana, Reese

Diana

Que merda, desculpe

É Diana

Não há nada entre Heath e Cole, viu? Não sei o que foi aquilo, mas não é de verdade

Eu vi suas fotos e vejo como Heath fala de você

Você é especial demais para ele

Só preciso que você saiba disso

Desculpe

Reese

[Reese está digitando...]

São cerca de nove e meia. Diana e Jeanie ainda estão dormindo, então saio para dar uma volta. Penso em descer até a praia, porque antes das dez é muito tranquila. Mas já tive praia suficiente ontem à noite, assistindo ao nascer do sol enquanto os últimos fogos de artifício estouravam ao longo da costa.

Estou extremamente cansado, mas não de ressaca. Quando voltamos, Diana insistiu para que tomássemos ibuprofeno, vitamina B3 (um truque para evitar a ressaca, de acordo com ela, não com a ciência) e um Gatorade antes de dormir.

A questão é que parei de beber quando Cole e eu começamos a nos beijar, e Diana *não*. Eu estava bêbado, mas ela estava muito estranha. Por alguma razão, ficou se desculpendo comigo a noite toda. Não há B3 que possa evitar uma ressaca *dessas*.

Ainda sinto o gosto dos lábios de Cole, e quando penso nisso, é como se um rubor tomasse todo meu corpo. Não tenho referência, mas foi muito bom. Eu nunca me senti livre a ponto de puxar alguém para meus braços daquele jeito. Estou meio eufórico, mas não posso dizer que os sentimentos que tenho por ele mudaram muito da noite para o dia. Ele beija muito bem, mas não quero mais que isso com ele.

Mas sinto um arrependimento estranho. Fico pensando se as coisas vão ficar estranhas entre nós agora. Essa sensação toma meu peito toda vez que penso na noite passada, apesar de tudo estar meio confuso. Parece a descrição de Gabriel de seus ataques de pânico; uma dor repentina e intensa, depois um puro constrangimento, como se eu pudesse sentir a cor se esvaír de meu rosto.

Mas então, penso no sorriso de Cole e sinto o meu, e penso que o que aconteceu ontem à noite não pode ter sido ruim.

Reese

Não consigo parar de pensar naquele cara. Diana foi legal ao me fazer ver que foi uma coisa à toa, e parecia saber que existe algo especial entre mim e Heath. Apesar de não saber o que é, e apesar de eu mesmo não saber, ela mostrou que sabe que é real. Desligou o FaceTime assim que pôde (tarde demais) e comecei a receber mensagens de um número desconhecido dizendo mais ou menos a mesma coisa: que aquilo não era nada.

Mas, Deus, não parecia *nada*.

Fiquei como um zumbi o dia todo, apenas acompanhando os movimentos da aula. Não sei nem dizer o que aprendemos, e até Philip percebeu que eu não estava bem. Depois da terceira vez que ele me perguntou se eu estava bem, fui grosso com ele e mandei me deixar em paz, o que foi injusto.

Por isso, estou em frente à porta dele agora. Hesitando antes de bater, porque não sei se ele vai querer falar comigo. Mas tenho que tentar.

— Oi, Reese — diz ele. — Duas visitas em um dia, veja só!

Ele abre a porta e me dá um sorriso cauteloso quando entro. Há uma garota sentada na cama dele, vestida de um jeito propositalmente desleixado: uma camiseta grande demais e short jeans rasgado, e suas sapatilhas descansam em cima de uma mala ao lado da cama.

— Olá! — digo, surpreso por ver mais alguém no quarto. — Você deve ser Emily. Ouvi muito falar de você!

Não digo que o que ouvi falar dela não são exatamente coisas boas — suas inseguranças sobre a pansexualidade de Philip, suas hesitações sobre ele estudar aqui... mas acho que Philip precisa que eu aja como se tudo estivesse normal. Então, faço isso.

— Não sabia que você viria hoje. Volto mais tarde, sem problemas.

— Está tudo bem? — pergunta Philip, e hesito um pouco antes de concordar. — Você andou estranho o dia todo. Eu estava animado para te contar que Emily viria hoje, mas você não estava de bom humor. Além disso, chegou atrasado em quase todas as aulas.

Minha fachada se quebra um pouco.

— Tive uma manhã ruim. Mas não quero incomodar vocês, parece que ela acabou de chegar.

Emily ri.

— Não, cheguei de manhã; é que odeio desfazer malas. Entre.

Entro. Philip pula na cama com Emily e eu pego sua cadeira. Conversamos um pouco sobre o voo dela, as aulas de culinária que está fazendo neste verão, e logo passamos para nossos designs.

— É incrível como os designs de Philip melhoraram desde que ele chegou aqui. E você emprestar seu tablet de ilustração para ele foi fundamental. Viu o projeto final dele?

Ele hesita.

— Na verdade, ainda não mostrei a ele. Vou mostrar, mas tem que estar perfeito primeiro, os designs de Reese são de nível profissional. Ainda estou aprendendo a usar a caneta de ilustração.

— Os meus *não são* de nível profissional — digo, rindo. — Basta perguntar a qualquer um da sala de aula. Quero muito ver o seu, amei a linha que você estava seguindo.

— E o seu projeto? — pergunta Philip, e noto que ele está tentando descobrir o que há comigo.

Já contei a ele sobre Heath, sobre o fogo, e respondo em uma linguagem que só ele e eu vamos entender:

— Acho que... perdi minha inspiração.

Heath

Diana está só o pó, como era de se esperar. Felizmente, Jeanie saiu para

supervisionar a faxina profunda do flipperama — o que acontece depois de todo feriado, aparentemente —, o que deixa a filha sozinha gemendo dramaticamente em seu quarto.

Abro a porta e sinto o cheiro de álcool doce e rançoso.

— Nossa, você está cheirando a vinho — digo. — Tome.

Passei no Dunkin' no caminho de volta, já que agora sei qual é a comida de ressaca preferida de Diana: um donut de bordo, um de morango e um café gelado mais ou menos do tamanho dela.

— Primeiro: como está conseguindo ficar em pé? — Ela dá uma mordida no donut de bordo. — Segundo: como diabos você se lembrou do que sempre peço no Dunkin'? Você é, literalmente, o melhor primo que já existiu.

Sento-me na cama enquanto ela devora os donuts e o café.

— Não pegou para você? — ela pergunta.

— Pedi seu especial de ressaca também, mas comi no caminho. Você tem sorte que não comi os seus também.

Acabados os donuts, e com a cafeína e o açúcar começando a bater, ela se senta na cama. Está estranha, e sinto que não é só da ressaca. Está mais séria que o normal.

— Precisamos falar sobre você e Cole ontem à noite — diz ela, e começo a pensar desesperadamente se cruzei algum tipo de linha.

— Desculpe — digo —, não sei por que aquilo aconteceu.

— Não peça desculpas! Os dois estavam com tesão, e bêbados, e é isso que acontece nas festas. Até eu já peguei Cole em festas. E Ashlee. Ao mesmo tempo.

Coro, mas fico aliviado por não ter feito nada errado.

— Já falou com Reese hoje? — pergunta ela, e o nome dele é como uma adaga em meu coração. — Ele o chamou no FaceTime ontem, depois que você deixou o celular na cadeira e foi falar com Cole. Eu atendi, conversamos e fui procurar você.

Ela para, e meu coração dói, porque só há uma maneira de essa história terminar.

— Virei a câmera para a fogueira, porque sabia que você estava por ali. Achei que seria uma graça se você olhasse para o celular e ficasse todo animado por ver o rosto dele ali. Mas... *você estava ocupado*.

Vou pegar meu celular, mas percebo que o deixei em meu quarto. Levanto devagar e me volto, e não consigo pensar no que dizer.

— Pisei feio na bola. *Caralho!* — Puxo meu cabelo. — Foi a única vez que eu fiz algo porque queria. A única vez que não pensei demais. E uma maldita câmera estava voltada para mim!

— Vai ficar tudo bem — diz Diana.

— Você não conhece Reese — digo, e saio do quarto dela.

Reese

— Acabou — digo quando chego à nossa mesa habitual do café com dois expressos na mão. Entrego um para Philip. — Levamos anos para chegar onde

estávamos antes desse verão foder tudo. Antes de eu foder tudo. Ele sempre foi companheiro, é gentil, atencioso e perfeito com todo mundo, mas conosco era diferente. O jeito como ele vinha me dar um abraço enorme, sujo e suado depois dos jogos de beisebol, na frente do time todo... e ele sempre pegava estradas secundárias quando me levava para casa, só para que pudéssemos passar mais alguns minutos juntos na caminhonete dele. E eu estava apenas esperando o momento “certo” de dizer alguma coisa.

— Eu sei o que parece, mas vamos lembrar que eram três da manhã e ele estava bêbado. Esse sujeito não vai assistir aos jogos de beisebol dele ano que vem. Não conheço muito a geografia de seu país, mas quando fui à Disney, não era nem perto de Ohio.

Olho para além dele.

— E como chegaram lá tão depressa? Somos muito próximos há uma década, e eles têm seis semanas juntos e isso é o suficiente para se beijarem bêbados? Achei que Heath fosse tímido, mas, aparentemente, não.

Ele espera meu pânico diminuir um pouco e vai tomando golinhos de seu café. Até que diz tranquilamente:

— Não parece um relacionamento de verdade, Reese. É só conveniente, fácil. Segundo minha experiência, é muito mais difícil passar de amigos a amantes que de estranhos a amantes.

— Emily foi sua amiga primeiro? — pergunto.

— Passar de amigos a algo mais parecia impossível, porque eu não queria estragar nossa amizade. E acho que poderia ter estragado. Mas, a certa altura, minha amizade com Emily se justificava porque eu queria um relacionamento com ela, e isso também não parecia saudável.

— Faz sentido. Mas ainda estou péssimo. Nem sei como ser amigo dele depois disso, e me sinto um idiota por dizer isso.

— Tudo bem você se magoar — diz ele, tranquilo —, mas isso não significa que Heath fez algo errado. Tente separar as coisas, acho que você acabará encontrando o caminho.

— Emily deve estar desfazendo a mala — digo —, é melhor voltarmos. Fiquei feliz por ela sugerir que viéssemos conversar. Acho que ela não faria isso se estivesse *preocupada*.

— Ela se desculpou — diz ele. — Acho que ficarmos longe um do outro foi difícil para ela e desencadeou todas as inseguranças que ela nem sabia que tinha.

Eu dou risada, porque se há uma coisa que eu entendo completamente, é isso.

Heath

Meu turno começou há trinta minutos e já queimei dois lotes de salsichas. Não falei com Diana desde que ela me deu a notícia. Só quero ir para casa — minha casa —, mas não posso nem fazer isso, porque papai está literalmente fazendo a mudança neste momento.

Quando cheguei aqui, estava muito preocupado com minha família — ou a falta dela — e minha amizade com Reese e os meninos. Tento não me enterrar

em pensamentos negativos com muita frequência, mas todos os meus medos acabaram se tornando realidade. Minha casa não existe mais, minha família está destruída, e eu pisei na bola com meu melhor amigo.

Encho outra cesta de salsichas e me afasto um pouco, olhando para as pessoas que começam a encher o fliperama. Sinto o cheiro da cerveja, o que me faz estremecer depois da noite passada.

— Odeio dizer isso, mas acho melhor você ir para casa — diz Jeanie com voz calma. — Adoro sua ajuda aqui, mas hoje não está dando certo. Até Diana está dando conta, e olha que ela está *obviamente* de ressaca.

Olho para minha tia, que apenas ri.

— É óbvio, especialmente quando vocês chegam às seis da manhã. Mas você não está tão ruim, por isso não sei o que você tem.

— É só ressaca.

Não gosto de mentir, mas é muito mais fácil do que explicar o que aconteceu.

— Achei que seria melhor esconder, desculpe.

Ela passa por mim e tira uma cesta de salsichas queimadas, e dá um suspiro pesado.

— Heath, eu amo você, mas hoje está me dando prejuízo. — Ela dá uma risadinha, derrotada. — Vá para casa, o.k.?

Vou direto para casa e ligo o ar-condicionado no alto para poder me enrolar debaixo das cobertas. Digito uma mensagem para Reese e a apago várias vezes, porque não consigo encontrar as palavras certas para dizer. As únicas palavras que quero dizer são as que ele nunca vai querer ouvir.

Eu amo você.

Sal era meu passado, mas agora é meu presente. Volto tão facilmente ao que tínhamos antes que quase esqueço Matt. Mas ele está lá, no fundo da minha mente. Toda vez que Sal e eu nos beijamos, toda vez que nos tocamos, ele está lá, e eu sei que isso é errado, mas meu amigo mais antigo precisa de mim.

E eu preciso dele.

— Quer pedir comida de novo? — pergunta Sal.

Nossa lixeira está cheia de embalagens de delivery de três dias. *Minha lixeira*, corrijo. Ele assumiu o espaço tão completamente que é difícil lembrar que é meu.

Mas não me canso de tê-lo em minha cama. Eu o abraço e lembro como nosso relacionamento é especial. Está curando essa saudade que eu nem sabia que tinha.

— Posso apresentar você aos meus amigos de Boston — sugiro. — Estão jantando no restaurante que frequentamos. Tem uma parmegiana de frango muito boa. Se bem que comida italiana não é sua preferida.

Ele dá de ombros.

— Não estou a fim de conhecer gente nova.

Hesito, pensando em como responder. A verdade é que não quero ficar aqui com Sal todo baixo-astrol, mas Deus sabe que ele já me aguentou assim durante anos. É justo que eu fique com ele até que se sinta melhor.

Mas então percebo que, independentemente do que aconteça, preciso de certo limite. Em Ohio nos víamos muito, mas nunca 72 horas seguidas. É demais.

— Você se incomoda se eu for? — pergunto. — Seria bom dar uma horinha de intervalo, todos eles estão imaginando por que estou trancado no quarto tanto tempo.

Ele olha para mim com aqueles olhos tristes e sinto uma parte de mim começar a desmoronar. Sal tem esse poder sobre mim, e não tem ideia de quanto isso me afeta. Começo a me arrepender da sugestão, mas não quero recuar, então, dou um tempo para reorganizar meus pensamentos.

— Vou ao banheiro — digo, e saio pela porta.

Respiro mais leve no corredor. Quando vou pegar a maçaneta do banheiro, a porta se abre de repente, e vejo os olhos surpresos de Matt.

— Matt — digo.

— Gabe... — Ele está constrangido, e sei que é porque não ando respondendo às mensagens dele. — Como você está? Como está seu amigo? Ele ainda está aqui?

Vejo mais dezoito perguntas escondidas entre essas, e cada uma é uma adaga em meu coração. Ele passa a mão pelo cabelo e dá um sorriso, e eu quero derreter

no chão.

Conquistar Matt foi legal, mas lembro a mim mesmo que não foi muito inteligente. Não vai dar em nada, afinal, não é? Ele mora muito longe. Nunca poderia dar certo.

Mas uma parte mais confiante de mim me diz que há sentimento entre nós.

— Ainda — digo. — Veja, precisamos conversar sobre isso, estou péssimo por...

— Tudo bem, sério. Nós dois sabíamos que não ia dar em nada, não é? Você o conhece desde, sei lá, os quatro anos de idade. Não posso competir com isso.

Digo em voz baixa:

— Acho que não...

— Preciso me trocar antes do jantar — diz ele. — Imagino que vocês devem estar ocupados.

Hesito e olho para meu quarto, e Matt solta um suspiro.

— Foi o que pensei. Se cuide.

Ele se volta para ir, e eu fico olhando. Mas ele começa a andar para trás e se volta diante de mim. Mas ainda não consegue me olhar bem nos olhos.

— Sinto sua falta, Gabe.

Ele se volta de novo e eu me fecho no banheiro para pensar. Mas no que é que preciso pensar? Preciso dar meu apoio a Sal, mas também aprender a fazer isso como amigo. Fiquei mais confiante neste verão, sei como defender minhas necessidades.

Quando entro no meu quarto, Sal olha para mim e dou um sorriso confiante.

— Muito bem, vamos fazer o seguinte.

Sal

— Estou namorando Matt — diz ele. — Desculpe por mentir, mas eu queria muito te dar meu apoio, e é muito difícil resistir ao que temos, sabe? Mas o negócio com Matt é sério. É novo, e sei que provavelmente não vai chegar a lugar nenhum, mas ele é doce, e legal, e estávamos indo devagar. Eu estava gostando disso.

Estremeço.

— Achei mesmo que havia algo mais entre vocês do que deixaram transparecer. Desculpe, Gabe.

— Mas você é meu melhor amigo, de verdade — ele suspira. — E como melhor amigo, tem prioridade absoluta. Portanto, se você precisar de mais um dia de baixo-astral e comida tailandesa, tudo bem. Mas só mais um dia.

— Não — digo —, não preciso de comida, preciso me lembrar de como existir como ser humano de novo. Esse estágio acabou comigo. Nunca trabalhei tão duro em nada, e tudo com que lidava me parecia tão intenso e tão importante que simplesmente desmonei. Mas acho que você tem razão, conhecer gente nova ajudaria. E podemos fazer isso como amigos, sem benefícios.

— Nem seria estranho — diz Gabe, e eu dou risada.

— Claro que será estranho, mas acho que conseguimos.

Sorrio.

— Juntos?

— Tudo bem. — Ele começa a tirar roupas da cômoda. — Então, você tem que me ajudar a escolher uma roupa, e colocar na cabeça que quando formos para a cama esta noite, vai manter suas mãos longe de mim.

— Podemos dormir abraçados como amigos — digo com tranquilidade.

— Podemos, mas não vamos. — Ele ri. — Você vai entender quando conhecer Matt.

Ele estende a mão para mim e eu a pego.

— Sou novo nessa coisa de confiança, mas me ouça. — Gabe limpa a garganta. — Acho de verdade que você tem chance de voltar e acertar as coisas, descobrir seu lugar na política, fazer esse estágio dar certo para você e para o senador, e deixar sua marca no Capitólio.

Ele continua:

— Não há como não parecer clichê, Sal, mas você é capaz de fazer qualquer coisa. Eu conheço você. Você se conhece. Não vou expulsar você, mas se não voltar, vai se arrepender. E se voltar, não suma de novo, por favor.

Enquanto Gabe vai para o chuveiro, pego meu notebook. Com um suspiro pesado, procuro passagens de ônibus. Sei que o que estou fazendo aqui não é só insalubre para mim, mas também magoa Gabe. Olho para minha pulseira e vejo a gravata-borboleta. Preciso ser ousado, polido e mostrar meu valor em DC.

E não posso fazer isso aqui.

Gabe e eu chegamos tarde ao restaurante, mas seus amigos nos recebem imediatamente. Tiffany fica tímida no início, mas logo começa a contar histórias malucas de pessoas aleatórias que conheceu na rua. Art age como se estivesse acima de tudo isso, mas, com base em algumas de suas experiências na cidade, ele parece a pessoa mais legal do mundo.

Matt está quieto. Sei que ele precisa resolver as coisas com Gabe, provavelmente longe de mim. Mas, mesmo assim, é muito gentil. Ele me lembra Heath, mas tem uma vantagem: sempre tem uma piada ou um trocadilho perfeito.

Conto algumas histórias do trabalho com o senador e, em poucos minutos, estão todos em choque pelo que passei. Isso me ajuda a lembrar que o que eu passei não foi nada normal, e que fiz bem em dar um basta... apesar de ter sido em um momento de fragilidade regado a cuba-libre.

Amo tudo isso, mas nada se compara a ver Gabe em seu melhor. Este é o grupo dele. Em seis semanas, ele fez tudo: arrasou no estágio, fez grandes amigos e encontrou um garoto. Tudo que tenho para celebrar das minhas primeiras seis semanas são umas fotos ótimas e provavelmente uma úlcera. Mas tenho tempo para salvar uma parte.

Quando voltamos, começo a arrumar minha mala e, finalmente, falo com honestidade.

— Comprei uma passagem de ônibus para amanhã de manhã. Vou acordá-lo antes de ir; preciso voltar e dar um jeito em minha vida.

Ele hesita, mas me puxa e me dá um abraço.

— O que vai fazer em relação ao estágio?

— Não faço ideia, mas não consigo descobrir isso aqui. Vou passar sete ou oito horas dentro de um ônibus, isso vai me ajudar a pensar. Eu poderia até parar em Nova York e brincar de turista um pouco, e pôr no grupo uma foto na Estátua da Liberdade. Vão ficar de queixo caído.

Ele ri.

— Você aparecer no grupo é que vai deixá-los de queixo caído.

— Vou melhorar. Se eu voltar, serão semanas de vinte horas, no máximo.

Ele me ajuda a fazer as malas, desligamos as luzes e nos deitamos na cama. Gabe passa o braço em volta de mim, mas eu não tento ir além. Gosto de sua proximidade, e me pergunto se um dia conseguiremos ter uma amizade normal.

Ou talvez esse seja o nosso normal, e tudo bem.

— Antes de ir, quero que você saiba que — eu me volto para ele e sorrio — você *sempre foi* incrível. E desculpe se alguma vez alimentei suas inseguranças ou ansiedades ou fiz você achar que precisava mudar. Você nunca precisou se reinventar, e sabe disso agora, espero. A pessoa que você foi esta noite, que foi durante o verão inteiro, é perfeita.

Está escuro, mas vejo seus olhos marejados.

— Eu só me sentia confiante quando estava em seus braços — diz ele. — Amava o que você despertava em mim. Não só o sexo, apesar de que era bem legal, mas eu gostava mais de mim quando estava com você. E acho que precisava ficar longe de você para descobrir como gostar de mim em outras situações.

— Mas era você, não era eu. Preciso que você se lembre disso, e assim, talvez não voltemos a cair nessa tão facilmente da próxima vez.

Encosto a testa na dele e sinto sua respiração em meus lábios. Mas, pela primeira vez, não cedemos. Depois de tudo, não temos muito mais a dizer, então adormecemos assim, testa com testa, dedinho com dedinho — pela última vez.

Embora eu tenha pegado o jeito de angariar doações nas ruas, uma coisa é certa: ainda odeio isso. Uma porcentagem extremamente alta de pessoas trata você como a escória da terra quando tenta chamar a atenção delas, e embora eu não tome mais cada rejeição como um ataque pessoal, ainda acho impossível não deixar isso me desgastar depois de um tempo. Graças a Deus existe terapia!

É por isso que nesta segunda-feira, em nossa sétima semana de estágio, estou emocionado por estar dentro de um escritório para fazer uma reunião com a quase gerente, Ali. Estamos de novo na sala de treinamento onde recebemos orientação, e parece que foi há tanto tempo. Assim como naqueles primeiros dias, Matt nos surpreende com cafés gelados quando chegamos.

— Você é uma dádiva de Deus — diz Tiffany, pegando um.

Art também pega o seu.

— Alguém sabe por que estamos aqui?

Matt se senta ao meu lado, e nossa proximidade me dá a mesma emoção de sempre. Sinto isso toda vez que estou perto dele, seja jantando, passando um pelo outro no corredor, ou indo cada um para sua área de trabalho.

Mas as coisas não são mais as mesmas entre nós, o que me causa uma frustração imensa. Por mim, por Sal, por tudo que levou as coisas a ficarem estranhas entre nós. Ainda tento mostrar que gosto dele, mas Matt diz que precisa de tempo, e eu respeito isso. Apesar de isso estar consumindo as últimas semanas que temos juntos, estou disposto a esperar.

É absurda a rapidez com que Sal e eu voltamos à nossa rotina, e a rapidez com que abri mão da promessa de algo novo pelo familiar conforto do que tínhamos. Mas isso ficou no passado, pelo menos por enquanto.

— Art e Tiffany não podem jantar conosco esta noite — digo, e coro de vergonha enquanto formulo a próxima frase. — Quer fazer alguma coisa?

Ele pensa, e vejo uma pontinha de tristeza em sua expressão que me faz pensar que sua mente foi direto para o piquenique que planejou comigo; porque, definitivamente, foi para onde a minha foi.

— Claro — diz ele —, faz tempo que não fazemos algo. Mas não piquenique dessa vez, está uns 38 graus.

— Talvez eu tenha planejado alguma coisa — digo, meio receoso —, e talvez a gente não precise suar muito.

— Jura? Você planejou alguma coisa?

Dou de ombros.

— Acho que você vai ter que esperar para ver.

— Bem, não será difícil ser melhor que a minha ideia de quebrar vários garfos

de plástico e ter que comer um bife com as mãos.

— Prometo que, aconteça o que for, você terá talheres apropriados.

Ele abre um sorriso, mas olha para baixo. Parece que quer dizer mais alguma coisa, mas Ali entra e dá as boas-vindas a todos.

— Olá, pessoal!

Ela está incrivelmente alegre de novo, mas dessa vez acho que estamos todos um pouco mais acordados que antes. Acho que acordar cedo para ouvir gritos de estranhos recarregou nossas energias. Ou então tomamos tanto café que criamos uma reserva de cafeína no corpo.

— Queria agradecer a todos pela ajuda. Nas últimas seis semanas que vocês passaram nas ruas, juntos, arrecadaram mais de oito mil dólares para a Boston Save the Trees. Portanto, uma salva de palmas para vocês!

Batemos palmas e, por um segundo, eu me sinto superenergizado por ter feito parte disso; por eu e Tiffany termos feito parte disso.

— Como vocês devem saber, nosso baile de gala acontecerá daqui a um mês, o que coincidirá com o final da experiência de vocês aqui. Quero informar que cada um de vocês receberá um ingresso, em agradecimento por toda a ajuda. Vamos até levar vocês ao palco e falar sobre o programa, mas juro que não vamos envergonhá-los muito. Isso me leva ao próximo tema. Precisamos de mais mãos no escritório para ajudar nosso coordenador de angariação de fundos antes da festa de gala. Afinal, é uma festa para angariar fundos, e temos muitos convidados importantes em nossa lista de contatos, e isso significa muito trabalho. Vamos levar alguns de vocês para ajudar no escritório com base na quantia de doações que conseguiram até agora. E quem não for escolhido, terá o restante do dia de hoje e amanhã livres, como um agradecimento especial.

Ela pega um fichário e abre na primeira página.

— É uma honra anunciar que a equipe com mais doações é a de Art e Matt!

Todos aplaudimos, e começo a gostar da ideia do restante da semana de folga. Porém me preocupa ter ainda menos tempo com Matt se ele for ficar no escritório o tempo todo. Mas então, Ali diz:

— E a equipe que ficou em segundo lugar, que também nos ajudará no escritório pelo restante do estágio, é Tiffany e Gabe!

Quando Matt abre a porta, vejo-o tão gato que quero muito beijá-lo. Assim que voltamos do escritório, ou do que Ali apelidou de dupla orientação, Tiffany e Art foram fazer suas coisas, e mal tivemos tempo de nos trocar antes de nos encontrar.

— Está bonito — digo —, mas acho que já vi essa camiseta antes.

— Eu só trouxe umas dez camisetas, com certeza você já a viu antes. Mas é minha favorita. Estava usando na noite em que nos conhecemos, e você também está com a mesma daquela noite — diz ele, puxando minha camiseta e rindo.

— É aniversário de sete semanas de nossa amizade — digo —, por isso estamos meio nostálgicos.

Caminhamos lado a lado, descemos a rua e passamos por nosso restaurante habitual. E seguimos adiante, até que chegamos a outro bairro.

— Você sabe aonde está indo?

— Falta pouco. Desculpe, deveríamos ter pegado um táxi.

— Não, não. O dia está bonito.

— Matt, está uns 35 graus e úmido; não é um dia bonito.

Ele ri.

— Mas estou mentindo para agradar você. Isso tem que significar alguma coisa, não é?

Dou risada, mas acho que sim, realmente tem que significar alguma coisa. Bato na mão dele de brincadeira e o conduzo para dentro do Chipotle.

— Sem querer ofender, mas acho que passamos por uns quatro Chipotles na caminhada até aqui. Este é especial? — pergunta Matt, dramaticamente.

— Fica quieto! — digo. — No começo desta semana você me disse que adorava chipotle. E esta não é a parte romântica do encontro. Essa vem depois.

Pedimos a comida e comemos em um dos balcões perto da janela, observando a multidão inundar as ruas depois do trabalho. Não conversamos muito, mas falamos um pouco sobre as novas tarefas que vamos ter no estágio. Não sabemos o que esperar, mas nós dois estamos muito felizes por não precisarmos mais ficar debaixo do sol de verão.

Sáímos, e eu o levo a um parque. Dessa vez, estou com tudo na mochila. Assim que começamos a descer as escadas, ele percebe.

— Vamos ver um filme no parque! — ele grita como uma criança. — Eu sempre quis vir a um lugar desses. O que vamos ver?

— Não ria, mas não sou eu que escolho a programação. É *Jurassic Park*, o original, e talvez seja horrível.

— Ah, um clássico! Meu pai assiste o tempo todo, ainda. Nunca viu?

Dou de ombros.

— Não, mas que bom que seu pai aprova.

Colocamos a toalha no chão e eu pego um saco de pipoca que estourei pouco antes de sair, duas latas de Coca *diet* e umas balas.

— Queria mostrar um pouco como é minha vida em Ohio. Vamos muito a um cinema drive-in, independentemente do que esteja passando, e ficamos sentados na traseira da caminhonete de Heath, só curtindo. É uma das coisas de que mais sinto falta estando longe de Ohio no verão, mas descobri esse lugar e achei que seria divertido.

— Fico feliz por me deixar fazer parte dessa tradição.

Ele sorri para mim, e quando o sol se põe, aproxima-se mais.

Pouso minha mão na dele, brevemente.

— Está tudo bem? — pergunto. — Desculpe. Quero te dizer tanta coisa, mas...

Ele pousa o dedo sobre meus lábios, e eu me calo.

— Me responda só uma coisa: está levando isso a sério, independentemente do que seja? Preciso saber que você não está só brincando. E se estiver, tudo bem, terei que ajustar minhas expectativas.

— Também não sei o que é, e não acredito que pisei na bola com você

daquele jeito. Tenho uma história com Sal e é tudo complicado, e podemos falar sobre tudo isso mais tarde. Prometo que serei honesto com você. Apenas quero que saiba que estou levando isso a sério. Você é muito especial, Matt. Seja o que for, entrei de cabeça, e não quero perder nem mais um minuto deste verão.

Ele me dá um beijo de leve.

— Então vamos curtir o filme e dar um passo de cada vez.

O dia está escuro e venta em DC e, embora a umidade esteja alta, sinto que posso respirar pela primeira vez em semanas. Pode ser porque não está fazendo 32 graus pela primeira vez e eu não estou correndo de um lado a outro de gravata-borboleta.

Mas também um peso saiu de cima de mim, e isso é bom.

Mas as coisas não estão resolvidas, longe disso.

April, Josh e eu voltaremos ao escritório às dez da manhã. Não tenho ideia do que esperar quando voltar, mas sei que não será a mesma coisa. Quando Meghan me ligou para ver se estava tudo bem — eu estava no ônibus voltando de Boston —, seu tom de voz foi delicado, e eu soube que, seja lá o que foi que eu fiz, agitou alguma coisa.

Como o tempo está ameno, coisa rara em julho, estou andando pelo National Mall, que está bem tranquilo em comparação com a primeira vez que estive aqui. Turistas circulam pelo memorial da Segunda Guerra Mundial e eu apenas acompanho, olhando para cada estado. Passo pelo distrito de Columbia, Massachusetts e Ohio e, de repente, sinto muita saudade de casa.

— Oi, filho — diz mamãe enquanto atende ao celular. — Quanto tempo! Tudo bem? Como foi o Dia da Independência em DC?

Ainda bem que não é um FaceTime, porque meu rosto congela no meio de uma expressão muito estranha. Minha mãe ficaria louca se soubesse da minha viagem espontânea a Boston. Um dia, terei que contar a ela, mas não agora.

— Os fogos foram legais — digo, esperando que ela não me peça detalhes. — Depois, voltei pra casa.

— Como está o senador? Você não tem me mandado fotos para eu emoldurar!

Hesito de novo, mas ela continua falando.

— Ah, o Senado está fechado. E ele deve ter viajado logo depois da comemoração da independência.

— É, ele passou a semana toda no chalé de Vermont com os filhos — digo, e acho estranho saber tanto sobre a vida pessoal desse cara. — Não sei quando vai voltar. Mãe, preciso te dizer uma coisa sobre o estágio, mas você tem que ouvir e não ficar brava.

— Ah, não. O que você...

— Mãe, você precisa me ouvir. E talvez pensar por que sua primeira reação foi presumir que *eu* fiz algo errado.

Antes que ela diga mais alguma coisa, conto que acabei caindo naquela atividade frenética do Capitólio, trabalhando em tempo integral, com pouco ou

nenhum treinamento, e que grandes falhas de comunicação me levaram a trabalhar demais e a subestimarem nós três.

Quando termino, estou entre o Monumento a Washington e o Capitólio. Cada passo aumenta um pouco minha ansiedade, mas preciso seguir. Preciso passar por aquelas portas e encerrar essa experiência do jeito certo.

— Vou ligar para Betty, isso não está certo. Você deveria ter falado com alguém imediatamente.

— Eu só queria manter a cabeça fora d'água e fazer um bom trabalho. Mas acabei contando a Meghan; April e Josh me convenceram. E Betty *sabe*, mãe. O senador também sabe, e Meghan deixou bem claro, quando me ligou, que todo mundo sabe que eles erraram e estão tentando resolver as coisas.

— Mas vou ligar para ela do mesmo jeito. Não quero que Betty pense que eu sabia disso.

Solto uma risada seca e paro. Estou olhando para os degraus do Capitólio, em choque porque minha mãe está preocupada com a imagem *dela*.

— Sério? — digo. — É essa sua preocupação? Que sua imagem fique prejudicada? Típico.

— Eu eduquei você muito bem — diz ela —, e sabe que estou muito chateada pelo que aconteceu com você.

— Eu já ouvi isso antes! — grito. — No último dia de aula, você tentou me tranquilizar dizendo que estava chateada por mim, mas o que fez para mudar isso? Por acaso aquele idiota não chamou a mim e a Reese de bicha e...

— Não diga essa palavra!

Levanto a voz:

— ... e ameaçou me bater na cara, e no mesmo fim de semana se formou *com honras*? Não havia nada mesmo que você pudesse fazer?

— Sal, essa foi uma questão totalmente diferente. Não havia nada que eu pudesse fazer, ele não era mais aluno.

— Mas você tentou? Tinha que sorrir quando apertou a mão dele na formatura? Tinha mesmo que varrer tudo para baixo do tapete tão depressa?

Pela primeira vez, ela fica em silêncio, e eu tenho a resposta que já sabia.

— O que você não entende é que cinquenta pessoas que viram tudo que aconteceu agora sabem que podem fazer a mesma coisa que não vai dar em nada. Não vê como isso é *perigoso*, porra?

Ela tenta falar, mas eu falo por cima:

— Ligue para Betty para não sujar sua imagem. Eu tenho que trabalhar.

Minhas faces estão pegando fogo. Quando desligo, vejo April e Josh sentados em frente à entrada da estação de metrô Capitol South. Ajeito minha gravata-borboleta no reflexo de uma janela de carro e vou até eles.

— Como foi em Boston? — pergunta Josh.

— Você perdeu um belo show de fogos — diz April. — Meghan nos deu ingressos na arquibancada. Cada escritório recebeu dois ingressos, então ela ligou para todos os outros senadores para perguntar se alguém tinha algum sobrando. Foi uma boa oferta de paz.

— Boston foi... necessário. Mas agora estou com inveja de vocês — digo, rindo com leveza.

Ainda estou meio trêmulo por ter brigado com minha mãe. Mas o esforço de tentar começar algo novo e melhor com April e Josh neste último mês vale a pena.

— Parece que vão nos separar — diz Josh. — April questionou Meghan sobre os planos, e como ela quer nos agradar, contou tudo.

— Essa mulher tem boas intenções, viu? — diz April. — Ela é só cinco anos mais velha que eu. Meu aniversário de dezoito anos foi semana passada, a propósito, enquanto você fugia do distrito. Ela parecia tão velha e madura quando começamos! E pode saber cuidar bem da agenda do senador, mas não faz a mínima ideia de como administrar estagiários.

— É muito difícil não gostar dela — acrescento. — Tipo, ela me fazia ficar até as oito da noite e nem percebia que eu estava quase desmaiando de exaustão, mas me fazia sentir valorizado de verdade. Como se eu, sozinho, salvasse tudo todas as vezes. Mas, enfim, vão nos separar?

— Pois é, e éramos todos *tão* próximos! — brinca Josh, o que lhe rende uma cotovelada de April nas costelas.

— Betty Caudill está louca da vida. Ela e mais dois membros do Congresso se reuniram e criaram, do zero, um novo programa de estágio para este último mês. Teremos mentoria, aprenderemos sobre *todas* as funções do escritório e não vamos mais ouvir gritos de estranhos nem ver você e Meghan sumindo para ir a reuniões.

— Acho que você vai ficar com Betty — diz Josh —, mas logo saberemos. Estou feliz porque agora vai ser um programa de verdade. Sabia que ainda não conheci o senador Wright? Eu estava no banheiro na única vez em que ele passou no escritório e teve tempo de dar um oi.

— E eu estava ao telefone — diz April. — Ganhei o aperto de mão mais rápido do mundo e só isso.

— Desculpem por eu não ter dito nada antes — digo. — Vocês estavam cobertos de razão, mas eu me agarrava àquilo como se fosse definir meu futuro.

April dá de ombros.

— Tudo bem. É difícil ficar com raiva de alguém tão transtornado.

— O que ela quer dizer é que — diz Josh, olhando feio para ela — não foi você que nos ferrou.

— Fico feliz — digo, enquanto caminhamos até a entrada do Capitólio.

Estamos diante das portas e eu sei que tudo vai mudar quando passar por elas. E estou preparado.

iMessage
Golden Boys

Sal

Boas notícias, explodi com minha mãe no celular hoje e soltei um palavrão.

Gabriel

Qual?

Sal

Ai, meu Deus.

O que começa com P.

Heath

Você sabe que pode dizer porra aqui no grupo, não é?

Reese

Pensando bem, acho que nem eu ouvi você falar palavrão.

Gabriel

O que aconteceu, gato?

Sal

Contei sobre o excesso de trabalho e tudo que aconteceu, e ela disse que tinha que dizer a Betty que não sabia de nada. Fiquei louco, foi igual ao que aconteceu no último dia de aula.

Heath

Virou uma mesa dessa vez também?

Sal

Deu vontade. Mas eu disse que o fato de ela nem ter tentado punir aquele idiota abre um terrível precedente, e que ela falhou como mãe e como vice-diretora. Foi bom falar.

Heath

EXATAMENTE

Gabriel

Que bom!

Reese

Obrigado, Sal.

Precisei de toda minha energia para agir normal no grupo, visto que estou passando a maior parte do dia na cama, triste. Odeio a pessoa que me tornei nas últimas semanas. Não me envergonho por ter beijado Cole; ele é fofo, e doce, e naquele momento, eu sabia que queria que ele fosse meu primeiro beijo.

E duvido que tenha sido só por causa do vinho.

Reese é complicado, delicado, bonito, mas Cole é simples. É como Gabriel descreveu seu “relacionamento” com Sal: fácil, divertido, mas nada sério. Eu queria algo que não fosse sério, que me distraísse. Mas não quero mais me distrair.

Diana invade meu quarto, o que me faz pular.

— Não interrompi nada, não é? — diz ela, sem rodeios. — Imaginei que você estaria triste demais para fazer *essas coisas*.

Ela se senta ao pé da cama e me entrega um saquinho do Dunkin’ amassado e um café gelado.

— Toma — diz, e sua seriedade vacila.

É complicado ter uma amizade profunda e séria com Diana. Ela transforma qualquer coisa mais íntima em uma piada sarcástica, e tenho a impressão de que vai levar anos para eu derrubar esses muros que ela ergue. Mas, agora, parece que estamos fazendo progresso. Geralmente, ela tenta usar leveza nos momentos mais sérios, mas não dessa vez.

Deixo o café na mesa de cabeceira e rasgo o saco de donuts.

— Ah, achei que era o especial Diana, um de bordo e um de morango.

— Esse eu comi no caminho. Lembrei que você disse que gostava das bolinhas recheadas de chocolate. Você come muito, espero que eu tenha trazido o suficiente.

Sorrio, e ela não se afasta.

— Obrigado, prima.

— Mas tem que me prometer uma coisa — diz ela enquanto levo o primeiro bolinho à boca.

— Já faz duas semanas, Heath, você tem que falar com Reese, e tem que achar um jeito de resolver essa história. Ligue para ele, diga alguma coisa. Se não fizer isso, vou pegar seus bolinhos e comer na sua frente.

— Você é malvada — digo.

Ela dá de ombros.

— Nem estou com fome, mas faria isso só pra te castigar. Pra você ver como quero que fique bem.

Aceito os termos dela e saboreio cada bolinho, curtindo meus últimos

momentos de tristeza. Não sei se posso me comprometer a resolver tudo, mas vale a pena tentar. Diana e eu conversamos sobre Cole; eu disse que esperava que as coisas não ficassem estranhas entre nós. Não o vejo desde a festa, e Diana deve ter contado a ele que estou triste demais para ir à praia.

Diana sai e eu me recomponho. Tomo banho, faço a barba e até arrumo o cabelo. Coloco a camiseta que comprei na loja em que Cole trabalha quando cheguei e me olho no espelho.

Meu cabelo está um pouco mais claro, estou bem mais bronzeado, e sem aquelas marcas características dos treinos de beisebol. Olhando assim, eu me sinto um novo ser humano, mas também sei que sou a mesma pessoa. A única coisa que mudou, a única coisa que *importa*, é que talvez eu tenha perdido meu melhor amigo. E não posso deixar isso acontecer.

Sento-me no sofá e começo a redigir a mensagem perfeita. Daí, penso que um FaceTime seria melhor, mas ele não vai ver a chamada, então talvez possa usar o bom e velho textão por e-mail. Ou talvez eu possa apenas gritar “EU AMO VOCÊ” por mensagem de voz e desligar o celular até que o constrangimento desapareça ou eu tenha que voltar para Ohio, o que vier primeiro.

— Heath! — Jeanie entra com um chá gelado gigante nas mãos e se senta ao meu lado. — Está em pé, é um ser humano de novo! Como você está?

— Diana contou o que aconteceu? — pergunto baixinho.

— Um pouco, mas não entendi a história toda muito bem. Ela disse que você estava triste porque sua mãe se mudou e seu pai comprou um apartamento. Falei com ela recentemente, para ver como estão as coisas. Parece que ela está feliz.

— Eu não estava chateado com...

Paro. Não sei se contar a ela o que aconteceu com Cole e Reese ajudaria alguma coisa.

Mas, quanto mais penso nisso, mais percebo que realmente dói ver minha mãe sair de casa, de nossa cidade; e ver papai sair de nossa grande casa de fazenda e ir para aquele apartamento minúsculo. Tem sido difícil ver fotos de caixas sendo transportadas e falar por FaceTime com meu pai enquanto ele arruma minhas coisas no quarto menor.

Mas Diana não tinha que contar. Não gostei disso.

— Tudo isso me abalou — digo por fim. — Tipo, tenho que me mostrar alegre e normal pro meu pai porque ele está muito mais abalado e não sei lidar com ele assim todo sensível. E tive uma briga, mais ou menos, com um dos meus amigos. Acho que foi a gota d’água.

— E acho que Diana percebeu. Ela é estranhamente perceptiva. — Jeanie faz uma pausa. — Ela é muito egocêntrica, às vezes, mas também é doce e perceptiva. Eu amo essa menina.

— Ela é muito legal. Vocês duas são. É uma merda tudo que está acontecendo em Ohio, mas estou feliz por estar com vocês e ajudar no fliperama, apesar de todas as salsichas que queimeei.

Ela me abraça e eu retribuo. E é como se o chão se mexesse e eu precisasse agir. Antes de tentar esclarecer tudo com Reese, preciso aceitar minha nova

realidade. Minhas férias estão sendo diferentes, nosso apartamento novo é pequeno, e talvez eu nunca deixe de sentir falta daquela casa, mas também ganhei muito com essas mudanças. Minha mãe mora no Novo México, meu pai em Ohio e minha tia e prima na Flórida. Tenho parentes no país todo e acho que, com certo esforço, posso aprender a aceitar e amar as coisas como são: algo especial que só eu tenho.

Digo a Jeanie que vou trabalhar à noite e que vou dar uma volta na praia. Não tenho ideia do que vai acontecer quando eu voltar para Ohio, mas estou esperançoso. E faz muito tempo que não sinto isso.

Penso de novo na festa na praia, eu ao lado de Cole observando o fogo. Ele disse que queria me beijar de um jeito tão direto, tão fácil... Talvez não precise ser tão complicado entre mim e Reese. Talvez não precisemos de gestos sem palavras ou palavras com significado oculto.

Pego meu celular, abro o FaceTime e rezo para que Reese atenda.

Por favor, atenda.

Hoje é o dia de entregar o projeto final. O único problema é que não terminei o meu. Já aceitei o fato de que meu vestido não será produzido para nenhum desfile. Objetivamente falando, o design de Philip merece estar nas passarelas.

Semana que vem, Watts vai apresentar as criações para a turma e receberemos as críticas finais.

Também semana que vem, minhas mães vêm para cá e, felizmente, Philip me ajudou a montar um brilhante — palavra dele, não minha — itinerário para o tempo que vão passar na França. Vamos para o Reino Unido depois, e elas querem que eu escolha o último destino. Mamãe está gastando todas as suas milhas acumuladas de todas as viagens a trabalho de tantos anos, e querem ir aonde eu quiser.

Estou animado para ir a Londres, mas também quero ir para casa. Contudo parece ingratidão jogar fora uma oportunidade dessas. Fico olhando os voos, mas os únicos que me chamam a atenção são os que me levam de volta aos Estados Unidos.

Meu diário esta semana está pobre. Mal tive tempo de escrever na agenda, muito menos encontrar citações inspiradoras ou desenhar alguma coisa. Quase toda minha energia criativa foi para o projeto final. Mas agora, neste momento, estou diante de uma folha de papel deixando meu cérebro descansar.

Começo a esboçar minha pulseira, mas quando sombreio o pingente, percebo que é o de Heath. O fogo, a pilha de lenha... Estou com saudades mesmo, e não só de Ohio, com certeza.

Depois de um tempo, volto ao meu projeto final. Cada correção que faço melhora o design, por isso vale a pena; mas, no fim das contas, para quê? Aprendi muito neste verão, e as notas são apenas aprovado ou reprovado e não contam muito para a faculdade, só como realização pessoal.

Tudo bem, estou sendo meio derrotista; mas sei que aprendi muito, e foco nisso.

Sou uma pessoa competitiva, mas também sei quando fui derrotado. E tudo bem. Philip e eu conseguimos salvar a maior parte deste verão, e acho que estou bem em relação ao que aconteceu entre Heath e aquele cara. Na verdade, isso me libertou. Estou preso nessa paixão inútil há muito tempo, e finalmente posso...

Meu celular vibra e eu perco a linha de pensamento.

É ele. *Merda.*

Percebo que tudo que disse a mim mesmo é mentira enquanto corro para o espelho e respiro fundo algumas vezes antes de atender à chamada. Não posso mais evitar, posso? Talvez ele esteja ligando para saber se está tudo bem. Talvez

para me contar do namorado novo. Não sei. Mas seja o que for, tenho que atender.

Imediatamente.

Seu rosto ilumina a tela, e eu sorrio, apesar de tudo. Ele está andando na praia com uma regata justa, e vejo seu rosto brilhando de suor. Ele sorri tão docemente quando me vê que é quase como antes. E faz sentido, porque, para ele, basicamente, nada mudou. Nem sei se ele sabe que eu vi o que aconteceu.

— Olá! — digo.

— Eu amo você.

O mundo para. Ele já disse essas palavras antes, mas dessa vez fala de um jeito tão desesperado que parece...

— Reese, desculpe. Eu tinha um discurso preparado e não devia começar assim — diz ele, enxugando o suor; ou são lágrimas? — Estou me sentindo um idiota pelo que fiz e triste por você ter visto. A verdade é que eu queria ver como era fazer como Gabriel e Sal, algo só para distrair, divertido e sem compromisso, mas não quero isso para mim. Eu quero você, e quero as coisas complicadas e o compromisso e tal.

— Heath...

A imagem de Heath beijando aquele cara surge em minha mente e não consigo fazê-la desaparecer, mas ele está dizendo essas palavras... para *mim*.

— Não acredito que você está dizendo essas coisas...

— Desculpe, fico interrompendo você porque estou nervoso, eu não queria, mas queria que você soubesse o que sinto. Que senti isso há muito tempo, mas nunca me permiti pensar nisso porque não queria estragar nossa amizade. E aí, você disse que ia para a França, e eu achei que não poderia competir com isso. E você tem uma família enorme, enquanto que a minha é pequena e fragmentada.

Ele faz uma pausa, e eu não digo nada porque ainda *não faço ideia do que dizer*.

— Eu não podia admitir que gostava de você. Não podia... depender de você para ter uma família. Bem, todos vocês são minha família, mas eu precisava ficar bem sozinho antes de me permitir perceber como você é especial para mim. Sei que é egoísta, mas eu não estava preparado. Mas agora estou.

Sinto lágrimas escorrendo pelo meu rosto e a saudade apertar. Agora sei, estou com saudades *dele*. Talvez a imagem dele beijando aquele cara demore para sumir, e sim, fiquei magoado, mas o fato de eu ficar magoado não significa que ele fez algo errado. E, de qualquer maneira, ele está se desculpando.

O que ele está dizendo é perfeito, é tudo que eu sempre quis ouvir dele.

— Isso muda tudo, não é? — digo baixinho.

Quero dizer que o amo também, mas preciso pensar.

— Você não sabe há quanto tempo estou esperando ouvir essas coisas. Gosto tanto de você, Heath... Mas preciso de um tempo para pensar. Eu o perdoo, e nem precisa se desculpar. Só preciso ser capaz de pensar em você e não ter flashbacks daquela cena. Não te julgo por ter feito aquilo, mas preciso de um tempo para pensar.

— O tempo que quiser — diz ele.

Sei que está falando sério, mas sinto sua voz murchar.

O lápis vermelho que tenho na mão começa a tremer, e olhando para o rosto dele, começam a surgir ideias para meu design.

— Obrigado por me ligar, você não faz ideia de como foi importante para mim. Odeio ter que dizer isso, mas tenho que terminar meu projeto — digo. — Minha inspiração é o fogo. É você. Tudo que você me faz sentir há tanto tempo. O tanto que penso em você. Posso te mandar quando terminar?

— Seria uma honra. Mande para mim, por favor — diz ele, e noto que seu humor melhorou um pouco.

— Obrigado por me dizer tudo isso. — Sorrio para ele. — Sinto falta de você inteiro; só preciso de um tempo.

Olho para meu design quando desligo o celular. Heath já foi uma chama gentil, as brasas que cobrem minha criação. Mas agora, ele é um lança-chamas, um misto de calor, desespero e paixão como eu nunca vi. Olho o relógio e vejo que tenho uma hora para fazer algumas mudanças substanciais, mas agora já sei.

Depois de muito tempo, finalmente encontrei minha inspiração.

PB Allergy
Sal, Heath, Gabriel

Heath

Pode ser que eu tenha estragado nosso grupo de amigos, mas acho que valeu a pena.

Gabriel

???

Heath

Eu... disse a Reese que o amo

Sal

Você o quê?

Gabriel

ai meu deus heath!!!!!!

Você fez isso!!!!

Sal

Como está se sentindo? O que ele disse?

Heath

Estou me sentindo bem. Aliviado... ele disse que precisava de um tempo para processar tudo... não sei, é complicado.

Gabriel

O amor geralmente é complicado.

Quando paramos na estação King's Cross, em Londres, olho meu celular. Acabo de receber um e-mail e o abro depressa.

— Chegou — digo.

— O feedback do projeto final? — pergunta mamãe. — Sabe qual criação foi escolhida para o desfile?

Leio o e-mail, que é bem curto, e vejo a resposta. Como já era esperado, meu design não foi escolhido. Mas o de Philip foi, e isso me deixa incrivelmente orgulhoso. Leio os comentários, ansioso para isso pela primeira vez. A professora Watts gostou da nova linha do meu *look* e da vibração do fogo; estou animado para aprender e mais crescer com o feedback dela.

— Escolheram o de Philip — digo. — Ela gostou do meu design. Vou ligar para ele para dar os parabéns.

Encontro um canto mais calmo da estação; ele atende quase no primeiro toque.

— Reese! — grita. — Que pena que o seu não foi escolhido, companheiro.

— Ora, por favor — digo —, você sabe que o seu é o melhor. Foi merecido, estou muito feliz por você!

— Não acredito que algo que eu projetei vai sair em um desfile! Nossa, estou maravilhado, de verdade — ele suspira. — Conseguiram chegar a Londres?

— Sim, estou oficialmente em seu país maravilhoso. Fizemos reservas em todos os lugares que você e Emily sugeriram. Vai ser demais!

Queria que Philip estivesse aqui no Reino Unido para comemorar com ele. Infelizmente, está passando o último mês do verão em Paris com a namorada; estão absorvendo o máximo de cultura possível.

E estou indo para casa também, finalmente, depois de um enorme *pit stop*.

— Tenho que ir — digo. — Prometa que vai me mandar centenas de fotos de seu vestido nas passarelas, o.k.?

— Claro! Adeus, Reese. — Ele hesita. — Vou sentir falta de ver você todos os dias.

— Eu também. Agora, vá comemorar, você merece!

Desligo e volto para minhas mães. Mando no grupo uma foto da King's Cross para que eles saibam que estou bem, e eles respondem imediatamente com reações e palavras de inveja. Se há uma coisa nesta viagem de que eu gosto, é de quanto *FOMO* (fear of missing out) está causando em meus amigos. Abençoados sejam.

Heath me manda uma mensagem privada dizendo que está feliz por eu estar conhecendo Londres e pergunta aonde vou depois daqui. *Praga? Copenhague?*

Berlim? — fica mandando em mensagens separadas, e por isso meu celular não para de vibrar.

— Eu não teria colocado você em nosso plano de ligações internacionais se soubesse que ia ficar ligando e mandando mensagens para seus amigos o tempo todo — diz mami.

Mamãe a cutuca.

— Como se você não ficasse mandando fotos para suas irmãs o tempo todo.

— Mas é diferente.

— É? — pergunto, e ela pensa um pouco.

— É, acho que não. Tudo bem, nós *dois* vamos guardar o celular, combinado?

Concordo, e vamos com mami fazer um passeio turístico. Faz tempo que ela estudou aqui, mas, surpreendentemente, ainda se lembra de muita coisa. Conhecemos muitos lados da cidade — as regiões totalmente turísticas, mercados ao ar livre cheios de comida, shows no West End à noite, e até um cara bonito tocando oboé no metrô de Londres, que achei excelente.

— Reese, um dia você vai ver que há muito mais coisas neste mundo do que vemos em Ohio. — Mami passa o braço em volta do meu ombro. — Espero que aproveite mais oportunidades como esta. Sei que às vezes assustam, e que você passou por poucas e boas, mas aprendeu muito.

— Aprendi muito nesta viagem, e acredito no que está dizendo.

— Estou cheia de roupas para você customizar e consertar quando voltar — diz mamãe. — Aquela máquina de costura que compramos para você será um ótimo investimento.

— Deixando todo o aprendizado e cultura de lado — diz mami —, ainda não entendo por que você escolheu *Orlando* como destino final, já que deveria ser uma turnê internacional.

Rio.

— Quero voltar aos Estados Unidos. E vocês estão me prometendo uma viagem à Disney há anos, não temos verões para fazer tudo.

Além disso, fica a uma hora e meia de distância de Heath.

Diana acha que pode convencê-lo a subir até Orlando, e me garantiu que será uma surpresa épica. Heath adora surpresas, e espero que goste dessa.

Porque, obviamente, eu o amo. Muito. E preciso dizer isso cara a cara. Depois de todo esse tempo, depois de tudo que passamos como amigos, preciso dizer isso cara a cara. Preciso do maior abraço da vida com ele, e depois, poderei simplesmente derreter nele e ficar assim para sempre.

Mas uma coisa de cada vez. E a próxima coisa da lista é curtir Londres.

A deputada Betty Caudill é puro fogo. Parece que nunca fica sem energia e não esquece nada. Ela é capaz de lembrar nomes de pessoas que viu só uma ou duas vezes de passagem; já testemunhei isso em várias ocasiões. A pessoa que cuida de sua agenda e é também chefe de gabinete parece Meghan — sobrecarregada, mas intensamente focada —, mas Betty é muito mais efetiva que o senador; é como se cada movimento seu tivesse uma intenção clara.

Isso também significa que ela nunca tem medo de falar comigo enquanto estamos andando pelos corredores, de parar quando não estou entendendo alguma coisa e de insistir para que eu pergunte as coisas, em vez de tentar manter a cabeça fora d'água, fazer o que me manda e rezar para não pisar na bola — que era o que acontecia com Meghan.

Vejo April e Josh nos corredores de vez em quando — fico na Câmara agora, no edifício ao lado, que não é muito diferente na aparência, mas tem uma energia mais obstinada; e os dois estão aprendendo muito com o novo trabalho, como eu. Finalmente. *Finalmente!*

— Dahlia, pode conversar com Sal hoje sobre o processo de campanha? Quero que ele tenha uma noção completa de como é trabalhar em uma campanha, acho que vai gostar desse lado das coisas.

— Claro. Podemos parar para almoçar rapidinho e depois mando deixar a sala de reuniões para nós o restante do dia.

Agradeço a ela e desejo boa sorte a Betty na próxima votação. E fico sozinho a hora seguinte. Como meu almoço, que é só um sanduíche de presunto e queijo, e decido dar uma volta. Meus passos aqui são mais curtos, mais lentos que quando trabalhei com Meghan, mas sinto meu coração disparar toda vez que ando por esses corredores.

É como se uma memória arraigada me tomasse e me fizesse sentir que estou sempre atrasado para alguma coisa, ou que estou pisando na bola com alguma coisa. Agora sei que existem ambientes de trabalho bons aqui, bem como outros insalubres. E que acabei caindo em um que estava despreparado e sobrecarregado.

Quando chego do lado onde fica o Senado, meu ritmo se acelera. Ajeito meu colarinho e a gravata-borboleta e passo confiante pelas portas do senador Wright. Jenna me vê imediatamente e acena, e se aproxima para ver do que preciso. Ela me conduz de novo àquele espaço onde passei tantas horas, aquela sala dos fundos com o escritório de Meghan e a mesa redonda. Meghan me vê e gira a cadeira depressa.

— Oi — digo. — Espero que não se importe de eu passar por aqui.

— Claro que não! Como está indo com a deputada Caudill?

Se ela está achando estranho, definitivamente, não demonstra.

— Ouvi dizer que ela tem uma ótima equipe.

— Tem mesmo. Estou aprendendo muito! E você, como está? As coisas acalmaram um pouco por aqui?

Ela ri.

— Acho que isso nunca vai acontecer. Sempre digo a mim mesma que, depois que X acontecer, ou depois que a reunião Y terminar, vou poder recuperar o atraso. Mas não consigo acompanhar o passo. Como você acabou testemunhando.

— É, percebi isso. Perdi a esperança rápido demais, achei que poderia baixar a cabeça e trabalhar. — Eu me sento e evito olhar nos olhos dela. — Preciso perguntar... deu algum problema para você? Fiquei preocupado com isso.

Ela se mexe desconfortavelmente na cadeira, mas a gira completamente e cruza as pernas. Mantém um ar casual, mas como se tivesse que se defender.

— Mais ou menos, nada formal. Mas teria sido pior se a notícia tivesse chegado mais longe. Mas eu deveria saber que o que estava fazendo era errado.

Digo:

— Se isso ajuda, eu *aprendi* muito. Foi uma experiência que eu jamais esqueerei.

— Espero que continue aprendendo com Betty. — Ela dá de ombros, tranquila, e olha para toda aquela parafernália da faculdade que tem nas paredes. — E acho que você vai descobrir como fazer disso uma carreira, se a faculdade não for sua praia mesmo. Não vai ser fácil, mas pelo pouco que pude ver, você é rápido e determinado. Mas não se esforce demais. Acho que todos nós já passamos por um colapso como aquele que você teve. Estou tentando encontrar um equilíbrio, porque a única alternativa é sair da política para sempre, e não quero isso.

Prometo a ela que não vou esquecer disso e começo a ver um futuro sem a faculdade no caminho. Reese me manda uma mensagem enquanto estou voltando e dou um pulo quando vejo a notificação.

— Sua mãe está no noticiário — diz ele, e coloca o link do site da TV de Ohio.

O título da matéria é “Conselho da Gracemont High School aprova moção para exigir treinamento dos professores para lidar com *bullying* contra LGBTQIA+”. Sinto medo. Como há tão poucos adolescentes gays em nossa escola, é difícil não sentir que os holofotes estão em mim quando coisas assim acontecem. Mas também, o histórico de minha mãe não é dos melhores nesse tema.

Leio a matéria e aos poucos fico sabendo que o conselho escolar elaborou e aprovou uma medida para treinar todos os funcionários a lidar com *bullying* contra LGBTQIA+, e também promete punições mais sérias contra os agressores — incluindo, em alguns casos, expulsão. A medida foi proposta e defendida pela vice-diretora. Minha mãe.

Estou sentado na sala de reuniões sozinho, e sinto que vou começar a chorar. Minha mãe e eu nunca tivemos o tipo de vínculo que Gabriel tem com a dele, mas ela dedicou muita energia para me preparar para uma vida fora de

Gracemont. Só não percebeu que, ao focar apenas no futuro, deixou de prestar atenção no presente.

À uma da tarde, Dahlia chega com uns manuais encadernados. Vejo os títulos: Estratégias Legislativas, Aliados e Coalizões, Mídia e Comunicações.

Pego primeiro o de comunicação, e Dahlia ri.

— Achei que você gostaria de ler esse — diz ela. — Afinal, foi sua mãe que escreveu.

Sei que não é nada parecido com o que Sal teve que enfrentar, mas trabalhar no escritório da Save the Trees é puxado. Parecia que faltava bastante tempo para a festa, mas as três semanas passaram em um piscar de olhos.

Laura, nossa nova chefe, é meio tensa, mas nós somos obcecados por ela. Traz café para nós todos os dias e lidera com uma motivação e energia mais autênticas do que costumamos ver por aqui. Tem uma compaixão que a leva a ligar para possíveis doadores e conseguir grandes cheques — com muitos zeros —, mas também um lado superlogístico que emprega quando tem que assumir o papel de planejadora do evento de gala.

Cada um tem uma tarefa diferente, mais adequada à nossa capacidade individual, e sou grato por isso. Não me importo de trabalhar se for para escapar de ter que abordar estranhos nas ruas.

— Como vamos encaixar outra mesa de doadores no salão de baile? — pergunta Tiffany, meio para si mesma, meio para o resto que está na pequena baía onde nos colocaram.

— Trate bem meus clientes — diz Art, com certa satisfação na voz.

— O fato de você ter pressionado para que comprassem outra mesa não significa que eles são seus clientes — retruca ela. — Temos uma que abre parcialmente, nos fundos, que poderíamos deslocar, mas aí seus *queridos clientes* ficariam espalhados pelo salão. Não podemos deslocar esse grupo porque todos são oradores. Não podemos transferir toda a Deloitte de novo, porque é a maior empresa patrocinadora. É um quebra-cabeça impossível de montar.

— Vamos dar um jeito — diz Laura, tranquila, pousando a mão no ombro de Tiffany. — Vamos esperar os resultados das duas últimas ligações de Matt de hoje. Talvez tenhamos que redesenhar totalmente esse mapa, mas é um problema bom, porque significaria que recebemos mais doações que no ano passado.

Art atendeu a algumas ligações de empresas. Embora Laura esteja focando em novos doadores, Art provou que tem talento para vendedor, e por isso ela pediu que tentássemos extrair mais alguns centavos dessas empresas.

O único pedido de Tiffany foi que não precisasse falar com as pessoas. O que é difícil, visto que nos tornamos uma mesa de PABX voluntária. Mas ela é lógica e extremamente organizada, o que a faz perfeita para sua tarefa: ajudar a organizadora do evento para garantir que não haja nenhum problema de logística.

Matt, que sempre foi o melhor para chamar a atenção das pessoas — e de suas carteiras — ao fazer campanhas na rua, liga para alguns potenciais doadores. O que significa que ele fica ligando para pessoas ricas todos os dias e, em questão de

minutos, consegue fazê-las dobrar as doações que nos fizeram nos últimos dois meses. Quando Laura ouviu Art dizer que isso fazia com que as campanhas de rua perdessem o sentido, ela explicou que a prospecção tem como meta o reconhecimento da marca e a conscientização, e não só as doações.

Mas eu tenho a melhor tarefa de todas, apesar de achar que todo mundo sente um pouco de pena de mim. Quando uma empresa ou um doador chega com uma doação, escrevo notas de agradecimento à mão. Posso não ter a estética artística de Reese, mas sei escrever uma nota de sincero agradecimento. Cada uma que escrevo é bem pesquisada, pessoal e passa (espero) uma mensagem sincera da ONG. Nada de formulários padronizados.

As pessoas doam às ONGs quando se sentem pessoalmente ligadas a elas, e acho que isso eu sei fazer bem. Sei me conectar com as pessoas pessoalmente, é minha praia, mas falar com estranhos sobre árvores... não muito.

Antes que tudo acabe, espero poder conversar mais com Laura sobre captação de fundos para ONGs e saber o que ela acha disso como carreira.

Sáímos depois de um dia de trabalho, e Matt e eu voltamos de braços dados aos dormitórios. Nosso tempo está acabando, mas ainda não falamos sobre isso. Voltamos ao ponto em que estávamos antes de... eu pisar na bola.

— Podíamos ir ver outro filme depois do jantar, o que acha? — pergunto. — Podemos chamar Tiffany e Art.

— Só se for de táxi dessa vez — diz Matt, rindo. — O que está passando? Algo romântico?

Ele me olha com cara de bobo e eu reviro os olhos.

— Bem romântico. *Tubarão*, acho.

— Esse parque tem um estilo bem definido. Filmes de Spielberg com dentes afiados.

Ele me acompanha até meu quarto, e eu hesito um pouco.

Dou-lhe um beijo e deixo meus lábios nos dele por um momento.

— Quer entrar? Acho que o pessoal não vai deixar a gente se pegar na frente deles, então queria aproveitar o tempo agora.

— Esperto — brinca ele, e me puxa com força para me beijar.

Enquanto o conduzo para o quarto e o puxo para a cama, eu me sinto... certo. Vim aqui para me tornar outra pessoa, mas a verdade é que só precisava encontrar a pessoa que estava escondida dentro de mim o tempo todo.

Diana, Cole e eu dividimos uma toalha de praia, não muito diferente de todos os outros dias do meu primeiro mês aqui, mas com uma mudança substancial: é *estranho*. Diana contou tudo a Cole, e agora fico meio envergonhado de olhar para ele. Mas, de vez em quando, ele faz algo carinhoso. Agora, toda vez ele leva um Gatorade Ice (azul, meu favorito) à praia para dividir e, uma vez, ele me deu uma sacola de coisas da loja que tinham pequenos defeitos e não podiam vender, para eu levar para meus amigos e parentes.

Não preciso dessas coisas, mas isso me faz lembrar por que me senti tão à vontade com ele. Quando Diana corre para o fliperama para usar o banheiro, aproveito para falar.

— Cole...

— Eu queria...

Falamos juntos, e nós dois paramos e rimos do silêncio constrangedor que se forma entre nós.

— Você primeiro — diz ele.

— Desculpe por ter ignorado você. Sei que Diana te contou por quê, mas é meio chato ficar com alguém e ignorá-lo por completo nas duas semanas seguintes.

— Oficialmente falando, é uma merda. Mas, sei lá, eu entendo. Mas fiquei muito chateado quando deixou de vir à praia. Você é divertido.

Coro diante de seu elogio direto. É verdade que consegui dizer sem rodeios a Reese que o amo, mas tenho que melhorar ainda para conseguir dizer exatamente o que quero dizer. E nisso Cole e Diana são profissionais.

— Você é divertido também, Cole — digo, e é um começo.

— Além disso... e não diga a Diana que eu disse isso, acho que, por sua causa, ela se tornou uma pessoa mais atenciosa — diz ele. — Outro dia, esqueci de trazer dinheiro e ela ofereceu para dividir a pizza dela comigo.

— Ela comprou donuts para mim semana passada. — Dou risada. — Mas acho que não teve nada a ver comigo. Tia Jeanie anda comentando que ela tem sido muito mais prestativa neste verão. Talvez ela esteja em uma vibe melhor.

— Por sua causa. Ela finalmente tem um parente por perto, em quem pode confiar além da mãe. Você deve saber bem como é isso. — Ele suspira. — E esse garoto de quem você gosta... ela está mandando muitas mensagens para ele. Ficou mal com toda aquela coisa do FaceTime, e ela quer de verdade ver você feliz.

Ele se aproxima e me abraça de lado.

— Eu também. Não sei como seria com você morando no meio do nada e eu

tocando minha vida nesta praia glamorosa; mas espero que possamos continuar amigos. Foi um verão muito legal.

Descanso a cabeça na dele e curto esse raro momento físico platônico que, pela primeira vez, não tem segundas intenções.

— O.k., mas com algumas regras básicas: só *eu* posso abraçar Cole — diz Diana, que chega por trás e nos separa. — Fizeram as pazes? Chega de constrangimento?

Olho para Cole e sorrio.

— Sim, chega de constrangimento.

Enquanto Diana e Jeanie cobrem o turno da noite, vou buscar minha caminhonete na oficina. Fico com a consciência meio pesada por gastar seiscentos dólares em consertos, mas ainda tenho uma boa quantia de dinheiro guardada para me sustentar no próximo ano letivo.

Quando saio da oficina, passo por uma lombada ao pegar a rua principal e me preparo para o forte impacto; mas minha velha caminhonete desliza suavemente sobre ela. Imagino Reese no banco do passageiro e sorrio. Já era hora de eu parar de jogá-lo no teto.

Dou uma volta por Daytona, passo pela loja de Cole, desço por estradas secundárias até as áreas mais residenciais e volto aos distritos comerciais. Quando vejo uma mercearia, uma lembrança me faz parar. Começo a escrever uma receita no celular, mas noto que faltam alguns ingredientes. Tenho evitado esse momento, mas como finalmente sei algo que posso fazer por Jeanie em agradecimento pelo tempo que passei aqui, preciso enfrentá-lo e ligar para minha mãe.

— Heath! Como você está, querido? — diz mamãe, e meu coração dispara ao ouvir sua voz.

É difícil não culpá-la por tudo, pois, justiça seja feita, a culpa é principalmente dela. Mas agora, depois de passar a ver essa experiência como algo surpreendentemente bom para mim, posso enfrentá-la.

— Estou bem — digo. — Acabei de consertar a caminhonete e saí para dar uma volta. Como está em Santa Fé?

Até perguntar sobre seu bem-estar é surpreendente para mim, neste momento.

— Ah! — responde ela —, Pat e eu já estamos acomodados. Você vai adorar quando vier nos visitar. Talvez nas férias do ano que vem. Há uns times de beisebol aqui que eu acho que você deveria conhecer. É uma liga independente e jogam em cidades de grande altitude do sudoeste. Já ouviu falar de algo assim?

— Não — digo —, mas parece interessante. Vou pesquisar. Mãe, você disse que tia Jeanie gostava daquela couve recheada polonesa, não é?

Ela faz uma pausa.

— Ah, sim, Jeanie amava, mas odiava fazer. Ela não mexia com carne crua nem morta. E ainda deve ser assim.

— Quero fazer para ela para agradecer. Não vai ficar tão bom, mas pode me arranjar a receita, se tiver? Estou na mercearia.

— Sim, querido, sei de cor. Eu vou orientando você aí. — Ela faz uma pausa.

— Tem razão, é o mínimo que podemos fazer por Jeanie. Sempre digo que ela não pode viver daquelas salsichas que faz no fliperama, mas você sabe que ela nunca me ouve.

Não quero tocar no tema do afastamento entre elas quase que durante toda minha vida, por isso, volto à couve recheada. É uma receita do Leste Europeu que foi passada para elas pela avó. Nossa família é pequena e parece não ter conexão nenhuma, mas é muito bom pensar que tenho uma chance de recuperar uma tradição nossa.

No dia seguinte, levanto às quatro da manhã para começar a fazer a couve recheada, logo depois de Diana e Jeanie irem dormir. Pego as panelas necessárias e tiro minha sacola secreta da geladeira. Corto e pico tudo segundo as instruções de minha mãe, tentando lembrar os detalhes.

— Que diabos você está fazendo? — pergunta Diana.

Eu me volto e vejo seus olhos turvos. O leve cheiro de cerveja e óleo rançoso está impregnado nela.

— É uma surpresa para tia Jeanie — digo bem baixinho. — Couve recheada da avó dela, nossa bisavó. Mas tem que ficar cozinhando horas.

— Ah... mamãe já me falou dessa couve — diz ela devagar, como se estivesse tentando recuperar uma lembrança enterrada. — Acho que uma das coisas de que ela mais gostava era das festas de família. Vovó convidava todos os amigos daquela igreja húngara que ela frequentava, e passavam o dia todo fazendo essa couve e discutindo sobre os ingredientes.

Ela lava as mãos e me ajuda a cortar as coisas enquanto eu fervo as folhas de repolho. Trabalhamos em conjunto, e vou dizendo a ela o que fazer com base em uma tênue lembrança e instruções não muito detalhadas de mamãe.

— Vi que sua caminhonete voltou — diz ela. — Como ficou?

— Ótima. Acho que vou conseguir chegar em casa sem problemas. Ela quase explodiu vindo para cá.

— Eu lembro — diz ela, rindo. — Quer fazer uma viagem pequena semana que vem? Arranjei uns ingressos para a Disney e um pessoal vai nos encontrar lá, mas eu não tenho carro. É uma hora daqui até Orlando.

— Legal, claro! — digo. — Eu sempre quis ir. Como arranjou os ingressos?

— Eu tenho meus recursos. Espero que você esteja pronto, porque aquele lugar é conhecido como o mais feliz do mundo.

A conversa vai diminuindo e curtimos o silêncio enquanto trabalhamos. Recheamos e enrolamos a couve, enchemos a panela com os rolinhos e espalhamos páprica pela cozinha inteira... Acho que nossa bisavó não se importaria com isso. E pela primeira vez, eu me sinto verdadeiramente ligado à minha família.

— Sal? — A assistente de imprensa da deputada Caudill assoma a cabeça no escritório em que estou trabalhando hoje. — Pronto para a entrevista?

Confirmo e me levanto. Estou de blazer, mas, por baixo, estou com a camisa estampada e a gravata-borboleta cinza que usei quando conheci Betty, pouco antes de vir para cá. Nunca usei essa roupa no Capitólio porque é chamativa demais para esse lugar. De vez em quando, vemos um deputado andando pelos corredores com um terno de linho ou anarruga, mas, afora isso, é sempre terno escuro, camisa clara, talvez uma gravata mais moderna em um dia de espírito mais arrojado.

Não vou sair dessa experiência com mais clareza sobre meu futuro, mas acho que está sendo bom mesmo assim. Estou pronto para voltar à escola, ver os rapazes e ter um baita último ano. E como não terei que me preocupar com inscrições nas faculdades, terei um pouco mais de tempo.

Se bem que, claro, vou ter que dizer à minha mãe que não vou fazer faculdade. Mas vou adiar esse pesadelo de conversa o máximo que puder.

A assistente de imprensa me leva até uma de suas salas de entrevista e me dá um sorriso cauteloso.

— Já sabe o que vai dizer?

— Não exatamente — digo, sorrindo —, mas não se preocupe. A deputada Caudill fez de tudo isso uma experiência tão enriquecedora que mal consigo lembrar por que acabamos fazendo aquela pequena mudança no escritório.

Ela sorri e me leva para a outra sala. Sento-me ao lado de April e Josh, e a assistente nos avisa que o repórter do *The Hill* chegará logo.

— Quem contou? — pergunta Josh, olhando para nós.

Um colega republicano do senador Wright começou a espalhar rumores sobre o programa de estágio para alunos do ensino médio, e o negócio se espalhou como fogo na internet, mudando o foco de preocupações válidas sobre o desenvolvimento do programa a questões sobre abuso infantil e leis de trabalho infantil. Para acabar com os rumores, ou pelo menos para deixar registrado alguma coisa, concordamos em falar com a imprensa sobre nossa experiência.

— Eu não — digo, rindo.

— Nem eu — diz April. — Mas não teria sido difícil somar dois mais dois. O senador Wright e sua equipe foram responsáveis pela bagunça toda, mas o verão não foi de todo ruim. Talvez para Sal.

Balanço a cabeça.

— Independentemente de qualquer coisa, não quero meu nome ligado a nenhum escândalo. E acredito mesmo que devem manter o programa, agora que

Betty assumiu as rédeas.

— Está resolvido, então — diz Josh. — Mentiremos.

April se volta para mim e diz, sussurrando:

— Acho que já sabemos qual de nós vai acabar sendo político.

Ainda estamos rindo quando o repórter entra na sala.

Gabriel

Nosso Lyft chega à entrada da festa de gala e Art, Tiffany, Matt e eu pulamos do banco de trás. Estamos imaculadamente vestidos, de terno e vestido, e até parece um pouco o baile de formatura do ano passado. A principal diferença é que tenho um acompanhante desta vez.

Matt e eu nos damos as mãos e entramos. Allen, o sujeito insuportavelmente tagarela de nosso grupo de estagiários, está ajudando Laura a registrar as pessoas e, em segundos, está enchendo a orelha de Matt. Art, sempre o salvador, entra, pega Matt pelo braço e diz:

— Encontrei nossa mesa!

Elu nos puxa até estarmos bem longe e caímos na risada.

— Você precisa parar de salvar Matt o tempo todo — diz Tiffany.

— Não posso evitar, ele é tão indefeso! Eu salvaria Laura, se pudesse.

Encontramos nossa mesa — o que é fácil quando você está com a garota que elaborou o mapa de assentos. Os outros sobem para pegar refrigerante para todos nós.

Tiffany se inclina para mim e Matt e sussurra:

— Duas coisas. Um, parem de ficar se agarrando. Dois, tenho uma garrafinha aqui para quem quiser tornar esta festa um pouco mais interessante.

— O que tem nessa garrafa? — pergunta Matt.

— Isso importa? — responde ela, e concluímos que não importa.

Cada um de nós pratica a arte de despejar sutilmente álcool em nosso refrigerante, tentando não pensar no que acontecerá se formos pegos. Como somos voluntários, eles não podem nos demitir, mas poderiam nos expulsar da festa que nós mesmos organizamos, o que seria uma maneira desagradável de concluir essa experiência.

Vamos bebendo de pequenos goles; mais pessoas vão chegando. A festa está animada, como o casamento mais chique a que já fui.

Eu me inclino para dar um beijo em Matt e ignoro Tiffany resmungando ao meu lado.

— Eles têm, ou melhor, nós temos só mais uns dias aqui — diz Art, com uma voz mais sombria que o normal. — Deixe que se beijem.

A zonzeira da bebida começa, só de leve, e sinto a realidade das palavras de Art cair sobre minha cabeça. Matt e eu continuamos evitando a conversa que sabemos que precisamos ter. Faltam três dias, e aí seremos namorados a distância. Ou não seremos nada, acho.

Matt se inclina para me beijar de novo, percebendo minha tristeza. E diz com sua voz perfeita e tranquilizadora:

— Você e eu temos bem mais que alguns dias.

Sal

— A entrevista correu bem — digo. — Tenho que ir, mãe.

Depois que desligo, me sinto um pouco melhor com tudo. Betty salvou meu estágio e aprendi muito sobre o funcionamento da política. É uma área complicada e bizarra, e parece que não há um caminho certo. Por isso, tenho esperanças no futuro.

É meu último dia aqui, e já é meio tarde. Quando volto ao escritório de Betty, a maioria dos funcionários já foi embora. Volto para minha mesa com tudo meu já recolhido e encontro um cartãozinho de agradecimento da equipe por minha passagem por aqui. Sorrio quando vejo a assinatura de Betty Caudill e quero outra caneta chique, mas dessa vez com o nome dela, e não do senador Wright.

Ponho minhas coisas na mochila e checo se peguei tudo, e uma tristeza avassaladora me domina. Talvez eu nunca volte para cá, especialmente se optar por não seguir o caminho “normal”, que poderia atrapalhar ainda mais minha carreira. Mas também não sei o que quero fazer. A única vez que realmente me senti conectado com as pessoas durante o estágio todo foi quando atendi ao telefone e falei com aquela eleitora do senador Wright. Quero encontrar uma maneira de trabalhar com as pessoas, e me chateia terminar o estágio com mais perguntas que respostas.

Mas foi uma experiência bem-sucedida, e tento me agarrar a isso.

— Sal, tem um segundo? Quero falar com você uma última coisinha.

Eu me volto e vejo Betty Caudill à porta. Largo a mochila.

— Claro, claro — digo.

Eu a sigo até a sala de conferências e levo um susto quando vejo quem está lá. A equipe de Wright — Meghan, Pasquale e o próprio senador —, todos sentados ao redor da mesa.

Sinto que estou ferrado, até que Meghan me olha animada. Entro na sala e Betty fecha a porta. O senador limpa a garganta:

— Sal, foi ótimo conhecê-lo e trabalhar com você neste verão. Queria dizer que realmente lamento por tudo que aconteceu e estava totalmente pronto para assumir a culpa depois da entrevista com o *The Hill*.

— Nem *tudo* — diz Pasquale, o que o faz rir.

— Não; se eu assumisse a culpa por tudo de que estou sendo acusado no Twitter, ficaríamos aqui o dia todo. Mas por sobrecarregar você e me aproveitar de seu tempo e esforço como estagiário, de liderar este programa e delegá-lo imediatamente à minha equipe já sobrecarregada, sim. Eu fiz essas coisas, isso é minha responsabilidade.

Ele para e olha pensativo para mim, antes de dizer:

— Mas o *The Hill* disse que a história deles minimizaria os rumores, e que vocês três deram uma entrevista maravilhosa que reafirmou quanto aprenderam com essa experiência.

— Aprendemos muito — digo.

— Mas poderia ter aprendido mais — responde ele com firmeza. — Enfim, quero que você saiba que sou muito grato. Sem dúvida, você deve ter ouvido rumores sobre eu anunciar minha candidatura a presidente.

— Vi seu nome em algumas listas de possíveis candidatos, claro.

— Esses rumores não são exatamente falsos, se bem que nada está definido ainda. Ainda temos muito tempo antes que isso seja anunciado, e ainda demora para começar a montar uma campanha. Mas quero que você saiba que, se as estrelas se alinharem e tudo der certo, e se quiser ajudar na base de Ohio, que provavelmente será administrada por Betty, terá uma vaga reservada em minha equipe de voluntários. Que possivelmente receberão pagamento também, assim que conseguirmos angariar fundos e conversar mais sobre isso. Eu devo muito a você.

— Obrigado, senhor — digo. — Obrigado a todos vocês. Vou manter contato.

— Termine o ensino médio, Sal — diz Meghan, sorrindo. — Aproveite seu último ano ao extremo.

— Farei isso — digo. — E depois, faremos história.

Gabriel

Estava um milhão de graus na festa; conseguimos sair e correr para o ar fresco e afrouxar a gravata, e finalmente respirar. Decidi usar uma das gravatas-borboleta de Matt, principalmente para mandar uma foto no grupo fingindo ser Sal, mas, nossa, esse negócio incomoda. Não sei como ele gosta tanto dessas gravatas.

Vamos até um parque ali perto e fazemos uma longa caminhada. Matt aperta minha mão com tanta força que acho que nunca nos separaremos. Tiffany e Art correm para uma área com equipamento de exercícios para fazer uma competição de levantamento na barra (Tiffany vai acabar com Art, mas Deus o abençoe por tentar), e Matt e eu curtimos o tempo que ficamos sozinhos.

— O que você quis dizer antes, que temos mais que alguns dias? Vamos fazer uma fuga hollywoodiana juntos?

— Ah, quem me dera! — Ele sorri. — Infelizmente, temos mais um ano de escola antes de podermos fugir. Mas, enquanto isso, tenho pensado em como podemos fazer dar certo.

— É mesmo? — pergunto, e sinto um sorriso puxar os cantos da minha boca.

— Você não? Aff!

— Cale a boca — digo. — Ando em completa negação, e está dando certo para mim.

— Entendi. Mas vamos pensar: eu visito minha família em Indiana duas vezes por ano, passo uma semana lá cada vez. Gracemont fica a quatro horas de carro da minha cidade natal. Nós poderíamos, teoricamente, fazer dar certo, não?

— Poderíamos — digo. — Eu sentiria falta de beijar você, mas sim, poderíamos. Talvez eu possa até visitar você em sua cidade.

— E quanto à faculdade, muitas das que escolhemos são as mesmas. Acho que se conseguirmos fazer dar certo a distância durante um ano, poderíamos

conversar sobre isso mais tarde.

— É um tiro no escuro — digo —, mas parece factível, não é? Acho que pode realmente dar certo.

— Eu quero que dê, mas se você estiver em dúvida ou se quiser voltar a... às coisas como eram antes de eu aparecer, não quero impedi-lo. Nós dois merecemos ter o melhor último ano de escola de todos os tempos. Não deveríamos procurar mais estresse, a menos que tenhamos certeza absoluta.

Olho em seus olhos e me derreto diante da sinceridade e ansiedade dele. Eu o beijo de novo, só para dar mais tempo à minha mente para pensar na resposta perfeita. Quero que seja algo poético, encantador e perfeito, que vamos lembrar para sempre.

Mas, às vezes, esses momentos de mudança radical não são poéticos nem perfeitos. Às vezes, são memoráveis simplesmente porque literalmente mudam nossa vida. Quero me lembrar disto: a esperança em seu olhar, o reflexo da luz em seus olhos, a risada de Art e Tiffany ao fundo.

— Vamos fazer dar certo, então.

E nos beijamos, e beijamos, e beijamos, como se o tempo estivesse acabando. Mas, na verdade, temos todo o tempo do mundo.

A Riley mandou um último e-mail para nossa turma com as primeiras fotos do vestido de Philip em produção. Sinto certa inveja, mesmo sabendo que é imaturo e estando genuinamente feliz por ele.

Não acredito que finalmente está acontecendo! — diz Philip por mensagem.

Trocamos mensagens de vez em quando meio preguiçosamente, o que já era esperado. Como não nos vemos todos os dias, é difícil manter contato. Especialmente porque minhas mães acabaram de me levar para Londres. Mas quero que ele saiba que estou feliz por ele, por isso respondo rápido.

— Está ficando ótimo! Sua avó ficaria orgulhosa.

Aparece “Philip está digitando”, depois desaparece, depois aparece de novo, e quando penso que a mensagem nunca vai chegar, finalmente chega.

Obrigado, isso é muito importante para mim. Mas eu não estava falando de mim, cara. Você não está indo para Orlando daqui a pouco professar seu amor cinematograficamente?

Dou risada e lhe digo como estou nervoso, e penso que ele não deveria estar pensando nas minhas questões pessoais agora, quando um de seus sonhos profissionais mais importantes está se tornando realidade.

— Estamos no grupo de embarque dois — diz mamãe. — Não acredito que você vai fazer isso.

— Não acredito que ele escolheu Flórida em vez de Espanha — interrompe mami sarcasticamente.

— Não seja assim. É uma graça; ele prefere *amor* a uma semana no interior da Espanha. Você teria feito o mesmo quando começamos a namorar.

Mami faz uma pausa e responde, menos revoltada.

— Tem razão.

— Por favor, parem de falar sobre minha vida amorosa — digo. — Estão começando a me assustar.

— Quando você rouba de suas pobres mães as férias na Espanha, é isso que ganha.

Rimos, e logo chega a hora de embarcar. Diana me garantiu que ele vai ficar muito feliz por me ver e que não preciso me preocupar, e ultimamente andamos tendo momentos bem legais por ligações, chamadas de vídeo e mensagens. Mas ainda me preocupo com o que ele vai dizer quando souber que os “amigos” que Diana vai encontrar na Disney sou eu e só eu.

Minha mente está girando enquanto ando pelos corredores do avião e procuro meu lugar. *Será que ele vai ficar feliz em me ver? Conseguirei dizer que o amo? Podemos mesmo ter tudo, uma amizade perfeita e um amor perfeito?*

Não sei as respostas a nenhuma dessas perguntas, mas uma coisa é certa: em breve, vou descobrir.

Heath

— Heath — diz Diana enquanto de modo relutante pega o último rolinho que sobrou na geladeira —, da próxima vez que fizermos couve recheada, podemos fazer menos de duzentas? No início estava ótimo, mas depois de comer isso a semana inteira, não aguento mais.

— Então me dê aqui — diz Jeanie, pega a bolsa e tira uma nota de vinte dólares. — Vá pegar uma pizza para você e Heath e deixe isso para mim. Não acredito que passei vinte anos sem comer isso.

Não admito que o cheiro de couve está começando a me dar náuseas também, mas fico grato pelo dinheiro da pizza. Estamos saindo, mas Jeanie vem me dar um abraço.

— Obrigada por ter feito isso. Sei que já disse isso umas cem vezes, mas foi muito importante para mim. Liguei para sua mãe ontem quando estava comendo e ela ficou com inveja. Foi perfeito!

Ela ri e sinto que talvez a fenda que há entre elas esteja se fechando, mesmo que levemente. Talvez nunca saiba o que aconteceu entre elas, e também não me interessa, desde que eu possa reuni-las com meus dotes culinários (reconhecidamente péssimos).

Diana e eu compramos umas fatias de pizza no calçadão e refrigerantes do tamanho de meu antebraço. Pegamos um banco de frente para o mar, e os sons do calçadão, da praia e do oceano me fazem sentir em casa.

Acho que vim para cá *precisando encontrar* minha família, e encontrei.

— Nossa programação para amanhã — digo. — Saímos perto das oito, chegamos lá às nove e nos encontramos com seus amigos lá pelas nove e meia?

Ela dá uma leve engasgada com a pizza.

— Para mim, ótimo. E para meus amigos também.

— Maravilha. Acho que vai ser divertido.

Percebo que Diana evita meu olhar, então pergunto se ela está bem. Ela suspira.

— Saco! Você sabe que eu gosto de me meter na vida amorosa das pessoas, não é?

Reviro os olhos.

— Sei muito bem.

— Não vamos encontrar meus amigos amanhã. Bem, você vai. Alguém especial estará esperando você lá.

Eu me afasto, desconfiado. Se há algo que não estou preparado para fazer, semanas depois de dizer a Reese que o amo e não ouvir o mesmo dele, é conhecer outra pessoa.

— Ai, não! Você está tentando me arranjar um dos seus amigos? Agradeço a preocupação, mas...

— Não, Heath! Eu sou intrometida, mas melhor que isso — diz ela, e a olho,

confuso. — Reese vai estar lá. Ele está indo para Orlando com a família para ver você. — Ela faz uma pausa. — E ver o Mickey Mouse, presumivelmente.

Respiro fundo ao entender o que isso significa. Parece irreal que verei Reese amanhã de manhã. E Reese quer me ver, o que significa...

— O que significa isso? — pergunto.

— Significa que ele gosta de você, idiota. Tanto que convenceu as mães a levá-lo à Disney. Andamos conversando nas últimas semanas, ele queria que fosse uma surpresa. Ou talvez eu o tenha convencido de que seria mais romântico se fosse surpresa. Não me lembro, e não importa. Mas ele não podia esperar o verão acabar para ver você.

Levanto e jogo o restante de minha pizza no lixo.

— Tenho que voltar — digo em pânico.

— O quê? Por quê?

— Preciso lavar roupa. — Saio andando. — O que eu vou vestir? Tem que ser perfeito. Ai, meu Deus. Devo levar as lembranças dele agora? Ai, meu Deus, todas as minhas camisetas boas estão sujas, preciso lavar roupa...

— Camisetas *boas*? Está ouvindo o que você está falando?

— Diana! Eu amo ele!

— Eu sei!

— Então, surte comigo!

Ela ri, e se levanta de um jeito dramaticamente aflito, zoando da minha intensidade.

— O.k., vamos lá!

Reese

— Está acontecendo, não é? — pergunto a mamãe quando nosso ônibus chega ao parque de diversões.

Tento ignorar o fato de que é muito bizarro estar com minhas mães em uma situação dessas, especialmente porque elas *sabem* por que estamos aqui. Mas Heath é da família. Elas e toda minha família o amam. E sabem quanto ele é especial para mim. Enfim, talvez não seja errado elas estarem aqui.

Se bem que, pelas gracinhas que mamãe fica fazendo, já não sei mais se foi uma boa ideia.

Entramos no parque, e aquela imensidão me impressiona. Sempre quis vir aqui — essa parte não foi mentira —, ver um castelo da Disney pessoalmente deve ser uma experiência incrível. Mas neste momento não tenho espaço para nenhuma emoção além do pânico.

Sentamos em um banco e convenço minhas mães a nos deixar um pouco sozinhas quando Heath chegar. Quero dizer muitas coisas a ele, mas não vou conseguir falar na frente dos outros.

Mas estou aqui. Ele está perto, posso sentir. Mamãe se oferece para buscar algo para eu comer ou beber, mas não consigo engolir nada agora. Só preciso vê-lo, e preciso ver que é verdade. Juntos, contamos os minutos.

— Amo você — diz mamãe, e me abraça. — E estou entusiasmada por você.

— Não fique ainda — digo, mas imediatamente sinto a falsidade de minhas palavras.

Com Heath, não preciso agir na defensiva. Posso confiar nele. Mas um estranho instinto de autopreservação aparece toda vez que alimento esperanças.

— Chegaram — digo, e me levanto.

Heath e Diana acabaram de atravessar os portões e estão me procurando na multidão. Será que ele sabe o que vai acontecer? Nunca deveria ter deixado Diana me forçar a fazer uma surpresa dessas.

Minhas mãos saem furtivamente, provando que de fato me amam e não vão me fazer passar vergonha nesse meu momento de maior vulnerabilidade. Ele vai se aproximando, e eu conto os segundos até seus olhos encontrarem os meus.

E quando ele me vê, algo se libera dentro de mim e sinto meus olhos marejados.

Ele está aqui. Ele está aqui, e é perfeito.

Heath

Ele está aqui.

Está aqui mesmo. Nem parece verdade, depois de dez semanas longe, mas ele está aqui. Está de camisa (na Flórida, em julho), destoando de uma multidão inteira de pessoas de regata ou camisetas da Disney. Mas é tão perfeito que preciso usar toda minha resistência para não correr para ele.

Não correr para ele?

Diana dá um passo para o lado quando saio correndo em direção a Reese. Ele está sorrindo tanto que deve estar com o rosto doendo, como eu. Vem até mim e, pela primeira vez, no meio da multidão, somos só nós dois. Eu com a mão em seu ombro na caçamba da caminhonete enquanto olhamos as estrelas. Eu o abraçando depois de ganhar um jogo de beisebol. Eu com as mãos em seu rosto no silêncio de minha caminhonete, abraçando-o depressinha, mas saboreando cada milissegundo.

Tudo isso antes de nossos lábios se tocarem.

O gosto do seu chiclete de hortelã passa para mim enquanto nossos lábios se sugam desesperadamente. Apoio a testa na dele e não estou mais no futuro, pensando nos dias, meses e anos que temos pela frente. Estou totalmente no agora.

— Amo você — diz ele. — Amo você há tanto tempo... achei que nunca seria capaz de dizer isso em voz alta.

Eu o beijo mais forte, e começo a me dar conta de que estamos em público. Diana e as mãos dele devem estar nos vendo.

— Eu também amo você — digo, com um último beijo, por enquanto. — Mas... você já sabia disso.

Estamos os quatro sentados na toalha de piquenique no campo de beisebol, atrás da casa de Gabriel. Como de costume, a mãe de Gabe nos deu uns duzentos quilos de comida, e enquanto espalhamos tudo, fico pensando se algum dia terei fome de novo.

Reese foi o primeiro a voltar, e sua família deu imediatamente uma grande festa de boas-vindas à qual nenhum de nós pôde comparecer. Nem Heath, o que foi bem devastador para ele, porque 1) ele adora as festas da família de Reese, e tinha **certeza** de que acertaria todos os nomes dos primos dessa vez, e 2) teria sido a primeira aparição deles juntos como namorados.

Reese me perguntou uma vez por que ele não podia ter o que Gabe e eu tínhamos, e me pareceu uma pergunta bem boba. O que Gabe e eu tínhamos não passava de um vício um pelo outro, com anos de amizade complicada enterrados pelo hábito e a luxúria e, sinceramente, a necessidade de viver o amor verdadeiro.

Encontrei amor no que faço, claro. Não estou interessado em namorar agora, apesar de achar bizarro eu ter sido o único a voltar das férias de verão sem pegar ninguém. Não tenho namorado, mas graças à candidatura secreta do senador à presidência, tenho um plano para me ajudar a atravessar o ano. E pela primeira vez desde muito tempo, sinto que minha mãe também me apoia. E isso é o suficiente.

Estendemos a toalha como antes, mas a dinâmica é diferente. Por um lado, Heath não para de usar regatas estampadas bregas, o que é um problema. Mas também é meio estranho ver Reese e ele dividindo o mesmo canto da toalha, beijando-se furtivamente quando acham que não estamos olhando.

Reese finalmente nos mostrou suas criações, e foi nesse momento que parei de pensar nisso como um hobby esquisito e comecei a vê-lo como a carreira que inevitavelmente ele vai seguir. Suas ilustrações sempre foram lindas, mas seus designs são outro nível. Parecia que o feedback que ele recebeu de seus colegas durante o curso havia sido incrivelmente frustrante, mas, obviamente, fez bem para ele.

Heath voltou a treinar duzentas horas por dia, está se esforçando muito para conseguir a bolsa na Vanderbilt. Impressionou muito os olheiros no ano passado, e viajará para alguns acampamentos de beisebol durante o ano; esperamos que isso lhe garanta uma bolsa de estudos. Ele vai acabar indo para algum lugar, mas não quero estar perto quando Reese perceber que ele vai para Nova York e Heath para o Tennessee.

O apartamento de Heath, porém, é muito melhor do que ele pinta. Não é enorme, mas é bom. E não precisam mais cortar grama — coisa pela qual eu

seria, literalmente, capaz de matar. Não acho que ele e o pai estejam perfeitamente felizes, mas estão conversando mais que antes. E Heath começou a cozinhar mais! Não sei, de repente ele está assumindo sua herança do Leste Europeu, e o apartamento deles cheira sempre a couve. Mas ele vivia procurando uma família, e acho que encontrou. Diana vem visitá-lo em breve. Ela parece meio intensa, com base nos comentários dela no Insta (eu não a segui de volta ainda e ela está chateada), mas gosta **muito** de Heath. Portanto, é uma boa pessoa para mim.

Acho que devo segui-la de volta.

Gabe e Matt estão juntos, e são insuportáveis quando falam do assunto. Acho que é por causa da experiência que viveram como voluntários, ou talvez eu esteja com um pouco de ciúmes. Minha cama é meio fria algumas noites. Mas é melhor assim.

Porque Gabe está feliz de verdade. Estava muito confuso quando partiu. Nunca imaginei que ele se reinventaria totalmente; porque, afinal, só precisava descobrir que já era incrível. Mas ele voltou como uma versão diferente de si mesmo. Está animado com a faculdade, e por isso seu pai e sua irmã estão em êxtase, e finalmente ele sabe que é capaz de fazer amigos. Isso todos nós sabíamos, afinal, **somos amigos dele e tal**. Mas às vezes Gabe demora um pouco para clarear a cabeça.

O sol passa brevemente por trás das nuvens e tudo ao nosso redor é envolto por esse brilho suave. Muita coisa mudou, mas dias assim são de um tipo de perfeição que nunca vai mudar.

Portanto, sim. Estamos bem.

Fim.

Capa

Folha de rosto

Créditos

Capítulo 1: Gabriel

Capítulo 2: Sal

Capítulo 3: Reese

Capítulo 4: Heath

Capítulo 5: Sal

Capítulo 6: Gabriel

Capítulo 7: Reese

Capítulo 8: Heath

Capítulo 9: Sal

Capítulo 10: Gabriel

Capítulo 11: Reese

Capítulo 12: Heath

Capítulo 13: Sal

Capítulo 14: Reese

Capítulo 15: Sal

Capítulo 16: Heath

Capítulo 17: Reese

Capítulo 18: Sal

Capítulo 19: Heath

Capítulo 20: Gabriel

Capítulo 21: Heath

Capítulo 22: Gabriel

Capítulo 23: Reese

Capítulo 24: Sal

Capítulo 25: Reese

Capítulo 26: Sal

Capítulo 27: Heath

Capítulo 28: Reese

Capítulo 29: Gabriel

Capítulo 30: Sal

Capítulo 31: Reese

Capítulo 32: Heath

Capítulo 33: Gabriel

Capítulo 34: Sal

Capítulo 35: Heath

Capítulo 36: Sal

Capítulo 37: Gabriel

Capítulo 38: Reese

Capítulo 39: Gabriel

Capítulo 40: Heath

Capítulo 41: Sal

Capítulo 42: Reese

Capítulo 43: Sal

Capítulo 44: Heath

Capítulo 45: Gabriel

Capítulo 46: Heath

Capítulo 47: Gabriel

Capítulo 48: Gabriel

Capítulo 49: Sal

Capítulo 50: Heath

Capítulo 51: Reese

Capítulo 52: Reese

Capítulo 53: Sal

Capítulo 54: Gabriel

Capítulo 55: Heath

Capítulo 56: Sal

Capítulo 57: Reese

Epílogo: Sal



A alquimia do luar

Ferraro, David Ferraro

9786559574889

256 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Preso em uma maldição secular, um jovem busca a chave para sua liberdade e seu final feliz Quando o jovem marquês Emile descobre que será forçado a se casar para gerar um herdeiro, ele foge de casa. E passa a trabalhar disfarçado, como um empregado, na mansão do conde Montoni, com o plano de ficar lá até atingir a maioridade e recuperar sua herança. Mas numa casa nova, novos problemas... Lá ele descobre que a família Montoni sofre de uma maldição no período de lua cheia e não demora muito até coisas estranhas acontecerem. É quando Emile encontra um corpo. Essas descobertas chamam a

atenção de Bram, o belo médico da família, e de Henri, o carismático sobrinho do conde. E o interesse entre os personagens cresce. Mas antes que Emile possa resolver seus sentimentos ou desvendar o crescente mistério da família Montoni, sua identidade é revelada e sua família vem buscá-lo. Como o marquês pode conquistar o médico mantendo segredo sobre quem realmente é? E como ele pode confiar — ou amar — Henri, um homem de temperamento tão instável quanto a lua?

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



A garota do lago

Donlea, Charlie
9786586041101
296 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Summit Lake, uma pequena cidade entre montanhas, é esse tipo de lugar, bucólico e com encantadoras casas dispostas à beira de um longo trecho de água intocada. Duas semanas atrás, a estudante de direito Becca Eckersley foi brutalmente assassinada em uma dessas casas. Filha de um poderoso advogado, Becca estava no auge de sua vida. Atraída instintivamente pela notícia, a repórter Kelsey Castle vai até a cidade para investigar o caso. ...E LOGO SE ESTABELECE UMA CONEXÃO ÍNTIMA QUANDO UM VIVO CAMINHA NAS MESMAS PEGADAS DOS MORTOS...E enquanto descobre sobre as

amizades de Becca, sua vida amorosa e os segredos que ela guardava, a repórter fica cada vez mais convencida de que a verdade sobre o que aconteceu com Becca pode ser a chave para superar as marcas sombrias de seu próprio passado.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



A dura vida dos ditadores

Guida, Simone Guida

9786559574896

192 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Um livro irônico e curioso que revela os segredos e as loucuras dos ditadores mais famosos e improváveis da história." – IBS O que alguns dos ditadores mais notórios da história têm em comum? Como é a vida sob uma ditadura? Quais são as técnicas e truques para tomar o poder e, talvez mais importante, como manter-se no poder? Por que em momentos de agitações sociais, parte da população abre mão de direitos e liberdades, presumindo que pode confiar tanto no Estado? E por fim, curiosidades, esquisitices e manias dos ditadores, como eles acabaram seus dias e muito mais. Trazendo muita informação numa linguagem direta, esta é uma obra que analisa (e

satiriza) os maiores ditadores de nossa história, descrevendo seus passos, atos de poder ditatorial, o ambiente em que foram moldados, a fim de oferecer uma visão ampla sobre como surgem as ditaduras e, também, como podem ser combatidas.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



Imperfeitos

Lauren, Christina
9786559572410
256 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Olive se sente como a gêmea azarada da casa: dos acidentes estranhamente inexplicáveis ao fracasso na vida profissional e amorosa — nada dá certo para ela. Porém, parece que o jogo vira quando sua alergia a frutos do mar a protege de um desastre, já que todos os convidados da festa de casamento da irmã sofrem com intoxicação alimentar. Na verdade... nem todos. Ethan, o irmão do noivo, também ficou de fora desse pesadelo. Então, a irmã de Olive, sempre muito prática, propõe a eles que aproveitem a viagem de lua-de-mel, que não é reembolsável, para uma ilha do Havaí. Mas há um "pequeno" problema: Olive e Ethan são inimigos mortais. Há um

passado entre eles que tornou a convivência impossível. Mas quem vai dizer não para essa viagem? Ainda mais de graça? Nem pensar! A ideia de ambos era ficar bem longe um do outro, mas a situação muda quando uma mentirinha boba vai crescendo e não podem voltar atrás. E dividindo a mesma suíte, entre farpas e sarcasmos, já se pode desconfiar.... onde tem raiva tem fogo?

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



A segunda morte das irmãs Bond

Glaze, Amanda Glaze

9786559574926

256 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

"Uma emocionante história carregada de mistérios inspirada na vida de gêmeas médiuns do século XIX" As irmãs Bond sabem a verdade sobre a morte. As gêmeas de dezessete anos são médiuns poderosas assim como a mãe. Violet tem o poder de servir de ponte para espíritos e Edie pode atravessar as fronteiras do mundo espiritual. Só que essas habilidades não puderam salvá-las quando a mãe morreu e o pai, assustado com esses poderes, ameaçou interná-las. Após fugirem de casa, Edie e Violet passam a integrar um show de talentos e todas as noites realizam contatos com o além. Porém, certa noite a

apresentação foge do controle e Edie descobre que o espírito responsável pela morte da mãe cruzou a terra dos vivos. Enquanto tentam encontrar uma forma de neutralizar o espírito assassino, elas percebem que alguém está matando médiuns e, pior, podem ser as próximas vítimas.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)